

UM CORPO
SEIS VÍTIMAS

BONECA
DE TRAPÓS

THRILLER

DANIEL
COLE



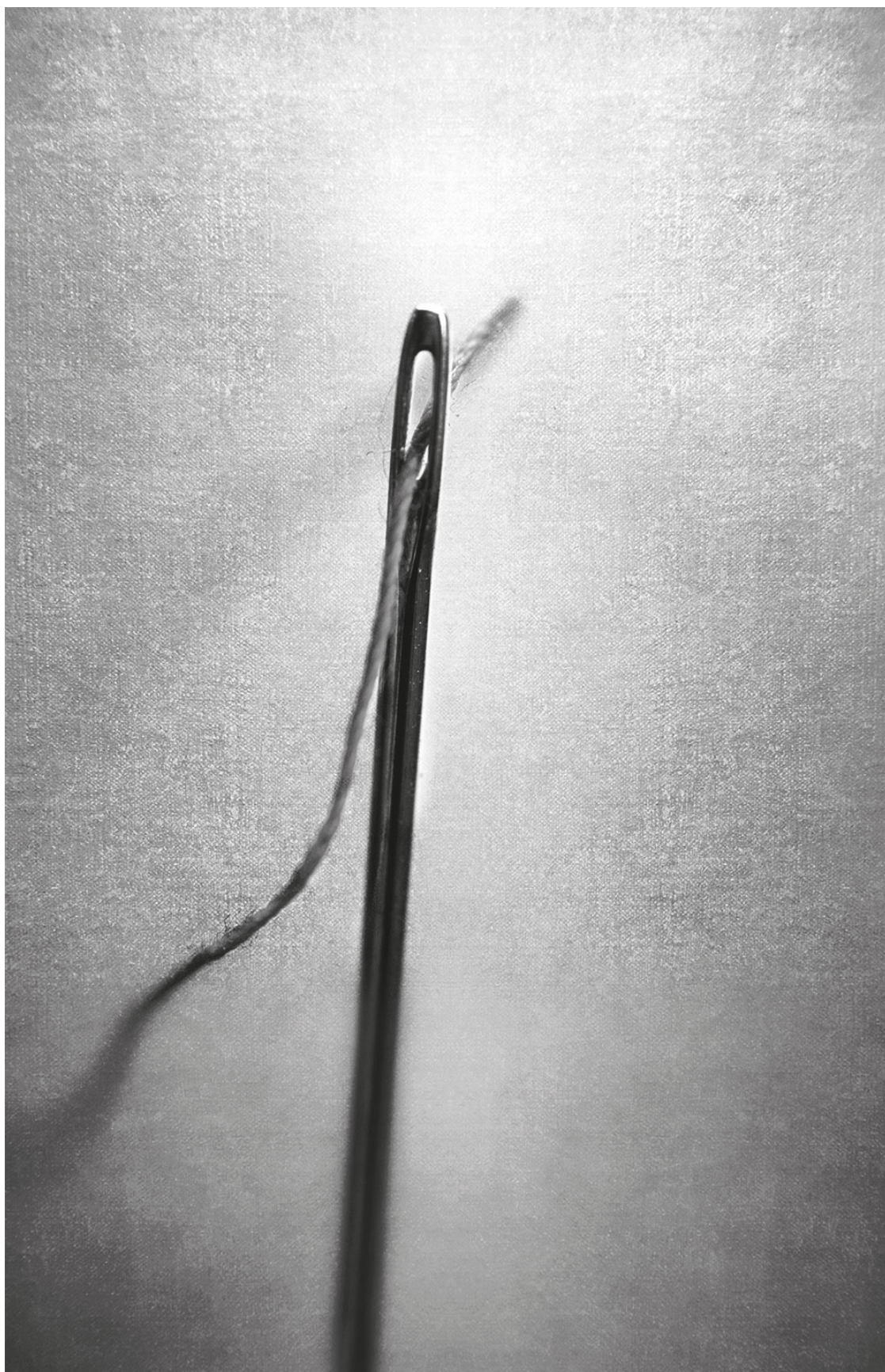


Boneca de trapos

Daniel Cole

Tradução de
JOSÉ REMELHE





Diga-me uma coisa, se você é o Diabo, o que sou eu?

Prólogo

Segunda-feira, 24 de Maio de 2010

Samantha Boyd passou por baixo da vacilante barreira policial e olhou de relance para a estátua da Justiça empoleirada no famigerado tribunal de Old Bailey. Criada como símbolo de poder e integridade, asseverava-se agora aos olhos de Samantha aquilo que na realidade era: uma mulher desiludida e desesperada prestes a saltar do telhado. Adequadamente, a venda entalhada nas imagens semelhantes espalhadas por todo o mundo fora omitida, pois «justiça cega» era um conceito ingénuo, sobretudo quando estavam em causa temas como racismo e corrupção das autoridades policiais.

As artérias rodoviárias e as estações de metro em redor haviam sido de novo encerradas por causa do enxame de jornalistas que ali tinham assentado arraiais, transformando uma zona movimentada do centro de Londres num pardieiro absurdamente próprio da classe média. Embalagens vazias de comida pré-confeccionada alardeavam os logótipos da Marks & Spencer e da Pret a Manger, espalhadas pelo chão onde o lixo abundava. Sacos-camas de *designer* eram enrolados ao ritmo do zunir de máquinas de barbear eléctricas enquanto o ineficaz ferro de engomar de viagem de um homem não conseguia disfarçar o facto de ele ter dormido com as suas únicas camisa e gravata.

Samantha sentiu-se constrangida ao passar pelo meio da turba. Atrasada, ficara a transpirar devido à caminhada de seis minutos desde a Chancery Lane, e os seus cabelos loiro-platinados estavam soltos no ponto onde os havia prendido numa tentativa gorada de alterar a sua aparência. Desde o primeiro dia que a imprensa identificara todos os intervenientes no

processo. Agora, no quadragésimo sexto dia, Samantha teria provavelmente aparecido em todos os jornais mais importantes do mundo inteiro. Vira-se obrigada a chamar a Polícia quando um repórter especialmente persistente a seguira até casa, em Kensington, e se recusara a ir embora. Determinada em evitar posteriores atenções indesejadas, manteve a cabeça baixa ao caminhar com passadas largas.

Duas filas serpenteantes alongavam-se pelo cruzamento da Newgate Street, com destino ao número insuficiente de casas de banho móveis de um dos lados e a um Starbucks do outro. Apanhada na ininterrupta torrente que circulava entre as duas filas, atravessou-a rumo aos agentes policiais que montavam guarda à entrada menos concorrida do tribunal. Quando, acidentalmente, foi apanhada pela câmara de uma das dezenas de filmagens que estavam a ser feitas, uma mulher pequena atirou-se furiosamente a ela em japonês.

«É o último dia», pensou Samantha para com os seus botões, deixando para trás a incompreensível enxurrada de impropérios; só faltavam mais oito horas até a sua vida poder voltar ao normal.

À entrada, um agente desconhecido inspeccionou a identificação de Samantha antes de a submeter à já familiar rotina: guardar todos os objectos pessoais, explicar que não podia tirar o anel de noivado quando os detectores de metais fossem accionados, preocupar-se com as marcas de transpiração ao ser revistada e seguir caminho pelos corredores espartanos para se juntar aos outros onze jurados para uma chávena de café instantâneo morno.

Devido à excessiva atenção dos meios de comunicação social de todo o mundo e ao incidente em casa de Samantha, fora tomada a revolucionária decisão de isolar o júri, provocando a indignação da opinião pública quando a factura a pagar ao hotel ascendeu aos milhares de libras à custa dos contribuintes. Ao fim de quase dois meses, as conversas de circunstância da manhã versavam principalmente sobre as dores de costas provocadas pelas camas do hotel, a falta de variedade do menu ao jantar e os lamentos sobre as coisas de que as pessoas mais sentiam falta: esposas, filhos, a última temporada da série *Lost*.

Quando o oficial de justiça finalmente chamou os jurados, o silêncio de

tensão que as conversas triviais haviam camuflado veio ao de cima. O primeiro jurado, um idoso chamado Stanley, que fora nomeado pelos outros — ao que parecia sem outro motivo melhor do que o facto de ser extremamente parecido com Gandalf —, levantou-se devagar e conduziu-os à sala de audiências.

Possivelmente, uma das salas de audiências mais conhecidas do mundo, a Sala Um estava reservada em exclusivo aos casos criminais mais graves; era a sala onde celebridades macabras como Crippen, Sutcliffe e Dennis Nilsen tinham sido julgadas pelos seus consideráveis pecados. Uma luz artificial inundava a sala, passando por uma enorme janela alta de vidro fosco, iluminando os painéis de madeira escura e os estofos verdes da sala.

Quando Samantha ocupou o seu lugar habitual na primeira fila do júri, o mais perto do banco dos réus, estava consciente de que o seu vestido branco, criação sua, talvez fosse um pouco curto de mais. Colocou a documentação do processo sobre o colo, para desalento do lascivo velhote que praticamente atropelara alguém no primeiro dia com a pressa de reclamar o lugar ao lado dela.

Ao contrário das familiares salas de audiências retratadas nos filmes americanos, em que o arguido bem vestido fica sentado a uma mesa ao lado dos seus advogados, na Old Bailey o acusado fica sozinho de frente para a intimidante sala. As pequenas, mas proeminentes, protecções de vidro que circundam o banco dos réus sobreelevado contribuem para a sensação de que o réu representa um perigo para os restantes ocupantes da sala.

Culpado até ser considerado inocente.

Mesmo em frente ao banco dos réus, à esquerda de Samantha, ficava o lugar do juiz. Havia uma espada com punho dourado pendurada no braço régio por detrás da cadeira ao centro, o único lugar que permanecera vazio durante todo o julgamento. O escrivão e as equipas de defesa e acusação ocupavam o centro da sala, enquanto a galeria elevada onde o público se reunia, junto à parede mais ao fundo, estava apinhada de fervorosos espectadores de olhos húmidos que tinham acampado na rua para assistirem ao desfecho deste extraordinário julgamento. Ao fundo da sala, nos bancos esquecidos abaixo da galeria, tomavam assento diversas pessoas vagamente envolvidas no processo: peritos que os advogados poderiam querer chamar

a depor, embora, provavelmente, não o fizessem; diversos funcionários judiciais; e, evidentemente, o agente que efectuara a detenção no centro de toda a controvérsia, o detective cuja alcunha era *Wolf*: William Oliver Layton-Fawkes.

Wolf estivera presente em todos os quarenta e seis dias do julgamento. Passara as infindáveis horas a olhar fixamente para o banco dos réus com uma expressão glacial desde o seu indistinto lugar ao lado da saída. De constituição compacta, com o rosto curtido e uns insondáveis olhos azuis, aparentava ter quarenta e poucos anos. Samantha pensava que ele poderia ser bastante atraente se não tivesse o ar de quem já não dormia há meses e carregava o peso do mundo nas costas — apesar disso, em abono da verdade, achava-o atraente.

O *Cremador*, conforme fora apelidado pela imprensa, tornara-se o assassino em série mais prolífico de toda a história de Londres. Vinte e sete vítimas em vinte e sete dias, todas prostitutas com idades entre os catorze e os dezasseis anos, chamando ainda mais as atenções sobre o caso graças à exposição das massas mal informadas sobre as duras realidades que tinham lugar nas esquinas das ruas onde viviam. A maioria das vítimas fora encontrada ainda em brasas, fortemente sedadas e queimadas vivas, tendo as chamas eliminado quaisquer potenciais provas. Depois, subitamente, os crimes pararam, deixando as forças policiais à nora, sem suspeitos de peso. A Polícia Metropolitana fora fortemente criticada durante toda a investigação, por inacção, enquanto raparigas inocentes estavam a ser assassinadas, mas então, dezoito dias após o último assassinio, Wolf fizera a detenção.

O homem que estava no banco dos réus era Naguib Khalid, um muçulmano sunita britânico de origem paquistanesa, taxista de profissão na capital. Vivia sozinho e tinha um registo prévio de pequenos delitos de fogo posto. Quando provas de ADN, que colocavam três das vítimas no banco traseiro do seu táxi, foram apresentadas em tribunal juntamente com o incriminador testemunho de Wolf, o caso asseverara-se simples. Fora então que tudo começara a desmoronar-se.

Surgiram álibis que contradiziam os relatórios de vigilância reunidos pelo detective e pela sua equipa. Vieram à tona acusações de assédio e

intimidação enquanto Khalid era mantido sob custódia. Provas forenses contraditórias sugeriam que o ADN carbonizado não podia ser considerado uma prova fiável, e então, para deleite dos advogados de defesa, a direcção de normas de conduta profissional da Polícia Metropolitana avançou com uma carta que lhes chegara às mãos. Enviada por um colega anónimo com data de poucos dias antes do último assassinio, a carta expressava preocupação sobre o modo como Wolf estava a lidar com o caso e sobre o seu estado psíquico, sugerindo que se tornara «obcecado» e «desesperado», passando a recomendar que fosse imediatamente destacado para outro caso.

De súbito, a história mais explosiva do mundo assumira contornos ainda mais dramáticos. A Polícia foi acusada de utilizar Khalid como um conveniente bode expiatório para dissimular a sua própria incompetência. O comissário e o adjunto do *Specialist Crime & Operations* foram pressionados a renunciar aos cargos devido à clamorosa corrupção ocorrida sob a sua alçada, enquanto os tablóides eram inundados por escândalos sobre o infame detective: os alegados problemas com o álcool e as tendências possivelmente violentas que teriam levado ao fim do seu casamento. Em determinada altura, a pedante advogada de defesa de Khalid fora repreendida por sugerir que Wolf e o seu cliente haviam trocado de posições. Ao longo de todo o processo, Naguib Khalid assistira com perplexidade ao desenrolar dos acontecimentos sem nunca revelar qualquer sinal de satisfação perante a sua passagem de demónio a vítima.

O último dia do julgamento decorreu conforme esperado. A defesa e a acusação apresentaram as alegações finais antes de o juiz transmitir as suas instruções ao júri: uma breve súmula das escassas provas ainda consideradas válidas e conselhos relacionados com as complexidades legais. De seguida, o júri pôde ausentar-se para decidir o veredicto numa divisão privada cuja decoração era prosaicamente idêntica à da sala de audiências, com painéis de madeira e estofos de couro verde. Durante mais de quatro horas e meia, os doze jurados estiveram reunidos à volta da enorme mesa de madeira a debater o veredicto.

Samantha já decidira a direcção do seu voto semanas antes e ficou espantada ao perceber que os outros membros do júri estavam divididos. Ela nunca permitiria que a opinião pública influenciasse a sua decisão,

disso tinha a certeza, embora ficasse satisfeita por o seu voto não atíçar ainda mais a fogueira em que a sua loja, o seu sustento e a sua felicidade naquele momento ardiam. Repetiram-se vezes sem conta os mesmos argumentos. De seguida, alguém trouxe à baila o aspecto do testemunho do detective e ficou irritado quando lhe disseram, pela enésima vez, que esse testemunho era inadmissível e deveria ser ignorado.

Stanley solicitava com regularidade uma votação, após o que o oficial de justiça levava ao juiz um bilhete a informar que ainda não tinham chegado a um veredicto unânime. A cada votação, outra pessoa cedia à pressão da crescente maioria até que, instantes antes da quinta hora, se chegou à contagem de dez votos contra dois. A contragosto, Stanley entregou ao oficial de justiça um bilhete com essa indicação e, dez minutos depois, o funcionário regressou para conduzir o júri de volta à sala de audiências.

Quando regressou ao seu lugar ao lado do banco dos réus, Samantha conseguia sentir todos os olhares postos nela. A sala estava em silêncio e ela sentiu-se irracionalmente envergonhada quando cada passo dos seus sapatos de tacão alto ecoou por entre as paredes. Felizmente, os ríspidos rangidos e roçagares que se seguiram, quando os doze jurados ocuparam os seus lugares ao mesmo tempo, tornaram, em comparação, aquela diminuta perturbação tranquilizadamente trivial.

Conseguia lóbrigar pessoas a tentarem decifrar a sua expressão, demasiado impacientes para esperarem mais um minuto pelo veredicto do oficial, e ela apreciou isso. As pessoas «versadas» que enchiam aquela sala tinham-se mostrado emproadas com as suas perucas e togas, tratando-a, e aos outros jurados, com uma amabilidade condescendente; contudo, agora estavam todas à mercê do júri. Samantha fez um esforço para não sorrir maliciosamente; sentia-se como uma criança na posse de um segredo que não devia revelar.

— Queira o arguido levantar-se — comunicou o escrivão, rompendo o silêncio.

No banco dos réus, Naguib Khalid levantou-se a custo.

— Queira o primeiro jurado levantar-se.

Stanley levantou-se na ponta da fila onde Samantha se encontrava.

— Chegaram a um veredicto por unanimidade?

— Não — estalou a voz de Stanley, tornando a resposta quase inaudível.

Samantha revirou os olhos enquanto ele aclarou a garganta com três tossidelas crepitantes.

— Não — repetiu Stanley quase a gritar.

— Chegaram a um veredicto com o acordo de uma maioria suficiente?

— Chegámos — balbuciou Stanley ao perceber que errara na terminologia. — Desculpem... Sim, Meritíssimo.

O escrivão olhou para o juiz, que aceitou a votação por maioria com um menear de cabeça.

— O júri considera o réu Naguib Khalid culpado ou inocente das vinte e sete acusações de assassinio?

Samantha deu por si a suster a respiração, apesar de já conhecer a resposta. Várias cadeiras rangeram em simultâneo quando ouvidos ansiosos se aproximaram, na expectativa. ❖

— Inocente.

Samantha olhou de relance para Khalid, fascinada ao ver a sua reacção. Tremia de alívio, tapando a cara com as mãos.

Foi então que irromperam os primeiros gritos de pânico.

Wolf percorrera a curta distância até ao banco dos réus e puxara Khalid pela cabeça por cima da divisória de vidro antes de qualquer um dos seguranças ter tempo para reagir. Khalid caiu mal, sendo o seu gemido ofegante abafado pela implacável agressão. As costelas estalaram debaixo do pé de Wolf, que ficou com os nós dos dedos ensanguentados por força da intensidade do ataque.

Souu um alarme algures.

Wolf sofreu um golpe na cara e sentiu o sabor do sangue ao cair de costas por cima do júri, deitando por terra a mulher que estava mais perto dele. Durante os poucos segundos que levou a acalmar-se, vários agentes se tinham interposto entre ele e o corpo alquebrado que jazia aos pés do banco dos réus.

Wolf desatou a vociferar ao cambalear para a frente, sentindo mãos fortes agarrá-lo de modo a reprimir as suas tentativas, obrigando-o a pôr-se de joelhos e, finalmente, a deitar-se no chão. Inspirou de exaustão, sentindo o cheiro de suor e cera, vendo o cassetete de um dos agentes feridos rolar até

embater com um baque surdo no painel de madeira ao lado de Khalid.

Parecia estar morto, mas Wolf tinha de ter a certeza.

Com um último ímpeto de adrenalina, começou aos pontapés e foi a rastejar até ao corpo inerte com manchas castanho-escuras onde o sangue já impregnava o tecido do grosseiro fato azul-marinho. Wolf levou a mão à pesada pistola, passando os dedos à volta do metal frio. Já a levantara acima da cabeça quando um impacto arrasador o fez cair de costas. Desnortado, não conseguiu mais do que ficar a ver o agente de segurança desferir novo golpe, esmagando-lhe o pulso com uma segunda pancada brutal.

Ainda mal tinham passado vinte segundos desde a leitura do veredicto, mas, quando ouviu o estrépito do metal a bater na madeira, Wolf percebeu que tinha acabado. Só rezava para que as suas acções tivessem sido suficientes.

As pessoas fugiam para as saídas aos gritos, mas um grupo de agentes da Polícia obrigaram-nas a voltar para dentro; Samantha deixou-se ficar sentada no chão, atordoada, a fitar o vazio, não obstante os acontecimentos que decorriam a poucos metros dela. Por fim, alguém lhe pegou por um braço, ajudou-a a levantar-se e apressou-a a sair da sala. A pessoa que conduzia Samantha gritava alguma coisa, mas ela não conseguia perceber o quê. Um alarme silencioso, praticamente inaudível. Escorregou no pavimento do grande átrio e sentiu um joelho bater-lhe num dos lados da cabeça. Não sentiu dor, mas caiu de costas sobre o mármore siciliano preto e branco, olhando atordoada para a abóbada ornamentada, vinte metros acima dela, para as estátuas, para as janelas de vidro fosco e para os murais.

O seu salvador puxou-a para trás depois de a multidão passar e conduziu-a até à entrada principal antes de voltar a correr na direcção da sala de audiências. As enormes portas de madeira e os portões negros estavam escancarados, com o céu encoberto a chamá-la do lado de fora. Agora sozinha, Samantha cambaleou até à rua.

A fotografia não podia ter saído melhor se ela tivesse feito pose: a bela jurada manchada de sangue, toda de branco, traumatizada por baixo das esculturas de pedra da Determinação, da Verdade e do sinistro Anjo Registador, vestido da cabeça aos pés com um grosso manto, imitando a morte, preparado para reportar ao Paraíso uma interminável lista de

pecados.

Samantha virou costas à voraz alcateia de jornalistas e aos *flashes* ofuscantes. Sob o tremeluzir de milhares de fotografias, reparou nas palavras entalhadas na pedra lá no alto, espalhadas por quatro diferentes pilares de pedra, como se suportassem o seu peso metafórico:

Defender os Filhos dos Pobres
e Castigar os Criminosos.

Ao ler as palavras, foi subjugada pela sensação de que, de alguma forma, teria falhado; poderia com franqueza afirmar que estava tão inequivocamente convencida da inocência de Khalid quanto o detective estava da sua culpa? Quando o seu olhar acabou por recair sobre o anjo encapuzado, Samantha percebeu que ele tinha lavrado a lista.

Ela acabara de ser julgada.

4 anos mais tarde...

Capítulo 1

Sábado, 28 de Junho de 2014

3h50

Wolf tacteou às cegas à procura do telemóvel que, a cada vibração, se afastava mais a deslizar pelo soalho flutuante. Aos poucos, a penumbra começou a deixar adivinhar as formas pouco familiares do seu novo apartamento. O lençol encharcado em suor colou-se-lhe à pele quando desceu do colchão e seguiu o zunido irritante.

— Fala o Wolf — disse ao atender a chamada, aliviado por ao menos ter acertado nisso enquanto procurava um interruptor na parede.

— Daqui fala o Simmons.

Wolf accionou um interruptor e soltou um forte suspiro quando a fraca luz amarela lhe recordou onde estava; sentiu-se tentado a voltar a apagá-la. O minúsculo quarto era consti-tuído por quatro paredes, um colchão de casal desgastado pousado no chão e uma lâmpada solitária. O claustrofóbico compartimento estava abafado graças ao seu senhorio, que ainda não se dera ao trabalho de pedir ao antigo inquilino a chave da janela. De um modo geral, tal não representaria um problema em Londres; porém, Wolf conseguira fazer coincidir a mudança com uma das raras ondas de calor que assolam Inglaterra e que já se arrastava há quase duas semanas.

— Não me pareces muito satisfeito — disse Simmons.

— Que horas são? — perguntou Wolf a bocejar.

— Quatro menos dez.

— Não estou de folga este fim-de-semana?

— Agora já não. Preciso que venhas ter comigo ao local de um crime.

— Perto da tua secretária? — indagou Wolf, meio na brincadeira, pois há

anos que não via o seu chefe abandonar a secretária.

— Engraçadinho. Deixaram-me sair para este caso.

— É assim tão grave?

Seguiu-se uma pausa do outro lado da linha, até que, por fim, Simmons respondeu:

— É bastante grave. Tens uma caneta?

Wolf remexeu uma das caixas empilhadas junto à entrada e encontrou uma esferográfica com a qual podia tomar nota nas costas da mão.

— *Okay*. Diz lá.

Pelo canto do olho, reparou numa luz a piscar por detrás do armário da cozinha.

— Apartamento 108 — começou Simmons.

Quando Wolf atravessou a sua *kitchenette* parcamente equipada, ficou ofuscado pelas luzes azuis intermitentes que entravam pela pequena janela.

— ... Trinity Towers...

— ... Hibbard Road, Kentish Town? — interrompeu Wolf, espreitando pela janela para dezenas de carros da Polícia, repórteres e moradores evacuados do bloco de apartamentos em frente.

— Como diabo é que sabes?

— Então, não *sou* um detective?

— Bem, também podes passar a ser o nosso principal suspeito. Vem aqui ter.

— Vou já. Só tenho de... — Wolf não terminou a frase ao perceber que Simmons já tinha desligado.

Entre as luzes intermitentes dos carros-patrulha, reparou na luz cor de laranja fixa da máquina de lavar e lembrou-se de que lá tinha metido a roupa de trabalho antes de se ir deitar. Olhou para as dezenas de caixotes de cartão iguais que forravam as paredes.

— Bolas.

Cinco minutos depois, Wolf abria caminho pela turba de curiosos que se tinham juntado à porta do seu prédio. Aproximou-se de um agente e mostrou-lhe o distintivo, esperando atravessar imediatamente o cordão. Porém, o jovem agente tirou-lhe o distintivo da mão e examinou-o atentamente, olhando com ar céptico para a imponente figura em calções de

banho e *T-shirt* desbotada da digressão *Keep the Faith* de 1993 de Bon Jovi.

— Agente Layton-Fawkes? — perguntou o agente, hesitante.

Wolf estremeceu ao ouvir o seu próprio pretensioso nome.

— Inspector Fawkes, sim.

— Aquele do massacre no tribunal?

— Pronuncia-se William... dá-me licença? — Wolf gesticulou para o bloco de apartamentos.

O jovem devolveu o distintivo a Wolf e levantou a fita para ele passar por baixo.

— Precisa que o acompanhe? — perguntou.

Wolf olhou para os calções floridos, para os joelhos despidos e para os sapatos de trabalho.

— Sabe que mais? Acho que fico muito bem sozinho.

O agente sorriu.

— Quarto andar — informou. — E tenha cuidado ao subir. Este bairro é tramado.

Wolf soltou outro forte suspiro, passou por um átrio a cheirar a lixívia e entrou no elevador. Faltavam-lhe os botões para o segundo e o quinto pisos e havia um líquido castanho seco no resto do painel de controlo. Recorrendo a todas as suas competências de detective para determinar se eram fezes, ferrugem ou *Coca-Cola*, optou por utilizar a parte do fundo da *T-shirt*, onde estava estampada a cara de Richie Sambora, para carregar no botão.

Já estivera dentro de centenas de elevadores iguais àquele: caixas metálicas sem emendas, mandadas instalar pelas assembleias municipais de todo o país. Não tinham tapete, espelho, luzes ou acessórios salientes. Não havia rigorosamente nada para os moradores desfavorecidos destruírem ou roubarem no equipamento que lhes melhorava a qualidade de vida, por isso, tinham de se contentar em escrever obscenidades com *spray* nas paredes. Wolf só teve tempo para ficar a saber que Johnny Ratcliff estivera «aqui» e era «gay» antes de as portas se abrirem no quarto andar.

Mais de uma dúzia de pessoas espalhavam-se pelo corredor silencioso. Na sua maioria, pareciam abaladas e olharam a indumentária de Wolf com ar reprovador, à excepção de um homem mal-arranjado que ostentava o

distintivo da equipa forense e que acenou com a cabeça e levantou o polegar quando ele ia a passar. Um ténue mas familiar odor intensificou-se quando Wolf se aproximou da porta aberta ao fundo do corredor. Era o inconfundível cheiro da morte. As pessoas que trabalham com essas coisas não tardam a habituar-se ao característico cheiro a mofo, merda, mijo e carne em putrefacção.

Antes de entrar, Wolf recuou um passo quando ouviu alguém a correr vindo do interior. Uma mulher jovem passou numa correria pela porta, deixou-se cair sobre os joelhos e depois vomitou no corredor à frente dele. Wolf aguardou educadamente por um momento oportuno para lhe pedir que se desviasse, até que ouviu mais passos a aproximarem-se. Instintivamente, recuou mais um passo antes que a inspectora Emily Baxter passasse a deslizar para o corredor.

— Wolf! Bem me pareceu ter-te visto a vadiar lá fora — rugiu no meio do corredor silencioso. — A sério, isto não é fixe?

Olhou para a mulher que estava a vomitar no chão no meio deles.

— Importa-se de ir vomitar para outro sítio?

A mulher rastejou obedientemente para outro lugar. Baxter agarrou Wolf pelo braço e conduziu-o febrilmente para o apartamento. Quase dez anos mais nova, Baxter era quase tão alta quanto ele. O seu cabelo castanho-escuro assumia uma tonalidade negra sob a penumbra do simples *hall* de entrada e, como sempre, usava uma maquilhagem escura que fazia que os seus bonitos olhos parecessem anormalmente grandes. Envergando uma camisa justa e calças elegantes, mirou-o de cima a baixo com um sorriso travesso.

— Ninguém me disse que hoje era dia de andar à civil.

Wolf recusou-se a responder à provocação, consciente de que ela se desinteressaria pelo assunto se ele permanecesse calado.

— O Chambers vai ficar mesmo triste por ter perdido isto — disse, radiante.

— Eu também preferia fazer um cruzeiro nas Caraíbas do que ocupar-me de um cadáver — retorquiu Wolf, aborrecido.

Baxter arregalou os enormes olhos, estupefacta.

— O Simmons não te disse?

— Não me disse o quê?

A inspectora conduziu-o pelo apartamento apinhado de gente e tenuemente iluminado por uma dúzia de lanternas posicionadas de forma estratégica. Embora não fosse insuportável, a intensidade do cheiro aumentava a cada passo. Wolf conseguiu perceber que a origem daquele odor estava próxima devido ao número de moscas que zumbiam excitadamente por cima da sua cabeça.

O apartamento tinha o pé direito alto, não estava mobilado e era consideravelmente maior que o de Wolf, mas não era mais agradável. As paredes amareladas estavam cravadas de buracos através dos quais as antiquadas ligações eléctricas e o isolamento poeirento caíam livremente no chão despido. Nem a casa de banho nem a cozinha pareciam ter sofrido quaisquer obras desde a década de 1960.

— Não me disse o quê? — repetiu Wolf.

— É *este*, Wolf — exclamou Baxter, fazendo ouvidos moucos —, o caso que aparece uma vez numa carreira.

Wolf estava distraído, tentando, mentalmente, tirar as medidas ao segundo quarto e a pensar se não estaria a pagar demasiado pelo minúsculo apartamento do outro lado da rua. Viraram a esquina que dava para o quarto principal cheio de gente e, de forma mecânica, sondou o chão, entre os diversos equipamentos e pernas, à procura de um cadáver.

— Baxter!

Ela parou e virou-se impacientemente para ele.

— O que foi que o Simmons não me disse?

Por detrás dela, um grupo de pessoas, de pé defronte da enorme janela que chegava do chão até ao tecto e dominava o quarto, desviou-se para o lado. Antes de ela ter possibilidade de responder, Wolf afastara-se aos tropeções, com o olhar fixo num ponto algures por cima delas, num foco de luz que não fora a Polícia a posicionar: um foco que iluminava um palco sombrio...

O corpo despido, contorcido numa pose pouco natural, parecia flutuar trinta centímetros acima do soalho irregular. Estava de costas voltadas para a sala, de frente para a enorme janela. Centenas de fios quase invisíveis seguravam o corpo, presos a dois ganchos metálicos industriais.

Wolf demorou algum tempo a identificar a surpreendente característica da

cena surreal com que se deparava: a perna preta ligada ao tronco branco. Sem conseguir com-preender o que estava a ver, avançou por entre os presentes. Assim que se acercou, reparou nas enormes suturas que uniam os membros de diferentes corpos, com a pele tumefacta nos sítios onde o material a perfurara: uma perna masculina preta e uma branca; uma grande mão masculina de um lado, uma mão feminina bronzeada do outro; um cabelo preto como breu emaranhado a pender perturbadoramente sobre um tronco descorado, sardento e esguio de mulher.

Baxter pôs-se ao lado dele, inequivocamente a apreciar a expressão de repulsa estampada no seu rosto.

— Ele não te disse... um corpo: seis vítimas! — murmurou-lhe jubilosamente ao ouvido.

O olhar de Wolf incidiu sobre o chão. Estava sobre a sombra lançada pelo grotesco cadáver e, no seu estado simplificado, as proporções pareciam ainda mais surpreendentes, com intervalos de luz a distorcer as uniões entre os membros do corpo.

— Que raio é que a imprensa já está a fazer ali fora? — gritou o superior hierárquico de Wolf para ninguém em particular. — Este departamento tem mais fugas que o *Titanic*. Se vejo alguém a falar com eles, fica suspenso!

Wolf sorriu, pois sabia muito bem que Simmons estava apenas a representar o papel do estereótipo de chefe. Já se conheciam há mais de uma década e, até ao incidente com Khalid, Wolf considerara-o um amigo. Por detrás da fanfarronice forçada, Simmons era, na realidade, um agente policial inteligente, interessado e competente.

— Fawkes! — Simmons foi até junto deles em passadas largas. Era frequente fazer um esforço para não se dirigir aos seus subalternos pelas alcunhas. Era quase trinta centímetros mais baixo que Wolf, estava agora na casa dos cinquenta e tinha desenvolvido uma barriga típica de um gestor. — Ninguém me disse que era dia de andar à civil.

Wolf ouviu Baxter rir dissimuladamente. Decidiu adoptar a mesma táctica de antes e ignorou o comentário. Após um silêncio desconfortável, Simmons virou-se para Baxter.

— Onde está o Adams? — indagou.

— Quem?

— O Adams. O teu novo protegido.

— O Edmunds?

— Isso. Edmunds.

— Como queres que eu saiba?

— Edmunds! — esbravejou Simmons por entre a azáfama do quarto.

— Tens trabalhado muito com ele? — perguntou Wolf em voz baixa, sem conseguir esconder um indício de ciúme, o que provocou um sorriso em Baxter.

— Estou a fazer de ama-seca — murmurou em resposta. — Ele foi transferido do Departamento de Fraudes e ainda viu poucos cadáveres. É até provável que chore mais logo.

O jovem que abriu caminho atabalhoadamente por entre a multidão tinha apenas vinte e cinco anos, magro como um pau e com uma apresentação imaculada, não fora o seu cabelo ruivo em desalinho. Trazia na mão um bloco de notas pronto para ser usado e sorriu com fervor para o inspector-chefe.

— O que é que a equipa forense já conseguiu apurar? — inquiriu Simmons.

Edmunds folheou para trás algumas páginas do seu bloco.

— A Helen disse que a sua equipa ainda não encontrou uma única gota de sangue no apartamento. Confirmaram que os seis membros que formam o corpo são de vítimas diferentes e que foram toscamente amputadas, talvez com um tico-tico.

— A *Helen* referiu algo que ainda não saibamos? — gritou Simmons.

— Por acaso, sim. Devido à ausência de sangue e à inexistência de constrição dos vasos sanguíneos em redor das feridas de amputação...

Simmons revirou os olhos e consultou o relógio.

— ... não podemos ter a certeza se os membros foram removidos *post-mortem* — concluiu Edmunds, aparentemente agradado com a sua prestação.

— Excelente trabalho policial, Edmunds — disse Simmons com sarcasmo antes de berrar: — Será que alguém pode cancelar o anúncio a publicar nos pacotes de leite sobre o homem sem cabeça? Obrigado!

O sorriso de Edmunds eclipsou-se. Wolf olhou para Simmons e sorriu

com afectação. Ambos tinham sido sujeitos a semelhantes reprimendas quando eram novos. Fazia parte da formação.

— Só queria dizer que as pessoas a quem os braços e as pernas foram tirados também estão decididamente mortas. A equipa forense obterá mais informações quando tiver o corpo no laboratório — balbuciou Edmunds com timidez.

Wolf reparou no reflexo do cadáver nas janelas obscuras. Ao perceber que ainda não o vira de frente, contornou-o para o inspeccionar.

— O que *descobriste*, Baxter? — indagou Simmons.

— Não muito. Ligeiros danos na fechadura, possível arrombamento. Temos agentes a interrogar os vizinhos lá fora, mas até ao momento ninguém viu ou ouviu fosse o que fosse. Ah, e não há qualquer problema com o sistema eléctrico... todas as lâmpadas do apartamento foram retiradas, à excepção da que está por cima da vítima... vítimas, como se estivesse em exposição ou outra coisa do género.

— E tu, Fawkes, tens alguma ideia? Fawkes?

Wolf olhava fixamente para o rosto de tez escura.

— Desculpa, mas estamos a incomodar-te?

— Não. Desculpem. Mesmo com este calor, esta coisa só agora está a começar a deitar cheiro, o que significa que o assassino matou as seis vítimas na noite passada, o que me parece improvável, ou teve de congelar os corpos.

— Concordo. Vamos mandar alguém investigar recentes entradas forçadas em unidades de armazenamento a frio, supermercados, restaurantes, onde quer que haja um congelador industrial — informou Simmons.

— E vejam se algum dos vizinhos ouviu uma máquina de furar — acrescentou Wolf.

— Uma máquina de furar é um barulho bastante comum — interveio Edmunds, que se arrependeu de o ter feito quando três pares de olhos zangados se viraram para ele.

— Se esta é a obra-prima do assassino — continuou Wolf —, ele não correria o risco de ela cair do tecto e não passar de um monte de pedaços de carne quando aqui chegássemos. Aqueles ganchos foram fixos em vigas de metal capazes de suportar cargas pesadas. Alguém deve ter ouvido fazer os

furos.

Simmons concordou com a cabeça.

— Baxter, alguém que trate disso.

— Chefe, podes dar-me um minuto? — perguntou Wolf quando Baxter e Edmunds se afastaram. Calçou um par de luvas descartáveis e afastou um punhado de cabelo preto emaranhado do rosto da macabra figura. Era o rosto de um homem. De olhos abertos, com uma expressão perturbadoramente calma, considerando o fim inequivocamente violento que sofrera. — Parece-te familiar?

Simmons contornou o corpo para se juntar a Wolf junto à janela fria e agachou-se para examinar melhor o rosto sombrio. Ao fim de uns instantes, estremeceu.

— É o Khalid — disse Wolf.

— É impossível.

— Achas?

Simmons perscrutou novamente o rosto sem vida. Gradualmente, a sua expressão de incredulidade assumiu traços de profunda preocupação.

— Baxter! — berrou. — Preciso que tu e o Adams...

— *Edmunds*.

— ... vão ao estabelecimento prisional de Belmarsh. Peçam ao director que vos leve já ao Naguib Khalid.

— Ao Khalid? — inquiriu Baxter em choque, olhando de relance, involuntariamente, para Wolf.

— Sim, ao Khalid. Telefonem-me assim que o virem vivo. Vão!

Wolf olhou para o bloco de apartamentos em frente. Muitas das janelas continuavam às escuras, noutras viam-se caras excitadas a filmar com os telemóveis o espectáculo que se desenrolava na rua, presumivelmente na esperança de apanharem alguma coisa mórbida para mostrarem aos amigos pela manhã. Ao que parecia, não conseguiam ver o cenário de assassinio parcamente iluminado a cuja representação bem gostariam de assistir da primeira fila.

Wolf conseguiu ver para dentro do seu próprio apartamento, algumas janelas para o lado. Com a pressa, deixara as luzes acesas. Lobrigo um caixote de cartão, no fundo de uma pilha, com as palavras «Calças e

Camisas» rabiscadas.

— Ah!

Simmons foi até junto de Wolf e esfregou os olhos cansados. Ficaram em silêncio, um de cada lado do cadáver suspenso, observando os primeiros raios de sol a iluminar a negrura do céu. Não obstante os ruídos que inundavam o quarto, conseguiam ouvir o sereno cantar dos pássaros no exterior.

— Então, deve ser a coisa mais inquietante que já viste! — disse Simmons em jeito de brincadeira.

— A segunda — retorquiu Wolf sem desviar os olhos do azul que se alastrava pelo céu.

— Segunda? Atrevo-me a querer saber o que é mais inquietante do que isto... esta coisa? — Simmons voltou a olhar relutantemente para o aglomerado de membros decepados em suspensão.

Wolf deu uma palmadinha no braço direito da figura. A palma da mão parecia lívida em comparação com o resto da pele bronzeada e as unhas de cor lilás perfeitamente arranjadas. Dezenas de fios semelhantes a seda suportavam a mão esticada e outra dezena apoiava o dedo indicador em determinada posição.

Certificou-se de que mais ninguém estava a ouvir a conversa e inclinou-se para falar ao ouvido de Simmons.

— Está a apontar para a janela do meu apartamento.

Capítulo 2

Sábado, 28 de Junho de 2014

4h32

Baxter deixara Edmunds à espera do trepidante elevador. Saíra de rompante por uma porta corta-fogo que dava para a desolada escadaria, onde uma aparentemente interminável fila de pessoas enregeladas e irritadiças tinha, por fim, recebido autorização para regressar às suas casas. A meio da descida, guardou o distintivo, ao perceber que servia apenas para atrasar o seu avanço contra o caudal constante de pessoas, se é que servia para alguma coisa. O interesse inicial despertado pelos acontecimentos da noite esmorecera há horas, deixando os moradores ensonados com rancor e uma certa animosidade para com as forças policiais.

Quando acabou por sair para o átrio, Edmunds já estava pacientemente à espera junto à entrada principal. Passou por ele sem lhe prestar atenção e saiu para o frio da manhã. A aurora ainda não raiara por completo, mas o céu perfeitamente limpo sugeria que a persistente onda de calor ia continuar. Solto uma imprecação quando viu que um crescente número de curiosos e jornalistas se aglomeravam junto à fita da Polícia, cortando-lhe o caminho até ao seu *Audi A1* preto.

— Nem uma palavra — disse bruscamente a Edmunds, que ignorou o tom da ordem desnecessária com a sua habitual elegância.

Ao aproximarem-se da fita, foram inundados por um mar de perguntas e *flashes* de câmaras, passaram por baixo da fita e começaram a abrir caminho pelo meio da turba. Baxter rangeu os dentes ao escutar Edmunds pedir repetidamente desculpas atrás de si. No preciso instante em que se virou para o fulminar com o olhar, deu um encontrão a um homem pesado

cuja volumosa câmara de filmar caiu ao chão com estrondo, fazendo adivinhar uma reparação dispendiosa.

— Merda! Desculpe — disse ela, apresentando-lhe de imediato um cartão-de-visita da Polícia Metropolitana de Londres que tirou do bolso. Ao longo dos anos, tinham-lhe passado centenas pelas mãos, que ela entregava como se fossem notas de crédito, antes de esquecer imediatamente o caos que deixara para trás.

O homem corpulento continuava no chão, ajoelhado sobre os restos espalhados da câmara como se esta fosse a sua amada caída por terra. Uma mão de mulher arrancou o cartão da mão de Baxter, que olhou agastada para uma cara de poucos amigos que a fitava. Apesar de ser de manhã cedo, a mulher estava imaculadamente maquilhada para aparecer na televisão; quaisquer vestígios de cansaço, que se faziam sentir em todos os outros com papos debaixo dos olhos, haviam sido escondidos. Tinha uns longos cabelos ruivos encaracolados e envergava um elegante conjunto de saia e camisa. As duas mulheres fitaram-se durante algum tempo, num silêncio pleno de tensão, enquanto Edmunds observava com espanto. Nunca pensara que a sua mentora pudesse sentir-se tão perturbada.

A mulher de cabelos ruivos olhou de fuga para Edmunds.

— Vejo que, pelo menos, arranjaste alguém da tua idade — disse, dirigindo-se a Baxter, que olhou de cenho franzido para Edmunds como se ele lhe tivesse feito algum mal só por existir.

— Ela já tentou alguma coisa consigo? — perguntou-lhe a mulher, solidária.

Edmunds ficou sem reacção, pensando legitimamente se não estaria a viver o pior momento de toda a sua vida.

— Não? — prosseguiu, consultando o relógio. — Bem, o dia ainda é uma criança.

— Eu vou casar — balbuciou Edmunds, sem saber bem porque estava a falar.

A ruiva sorriu triunfantemente e abriu a boca para dizer alguma coisa.

— Vamos embora! — vociferou Baxter antes de recuperar a sua habitual postura de indiferença. — Andrea — acrescentou.

— Emily — retorquiu a outra.

Baxter virou-lhe as costas, passou por cima das entranhas da câmara de filmar e continuou a caminhar, com Edmunds no seu encalço. Edmunds verificou três vezes se tinha encaixado bem o cinto de segurança enquanto Baxter aumentava a rotação do motor e fazia marcha-atrás subitamente, passando por cima de dois passeios antes de partir a toda a velocidade, vendo as luzes azuis intermitentes diminuir no retrovisor.

Baxter não dissera uma palavra desde que tinham deixado o local do crime e Edmunds fazia um esforço para manter os olhos abertos enquanto seguiam a grande velocidade pelas ruas quase desertas da capital. A *chauffage* do Audi emanava uma suave brisa amena para o interior luxuoso, que Baxter deixara apinhado de CD, maquilhagem usada e embalagens vazias de *fast-food*. Enquanto atravessavam a Ponte de Waterloo, o nascer-do-sol incandescia por detrás da cidade, com a cúpula da Catedral de São Paulo a formar uma silhueta inexpressiva contra o céu dourado.

Edmunds cedeu ao peso nos olhos e a sua cabeça foi embater dolorosamente no vidro do passageiro. Sentou-se direito, num movimento abrupto, furioso consigo por demonstrar fraqueza, mais uma vez, diante do seu superior hierárquico.

— Então, era ele? — deixou escapar. Estava ansioso por começar uma conversa que o ajudasse a despertar.

— Quem?

— O Fawkes. O William Fawkes.

Na realidade, Edmunds já se cruzara diversas vezes com Wolf e reparara no modo como os colegas tratavam o experiente detective, sempre consciente do evidentemente inoportuno ar de celebridade que o envolvia.

— O William Fawkes — troçou Baxter entredentes.

— Ouvi tantas histórias sobre o que aconteceu. — Fez uma pausa, esperando o sinal de que deveria mudar de assunto. — Fazias parte da equipa dele na época, não fazias?

Baxter continuou a conduzir em silêncio, como se Edmunds nem sequer tivesse falado. Sentiu-se um tonto por pensar que ela alguma vez quisesse debater com um formando um tema tão delicado. Estava prestes a pegar no telemóvel para ter algo que fazer quando, inesperadamente, ela respondeu.

— Sim, fazia parte da equipa dele.

— Então, ele fez mesmo todas aquelas coisas de que o acusaram? — Edmunds sabia que estava a pisar terrenos perigosos, mas o seu interesse genuíno sobrepôs-se ao risco de provocar a ira de Baxter. — Manipulação de provas, agressão ao recluso...

— Algumas.

Inconscientemente, Edmunds soltou um grunhido de reprovação, que deixou Baxter enraivecida.

— Não te atrevas a julgá-lo! Não fazes a mínima ideia do que é este trabalho — explodiu. — O Wolf sabia que o Khalid era o *Cremador*. Ele *sabia*. E também sabia que ele voltaria a fazê-lo.

— Deviam existir provas legítimas.

Baxter soltou uma gargalhada amarga.

— Tens de passar mais alguns anos a ver estes montes de merda a escaparem impunes vezes sem conta. — Fez uma pausa, sentindo a aflição aumentar. — Nem tudo é linear. O que o Wolf fez foi errado, mas ele fê-lo em desespero, por todos os motivos certos.

— Até mesmo atacar brutalmente um homem diante de uma sala de audiências cheia de gente? — perguntou Edmunds em jeito de provocação.

— Sobretudo isso — redarguiu Baxter. Estava demasiado absorta para implicar com o tom dele. — Cedeu sob pressão. Um dia acontecer-te-á o mesmo. A mim também. Acontece a *toda a gente*. Reza para que, quando for contigo, tenhas alguém a apoiar-te. Ninguém apoiou o Wolf quando aquilo se deu, nem sequer eu...

Edmunds manteve-se em silêncio, percebendo o arrependimento na voz dela.

— Iam suspendê-lo. Queriam sangue. Iam fazer um exemplo do seu «detective caído em desgraça» quando, numa gélida manhã de Fevereiro, adivinha quem encontraram junto ao cadáver carbonizado de uma menina da escola? Ela ainda hoje estaria viva se tivessem dado ouvidos ao Wolf.

— Céus — exclamou Edmunds. — Achas que a cabeça é dele?

— O Naguib Khalid é um assassino de crianças. Até os criminosos se regem por padrões. Para sua própria segurança, está preso numa cela de isolamento permanente na unidade de alta segurança de uma prisão de máxima segurança. Não recebe visitas de *ninguém*, muito menos de alguém

que conseguisse sair de lá com a cabeça dele. Isso é ridículo.

Seguiu-se outro silêncio incómodo depois de Baxter ter concluído resolutamente que estavam a desperdiçar o seu tempo. Ciente de que aquela fora a conversa mais produtiva que tinham tido durante os dispersos três meses e meio que trabalharam juntos, Edmunds voltou a retomar o anterior tópico, que ainda não tinham terminado.

— É fantástico que o Fawkes, ou melhor, o Wolf tenha conseguido voltar ao trabalho.

— Nunca subestimes o poder da opinião pública e a avidez dos poderosos em fazer-lhe a vontade — disse Baxter com desdém.

— Cheira-me que achas que ele não devia ter voltado.

Baxter não respondeu.

— Não é lá um exemplo muito bom para a Polícia, pois não? — continuou Edmunds. — Deixá-lo escapar impune.

— Impune? — exclamou Baxter, incrédula.

— Bem, ele não foi detido.

— Antes tivesse sido. Os advogados, lavando daí as mãos, alegaram insanidade. Deve dar menos trabalho. Alegaram que a tensão do caso havia dado aso uma resposta «completamente fora do normal para a sua personalidade».

— E quantas vezes é que alguém terá de praticar algum acto fora do normal para a sua personalidade até que as pessoas percebam que, afinal de contas, é normal? — interveio Edmunds.

Baxter ignorou a observação.

— Disseram que ele precisava de tratamento contínuo para o que, segundo o diagnóstico do advogado de defesa, era uma antipersonalidade subjacente... não, perturbação anti-social da personalidade.

— Que a chefe acha que ele não tinha?

— Pelo menos quando foi internado, não. Mas, se muitas pessoas estiverem sempre a dizer que somos malucos e nos encherem de comprimidos, no final, ficamos a pensar se terão razão — suspirou Baxter. — Por isso, em resposta à tua pergunta: um ano no St Ann's Hospital, despromovido, reputação desfeita e papéis do divórcio à espera dele no tapete da entrada. O Wolf certamente não escapou «im-pune».

— A mulher dele deixou-o, mesmo depois de se ter provado que ele tinha razão?

— O que posso dizer? É uma vaca.

— Então, conhecia-la?

— Sabes aquela repórter de cabelos ruivos que estava no local do crime?

— Era ela?

— Andrea. Meteu na cabeça umas ideias estúpidas sobre nós.

— Pensava que dormiam juntos?

— O que mais?

— Então... não dormiam?

Edmunds susteve a respiração. Percebeu que acabara de ultrapassar a delicada linha do que era aceitável e a conversa ficou por ali. Baxter ignorou a pergunta inoportuna e o motor rugiu quando ela acelerou pela auto-estrada de três faixas que levava ao estabelecimento prisional.

— Como assim, está morto? — bradou Baxter para o director da cadeia, Davies.

Levantou-se, mas Edmunds e o director permaneceram sentados à enorme secretária do sóbrio gabinete. O director estremeceu enquanto sorvia o café quente.

Pretendia chegar cedo ao trabalho, mas a meia hora perdida estragara-lhe completamente o dia.

— Inspectora Baxter, as autoridades locais são responsáveis por transmitir estas informações ao seu departamento. Nós não podemos...

— Mas... — Baxter tentou interceder.

O director continuou com mais firmeza:

— O recluso Khalid adoeceu na solitária e foi levado para a enfermaria. De seguida, foi transferido para o Queen Elizabeth Hospital.

— Adoeceu com quê?

O director pegou nuns óculos de leitura e abriu a pasta de arquivo que tinha na secretária.

— O relatório diz: «falta de ar e náuseas». Foi transferido para a Unidade de Cuidados Intensivos do hospital por volta das 20 horas, devido a «perda de consciência e queda da saturação de oxigénio, não obstante a terapêutica com O₂», se é que algum de vocês percebe o que isto quer dizer.

O director olhou de relance e viu Baxter e Edmunds a dizer que sim com a cabeça. Assim que voltou a olhar para o relatório, ambos encolheram os ombros sem fazerem a mínima ideia.

— A Polícia local montou guarda durante vinte e quatro horas ao quarto dele, o que acabou por se revelar um desperdício de vinte e uma horas, uma vez que ele morreu às 23. — O director fechou o relatório e tirou os óculos. — Lamentavelmente, não tenho mais dados para vos disponibilizar. Se quiserem mais informações, terão de contactar directamente o hospital. Agora, se não querem mais nada...

Sorveu mais um pouco de café, que estava tão quente que até magoava, e afastou-o da boca antes que se queimasse. Baxter e Edmunds levantaram-se e foram embora. Edmunds sorriu e estendeu a mão ao director.

— Obrigado pelo seu tempo — começou.

— Por agora, é tudo — interveio Baxter bruscamente enquanto abandonava o gabinete.

Edmunds recolheu desajeitadamente a mão e seguiu-a, deixando a porta bater nas suas costas. No preciso instante em que o ferrolho ia fechar-se, Baxter entrou de rompante no gabinete com uma última pergunta.

— Merda. Quase me esquecia. Temos a certeza absoluta de que, quando saiu da prisão, o Khalid ainda tinha a cabeça?

O director assentiu, perplexo.

— Claro.

Na sala de reuniões do Departamento de Homicídios e Crimes Graves, ouvia-se o tema *Good Vibrations* dos Beach Boys. Wolf sempre achara que era mais fácil trabalhar com música, e ainda era suficientemente cedo para levar a sua avante sem perturbar demasiadas pessoas.

Vestia agora uma camisa branca com vincos, umas calças de algodão azul-escuras e o único par de sapatos que tinha. Os *Loake Oxfords* de fabrico manual haviam sido uma incaracteristicamente extravagante compra e a melhor que jamais fizera. Recordava vagamente os tempos antes deles, quase sem conseguir caminhar ao fim do turno de dezanove horas, vendo-se depois obrigado a ter de calçar os mesmos sapatos incómodos ao fim de algumas horas de sono.

Aumentou o volume e não reparou que a luz do telemóvel acendeu na

mesa ao seu lado. Estava sozinho naquela sala que, com facilidade, podia acolher trinta pessoas e que, por ser tão raramente usada, ainda cheirava a alcatifa nova, mesmo passado um ano desde a renovação. Uma janela de vidro fosco ocupava toda a parede, escurecendo a parte de trás do gabinete principal.

Pegou noutra fotografia que estava na secretária, acompanhando a música, desafinado, e foi a dançar até ao enorme quadro na frente da sala. Depois de prender a última fotografia com um pionés, recuou para admirar o seu trabalho: foto-grafias ampliadas dos vários membros estavam sobrepostas de modo a criar duas enormes versões da aterradora figura, uma vista de frente, outra de trás. Voltou a fitar aquele rosto de cera, esperançado de que tivesse razão e pudesse dormir um pouco melhor sabendo que Khalid estava finalmente morto. Infelizmente, Baxter ainda não tinha telefonado para confirmar as suas suspeitas.

— Bom dia — disse, atrás de si, uma voz familiar com um dissonante sotaque escocês.

Wolf interrompeu a dança de imediato e diminuiu o volume do rádio quando entrou na sala o inspector Finlay Shaw, o agente mais antigo da unidade. Era um homem tranquilo, mas intimidante, com um persistente cheiro a fumo de cigarros. Tinha cinquenta e nove anos, um rosto abatido e um nariz que fora partido mais de uma vez e nunca voltara à posição original.

Tal como Edmunds saíra em sorte a Baxter, olhar por Wolf desde o seu regresso ao serviço tornara-se a principal tarefa de Finlay. Havia um acordo tácito de que Finlay, que estava na iminência de se aposentar, deixaria que o mais jovem assumisse as rédeas da maior parte do trabalho, desde que ele assinasse a documentação de vigilância de Wolf todas as semanas.

— Tens dois pés esquerdos, miúdo — disse Finlay num tom áspero.

— Sou melhor a cantar — retorquiu Wolf na defensiva —, sabes bem disso.

— Ai, isso é que não és. Mas o que eu queria dizer... — Finlay foi até junto do quadro e bateu na fotografia que Wolf acabara de prender — ... é que tens dois pés esquerdos.

— Hã? — Wolf folheou o monte de fotografias tiradas no local do crime e

acabou por encontrar a correcta. — Sabes que eu faço coisas destas de vez em quando, só para que fiques a pensar que eu ainda preciso de ti.

— É claro que sim — disse Finlay com um sorriso.

Wolf trocou as fotografias e ficaram os dois a contemplar a macabra colagem.

— Na década de setenta, trabalhei num caso semelhante: Charles Tenyson — explicou Finlay.

Wolf encolheu os ombros.

— Ele deixava-nos pedaços de corpos: uma perna aqui, uma mão ali. No início, parecia aleatório, mas não era. Todos os pedaços tinham uma característica que permitia identificá-los. Ele queria que nós soubéssemos quem tinha matado.

Wolf aproximou-se para apontar para a parede.

— Temos um anel na mão esquerda e a cicatriz de uma operação na perna direita. Não é muito como ponto de partida.

— Haverá mais — disse Finlay como se fosse uma certeza. — Alguém que não quer deixar uma única gota de sangue num massacre não deixa ficar um anel acidentalmente.

Wolf agradeceu a Finlay pelas suas opiniões que davam que pensar, bocejando descaradamente na sua cara.

— Vai um café? De qualquer forma, preciso de fumar — disse Finlay. — Com leite e dois torrões de açúcar?

— Como é que ainda não decoraste? — perguntou Wolf enquanto Finlay se dirigia para a porta. — Um *macchiato* magro duplo, muito quente, com xarope de caramelo, sem açúcar.

— Com leite e dois torrões de açúcar, *okay* — gritou Finlay ao sair da sala de reuniões, quase dando um encontrão à comandante Vanita à saída.

Wolf reconheceu a pequena mulher de origem indiana pelas vezes que a vira na televisão. Além disso, ela também estivera presente numa das inúmeras entrevistas e avaliações a que fora submetido para garantir a sua reintegração. Daquilo que se lembrava, ela opusera-se à ideia.

Não havia como não perceber a sua chegada, pois ela parecia sempre saída de uma banda desenhada, envergando naquela manhã um *blazer* lilás-gritante que, inexplicavelmente, fazia conjunto com umas calças cor de

laranja garridas.

Escondeu-se demasiado tarde atrás do cavalete e ela parou na soleira da porta para falar com ele.

— Bom dia, inspector.

— Bom dia.

— Isto aqui parece uma florista — disse.

Wolf olhou de relance para as hediondas montagens que dominavam desordenadamente a parede por detrás dele. Quando olhou para trás, percebeu que ela apontava para o gabinete principal, onde dezenas de extravagantes *bouquets* de flores estavam espalhados por cima de secretárias e armários de arquivo.

— Oh. Têm chegado durante toda a semana. Creio que estão relacionados com o caso Muniz. Ao que parece, toda a comunidade enviou flores — explicou.

— É bom ser-se apreciado, para variar — disse Vanita. — Estou à procura do seu chefe. Não está no gabinete.

O telemóvel de Wolf começou a tocar alto em cima da mesa. Ele olhou para o mostrador e desligou.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa? — perguntou com pouca convicção.

Vanita brindou-o com um ténue sorriso.

— Não me parece. A imprensa está a ser implacável connosco. O comissário quer resolver o assunto.

— Pensei que essa era a sua função — disse Wolf.

Vanita soltou uma gargalhada.

— Hoje é que não vou falar com eles.

Ambos vislumbraram Simmons a regressar ao seu gabinete.

— A merda rebola pela colina abaixo, Fawkes... como bem sabe.

* * *

— Como podes ver, estou completamente amarrado aqui. Preciso que vás falar com aqueles abutres por mim — disse Simmons com uma sinceridade

quase credível.

Dois minutos depois de a comandante ter ido embora, Wolf fora convocado para o exíguo gabinete do inspector-chefe. A divisão tinha cerca de quatro metros quadrados e incluía uma secretária, uma televisão minúscula, um ferrugento armário de arquivo, duas cadeiras articuladas e um banco de plástico (para o caso de uma multidão se apinhar no diminuto espaço). Wolf achava que era um deprimente incentivo para ostentar perante a equipa; o beco sem saída no topo da carreira.

— Eu? — perguntou Wolf, incrédulo.

— Claro. A imprensa adora-te. Tu és o William Fawkes!

Wolf suspirou.

— Não há ninguém mais abaixo na cadeia alimentar a quem eu possa delegar isto?

— Acho que vi a mulher da limpeza na casa de banho dos homens, mas creio que seria melhor seres tu a tratar do assunto.

— Está bem — resmungou Wolf.

O telefone na secretária começou a tocar. Wolf fez menção de ir embora quando Simmons atendeu, mas parou quando ele levantou uma mão.

— O Fawkes está aqui comigo. Vou pôr em alta-voz.

Quase não se conseguia ouvir a voz de Edmunds por causa do barulho do motor. Wolf teve de ser condescendente. Sabia, por experiência própria, que Baxter era uma terrível condutora.

— Vamos a caminho do Queen Elizabeth Hospital. O Khalid foi transferido para a Unidade de Cuidados Intensivos de lá há uma semana.

— Estava vivo? — berrou Simmons, irritado.

— Estava — retorquiu Edmunds.

— E agora?

— Está morto.

— E a cabeça? — gritou Simmons, frustrado.

— Logo diremos.

— Fantástico. — Simmons desligou o telefone e abanou a cabeça. Olhou para Wolf. — Estão à tua espera lá fora. Diz que temos seis vítimas. Eles já sabem disso. Garante-lhes que estamos a tratar do processo de identificação e que contactaremos os familiares antes de divulgarmos os nomes

publicamente. Não digas nada sobre os membros suturados... nem sobre o teu apartamento.

Wolf fez continência sarcasticamente e foi embora. Fechou a porta e obrigou Finlay a aproximar-se com dois copos de café.

— Mesmo a tempo — disse Wolf para o outro lado do departamento, que começava agora a ficar cheio de agentes que iniciavam os seus turnos. Era fácil esquecer que, enquanto os casos importantes eclipsavam as vidas dos implicados, o resto do mundo continuava dentro da normalidade: pessoas matavam outras pessoas, violadores e ladrões continuavam à solta.

Quando Finlay passou por uma secretária apinhada com cinco enormes *bouquets*, começou a fungar. Wolf conseguiu reparar nos olhos dele a ficarem húmidos à medida que se aproximava. No preciso instante em que chegou ao pé de Wolf, espirrou violentamente, entornando os dois cafés na alcatifa encardida. Wolf ficou desolado.

— Malditas flores! — vociferou Finlay. A mulher obrigara-o a deixar de dizer palavrões quando o neto nascera. — Vou buscar outro.

Wolf estava prestes a dizer-lhe para não se incomodar quando um moço de recados emergiu do elevador com outra impressionante braçada de flores. Finlay parecia capaz de lhe bater.

— Tudo bem? Tenho flores para uma D. Emily Baxter — anunciou o jovem mal-arranjado.

— Horrível — resmungou Finlay.

— Este deve ser o quinto ou o sexto que recebe. Ela é boazona? — perguntou o jovem grosseiro, apanhando Wolf desprevenido com a pergunta inoportuna.

— Hum... ela é muito... — balbuciou Wolf.

— Nós não pensamos nos outros detectives dessa maneira — interveio Finlay, ao reparar no embaraço do amigo.

— Depende de... — Wolf olhou para Finlay.

— É claro que é bonita — deixou escapar Finlay, perdendo o controlo da conversa. — Mas...

— Na minha opinião, todos somos únicos e bonitos de diferentes maneiras — atalhou Wolf sensatamente.

Trocou um olhar com Finlay e ambos assentiram, tendo negociado de

forma impecável uma pergunta potencialmente constrangedora.

— Mas ele nunca... — asseverou Finlay ao moço de recados.

— Não, nunca — concordou Wolf.

O jovem olhou inexpressivamente para os dois detectives.

— Está bem.

— Wolf! — chamou uma agente do outro lado da sala, dando-lhe uma desculpa para deixar Finlay com a visita. A agente estava a mostrar-lhe um telefone. — É a tua mulher. Diz que é importante.

— Estamos divorciados — corrigiu Wolf.

— Seja como for, ela está ao telefone.

Wolf pegou no auscultador quando Simmons saiu do seu gabinete e viu que ele ainda estava ali.

— Vai tratar do assunto, Fawkes!

Wolf pareceu exasperado.

— Eu ligo-lhe mais tarde — disse ele à agente antes de entrar no elevador, rezando para que a sua ex-mulher não estivesse entre a turba de repórteres que tinha de enfrentar.

Capítulo 3

Sábado, 28 de Junho de 2014

6h09

Baxter e Edmunds tiveram de esperar mais de dez minutos na Recepção do hospital. Persianas de aspecto frágil bloqueavam o acesso ao café e à *WH Smith's*, e o estômago de Baxter resmungou quando ela olhou outra vez para as embalagens de *Monster Munch* à espera, fora do seu alcance. Finalmente, um segurança obeso chegou a gingar ao balcão e a mulher antipática da Recepção apontou para eles.

— Aqui! — chamou, acenando para eles como se estivesse a chamar um cão. — O Jack leva-os agora lá abaixo.

O segurança tinha, inequivocamente, um complexo de inferioridade. Contrafeito, conduziu-os muito devagar até aos elevadores.

— Estamos com alguma pressa — explodiu Baxter, incapaz de se conter. Infelizmente, tal apenas contribuiu para que o segurança ficasse ainda mais lento.

Quando saíram do elevador na cave, o seu acompanhante falou pela primeira vez.

— Os polícias «a sério» não confiaram na escumalha dos seguranças para tratarem da intrincada tarefa de ficarem sentados à porta de um quarto, por isso assumiram as rédeas da operação. Serviu-lhes de muito.

— O corpo foi sujeito a vigilância depois de o trazerem para a morgue? — perguntou Edmunds afavelmente, tentando aplacar o amargurado segurança. Pegara no seu bloco de notas e estava a postos para apontar a resposta enquanto percorriam o claustrofóbico corredor.

— Isto é apenas uma suposição — disse o homem com uma ponderação

exagerada —, mas a Polícia *pode* tê-lo considerado uma ameaça menor depois de morto. Mas, tal como disse, é uma mera suposição.

O segurança sorriu presunçosamente com o próprio sentido de humor. Edmunds olhou de relance para Baxter, à espera de que ela abanasse a cabeça ou o ridicularizasse por fazer perguntas estúpidas. Para sua surpresa, ela saiu em defesa dele.

— O que o meu colega está a tentar dizer, mas o senhor parece não compreender, é se a morgue é sujeita a segurança.

Pararam defronte de um grupo de portas duplas sem qualquer tipo de indicação. O segurança bateu arrogantemente com o dedo anafado num pequeno autocolante que dizia «Entrada proibida» colado na janela.

— Isto não lhe chega, querida?

Baxter passou por aquele homem detestável e segurou a porta para Edmunds passar.

— Obrigada, o senhor foi uma grande... — bateu com a porta na cara do segurança — besta.

Ao contrário do inútil segurança, o médico legista foi simpático e eficiente; um homem afável, na casa dos cinquenta, com a barba a começar a ficar grisalha impecavelmente aparada a condizer com o cabelo. Em poucos minutos, localizou os ficheiros em papel e em formato digital relativos a Naguib Khalid.

— Eu não estava cá quando realizaram a autópsia, mas, segundo o relatório, a causa de morte foi identificada como tetrodotoxina. Encontraram vestígios no sangue.

— E essa tetoxin...

— Tetrodotoxina — corrigiu-a o médico legista sem deixar transparecer qualquer sinal de condescendência.

— Sim, isso. De que se trata? E como é administrada?

— Trata-se de uma neurotoxina natural.

Baxter e Edmunds fitaram-no, inexpressivos.

— É um veneno. E é provável que o tenha ingerido. A maior parte dos óbitos causados por tetrodotoxina devem-se à ingestão de peixe-balão, que muitos consideram uma iguaria, mas eu estaria mais inclinado para um *Ferrero Rocher*.

O estômago de Baxter voltou a roncar dolorosamente.

— Tenho de ir dizer ao meu inspetor-chefe que o *Cremador* foi morto por um *peixe*? — indagou, não convencida.

— Todos temos de morrer de uma maneira ou de outra — disse ele, encolhendo os ombros como se quisesse desculpar-se. — Existem, evidentemente, outras fontes de tetrodotoxina: algumas estrelas-do-mar, caracóis... acho que não me engano se afirmar que há um sapo...

Estas palavras não pareceram tranquilizar Baxter.

— Queria ver o cadáver? — perguntou o médico legista ao fim de algum tempo.

— Por favor — pediu Baxter. Foi a primeira vez que Edmunds a ouviu dizer tais palavras.

— Posso perguntar para quê?

Foram até junto de uma parede com grandes gavetões do congelador de metal escovado.

— Para verificar se ele ainda tem cabeça — respondeu Edmunds, que ainda não parara de escrever no bloco de notas.

O médico legista olhou para Baxter. Esperava que ela sorrisse ou, quiçá, pedisse desculpa pelo sentido de humor negro do colega, mas ela respondeu com um aceno de cabeça. Um pouco desconcertado, o médico encontrou a gaveta em causa, na fila inferior, e abriu-a com cuidado. Os três sustiveram a respiração quando o infame assassino em série se materializou diante deles.

Os pés e as pernas de pele escura estavam cobertos de antigas cicatrizes e queimaduras. De seguida, apareceram os braços e a pélvis. Baxter olhou desconfortavelmente de relance para os dois dedos deformados na mão esquerda, lembrando-se da noite em que Wolf saíra da cela coberto de sangue. No dia seguinte, ao ser interrogada pelos superiores, negara qualquer conhecimento do incidente.

Quando a luz incidiu sobre o peito, vislumbraram as extensas cicatrizes deixadas pelas inúmeras operações a que fora submetido para corrigir as lesões provocadas pelo ataque de Wolf. Por fim, a gaveta abriu-se totalmente com um estalido e viram os seus próprios reflexos deformados no leito de metal, ocupando o lugar onde a cabeça deveria estar.

— Merda.

Wolf deambulava junto à entrada principal da New Scotland Yard, olhando nervosamente para o grande ajuntamento de pessoas que se tinham aglomerado à sombra do alto edifício envidraçado que ocupava quase oito mil metros quadrados no centro de Westminster. Estavam a dar os retoques finais no palanque improvisado que fora montado no lugar onde habitualmente se realizavam as conferências de imprensa, com o famoso sinal giratório como pano de fundo.

Alguém lhe dissera que as letras reflectoras do sinal pretendiam simbolizar a constante vigilância, espelhando a imagem de quem olhava, sempre alerta. O mesmo se poderia dizer do resto do enorme edifício, que, nos dias de sol, quase desaparecia quando os vidros espelhados adoptavam as formas do hotel de tijolo vermelho vitoriano em frente e do edifício 55 Broadway por detrás.

O telemóvel de Wolf começou a zunir no bolso e ele amaldiçoou-se por se ter esquecido de o desligar. Viu que era Simmons quem lhe ligava e apressou-se a atender.

— Sim, chefe?

— A Baxter acabou de confirmar: é o Khalid.

— Eu sabia. Como?

— Peixe.

— O quê?

— Veneno. Ingerido.

— É mais do que merecido — bradou Wolf.

— Vou fazer de conta que não ouvi isso.

Uma pessoa com calças de trabalho gesticulava para Wolf.

— Parece que está tudo a postos para a conferência de imprensa.

— Boa sorte.

— Obrigado — retorquiu Wolf de forma algo falsa.

— Tenta não fazer asneiras.

— Vou tentar.

Wolf desligou o telefone e viu o seu reflexo, certificou-se de que tinha a braguilha fechada e de que não tinha um ar mais cansado e abatido do que era habitual. Dirigiu-se com passadas largas até ao palanque, determinado a

acabar com aquilo o mais depressa possível; porém, a sua confiança esvaiu-se assim que o barulho aumentou e viu as objectivas escuras das câmaras de filmar seguirem todos os seus movimentos, como canhões apontados ao alvo. Por instantes, sentiu-se outra vez à porta do tribunal de Old Bailey, enquanto era metido numa carrinha da Polícia, tentando em vão esconder a cara dos ousados apupos da imprensa descontente e das violentas pancadas nas laterais de metal do veículo que para sempre lhe perturbariam o sono.

Subiu para o palanque, apreensivo, e começou a sua declaração treinada à pressa.

— Sou o inspector William Fawkes da...

— O quê? Fale mais alto! — interrompeu alguém no meio da multidão.

Um dos homens que tinham montado o pequeno palanque foi a correr e ligou o microfone, que rugiu com um estalido de estática. Wolf fez um esforço para ignorar os risos maldosos que emanaram do mar de rostos.

— Obrigado. Conforme estava a dizer, sou o inspector William Fawkes da Polícia Metropolitana e integro uma equipa que está a investigar os vários homicídios de hoje. — *Até agora, tudo bem*, pensou com os seus botões. Os repórteres começaram a gritar perguntas, mas Wolf ignorou-os e continuou. — Podemos confirmar que os restos de seis vítimas foram recuperados numa morada de Kentish Town na madrugada de hoje...

Wolf caiu no erro de desviar o olhar dos seus apontamentos e logo reconheceu o inconfundível cabelo ruivo de Andrea. Pareceu-lhe que ela estava transtornada, o que contribuiu para ficar ainda mais distraído. Deixou cair os apontamentos e baixou-se para os apanhar, consciente de que tinha rabiscado num deles uma lista dos pormenores que não deveria mencionar. Encontrou o papel incriminatório e voltou para junto do microfone.

— ... madrugada de hoje. De manhã. — Conseguiu sentir a garganta a secar e percebeu que estava a ruborizar como sempre acontecia quando estava envergonhado, por isso, leu o último papel à pressa. — Estamos a levar a cabo o processo de identificação das vítimas e contactaremos as famílias antes de divulgarmos os nomes. Visto tratar-se de uma investigação em curso, é tudo quanto posso divulgar neste momento. Obrigado.

Fez uma pausa durante alguns segundos, à espera dos aplausos, mas então

percebeu que isso seria inapropriado e que a sua apresentação talvez não merecesse palmas. Desceu do palanque e afastou-se das vozes que gritavam o seu nome.

— Will! Will!

Wolf virou-se e viu Andrea a correr na sua direcção. Conseguira escapular do primeiro agente, mas fora impedida por dois outros. Sentiu a mesma raiva indistinta que ensombrara os poucos encontros desde o divórcio e esteve quase tentado a deixar os agentes arrastá-la, mas decidiu intervir quando um membro do Grupo de Protecção Diplomática, armado com uma espingarda de assalto *Heckler & Koch G36C*, se aproximou dela.

— Está tudo bem. Está tudo bem. Deixem-na passar, por favor — disse, transtornado.

O seu último encontro, no qual tinham debatido as complicações associadas à venda da casa, fora especialmente gélido, por isso, ficou atónito quando ela foi a correr até ele e o abraçou com força. Wolf respirou pela boca, tentando desesperadamente não cheirar o cabelo dela, pois sabia que estaria envolto no seu perfume preferido, de que ele tanto gostava. Quando ela finalmente o soltou, percebeu que estava prestes a chorar.

— Não te posso revelar mais pormenores, Andie...

— Tu nunca atendes o telefone? Estou a tentar ligar-te há quase duas horas!

Wolf não conseguia suportar as mudanças de humor dela. Agora parecia verdadeiramente furiosa com ele.

— Lamento imenso. Tenho tido um dia atarefado — disse ele, e inclinou-se para murmurar em tom conspiratório. — Parece que houve um homicídio ou qualquer coisa assim.

— Perto do teu apartamento!

— Pois — disse Wolf, pensativamente. — É uma vizinhança de merda.

— Quero perguntar-te uma coisa e quero que me digas a verdade, está bem?

— *Hum.*

— Não é só isso, pois não? O corpo estava suturado... como uma marioneta.

Wolf começou a gaguejar desconfortavelmente.

— Como é que...? Onde foi que...? Falando em nome da Polícia Metropolitana, eu...

— É do Khalid, não é? A cabeça?

Wolf agarrou Andrea pelo braço e puxou-a para o lado, afastando-a o mais possível dos outros polícias. Ela tirou um envelope castanho e volumoso do saco.

— Acredita na minha palavra quando digo que sou a última pessoa a querer ouvir o nome daquele homem horrí-vel. Na minha opinião, ele destruiu o meu casamento, mas reconheci-o nas fotografias.

— Fotografias? — indagou Wolf cautelosamente.

— Oh, meu Deus! Eu sabia que eram verdadeiras — exclamou, em choque. — Alguém me enviou fotografias da marioneta ou lá o que é. Já perdi horas com isto. Tenho de voltar ao trabalho.

Andrea ficou em silêncio quando alguém passou perto deles.

— Will, quem quer que me tenha enviado as fotografias, anexou uma lista. Foi por isso que tentei telefonar-te, porque não sei o que significa: seis nomes, com uma data junto a cada um.

Wolf arrancou-lhe o envelope da mão e abriu-o com um rasgão.

— O primeiro nome é do *mayor* Turnble, com data de hoje — disse Andrea.

— O *mayor* Turnble? — indagou Wolf. Parecia que, de repente, o chão lhe fugia debaixo dos pés.

Sem dizer outra palavra, virou-lhe costas e desatou a correr pela entrada principal. Ouviu Andrea gritar alguma coisa, mas não conseguiu perceber o quê, acabando as palavras por se desintegrarem no vidro espesso.

* * *

Simmons estava ao telefone com o comissário, que recorrera a ameaças concretas relacionadas com o facto de ele não ser insubstituível, enquanto ele apresentava repetidas desculpas pela óbvia falta de progressos da sua equipa. Simmons estava a meio da sua proposta de um plano de acção quando Wolf irrompeu pelo seu gabinete sem se fazer anunciar.

— Fawkes! Fora! — gritou Simmons.

Wolf apoiou-se sobre a secretária e premiu um botão para terminar a chamada.

— Que raio pensas que estás a fazer? — perguntou Simmons, indignado.

Wolf abriu a boca para responder quando se ouviu uma voz dissonante no altifalante.

— Simmons, está a falar comigo?

— Merda. — Wolf carregou noutro botão.

— Chegou à caixa de correio de... — disse uma voz mecanizada.

Simmons ficou horrorizado e enterrou a cabeça nas mãos enquanto Wolf carregava freneticamente em todos os botões do telefone.

— Como é que se desliga esta coisa? — berrou Wolf, frustrado.

— É num botão grande e vermelho com um... — informou, prestável, o comissário, até que um estalido seguido de silêncio confirmou que ele tinha razão.

Wolf espalhou pela secretária as *Polaroid* que retratavam o grotesco cadáver.

— O nosso assassino enviou à imprensa fotografias e uma lista de alvos a abater.

Simmons esfregou a cara e olhou para as fotografias que ilustravam o cadáver em várias fases da montagem.

— O primeiro é o *mayor* Turnble. Hoje! — informou Wolf.

Demorou algum tempo até Simmons assimilar aquelas palavras.

De repente, meteu mãos à obra e pegou no telemóvel.

— Terrence! — ouviu-se a voz do *mayor*, entusiástica. Parecia que andava na rua. — A que devo o prazer?

— Ray, onde estás? — perguntou Simmons.

— Estou a regressar a pé para a Ham Gate em Richmond Park, o nosso antigo ponto de encontro. Depois disso, tenho uma angariação de fundos em...

Simmons murmurou o local para Wolf, que já estava ao telefone com a sala de comando.

— Ray, temos um problema: uma ameaça real contra a tua vida.

O *mayor* recebeu a notícia surpreendentemente bem.

— Nada fora do vulgar, então. — Soltou uma gargalhada.

— Não saias de onde estás. Vão carros a caminho para te trazer para aqui até sabermos mais pormenores — informou Simmons.

— Isso é mesmo necessário?

— Explico tudo quando aqui chegares.

Simmons desligou o telefone e virou-se para Wolf.

— Vão três unidades a caminho. A que está mais perto encontra-se a três minutos de distância. Uma delas é uma Unidade de Resposta Armada.

— Óptimo — disse Simmons. — Diz à Baxter e ao Não Sei Quantos que regressem para aqui. Depois, quero este piso isolado, ninguém entra nem ninguém sai. Informa a segurança de que vamos trazer o *mayor* pela garagem. Vai!

O *mayor* Turnble sentou-se pacientemente no banco de trás do seu *Mercedes-Benz Classe E* com motorista. Enquanto regressava ao carro, pedira à sua assistente para cancelar os vários compromissos, adivinhando que aquele seria um dia longo e aborrecido.

Há apenas dois meses, recebera uma ameaça via *e-mail* e vira-se obrigado a esconder-se na sua casa em Richmond durante uma tarde inteira. Só então descobriram que o autor fora um rapaz de onze anos cuja escola ele visitara nessa semana. Pensava se este caso também não acabaria por revelar-se uma extraordinária perda de tempo.

As filas de trânsito, que já se dirigiam para o parque para tirarem o máximo proveito de outro glorioso fim-de-semana, obrigara-os a mudar o carro de sítio. Estavam agora estacionados à porta do recentemente desocupado Royal Star and Garter Home. O *mayor* fixou o olhar no imponente edifício assente na Richmond Hill e pensou quanto tempo faltaria até outra das antigas e ricas histórias de Londres acabar na ignomínia de ser transformada em apartamentos para banqueiros abastados.

Abriu a pasta, encontrou o inalador de prevenção castanho e inspirou fundo. A interminável onda de calor fizera-se acompanhar de pólenes que punham à prova o seu sistema respiratório e ele estava determinado a não acabar no hospital pela terceira vez naquele ano. O seu rival directo já estava a morder-lhe os calcanhares e ele bem sabia que a sua ausência nos compromissos que assumira não passaria despercebida.

Enquanto sentia a tensão aumentar, abriu o vidro e acendeu um cigarro. Há muito que deixara de reparar na ironia do maço de cigarros estar junto ao inalador, principalmente depois de ter conseguido reduzir substancialmente o vício. Conseguia ouvir o uivo das sirenes ao longe e ficou consternado ao perceber que eram para ele.

Um carro-patrulha parou ao lado deles com as rodas a chiar e o agente de uniforme apeou-se para trocar umas breves palavras com o motorista. Trinta segundos depois, iam a caminho, ignorando semáforos vermelhos e seguindo pelas faixas dos transportes públicos. Rezava para que ninguém estivesse a filmar aquela ridícula reacção exagerada quando dois outros carros-patrulha se juntaram à comitiva que escoltava o reconhecível *Mercedes*.

O *mayor* deixou-se deslizar para baixo no assento, contemplando as casas espaçosas a darem lugar a compactos blocos de escritórios, acotovelando-se por atenção numa interminável contenda que ia obscurecendo gradualmente o céu.

Capítulo 4

Sábado, 28 de Junho de 2014

7h19

Edmunds tinha quase a certeza de que Baxter havia provocado a queda de um ciclista em Southwark. Fechou os olhos enquanto seguiam a grande velocidade ao longo do rio, em contramão, quase atropelando um grupo de peões que tentava atravessar a rua depois de saírem da estação de metro de Temple.

O *Audi* de Baxter tinha luzes azuis escondidas por detrás da grelha dianteira, invisíveis quando estavam apagadas, e, a julgar pelo número de quase-acidentes, não significativamente mais visíveis quando estavam acesas. Quando deu uma guinada para regressar à sua mão, desviando-se assim do trânsito que se avolumava, Edmunds largou o puxador da porta. Durante uma momentânea acalmia da ensurdecadora rotação do motor, para evitar espetar-se na traseira de um autocarro, percebeu que tinha o telefone a tocar. No ecrã via-se uma fotografia de Tia, uma atraente mulher de origem africana na casa dos vinte anos.

— Olá, querida, tudo bem? — gritou para o telefone.

— Então? Desapareceste a meio da noite. Tem dado uma série de notícias e... só queria saber como estás.

— Agora não é oportuno, Tia. Posso ligar-te mais tarde?

Tia pareceu sentir-se rejeitada.

— Claro. Podes trazer leite logo à noite?

Edmunds sacou do seu bloco e tomou nota por baixo da definição de tetrodotoxina.

— E hambúrgueres de vaca — acrescentou.

— Tu és vegetariana!

— Hambúrgueres! — repetiu Tia rispidamente.

Edmunds acrescentou o pedido à lista de compras.

— *Nutella*.

— Que diabo é que vais fazer? — perguntou.

Baxter olhou de relance para Edmunds, que soltou um grito estridente e arregalou os olhos, aterrorizado. Baxter olhou de novo para a estrada e virou o volante violentamente, por pouco não colidindo com outro automóvel.

— Merda! — disse, rindo de alívio.

— Está combinado — disse Edmunds, com a respiração pesada. — Agora tenho de ir. Amo-te.

Passaram pela barreira de segurança e desceram a rampa para as garagens por baixo da New Scotland Yard, interrompendo a despedida de Tia quando o telemóvel perdeu o sinal.

— Era a minha noiva — explicou Edmunds. Sorriu. — Está de vinte e quatro semanas.

Baxter fitou-o, impassivelmente.

— Grávida. Está grávida de vinte e quatro semanas.

A sua expressão manteve-se inalterada.

— Parabéns. Estava aqui a pensar que nós, detectives, dormimos demasiado, mas um bebé a chorar deve resolver o problema.

Baxter estacionou o carro, ou mais ou menos, e virou-se para Edmunds.

— Olha, tu não vais conseguir. Porque não deixas de me fazer desperdiçar o meu tempo e não voltas para o Departamento de Fraudes?

Saiu e bateu com a porta do carro, deixando Edmunds sentado sozinho. Ficou perturbado com a reacção dela, não pela sua rispidez nem pelo desavergonhado desinteresse na sua iminente paternidade. Pelo contrário, ficou agastado com a suspeita de que ela teria sido a primeira pessoa a dizer-lhe a verdade; temia que ela estivesse certa.

Todo o Departamento de Homicídios e Crimes Graves se tinha apinhado na sala de reuniões, incluindo os agentes não directamente envolvidos no caso, mas que agora teriam de se sujeitar ao incómodo bloqueio de emergência. O ar condicionado insuficiente que soprava pelas saídas de

ventilação apanhava as beiras das fotografias na parede, fazendo que as enormes reconstruções parecessem balançar ligeiramente, tal como o corpo verdadeiro quando estava suspenso no tecto.

Simmons e Vanita estavam a falar há mais de cinco minutos. Os ouvintes começavam a ficar inquietos à medida que a temperatura na divisão abafada continuava a aumentar.

— ... pela entrada da garagem. Depois, garantiremos a segurança do *mayor* Turnble na Sala de Reuniões Um — informou Simmons.

— É melhor usarmos a Dois — disse alguém. — A Sala Um ainda tem um tubo com uma fuga, e eu duvido de que o *mayor* queira juntar tortura com pingos de água à lista de chatices de hoje.

Ouviram-se risos esporádicos, tanto quanto parecia de pessoas que tinham realizado oficiosamente interrogatórios na Sala Um por esse mesmo motivo.

— Então, seja na Sala Dois — concordou Simmons. — Finlay, está tudo a postos?

— Está.

Simmons não pareceu convencido com a resposta.

Wolf deu uma subtil cotovelada ao amigo.

— Ah, eu disse-lhes para deixarem entrar a Emily e... e o...

— Edmunds — murmurou Wolf.

— Qual é o primeiro nome dele? — inquiriu Finlay.

Wolf encolheu os ombros.

— Edmund?

— ... a Emily e o Edmund Edmunds. Temos segurança em todas as entradas, os rapazes do Grupo de Protecção Diplomática armados na garagem para o receberem e os cães já estão cá dentro. Fechámos todas as persianas deste piso e parámos os elevadores, pelo que teremos de usar as escadas... pelo menos o Will terá.

— Excelente — disse Simmons. — Fawkes, assim que tiveres o *mayor*, um agente armado acompanhá-los-á até cá acima. Não te esqueças de que é um edifício grande e não conhecemos toda a gente que aqui trabalha. Assim que chegarem à sala de interrogatórios, não poderão sair durante muito tempo.

— Quanto tempo? — indagou Wolf.

— Até termos a certeza de que o *mayor* está em segurança.

— Eu arranjo-te um balde — interveio um detective arrogante chamado Saunders, que achou imensa piada à sua intervenção.

— Na verdade, eu queria era saber o que vai ser o almoço — retorquiu Wolf.

— Peixe-balão — disse Saunders com desprezo, pondo à prova a paciência de Simmons.

— Acha que isto é uma brincadeira, Saunders? — bradou Simmons, talvez exagerando um pouco por força da presença da comandante. — Fora daqui!

O detective com cara de fuinha balbuciou como um menino de escola que acabou de ser repreendido.

— Na verdade, não posso... por causa do bloqueio.

— Então fique aí sentado, e bico fechado.

Escolhendo o pior momento possível para entrarem na sala, chegaram Baxter e Edmunds.

— Que simpáticos foram em aparecer. Tenho uma longa lista de pistas remotas para seguirem. — Simmons atirou uma pasta de arquivo para Baxter que, acto contínuo, a entregou a Edmunds.

— O que foi que perdemos? — perguntou Baxter a ninguém em particular.

— Eu e o Will estamos incumbidos da protecção — explicou Finlay. — Tu e o Edmund Edmunds estão a identificar as pistas e o Saunders estava a ser um...

— Imbecil? — sugeriu Baxter enquanto se sentava.

Finlay anuiu, grato por ela ter evitado que quebrasse a sua regra de não dizer palavrões.

— Vá lá. Acalmem-se — ordenou Simmons. — Portanto, aproveitando o facto de estarmos todos aqui: temos seis vítimas mortais cujos membros foram suturados, uma ameaça de morte contra o *mayor* e uma lista de mais cinco alvos a abater. — Continuou a falar, ignorando os olhares inquiridores por toda a sala. — Alguém tem uma...?

— E uma marioneta monstruosa a apontar para a janela do Will —

interrompeu Finlay alegremente.

— E isso. Alguém tem uma teoria? — Uma sala repleta de rostos inexpressivos respondeu à pergunta de Simmons. — Ninguém?

A medo, Edmunds levantou a mão.

— Trata-se de um desafio, chefe.

— Prossiga.

— Quando estava na universidade, escrevi um ensaio sobre os motivos que levam os assassinos em série a enviar comunicados para a imprensa ou para a Polícia: o Assassino do Zodíaco, o Assassino Happy Face...

— O Assassino Faustiano, o vilão do *Sete Pecados Mortais* — interveio Saunders imitando Edmunds, o que lhe valeu algumas risadas maliciosas e um olhar fulminante de Simmons.

— Não és aquele tipo do Departamento de Fraudes? — perguntou alguém.

Edmunds ignorou-os.

— Muitas vezes, mas nem sempre, as comunicações contêm provas irrefutáveis de quem é, na realidade, o verdadeiro criminoso — prosseguiu.

— Outras vezes, são pormenores subtis que ainda não foram tornados públicos; outras ainda é algo mais substancial.

— Como as fotografias enviadas hoje para a mulher do Fawkes — disse Vanita, inconsciente da gafe.

— *Ex-mulher* — corrigiu Wolf.

— Exactamente. E, em casos muito raros, trata-se de um desesperado pedido de ajuda, literalmente rogando à Polícia que os impeçam de voltar a matar. Acreditam que são vítimas dos seus próprios desejos incontrolláveis. Ou isso ou não suportam a ideia de que outra pessoa fique com os louros do seu trabalho. Em ambos os casos, consciente ou inconscientemente, o derradeiro propósito é quase sempre o mesmo: acabarem por ser apanhados.

— E você acredita que estamos perante um desses raros casos? — indagou Vanita. — Porquê?

— Para começar, a lista... as datas irrevogáveis... o engodo enviado à imprensa... estou convicto de que o assassino manterá a distância enquanto apalpa terreno, mas que não conseguirá resistir a aproximar-se cada vez mais da investigação. A cada assassinio bem-sucedido, a sua confiança

aumentará, atizando o seu sentimento de infalibilidade, estimulando-o a correr cada vez mais riscos. No fim, *virá ter conosco*.

Todos os presentes fitaram Edmunds, atônitos.

— Acho que nunca o ouvi falar antes — disse Finlay.

Edmunds encolheu timidamente os ombros.

— Mas porquê eu? — indagou Wolf. — Porque não apontar aquela coisa horrível para a janela de outra pessoa? Porquê enviar fotografias para a minha mulher?

— *Ex-mulher* — disseram Baxter e Finlay em uníssono.

— Porque é que a minha...? — Wolf interrompeu-se. — Porquê eu?

— Pela tua linda cara — gracejou Finlay.

Os presentes voltaram-se para Edmunds, expectantes.

— É muito menos comum um assassino em série escolher um agente da autoridade individualmente em detrimento de toda a força policial, mas acontece e, quando acontece, os motivos são sempre pessoais. De certo modo, é uma forma de lisonja. Ele deve encarar o Wolf, e apenas o Wolf, como um adversário digno de nota.

— Então tudo bem, desde que seja bem-intencionado — disse Wolf tentando afastar a ideia.

— Então, quem mais faz parte da lista? — indagou Baxter, ansiosa por mudar o assunto para alguma coisa sobre a qual Edmunds não tivesse escrito um ensaio.

— Deixe-me responder a esta, Terrence — disse Vanita, avançando um passo. — Neste momento, decidimos não divulgar essa informação, porque, primeiro, não queremos gerar o pânico, segundo, precisamos de todos concentrados no *mayor* neste momento, e, terceiro, não temos a certeza de a ameaça ser genuína, e a última coisa de que este departamento precisa é de outro processo judicial.

Wolf sentiu várias cabeças virarem-se para ele à laia de acusação.

O telefone interno da sala de reuniões tocou e a multidão ficou a ouvir Simmons atender.

— Podem avançar... Obrigado. — Fez sinal com a cabeça para Vanita.

— Muito bem, pessoal, hoje portem-se o melhor que souberem. Reunião adiada.

* * *

O *Mercedes* do *mayor* já estava estacionado quando Wolf chegou ao parque subterrâneo. Ao contrário do resto do edifício, as garagens subterrâneas não tinham ar condicionado e o calor que emanava do alcatrão, misturado com o cheiro a borracha, óleo e fumos de escape, era quase sufocante. A opressiva luz fluorescente que iluminava tudo menos os recantos mais recônditos baralhou o relógio biológico de Wolf. No estado de exaustão em que se encontrava, ficou a pensar se já seria de noite e consultou o relógio. Eram 7h36.

Ao acercar-se do carro, uma das portas de trás abriu e o *mayor* apeou-se, para desalento do motorista, que agora se tornara redundante.

— Será que alguém pode dizer-me que raio está a acontecer? — vociferou, batendo a porta com força.

— Senhor *mayor*, sou o inspector Fawkes.

Wolf estendeu a mão para o cumprimentar e o estado abespinhado do *mayor* desapareceu de imediato. Pareceu por instantes constrangido, até que recuperou a compostura e apertou cordialmente a mão de Wolf.

— Prazer em conhecê-lo em pessoa, detective — sorriu fulgurantemente, exageradamente, como se estivesse a posar para uma fotografia na acção de beneficência para onde deveria estar a dirigir-se.

— Quer ter a gentileza de me seguir? — disse Wolf, gesticulando para o agente armado que os acompanharia pelas escadas acima.

— Um momento, por favor — disse o *mayor*.

Wolf tirou a mão que tinha pousado maquinalmente nas costas da distinta visita numa tentativa de o apressar.

— Gostaria de saber agora o que se está a passar.

Wolf fez um esforço para ignorar o tom de presunção.

— O Simmons prefere ser ele a pô-lo ao corrente — respondeu entredentes.

O *mayor* não estava habituado a ver pedidos recusados e vacilou.

— Muito bem. Embora, deva dizer, esteja espantado por o Terrence o ter mandado cá abaixo fazer de ama-seca. Ouvi a sua intervenção na rádio hoje de manhã. Não devia estar a trabalhar no caso do assassino em série?

Wolf sabia que não deveria dizer nada, mas precisava que o autarca metesse pés ao caminho e já estava farto dos seus modos arrogantes. Virou-se para o *mayor* e fitou-o nos olhos.

— É o que estou a fazer.

O *mayor* era mais rápido do que parecia.

Se não fosse a asma crónica e décadas de maus-tratos aos pulmões devido aos hábitos de consumo de tabaco, poderiam não o ter conseguido acompanhar. Os três homens abrandaram o passo quando entraram no átrio principal.

O amplo espaço minimalista era uma das poucas áreas do edifício que não mantinha qualquer vestígio do *design* da década de 1960. O comissário recusara terminantemente o pedido de Simmons para encerrar o átrio e a escadaria enquanto acompanhavam o *mayor*, defendendo que os agentes de segurança armados, o circuito interno de televisão, detectores de metais e um edifício repleto de agentes policiais já faziam daquele edifício o mais seguro da cidade.

O átrio estava mais tranquilo do que deveria num dia de semana. Contudo, havia várias pessoas a passar e a vaguear junto ao bar que havia no centro. Ao identificar um espaço entre a amálgama de pessoas, Wolf estugou o passo e dirigiu-se para a porta que dava para as escadas.

O *mayor*, agora visivelmente irritado, foi o primeiro a reparar no homem calvo que entrou no edifício e começou a correr para eles.

— Inspector!

Wolf virou-se e, ao aperceber-se da ameaça, empurrou o *mayor* para trás de si enquanto o agente armado levantou a pistola.

— Deite-se no chão! No chão! — gritou o agente para o homem vulgar que segurava um saco de papel castanho.

O homem parou abruptamente e levantou as mãos, aturdido.

— No chão! — O agente teve de repetir todas as instruções para que ele percebesse. — Largue o saco. Pouse-o no chão!

O homem atirou o saco para longe, fazendo-o deslizar pelo chão encerado na direcção do *mayor*. Sem ter a certeza de se tratar de um acto propositado ou apenas das acções irreflectidas de um homem nervoso, Wolf puxou o *mayor* vários passos para trás.

— O que tem no saco? — gritou o agente para o homem, que olhou de relance para Wolf e para o *mayor*. — Olhos no chão! Olhe para o chão! O. Que. Tem. No. Saco?

— Pequeno-almoço — gritou o homem, aterrorizado.

— Porque vinha a correr?

— Estou quase vinte minutos atrasado para o trabalho... — Departamento de Informática.

O agente do Grupo de Protecção Diplomática manteve a arma apontada ao homem e foi a recuar até ao saco. Ajoelhou-se cautelosamente ao lado e espreitou para o interior, muito devagar.

— Temos aqui uma espécie de invólucro quente — informou, como se identificasse um dispositivo de aspecto suspeito.

— De que sabor? — perguntou Wolf.

— De que sabor? — repetiu o agente.

— Queijo e fiambre! — gritou o homem deitado no chão.

— É confiscá-lo — disse Wolf com um largo sorriso.

* * *

Chegaram ao gabinete sem mais incidentes. Wolf agradeceu ao agente que os escoltou e Finlay conduziu-os para dentro. A subida até ao sétimo piso tinha deixado as suas marcas; Wolf conseguia ouvir um silvo agudo sempre que o *mayor*, ruborizado, inspirava.

O escritório tinha um aspecto claustrofóbico, com todas as persianas corridas, com a cor desolada da luz artificial a imitar debilmente a natural. Atravessaram a passos largos a sala apinhada de rostos que os perscrutavam por detrás de ecrãs de computadores e *bouquets* coloridos. Simmons saiu de rompante do seu gabinete quando os viu chegar e apertou a mão do seu velho amigo.

— Que bom ver-te, Ray — disse ele antes de se virar para Wolf. — Houve problemas lá em baixo?

— Falso alarme — balbuciou Wolf com a boca cheia de *wrap* de queijo e fiambre.

— Terrence, agradecia que me explicassem o que está a acontecer — disse o *mayor*.

— É claro, vamos conversar em privado. — Simmons conduziu-os até à sala de interrogatórios e fechou a porta. — Mandei um carro-patrolha a tua casa. Achei que querias saber que a Melanie e a Rosie estão em segurança.

— Agradeç... — A respiração do *mayor* tinha piorado, mesmo depois de ter atravessado o escritório. Desatou num ataque de tosse entrecortada por silvos e espirros. Já habituado à sensação, como se tivesse alguém sentado em cima do seu peito, remexeu na pasta e, desta vez, pegou no inalador azul de SOS. Inspirou duas longas doses, o que pareceu ajudar um pouco. — Agradeço a atenção. Obrigado.

O *mayor* aguardou, expectante. Percebendo a dica, Simmons começou a caminhar pelo gabinete.

— Muito bem, por onde começar? Certamente ouviste dizer que encontrámos seis corpos hoje de manhã! Bem, não é tão simples quanto isso...

Ao longo dos seguintes quinze minutos, Simmons explicou todos os acontecimentos daquela manhã. Wolf manteve-se em silêncio durante todo esse tempo. Ficou surpreendido ao ouvir o seu superior divulgar pormenores que certamente não queriam que transparecessem para a imprensa, mas era evidente que Simmons confiava implicitamente no amigo, e Wolf achava que, dadas as circunstâncias, ele tinha esse direito. Os únicos pormenores que Simmons recusou revelar, não obstante o pedido directo do *mayor*, foram os outros cinco nomes que constavam da lista.

— Não quero que te preocupes. Aqui estás em segurança — garantiu-lhe Simmons.

— E, ao certo, durante quanto tempo esperas que eu me esconda aqui, Terrence?

— Faz todo o sentido permaneceres aqui pelo menos até à meia-noite. Desse modo, o assassino não conseguirá cumprir a ameaça. Como é óbvio, terás de ficar sob vigilância policial, mas poderás retomar a tua vida com uma normalidade relativa.

O *mayor* aquiesceu, resignado.

— Se me dás licença, quanto mais depressa apanharmos este bandalho,

mais depressa poderás ir embora — disse Simmons, confiante, encaminhando-se para a porta. — O Fawkes faz-te companhia.

O *mayor* levantou-se para falar em particular com Simmons. Wolf virou-lhes costas, como se o facto de estar virado para a parede o impedisse de ouvir a conversa na pequena divisão.

— Tens a certeza de que é mesmo boa ideia? — perguntou o *mayor* com a respiração ruidosa.

— Claro que sim. Vais ficar bem.

Simmons abandonou a sala. Conseguiram ouvi-lo a dar instruções abafadas ao agente que estava à porta. O *mayor* puxou mais duas longas baforadas do inalador antes de se virar para Wolf. Esboçou outro sorriso forçado, desta vez tentando transparecer o imenso prazer que era ter a companhia do infame detective durante todo o dia.

— Então — disse o *mayor*, reprimindo outro violento ataque de tosse —, e agora?

Wolf pegou no primeiro monte de papelada que Simmons deixara atenciosamente para ele em cima da mesa. Pousou os pés no tampo e recostou-se na cadeira.

— Agora, esperamos.

Capítulo 5

Sábado, 28 de Junho de 2014

12h10

Devagar, à medida que as horas passavam lentamente, começava a manifestar-se uma atmosfera de exasperação e rancor no gabinete silencioso. O descarado tratamento privilegiado que era dado ao «notável» *mayor* Turnble, às custas de todas as outras vítimas de segunda da cidade, fora motivo de várias conversas segredadas. Baxter suspeitava de que aquele inédito igualitarismo, entre alguns dos homens mais machistas e preconceituosos que conhecera, se devia antes à sua exagerada auto-estima do que a um desejo de um mundo mais justo; no entanto, tinha de admitir, eles tinham razão.

Olhares desconfiados adejavam vezes sem conta para a porta da sala de interrogatórios, quase desejando que acontecesse alguma coisa, nem que fosse para justificar o incómodo. Havia um limite para as entediadas tarefas burocráticas e que alguém conseguia suportar de uma assentada, que constituíam uns monótonos noventa por cento do trabalho de detective. Um punhado de agentes, regressados de um turno de treze horas, tinham arrastado um quadro branco para a frente das grotescas criações que Wolf tinha colado na parede. Impossibilitados de regressar a casa, tinham apagado as luzes da sala de reuniões para tentarem descansar um pouco antes de começarem o turno seguinte.

Simmons perdera seriamente a paciência com a sétima pessoa que solicitara um tratamento especial para quebrar o bloqueio e, desde então, mais ninguém se atrevera a incomodá-lo. Todos tinham motivos perfeitamente válidos, e ele estava bem consciente de que as suas acções

drásticas teriam um impacto negativo, quiçá irremediável, noutros casos igualmente importantes. Mas que outra coisa podia fazer? Desejava que ele e o *mayor* Turnble não fossem amigos, um pormenor que certamente voltaria para o assombrar, porque as suas decisões teriam sido as mesmas. O mundo estava de olhos postos neste teste à Polícia Metropolitana. Caso se provasse a sua fraqueza, vulnerabilidade ou incapacidade para impedir um crime de que tinham sido avisados, as repercussões poderiam ser devastadoras.

Embaraçosamente, a comandante instalara-se no gabinete dele, pelo que ele se tinha mudado temporariamente para a secretária do inspector Chambers, neste momento sem o ocupante habitual. Simmons pensou se as notícias dos assassinios já teriam chegado às Caraíbas e se o experiente detective teria conseguido lançar alguma luz sobre o bizarro caso se lá estivesse.

Baxter passou a manhã a tentar descobrir quem era o proprietário do apartamento onde haviam encontrado o corpo. Estava convencida de que um par casado de fresco ocupara o velho apartamento com um recém-nascido. Baxter acreditava que membros do casal tinham contribuído para formar o corpo e nem queria pensar no destino do indefeso bebé; porém, fora com alívio que chegara à conclusão de que não conseguia encontrar qualquer registo do enlace do casal e que os parcos pormenores que haviam sido dados ao confiante senhorio eram todos falsos.

Quando ela lhe telefonou, uma hora mais tarde, o homem admitiu ter sido contactado particularmente e ter aceitado o pagamento em numerário, que lhe era enviado por via postal. Disse-lhe que deitara no lixo todos os envelopes, nunca se encontrara pessoalmente com o inquilino e depois suplicou-lhe que não participasse o caso de rendimentos não declarados. Com a certeza de que o fisco acabaria por identificar a fraude, e sem vontade de arranjar mais trabalho para si, Baxter avançou, depois de ter perdido horas num beco sem saída.

Por seu turno, Edmunds sentia-se em êxtase, empoleirado no canto da secretária de Baxter. Tal devia-se, em parte, à posição da sua não-secretária, situada directamente por baixo de um respirador no tecto, que emanava um caudal ininterrupto de ar frio sobre a sua cabeça. Porém, o mais

significativo era o facto de ter conseguido importantes avanços na prosaica tarefa de que Baxter o incumbira.

Com ordens para descobrir onde o estabelecimento prisional adquiria as refeições, não tardou a descobrir que a maior parte era preparada nas instalações, mas que, após uma greve de fome em 2006, uma empresa chamada Complete Foods fora contratada para fornecer um serviço de *catering* especializado para muitos dos reclusos muçulmanos. Um breve telefonema para o estabelecimento prisional confirmou que Khalid era o único recluso a receber regularmente refeições especiais sem glúten. Quando, mais tarde, a Complete Foods admitiu estar a investigar um caso de contaminação após ter recebido duas reclamações de pessoas que tinham sido hospitalizadas depois de terem consumido refeições com essas características, Edmunds teve de fazer um esforço para esconder a sua exaltação. Queria causar uma boa impressão em Baxter — que, evidentemente, não estava a fazer progressos — com as suas descobertas.

O supervisor da Complete Foods explicou que as refeições eram preparadas durante a noite, ficando prontas para serem enviadas para os estabelecimentos prisionais, hospitais e escolas logo de madrugada. Edmunds pediu-lhe uma lista dos funcionários que tinham estado de serviço nessa noite e que preparasse o vídeo das câmaras de vigilância para quando o fossem visitar no dia seguinte. Acabara de pegar no telefone para contactar as duas empresas que tinham apresentado as reclamações, certo de que já conhecia o diagnóstico e o triste fim dos infelizes comensais, quando alguém lhe bateu no ombro.

— Desculpa, colega, mas o chefe pediu que substituísse o Hodge à porta. Preciso da ajuda dele para fazer uma coisa — disse o homem transpirado, que fechou os olhos de contentamento ao sentir a rajada de ar fresco.

Edmunds suspeitava de que aquela vaga desculpa tinha como único fim libertar um amigo da estupidificante tarefa de permanecer junto a uma porta durante horas intermináveis. Olhou para Baxter à procura de ajuda, mas esta limitou-se a fazer sinal com a mão para que fosse. Pousou o auscultador e, taciturno, foi render o homem que estava à porta da sala de interrogatórios.

Edmunds mudou o peso de uma perna para a outra e encostou-se à porta que guardava há quase quinze minutos. A privação de sono afectava-o

agora, que já não tinha a mente ocupada, e o ameno ambiente com conversas sussurradas, teclas a bater e o zumbido da fotocopidora funcionava como uma cantiga de embalar para a sua exaustão. Pestanejou. Nunca ansiara tanto por nada como por fechar os olhos naquele momento. Encostou a cabeça pesada à porta e sentiu-se à deriva, quando, inesperadamente, ouviu uma voz tranquila vinda do interior da sala.

* * *

— A política é um jogo engraçado.

Wolf saltou ao ouvir a súbita, mas ponderada, erupção do *mayor*. Há cinco horas que os dois estavam sentados em silêncio. Wolf pousou na secretária a pasta de arquivo que estivera a ler e esperou que o outro concluísse. O *mayor* estava sentado, a olhar para os próprios pés. Quando a pausa se transformou num silêncio desconfortável, Wolf ficou a pensar se realmente teria ouvido o *mayor* falar. Hesitante, estendeu o braço para voltar a pegar no arquivo quando, por fim, o autarca continuou a sua linha de raciocínio.

— Uma pessoa quer praticar o bem, mas só o consegue fazer se estiver no poder. Mas não se consegue estar no poder sem votos e só se conseguem votos agradando ao público. No entanto, agradar ao público exige que se sacrifique o bem que nos tínhamos proposto a praticar. A política é um jogo engraçado.

Wolf não fazia a mínima ideia de qual seria a resposta certa àquela peculiar pérola de sabedoria, por isso, aguardou desconfortavelmente que o *mayor* prosseguisse ou se calasse.

— Não finjamos que gosta de mim, Fawkes.

— Muito bem — respondeu Wolf, demasiado depressa.

— O que torna ainda mais humilhante aquilo que está hoje a fazer por mim.

— Estou a fazer o meu trabalho.

— Tal como eu fiz. Quero que saiba isso. A opinião pública não estava a seu favor, por isso, *eu* não estive a seu favor.

Wolf sentiu que a frase «não estive a seu favor» ficou aquém do esperado

ao referir-se à implacável invectiva de condenação, à ousada campanha para atizar a avidez do público farto de corrupção e da incessante imagem de Wolf como símbolo de imoralidade: um alvo contra o qual os vir-tuosos podiam, pelo menos, apontar a sua ira.

Vogando uma onda de inesgotável apoio público contra a desajeitada força policial da cidade, o *mayor* revelara a sua inovadora *Política para a Polícia e o Crime*. Incentivara repetidamente que Wolf fosse castigado com a pena máxima permitida por lei durante um vibrante discurso perante uma sala cheia dos seus pares, no qual cunhara o já famoso lema «policiar a Polícia».

Wolf lembrava-se do quase cómico volte-face depois de Naguib Khalid ter sido detido pela segunda vez. Lembrava-se de como aquele homem, ainda a utilizar Wolf como seu estandarte, fizera alarde da sua *Estratégia para as Desigualdades na Saúde* enquanto condenava os serviços inadequados disponíveis aos «nossos corajosos protectores» e, de forma global, à cidade de Londres.

Liderados por uma figura pública carismática e invulgarmente popular, os apoiantes do *mayor* aplaudiram e agiram, obedientes, no momento certo mediante as suas manipulações. As mesmas vozes dedicadas que haviam clamado pelo sangue de Wolf faziam agora campanha visando a sua restituição, e um acalorado entrevistado aparecera mesmo na televisão a exigir as duas coisas.

Não restavam dúvidas de que, sem a influência do *mayor* e da sua bem publicitada cruzada para restituir um dos «heróis caídos» do povo, Wolf estaria ainda atrás das grades; contudo, ambos sabiam que Wolf não tinha qualquer dívida para com ele.

Wolf manteve um silêncio sepulcral, receoso do que pudesse dizer caso abrisse a boca.

— A propósito, você agiu bem — continuou pomposamente o *mayor*, sem reparar na drástica mudança do estado de espírito de Wolf. — Existe uma diferença entre corrupção e desespero. Agora compreendo isso. Pessoalmente, gostava que tivesse tirado a tosse àquele biltre doentio no tribunal. Aquela última menina que ele carbonizou tinha a mesma idade da minha filha.

A respiração do *mayor* serenara durante as horas de tenso silêncio, mas aquele período alargado de conversa deitara por terra quaisquer melhorias. Agitou o inalador azul, e o dissonante som metálico, quando os sedimentos do fármaco bateram nas paredes do invólucro, não causou surpresa; desde que entrara para a sala de interrogatórios, já inalara uma dose de *Salbutamol* suficiente para uma semana. Impassível, inalou de novo e susteve a preciosa respiração durante o máximo de tempo que conseguiu.

— Há muito que lhe queria dizer isto — disse o *mayor*. — Que nunca foi nada pessoal. Eu estava apenas a fazer...

— O seu trabalho, pois — concluiu Wolf mordazmente. — Compreendo. Estavam todos apenas a fazer o seu trabalho: a imprensa, os advogados, o herói que me desfez o pulso e me afastou do Khalid. Eu percebo.

O *mayor* anuiu. Não pretendera exasperar Wolf, mas sentia-se melhor por ter dito o que lhe ia na alma. Não obstante a incómoda situação em que se encontrava, sentiu que lhe tinham tirado um pequeno peso de cima dos ombros, algo que carregava há demasiado tempo. Abriu a pasta e tirou um maço de cigarros.

— Importa-se?

Wolf olhou incrédulo para o *mayor*, que respirava ruidosamente.

— Deve estar a brincar.

— Todos temos vícios — disse o *mayor* sem mostrar remorsos. O seu exibicionismo fora estimulado pelo frágil pedido de desculpas, tendo dado rédea livre à sua autoridade, agora que já não se sentia em falta para com Wolf. — Se quer que eu fique fechado nesta sala durante mais onze horas, espero que não discuta. Um agora e outro ao jantar, mais nada.

Wolf estava prestes a protestar quando o *mayor*, em jeito de desafio, meteu o cigarro entre os lábios, acendeu o isqueiro e, usando a mão para a proteger da brisa lançada pelo ar condicionado, aproximou a chama da cara...

Durante milésimos de segundo, os dois homens olharam-se fixamente, sem conseguirem compreender o que estava a acontecer. Wolf viu a chama alastrar-se até ao ponto onde o cigarro abria a boca do *mayor* e aumentar instantaneamente envolvendo-lhe a metade inferior do rosto. O *mayor* arfou profundamente para gritar, mas as labaredas seguiram-lhe a respiração,

envolvendo-lhe o nariz e a boca antes de lhe encherem os pulmões.

— Socorro! — gritou Wolf ao chegar junto do homem que estava a ser silenciosamente queimado vivo. — Preciso de ajuda!

Agarrou os braços do *mayor*, que não paravam de abanar, sem saber o que fazer. Edmunds entrou de rompante e ficou boquiaberto a ver o *mayor* soltar pela boca um horripilante e gutural jorro que encheu o braço esquerdo de Wolf de sangue borbulhante e fogo líquido. Wolf largou por instantes um dos braços agitados e sofreu um rude golpe na cara quando a manga da sua própria camisa se incendiou. Percebeu que, se conseguisse aproximar-se o suficiente para manter o nariz e a boca do *mayor* fechados, as chamas se extinguiriam de imediato por carência de oxigénio.

Edmunds voltara a correr para o corredor quando o alarme de incêndios disparou. Todos os presentes se levantaram e viram-no arrancar da parede um cobertor antichama. Avistou Simmons a correr por entre as secretárias em direcção à sala. Edmunds regressou à sala de interrogatórios. O sistema de aspersão que começara a deitar água por cima dos dois homens fazia mais mal que bem; cada lufada de água que o homem em pânico lançava pela sala dispersava ainda mais as chamas, como se estivesse literalmente a respirar fogo. Wolf ainda estava a tentar mantê-lo no chão quando Edmunds levantou o cobertor e se atirou sobre ambos, fazendo que os três caíssem sobre o chão encharcado.

Simmons entrou na sala com os pés a chapinhar na água e ficou espedado a olhar quando Edmunds destapou o corpo arrasado daquele que fora o seu bem-parecido amigo. Quando percebeu que o ar que respirava tresandava a carne chamuscada, começou a engasgar-se. Outros dois agentes precipitaram-se para o interior enquanto Simmons recuou para o exterior. Um dos agentes atirou outro cobertor para cima do braço de Wolf, ainda em chamas, enquanto Edmunds procurava pulsação no pescoço do *mayor* e tentava encontrar algum vestígio de respiração junto do que restava da boca.

— Não tem pulsação! — gritou, sem saber bem quem estava na sala.

A camisa *Savile Row* desintegrou-se nas suas mãos quando ele a abriu e começou a contar as compressões no tórax; porém, de cada vez que exercia pressão sobre o esterno do *mayor*, saíam pela garganta destrozada sangue e

tecidos chamuscados. A primeira coisa que aprendera no curso de primeiros-socorros, que durara três dias, foram os princípios básicos: sem uma passagem para o oxigénio, não havia compressões torácicas que o pudessem salvar. Gradualmente, Edmunds abrandou as compressões até parar e deixou-se abater no chão empapado. Levantou o olhar para Simmons, que estava à entrada.

— Lamento, chefe.

A água caía às catadupas do cabelo encharcado de Edmunds e escorria-lhe pela cara. Fechou os olhos enquanto tentava perceber os acontecimentos surreais dos últimos dois minutos e meio. Algures ao longe, conseguia ouvir sirenes a aproximarem-se.

Simmons voltou a entrar na sala. Tinha uma expressão imperscrutável enquanto olhava para o corpo carbonizado do seu amigo. Forçado a desviar o olhar da macabra imagem que sabia o iria assombrar até ao último dia da sua vida, voltou a atenção para Wolf, que estava de joelhos, agarrado com dores ao braço empolado. Simmons agarrou-o pela camisa e obrigou-o a pôr-se de pé antes de o empurrar contra a parede, deixando estupefactos todos os presentes.

— Devias tê-lo protegido! — bradou Simmons com lágrimas nos olhos, empurrando repetidamente Wolf contra a parede. — Ficaste incumbido de o vigiar!

Edmunds levantou-se de um pulo antes de qualquer outro conseguir reagir e prendeu os braços do seu superior. Seguindo-lhe o exemplo, os dois outros agentes e Baxter, que acabara de assomar à porta, afastaram Simmons de Wolf e arrastaram-no para fora da sala. Ao saírem, fecharam a porta para preservarem o local do crime, deixando Wolf sozinho com o grotesco cadáver.

Wolf deixou-se escorregar ao longo da parede e sentou-se enroscado a um canto. Atordoado, apalpou a nuca e olhou fixamente para o sangue que tinha nos dedos, sem compreender. Estava rodeado por dezenas de minúsculas chamas gordurosas, que ainda ardiam ferozmente na superfície da inundação que não parava de aumentar, como lanternas japonesas flutuantes a guiar os espíritos perdidos para o mundo dos mortos. Encostando a cabeça à parede, ficou a ver as chamas tremeluzirem debaixo

da insistente chuva, deixando que a água fria lhe lavasse o sangue das mãos.

Capítulo 6

Sábado, 28 de Junho de 2014

16h23

Andrea apeou-se do táxi e ficou encoberta pela sombra da Heron Tower, o terceiro arranha-céus mais alto de Londres. Fixou o olhar nos andares mais altos, que ocultavam o Sol. As formas irregulares ascendiam ao céu de modo incoerente, com o esguio mastro de metal em equilíbrio precário no topo, ambicionando desesperadamente por estatuto às custas da estética e, ao que parecia, da integridade estrutural.

A sala da Redacção não podia estar albergada num edifício mais apropriado.

Entrou na imensa área da Recepção e dirigiu-se automaticamente para a escada rolante, sem nenhuma vontade de entrar em qualquer um dos seis elevadores transparentes que transportavam impacientes homens de negócios para as suas secretárias a uma velocidade alarmante. À medida que se afastava graciosamente do piso da entrada, contemplava o colossal aquário integrado na parede por detrás da Recepção, com os imaculados funcionários aparentemente pouco preocupados com a fatia de setenta mil litros de oceano separada por uma fina camada de acrílico.

Andrea estava a pensar na nova paixão da sua vida, o mergulho, enquanto fitava os afloramentos coloridos dos corais e os pacíficos peixes que apareciam e desapareciam na benfazeja água morna. Quase tropeçou quando a escada rolante a despertou dos seus pensamentos e a lançou sem cerimónias para cima do chão inerte.

Às 15 horas recebera o telefonema para se dirigir ao local do crime. Depois de finalmente se ter encontrado com Wolf para lhe entregar o

perturbador envelope que encontrara na caixa do correio, permanecera à porta da New Scotland Yard com o seu operador de câmara durante mais quatro horas, para gravar actualizações em directo a cada meia hora. Para tal, vira-se obrigada a repetir as mesmas informações, de modo a fazer que parecesse, embora nunca o referisse especificamente, que tinha havido actividade significativa e emocionantes desenvolvimentos à entrada das portas fechadas da sede da Polícia.

Depois do noticiário das 11, Andrea recebera um telefonema do editor principal, Elijah Reid, dando-lhe instruções para que fosse para casa descansar algumas horas. Ela protestara obstinadamente. Não queria perder a oportunidade de ser a principal repórter daquela que, estava convicta, viria a ser a história mais sensacional desde o *Cremador* (sobretudo olhando ao facto de ter acesso ao perturbador conteúdo do envelope, que ainda não partilhara com o seu superior). Por fim, acabara por ceder depois de Elijah lhe jurar que a contactaria logo que houvesse o mais pequeno sinal de actividade.

Fora uma agradável caminhada de meia hora ao sol, atravessando os jardins do palácio e o Belgrave Square Garden, até chegar a Knightsbridge e à casa vitoriana de dois andares que partilhava com o noivo e a sua filha de nove anos. Andrea fechara a grande porta de entrada e subira as escadas até ao quarto decorado com gosto no piso superior.

Fechara os cortinados e deitara-se por cima dos cobertores, completamente vestida, na semiobscuridade. Metera a mão dentro da bolsa, pegara no telemóvel e definira um alarme. De seguida, pegara numa pasta com fotocópias de todos os documentos que entregara a Wolf e apertara-a com força contra o peito enquanto fechava os olhos, tremendamente ciente da sua importância para a Polícia, para as pessoas condenadas da lista... e para ela.

Durante mais de uma hora e meia, ficara deitada sem conseguir adormecer, a olhar para o tecto alto e para os pormenores ornamentados que rodeavam o candelabro antigo, ponderando as implicações morais e legais de partilhar as informações com Elijah. Não duvidava de que ele não sentiria pejo em transmitir desavergonhadamente as doze fotografias para toda a gente ver. A sensível promessa de que «alguns espectadores podem

achar as seguintes imagens chocantes» apenas serviria para acicatar a insaciável curiosidade mórbida do público. Pensou sombriamente se as famílias das vítimas ainda não identificadas assistiriam, sentindo-se, ao mesmo tempo, seduzidas e ressentidas pelos desmembramentos vagamente familiares.

Naquela manhã, dezenas de jornalistas tinham estado lado a lado diante do pano de fundo habitual para reportarem as mesmas informações, cada qual competindo pela atenção dos espectadores, aos quais não faltavam alternativas. O facto de Andrea ter sido contactada directamente pelo assassino dar-lhes-ia certamente uma vantagem sobre a BBC e a Sky News, que, com toda a certeza, reproduziriam as imagens poucos minutos após serem transmitidas. Contudo, ela sabia exactamente como garantir que todas as televisões do país centrariam as atenções apenas nela:

1. O isco — Andrea informaria o público de que fora contactada pelo mais recente assassino em série da cidade.
2. A provocação — Revelariam cada fotografia individualmente, descrevendo o que era retratado e fazendo desvairadas suposições para provocar as imaginações facilmente influenciáveis. Poderiam até encontrar um ex-detective ou um investigador privado — ou até mesmo um escritor de policiais — que concordasse em dar a sua opinião para ajudar a desvendar o crime.
3. A promessa — Andrea divulgaria que o pacote incluía uma lista manuscrita que pormenorizava as identidades das seis próximas vítimas do assassino, bem como as datas exactas em que morreriam. Prometeria que «tudo será revelado dentro de apenas cinco minutos» (o tempo suficiente para a notícia se espalhar por todo o planeta, mas não o bastante para a Polícia perturbar a transmissão).
4. A revelação — Com o mundo inteiro a assistir, ela revelaria os nomes e as datas, fazendo pausas dramáticas entre cada nome, como se fosse o jurado de um concurso televisivo de talentos a escolher os finalistas. Pensou se tambores a rufar seria ir longe de mais.

Andrea odiou-se só por ter encarado essa eventualidade. Havia uma forte possibilidade de a Polícia ainda não ter contactado os alvos, que, sem

dúvida, mereciam tomar conhecimento do seu destino iminente pelo menos um pouco antes do resto do mundo. Além do mais, ela seria detida; no entanto, isso nunca dissuadira Elijah no passado. Mesmo durante o pouco tempo em que estava na estação, Andrea vira-o arruinar vidas com base em conjecturas, fazer circular detalhes de investigações em curso obtidos de modo duvidoso e ser presente a tribunal por duas vezes por retenção de provas e tentativa de suborno a um agente da autoridade.

Tendo desistido de adormecer, sentara-se na cama, não mais repousada, mas com uma resolução tomada. Usaria as fotografias, o que a deixaria em apuros, mas as vantagens para a sua carreira sobrepunham-se, de longe, ao incômodo. Manteria o sigilo em relação à lista. Era a coisa certa a fazer. Sentia-se orgulhosa de si por continuar a não ceder à crescente pressão para se tornar tão impiedosa e destrutiva como o seu patrão.

Chegou ao corredor que conduzia à sala da Redacção. Mesmo àquela pouca altura, Andrea encostou-se instintivamente à parede, ignorando a vista sobre os telhados da Camomile Street. Quando entrou no escritório, foi acometida, como sempre, pela obstinada agitação que ali persistia vinte e quatro horas por dia. Elijah deleitava-se no meio do caos: pessoas a gritar umas com as outras, telefones a tocar desconcertadamente, inúmeros ecrãs de plasma pendurados no tecto, com legendas em substituição das palavras sem som. Sabia que, em poucos minutos, se habituaria àquilo e, então, a atmosfera agressiva passaria a ser apenas ruído de fundo.

A sala da Redacção situava-se nos pisos 9 e 10. O pavimento que dividia os dois andares fora removido de modo a criar um amplo espaço em dois patamares. Após anos a trabalhar em estações regionais, Andrea considerava aquele cenário excessivo e um desperdício, quase ridículo. Tudo o que precisava era de uma secretária, de um computador e de um telefone.

O novo editor principal fora roubado a um mordaz programa de notícias americano, que revelara, envolto em controvérsia, a desenfreada corrupção que contaminava diversas marcas e empresas bem conhecidas. Trouxera com ele um grande acervo de americanismos condescendentes, exercícios para reforçar o espírito de equipa e incentivos para aumentar o moral que eram cada vez mais impingidos aos funcionários britânicos cronicamente

reservados.

Andrea sentou-se na sua cadeira ergonómica amarelo-néon (pesquisas científicas descobriram uma correlação directa entre a eficiência e as cores berrantes) em frente à máquina *Ben & Jerry's* e verificou imediatamente se tinha mais mensagens do assassino no correio. Retirou a pasta da bolsa e estava prestes a subir as escadas para ir ao gabinete de Elijah quando as pessoas começaram a abandonar as suas secretárias para se reunirem debaixo do ecrã de televisão maior.

Andrea reparou que Elijah também saíra do seu escritório para ver o que se passava e estava na sacada, de braços cruzados. O seu olhar passou por ela e depois, desinteressado, regressou ao ecrã. Sem a mínima ideia do que estava a acontecer, Andrea levantou-se e foi pôr-se atrás da crescente multidão.

— Ponham mais alto! — alguém gritou.

Subitamente, viu-se o familiar símbolo da New Scotland Yard e Andrea reconheceu o plano que era apanágio do seu operador de câmara Rory a incidir sobre uma bela repórter loira que envergava um vestido de Verão de corte exageradamente curto. Alguém à frente assobiou com os dedos. Isobel Platt só estava a trabalhar na estação há quatro meses. Quando fora contratada, Andrea considerara um insulto à profissão conceder a uma leviana de vinte anos, aperfeiçoada cosmeticamente, um cargo com base em pouco mais do que a sua capacidade para ler em voz alta; agora, encarava o ocorrido como um ataque pessoal, a ela e à sua carreira.

Isobel informava alegremente que o porta-voz da Polícia estava na «imi... nê... cia» de fazer uma declaração enquanto o seu decote dominava o ecrã ao ponto de Andrea ficar a pensar por que motivo Rory se dava ao trabalho de lhe filmar a cara. Sentiu lágrimas queimarem-lhe os olhos e conseguiu sentir Elijah a observá-la para ver qual seria a sua reacção. Concentrou-se decididamente no ecrã, recusando-se a virar costas ou a abandonar a sala, negando-lhe essa satisfação.

Já não era a primeira vez que subestimava a extrema desumanidade do seu editor principal. Compreendia o raciocínio dele; na batalha das audiências para a melhor história do ano, porque não pôr uma modelo à frente da câmara como forma de incentivo adicional? Não se admiraria nada se visse

Isobel reaparecer em *topless* para a despedida.

A desconcertante notícia da inesperada morte do *mayor* Turnble, durante uma visita à sede da força policial para uma reunião sobre uma actualização de políticas, passou despercebida a Andrea enquanto os seus colegas resfolegavam e praguejavam em conformidade. Ela estava ocupada a transformar a sua autocomiseração em raiva. Não seria afastada da sua própria história sem dar luta. Virou costas ao ecrã, não querendo demorar-se para ouvir o efeito que os seios de Isobel tinham surtido na chocante conferência de imprensa, regressou tempestivamente à sua secretária, pegou na pasta e subiu as escadas a passos largos até ao gabinete de Elijah. Aparentemente à sua espera, o editor regressou com indiferença ao seu gabinete e deixou a porta aberta.

Elijah gritara e a praguejara durante quase cinco minutos. Estava enraivecido por Andrea ter guardado uma história assim explosiva durante um dia inteiro. Dissera-lhe sete vezes que ela estava despedida, chamara-lhe três vezes um nome feio começado por «pê» e expulsara com contacto físico a sua assistente quando ela fora certificar-se de que estava tudo bem.

Andrea esperou pacientemente que ele terminasse. Considerou a sua previsível reacção quase tão divertida como o modo como o seu duvidoso sotaque nova-iorquino evidenciava uma pronúncia sulista arrastada à medida que ia ficando mais enraivecido. Era um homem fútil. Passava pelo ginásio a caminho do trabalho e a caminho de casa e usava camisas um número abaixo do seu para evidenciar a amplitude da sua obsessão. Apesar de já ter ultrapassado os quarenta, o seu cabelo não mostrava qualquer sinal de começar a ficar grisalho; em vez disso, ostentava na cabeça uma cobertura imaculada de cabelos loiros não naturais, minuciosamente puxados para trás. Algumas das outras mulheres do serviço achavam-no dolorosamente atraente, a verdadeira imagem do macho alfa. Andrea apenas o achava comicamente repugnante. Teve de esperar mais um minuto até a sua demonstração de domínio esmorecer.

— Estas fotografias têm uma qualidade de merda, mal se podem usar — trovejou, dissimulando o seu entusiasmo enquanto as espalhava em cima da secretária.

— Pois têm. Estas são só para si — retorquiu calmamente Andrea. —

Tenho as versões em alta resolução num cartão SD.

— Onde? — perguntou ele avidamente. Como Andrea não respondeu, ele brindou-a com um olhar. — Linda menina, está a aprender.

Embora ofensivamente condescendente, Andrea não conseguiu deixar de sentir algum orgulho no elogio rancoroso. O jogo estava equilibrado, havia dois tubarões a rodear um pedaço de carne.

— A Polícia tem os originais? — indagou.

— Tem.

— O Wolf? — Elijah interessara-se sobretudo pelo divórcio entre Andrea e o infame detective. O escândalo relacionado com o *Cremador* também recebera bastante atenção do outro lado do Atlântico. Sorriu. — Então não podemos ser acusados de retenção de provas, pois não? Leve as fotografias aos tipos das artes gráficas. Pode manter o seu emprego.

Andrea foi apanhada desprevenida. Certamente ele compreendera que o propósito dela não era apenas manter o emprego mas também reclamar a história como sua. Elijah deve ter-se apercebido da expressão dela, pois o seu sorriso assumiu contornos de malícia.

— Não aja como se a tivessem lixado. Você fez o seu trabalho, e mais nada. A Isobel já está lá. Ela fará a reportagem.

Andrea conseguiu ter aquela sensação familiar nos olhos, que tentou desesperadamente ocultar enquanto dava voltas à cabeça à procura de um contra-ataque.

— Nesse caso, eu vou... ❖

— Vai o quê? Demitir-se? Levar as fotografias a outro sítio? — largou uma gargalhada. — Até aposto que o cartão SD que utilizou pertence à empresa. Se eu suspeitar de que está a tentar abandonar as instalações com artigos roubados, cabe-me o direito de mandar os seguranças revistá-la.

Andrea imaginou o pequeno rectângulo preto entalado na sua bolsa entre o cartão de cliente da Starbucks e o da escola de mergulho. Encontrá-lo-iam em segundos. Foi então que percebeu que ainda tinha um trunfo na manga.

— Há uma lista — disse apressadamente, proferindo as palavras antes de a sua consciência a conseguir acompanhar — das próximas vítimas do assassino.

— Tanga.

Ela tirou a fotocópia amachucada do bolso e dobrou-a cuidadosamente de modo a que só se conseguisse ler a primeira linha:

Mayor Raymond Edgar Turnble — Sábado, 28 de Junho

Elijah olhou de soslaio para a impressão a preto e branco que Andrea mantinha bem longe do seu alcance. Observara-a a caminhar desde a televisão até à sua secretária e depois dirigir-se directamente para o gabinete dele. Não tivera qualquer possibilidade de forjar a fotocópia.

— Tenho mais cinco nomes e datas abaixo. E juro que, se tentar tirar-me a lista, a engulo inteira.

Percebendo que ela não estava a brincar, o editor recostou-se na cadeira e sorriu alegremente, como se, por fim, tivessem chegado ao final de uma partida de um jogo de tabuleiro.

— O que deseja?

— A *minha* história.

— Tudo bem.

— Pode deixar a Isobel lá fora a desperdiçar o tempo dela. Eu vou apresentar a minha peça a partir do estúdio.

— Você é uma repórter de exterior.

— Pode dizer ao Robert e à Marie que hoje não precisamos deles. Vou ocupar o programa inteiro.

Um momento de hesitação.

— De acordo. Mais alguma coisa?

— Sim. Tranque todas as portas até eu acabar e não deixe ninguém entrar. Não podemos permitir que me detenham enquanto eu não chegar ao fim.

Capítulo 7

Sábado, 28 de Junho de 2014

17h58

Wolf estava sentado, sozinho, no gabinete de Simmons. Sentia que estava a ser intrometido ao reparar nas várias mossas recentes que tinham sido feitas num antigo arquivador e por calcar o gesso partido, enterrando-o mais na alcatifa: os primeiros resíduos do processo de luto. Esperou, sentindo-se constrangido, mexendo distraidamente na ligadura húmida que lhe cobria o braço esquerdo.

Depois de terem levado Simmons da sala de interrogatórios, Baxter regressara e lá encontrara Wolf prostrado ao lado do cadáver do *mayor*, debaixo da fúria da borrasca interior. Nunca o vira tão perdido e vulnerável, com o olhar tão vazio, aparentemente sem sequer dar pela presença dela. Delicadamente, ajudara-o a levantar-se e conduziu-o ao corredor, onde estava seco e onde uma sala cheia de rostos perturbados os observou com uma atenção desvelada.

— Por amor de Deus — bradou Baxter, descontente.

Suportou quase todo o peso de Wolf enquanto cambalearam pelo escritório e saíram pela porta para os lavabos das senhoras. Baxter teve dificuldade para o sentar no balcão entre os dois lavatórios. Desabotoou-lhe cautelosamente a camisa encardida e despiu-lha devagar, com um cuidado meticuloso enquanto descolava o material derretido do ferimento húmido e empolado que lhe envolvia o braço. O cheiro a desodorizante barato, suor e pele queimada empestava o ar, e Baxter deu por si a sentir-se irracionalmente no limite, ansiosa por que alguém entrasse a qualquer momento e desse com ela a fazer absolutamente nada de errado.

— Segura-te — disse ela, depois de ter retirado tudo o que conseguiu. Foi a correr ao escritório e regressou uns minutos depois com um *kit* de primeiros-socorros e uma toalha, com a qual embrulhou o cabelo encharcado de Wolf. Com pouca destreza, abriu e aplicou os finos pensos para queimaduras antes de os envolver com ligadura suficiente para lhe mumificar o braço magoado.

Instantes depois, alguém bateu à porta. Edmunds entrou e prescindiu da sua camisa com pouco entusiasmo, tendo inadvertidamente admitido que tinha uma *T-shirt* por baixo. Embora fosse alto, Edmunds tinha a constituição física de um escanzelado menino de escola e o material insuficiente mal deu para cobrir o tronco de Wolf, mas Baxter achou que sempre era melhor que nada. Depois de lhe apertar a maior parte dos botões, saltou para o balcão e ficou sentada, em silêncio, ao lado dele, esperando o tempo que fosse necessário para ele recuperar.

Wolf passara o resto da tarde a um canto, sossegado, a redigir um relatório pormenorizado sobre o ocorrido no interior da sala fechada. Ignorara os vários conselhos para que fosse para casa alegando um acidente e emergência. Às 17h50, fora convocado ao gabinete de Simmons, onde aguardou apreensivamente a chegada do seu inspector-chefe, que não voltara a ver desde a violenta explosão horas antes.

Enquanto aguardava, Wolf lembrou-se vagamente de Baxter e da casa de banho, mas eram memórias imprecisas, surreais. Sentiu-se um pouco envergonhado por não ter feito as flexões naquela manhã (nem nos quatro anos anteriores) e estremeceu ao imaginá-la a ver o seu corpo maltratado e ligeiramente rechonchudo.

Escutou Simmons a entrar na sala por trás dele e a fechar a porta. O seu superior deixou-se cair na cadeira em frente e pegou numa garrafa uísque irlandês *Jameson*, num saco de gelo e num tubo de copos de plástico dos Transformers que tinha dentro de um saco da *Tesco*. Ainda tinha os olhos inchados por ter dado a notícia à mulher do *mayor* Turnble antes da conferência de imprensa. Meteu uma mão-cheia de gelo em dois copos, encheu-os generosamente e depois empurrou um na direcção de Wolf sem preferir palavra. Sorveram um trago em silêncio.

— É o teu preferido, se bem me recordo — disse Simmons, por fim.

— Boa memória.

— Como está a cabeça? — perguntou Simmons, como se não tivesse qualquer responsabilidade pela ligeira concussão na cabeça de Wolf.

— Está melhor que o braço — retorquiu Wolf cordialmente, sem saber de facto o que os médicos conseguiriam recuperar se as ligaduras deixadas por Baxter espelhassem o tratamento por baixo delas.

— Posso ser franco? — Simmons não esperou pela resposta. — Ambos sabemos que tu estarias sentado nesta cadeira no meu lugar se não tivesses feito aquela enorme asneira. Sempre foste o melhor detective.

Wolf manteve uma expressão impassível e respeitosa.

— Talvez — continuou Simmons — tivesses tomado melhores decisões que eu. Talvez o Ray ainda estivesse vivo se...

Simmons perdeu a voz e sorveu outro trago de uísque.

— Não tínhamos como saber — atalhou Wolf.

— Que o inalador estava impregnado com uma substância incendiária? Que os montes de flores que aqui mantemos há uma semana estavam cheios de pólen de ambrósia?

A caminho do gabinete, Wolf reparara no monte de sacos de plástico com provas.

— Em quê?

— Ao que parece, é como *kryptonite* para os asmáticos. E eu trouxe-o para aqui.

Esquecendo que o copo era de plástico, Simmons atirou-o contra a parede, furioso consigo. O copo fez ricochete e voltou a cair em cima da secretária. Passados uns instantes, voltou a enchê-lo.

— Então, vamos arrumar com isto antes que a comandante regresse — disse Simmons. — O que vamos fazer em relação a ti?

— Como assim?

— Bem, esta é a reunião em que eu te digo que estás demasiado envolvido no caso e recomendo que o teu afastamento é no melhor interesse de todos...

Wolf quis protestar, mas Simmons continuou:

— ... e depois tu mandas-me bugiar. A seguir, eu relembro-te o que aconteceu com o Khalid. E tu mandas-me bugiar outra vez e eu concordo

relutantemente em deixar-te continuar, mas aviso-te de que, ao primeiro sinal de preocupação por parte dos colegas, da psiquiatra ou de mim, serás destacado para outro caso. Foi bom falar contigo.

Wolf assentiu. Sabia que Simmons estava a correr um risco por causa dele.

— Sete mortos e, até agora, as únicas armas dos crimes são um inalador, flores e um peixe. — Simmons abanou a cabeça, incrédulo. — Lembras-te dos bons velhos tempos em que as pessoas tinham a decência de chegar junto de alguém e dar um tiro no estafermo?

— Bons tempos — concordou Wolf, levantando o seu copo do *Optimus Prime*.

— Bons tempos! — repetiu Simmons enquanto faziam um brinde.

Wolf sentiu o telemóvel a vibrar no bolso. Pegou nele e olhou para a breve mensagem de Andrea:

DESCULPA () ()
\\
V

De súbito, Wolf sentiu-se perturbado. Sabia que Andrea estava a pedir desculpa por algo mais do que o despropositado pénis que desenhara e que, supostamente, pretendia ser um coração. Estava prestes a responder quando Baxter entrou de rompante no gabinete e ligou a pequena televisão instalada na parede. Simmons estava demasiado esgotado para reagir.

— A vaca da tua ex está a divulgar a história — informou Baxter.

Andrea apareceu no ecrã a meio da reportagem. Estava lindíssima. Ao vê-la objectivamente assim, Wolf percebeu que tinha assumido a beleza dela como um dado adquirido — aqueles longos caracóis ruivos apanhados ao alto da maneira que geralmente reservava para casamentos e festas, os resplandecentes olhos verdes que nem pareciam reais. Percebeu logo o motivo subjacente à traição. Ela não estava no exterior junto à estrada principal nem a falar ao telefone com uma ligação imperceptível enquanto

uma velha fotografia sua aparecia no ecrã, como um ventrículo de má qualidade; ela estava a fazer a reportagem a partir do estúdio, a apresentar o programa, como sempre almejava.

— ... que a morte do *mayor* Turnble esta tarde foi, na realidade, um homicídio premeditado relacionado com os seis corpos descobertos em Kentish Town esta madrugada — disse Andrea, sem evidenciar qualquer nervosismo que Wolf sabia estar à flor da pele. — Alguns espectadores podem considerar as seguintes imagens...

— Fala com a tua mulher, Fawkes. Imediatamente! — vociferou Simmons.

— Ex — corrigiu Baxter enquanto os três premiam freneticamente botões nos respectivos telefones.

— Sim, preciso do número da sala da Redacção da...

— Duas unidades para o número 110 de Bishopsgate...

— O número para o qual tentou ligar não está disponível! ❖

A reportagem de Andrea prosseguiu em segundo plano.

— ... confirmaram que a cabeça é de Naguib Khalid, o assassino conhecido por *Cremador*. Actualmente, não se sabe como Khalid, que estava detido...

— Vou tentar os seguranças do edifício — disse Wolf depois de ter deixado uma breve mensagem de três palavras no *voicemail* de Andrea: *Liga-me imediatamente!*

— ... aparentemente desmembrados antes de serem suturados, formando um corpo completo — continuou Andrea no ecrã, enquanto as tenebrosas fotografias iam surgindo uma após a outra —, que a Polícia apelidou de «*Boneca de Trapos*».

— O tanas é que apelidámos — trovejou Simmons, que ainda estava a falar ao telefone com a sala de controlo.

Pararam o que estavam a fazer para ouvirem Andrea.

— ... mais cinco nomes e as datas exactas em que irão morrer. Revelaremos tudo dentro de exactamente cinco minutos. O meu nome é Andrea Hall. Não mude de canal.

— Ela seria capaz? — perguntou Simmons a Wolf, incrédulo, com a mão a tapar o auscultador.

Como Wolf não respondeu, todos retomaram as conversas urgentes.

* * *

Cinco minutos depois, Wolf, Simmons e Baxter estavam os três sentados a ver as luzes do estúdio aumentarem de intensidade, dando a impressão de que Andrea tinha passado todo aquele tempo sentada sozinha na penumbra. Por detrás deles, os colegas começavam a juntar-se à volta da televisão que alguém trouxera da sala de reuniões.

Chegaram demasiado tarde.

Andrea não respondera à mensagem de Wolf, o que não era de admirar. Os seguranças do edifício não conseguiram entrar nos escritórios da Redacção e os agentes que Simmons mandara para o local ainda não tinham chegado. Simmons conseguira falar com o editor principal, cujo nome bem conhecia. Informara aquele homem insuportável de que estava a sabotar uma investigação de homicídio, facto pelo qual podia enfrentar uma pena de prisão. Como essa ameaça não surtisse efeito, Simmons tentara apelar à sua compaixão, admitindo que ainda nem sequer tinham informado as pessoas que constavam da lista sobre a ameaça que pairava sobre elas.

— Nesse caso, é um trabalho que vos estamos a poupar — respondera Elijah. — E ainda diz que eu não faço nada por si.

Recusara deixá-los falar com Andrea e desligara-lhes o telefone na cara. Tudo o que podiam fazer era assistir com o resto do mundo. Simmons encheu mais três copos com uísque. Baxter, que estava sentada na secretária, cheirou o dela, insegura, mas bebeu-o de um trago. Estava prestes a pedir para consultar a lista confidencial, uma vez que, de qualquer modo, se tornaria do domínio público dentro de poucos minutos, quando o programa recomeçou.

Andrea falhou a entrada e Wolf conseguiu perceber que ela se sentia ansiosa, hesitante, com dúvidas sobre o que estava prestes a fazer. Ele sabia que, por detrás da secretária minimalista, os joelhos dela estariam a saltar para cima e para baixo, como acontecia sempre que estava nervosa. Andrea fitou a câmara, procurando os milhões de olhos invisíveis que lhe

devolviam o olhar, e Wolf sentiu que ela estava à procura dele, que estava a tentar encontrar uma saída do buraco em que se metera e que ela própria escavara.

— Andrea, estás no ar — sibilou-lhe ao ouvido uma voz apoquentada. — Andrea!

— Boa noite. O meu nome é Andrea Hall. Bem-vindo...

Passou mais de cinco minutos a repetir a história já contada e a mostrar novamente as macabras fotografias para os vários espectadores que só agora tinham sintonizado aquele canal. Começou a ter dificuldade em encontrar as palavras enquanto explicou que as fotografias traziam em anexo uma lista manuscrita e tinha as mãos visivelmente trémulas quando chegou a hora de ler em voz alta as seis sentenças de morte.

— *Mayor* Raymond Edgar Turnble — Sábado, 28 de Junho

»Vijay Rana — Quarta-feira, 2 de Julho

»Jarred Andrew Garland — Sábado, 5 de Julho

»Andrew Arthur Ford — Quarta-feira, 9 de Julho

»Ashley Danielle Lochlan — Sábado, 12 de Julho

»E na segunda-feira, dia 14 de Julho...

Andrea fez uma pausa, não para obter um efeito dramático (divulgara a lista sem qualquer indício de espectacularidade, apenas ansiosa por chegar ao fim), mas porque teve de limpar uma lágrima suja de rímel. Aclarou a garganta e baralhou os papéis à sua frente, tentando em vão fazer que parecesse que uma gralha ou uma folha em falta causara a interrupção. De repente, levou as mãos à cara, com os ombros a tremer quando se apercebeu da gravidade do que acabara de fazer.

— Andrea? Andrea? — alguém murmurou por detrás da câmara.

Andrea olhou de novo para a audiência que atingia números recorde, o seu grande momento, com inoportunas manchas pretas a esborratar-lhe a cara e as mangas.

— Estou bem.

Uma pausa.

— E na segunda-feira, 14 de Julho, o agente da Polícia Metropolitana e principal investigador dos crimes da *Boneca de Trapos*... o inspector William Oliver Layton-Fawkes.

Capítulo 8

Segunda-feira, 30 de Junho de 2014

9h35

— Mal.

— Mal?

— E triste.

— Triste.

A Dr.^a Preston-Hall suspirou profundamente e pousou o bloco de notas na antiga mesa de centro ao lado da sua cadeira.

— Viu morrer diante dos seus olhos o homem que era suposto proteger e depois o assassino anuncia a sua intenção de o matar dentro de quinze dias... e tudo o que consegue dizer é que se sente «mal» e «triste»?

— Zangado? — arriscou Wolf, pois pensava que estava no bom caminho.

Essa palavra pareceu despertar o interesse da médica. Voltou a pegar no bloco de notas e aproximou-se.

— Então, sente-se zangado?

Wolf ponderou por instantes.

— Não, para dizer a verdade, não.

A médica atirou o bloco de notas, que foi a deslizar pela pequena mesa e caiu no chão.

Aparentemente, *ela* estava zangada.

Desde que fora reintegrado, todas as segundas-feiras de manhã Wolf visitava aquela casa georgiana com a fachada de reboco em Queen Anne's Gate. A Dr.^a Preston-Hall era a psiquiatra consultora da Polícia Metropolitana. O seu discreto consultório era anunciado apenas por uma placa de cobre ao lado da porta de entrada, numa rua pouco movimentada,

apenas a três minutos a pé da New Scotland Yard.

A presença da médica apenas complementava o ambiente elegante. Entrara há pouco na casa dos sessenta e estava a envelhecer com graciosidade, envergando roupas caras de tons sóbrios e com o cabelo grisalho num estilo meticulosamente esculpido. Mantinha um ar austero de autoridade, a fazer lembrar as professoras de antigamente, daquelas que deixam marcas tão profundas nas crianças tão pequenas que estas nunca as esquecem na idade adulta.

— Diga-me uma coisa: voltou a ter aqueles sonhos? — indagou. — Aqueles sobre o hospital.

— A senhora chama-lhe hospital, eu chamo-lhe asilo.

A médica suspirou.

— Só quando estou a dormir — adiantou Wolf.

— Que é quando?

— Quando não o posso evitar. E não diria que são sonhos. São pesadelos.

— E eu não lhes chamaria pesadelos — argumentou a Dr.^a Preston-Hall.
— Os sonhos não têm nada de assustador. *Você* é que projecta o medo no sonho.

— Com o devido respeito, é muito fácil falar quando não se passou treze meses e um dia da vida naquele inferno.

A médica mudou de assunto ao perceber que Wolf preferiria preencher o tempo que lhes restava a discutir do que a revelar-lhe algo pessoal. Abriu o envelope selado que ele lhe levara e leu atentamente o familiar relatório semanal elaborado por Finlay. A julgar pela sua expressão, parecia pensar que era uma pura perda de tempo, árvores e tinta, e Wolf concordava.

— O sargento Shaw parece bastante satisfeito com o modo como lidou com a tensão dos últimos dias. Numa escala de dez, concedeu-lhe uma pontuação de dez. Sabe Deus em que está ele a basear o seu sistema de classificação, mas que bom para si — disse, agastada.

Wolf olhou pela janela para as enormes casas que ladeavam a banda oposta da Queen Anne's Gate. Todas haviam sido impecavelmente mantidas ou fielmente restauradas, recuperando a sua anterior glória. Se não fosse pelos distantes murmúrios do caos da cidade que se avolumavam para outra intransigente semana, poderia pensar-se que tinham regressado ao passado.

Uma suave brisa conseguiu entrar na sombria sala enquanto a temperatura lá fora se ia aproximando da máxima de vinte e oito graus.

— Vou recomendar que nos encontremos duas vezes por semana enquanto este caso não for resolvido — disse a Dr.^a Preston-Hall, ainda a ler o pormenorizado relatório que Finlay tinha rabiscado com a sua letra desajeitada enquanto Wolf ditava.

Wolf sentou-se direito, ciente de que não deveria cerrar os punhos à frente da psiquiatra.

— Agradeço a sua preocupação...

Não sou sincero.

— ... mas não me sobra tempo para isto. Eu tenho um assassino para apanhar.

— E é aí que reside o seu problema: «*Eu.*» É isso que me causa apreensão. Não foi o que já aconteceu antes? Capturar esse indivíduo não é uma responsabilidade exclusivamente *sua*. O senhor tem colegas; tem o apoio...

— Tenho mais responsabilidade.

— E eu tenho uma obrigação profissional — rematou ela.

Wolf ficou com a distinta impressão de que ela poderia sugerir três dias por semana caso ele continuasse a discutir.

— Então, fica decidido — disse ela, folheando a sua agenda. — O que me diz a quarta-feira de manhã?

— Na quarta-feira estarei a fazer os possíveis para evitar que um homem chamado Vijay Rana seja assassinado.

— E então na quinta?

— Tudo bem.

— Às nove horas?

— Tudo bem.

A Dr.^a Preston-Hall assinou a documentação e sorriu cordialmente. Wolf levantou-se e dirigiu-se para a porta.

— William... — Wolf virou-se para ela —, tenha cuidado consigo.

Simmons insistira para que Wolf tirasse o domingo de folga após as provas do dia anterior. Wolf suspeitava de que ele estava apenas a

proteger o próprio traseiro, garantindo desse modo que ele fosse visto e considerado apto pela psiquiatra antes de retomar as suas tarefas.

Passara por uma Tesco Express e comprara comida suficiente para se fechar em casa o resto do fim-de-semana, pois suspeitava de que teria um grupo de repórteres ansiosamente à espera à porta do seu apartamento, suspeitas essas que viriam a confirmar-se. Felizmente, conseguiu evitar a maioria deles passando pela zona que ainda estava delimitada pela Polícia enquanto a equipa forense concluía o seu trabalho.

Aproveitara aquele dia de folga indesejado para organizar algumas das caixas que Andrea preparara meses antes. Parecia-lhe uma miserável metade dos bens da casa e tinha a certeza de que ela não tinha conseguido enfiar o carro em nenhum dos caixotes de cartão que tapavam as suas paredes.

Ignorou os dezassete telefonemas que recebeu entre a noite de sábado e domingo, mas atendeu o telefonema da mãe, que pareceu genuinamente preocupada durante os dois primeiros minutos antes de mudar, durante os restantes quarenta minutos da conversa, para o tema mais premente da cerca caída da vizinha Ethel. Wolf prometeu ir a Bath concertá-la num fim-de-semana de Julho; não ter de o fazer serviu-lhe de algum consolo, caso fosse brutalmente assassinado no dia 14.

Wolf foi recebido pelo ruído de um berbequim quando entrou no gabinete do Departamento de Homicídios e Crimes Graves. Uma equipa de operários cujos cadastros haviam sido passados a pente fino iniciara as reparações na sala de interrogatórios danificada pela água. Enquanto percorria o escritório, percebeu dois tipos de reacções divergentes por parte dos colegas. Mutos brindaram-no com sorrisos de apoio, uma pessoa que ele não conhecia ofereceu-se para lhe ir buscar um café, e outra (que nem sequer estava envolvida no caso) disse-lhe convictamente: «Vamos apanhá-lo.» Outros evitaram por completo o homem condenado, quiçá temendo que o peixe venenoso, o fármaco ou a planta que o assassino escolhesse para o matar os pudesse apanhar desprevenidos.

— Finalmente — disse Baxter quando ele se acercou da secretária que ela partilhava com Edmunds. — Tiveste um bom dia de folga enquanto nós

fizemos todo o trabalho por ti?

Wolf ignorou o gracejo. Sabia melhor que ninguém que a hostilidade era a maneira de ser de Baxter: infeliz — agressividade, confusa — antagonismo, envergonhada — violência. Estivera invulgarmente calada desde o noticiário de sábado à noite e não tentara contactá-lo, apesar de ser a única pessoa com que ele eventualmente teria querido falar. Parecia satisfeita ao agir como se nunca tivesse ouvido falar da lista, e Wolf não se importou de lhe fazer a vontade.

— Afinal, vai-se a ver e este estafermo — gesticulou para Edmunds, que estava sentado mesmo ao lado dela — não é um inútil.

Baxter pôs Wolf ao corrente dos desenvolvimentos. Tinham sido obrigados a desistir da linha de investigação da ambrósia depois de um perito ter informado que poderia ter sido cultivada em qualquer estufa na zona rural do país. Passava-se o mesmo com as flores: cada *bouquet* fora adquirido a floristas diferentes espalhadas por toda a cidade de Londres. Em todos os casos, o pagamento fora efectuado em numerário por via postal.

Seguindo uma pista de Edmunds, visitaram a fábrica da Complete Foods e estava agora em seu poder uma lista completa dos funcionários que tinham estado de serviço na noite anterior ao envenenamento de Naguib Khalid. Mais importante, tinham conseguido obter imagens do circuito fechado de televisão nas quais se podia ver um homem não identificado a entrar nas instalações durante a madrugada. Edmunds entregou orgulhosamente uma unidade de memória USB com o vídeo, com o ar de quem esperava uma festinha na cabeça.

— Há uma coisa que não bate certo — disse Edmunds.

— Outra vez não — queixou-se Baxter.

— Consegui descobrir que o lote contaminado de refeições especiais também foi parar a outros destinos. Três outras pessoas ingeriram a tetrodotoxina e duas delas já morreram.

— E a terceira? — indagou Wolf, preocupado.

— Nada auspicioso.

— Foi uma sorte a gótica da St Mary's Academy ter ido fazer uma viagem de estudo, se não teríamos outra vítima — disse Baxter.

— Exactamente — continuou Edmunds. — Não faz sentido que o

assassino nos quisesse dar uma lista de seis nomes específicos e depois matar mais três...

— Duas e meia — interveio Baxter.

— ... pessoas e nem sequer reclamar a responsabilidade por elas. Os assassinos em série não têm este tipo de comportamento. Estamos perante outra coisa.

Wolf pareceu bem impressionado e virou-se para Baxter.

— Estou a perceber porque gostas dele.

Edmunds pareceu extasiado.

— Eu não.

O sorriso de Edmunds esmoreceu.

— Quando ela estava em formação, eu não a deixei partilhar a minha secretária durante seis meses — disse Wolf a Edmunds.

— Adiante! — disse Baxter bruscamente.

— Chegaram a alguma conclusão em relação ao inalador? — perguntou Wolf.

— Alguém abriu e voltou a fechar o recipiente. Não continha qualquer fármaco, apenas uma substância química cujo nome não consigo pronunciar — explicou Baxter. — Estamos a investigar, mas, ao que parece, a mistura pode ser feita com produtos encontrados nos armazéns dos laboratórios de química de qualquer escola. Por isso, trocadilhos à parte, não vale a pena sustentar a respiração.

— Por falar nisso — interrompeu Edmunds —, o nosso assassino deve ter estado muito perto para trocar os inaladores pouco tempo antes do crime, provavelmente naquela manhã. Porque não matou o *mayor* nesse momento? Tal sugere que os motivos dele não se prendem com a vingança, mas antes com a teatralidade.

— Faz sentido — concordou Wolf. Hesitou antes de tocar no assunto tabu que todos tinham estado a evitar. — E o que está a acontecer às pessoas que constam da lista?

Baxter ficou visivelmente tensa.

— Não é nada connosco. Nós estamos a trabalhar na identificação dos que já morreram, não dos que estão prestes... — Interrompeu a frase ao lembrar-se de com quem estava a falar. — Terás de perguntar ao teu

parceiro.

Wolf levantou-se para ir embora, mas fez uma pausa.

— Tiveram notícias do Chambers? — perguntou num tom casual.

Baxter pareceu desconfiada.

— Para que diabo queres saber?

Wolf encolheu os ombros.

— Só pensei se ele saberá o que está a acontecer. Tenho a sensação de que vamos precisar de toda a ajuda possível.

Wolf fartara-se de ter todos os olhares a incidir sobre ele e mudara-se para a sala de reuniões onde alguém escrevera com uma letra cuidada «A Boneca de Trapos» por cima das duas enormes reproduções que ele fizera. Sentia-se cada vez mais frustrado, recusando-se obstinadamente a admitir que não fazia ideia de como reproduzir as filmagens do circuito fechado de televisão, presas naquela estúpida unidade de memória USB.

— A televisão tem um orifício na parte lateral — disse Finlay, mais de quinze anos mais velho, ao entrar na sala. — Não, na... em baixo... oh, deixa estar que eu trato disso.

Finlay retirou a unidade USB da ranhura na parte de trás da televisão e ligou-a no sítio certo. Surgiu no ecrã um menu azul com um único ficheiro.

— O que foi que eu perdi? — quis saber Wolf.

— Mandámos agentes vigiar o Garland, o Ford e a Lochlan. Só estamos preocupados com os da área de Londres.

— Porque acham que não faz sentido ele desafiar-me a detê-lo e depois ir matar alguém na outra ponta do país?

— Sim, qualquer coisa do género. Outras forças policiais estão a vigiar pessoas com nomes idênticos, mas esses não nos dizem respeito — explicou Finlay. — Não fazemos ideia do paradeiro do Vijay Rana. Era um contabilista que residia em Woolwich até que desapareceu do radar há cinco meses, quando o fisco percebeu que ele estava envolvido em fraude fiscal. Constava da lista de casos a investigar pelo Departamento de Fraudes, mas não me parece que eles tenham avançado muito na investigação. De qualquer maneira, pedi que nos enviassem as informações de que dispõem.

Wolf consultou o relógio.

— Restam-lhe trinta e oito horas até quarta-feira. Para bem dele, rezemos para o encontrar primeiro. Quem são os outros?

— O Garland é jornalista, por isso, coisa que não lhe falta são inimigos. Temos duas Ashley Lochlan; uma é empregada de balcão e a outra tem nove anos.

— Mas temos agentes a vigiar ambas, certo? — perguntou Wolf.

— É claro. E o Ford é segurança, acho, ou era antes de ter metido baixa por doença.

— Qual é a ligação entre eles?

— Nenhuma. Pelo menos, para já. A prioridade foi encontrá-los e garantir a segurança das suas casas.

Por instantes, Wolf ficou perdido nos pensamentos.

— Em que pensas, miúdo?

— Estava só a pensar quem foi que o Vijay Rana lixou com as suas manobras contabilísticas e a imaginar uma maneira inteligente de encontrar alguém desaparecido: pôr-nos a fazer o trabalho por ele.

Finlay anuiu.

— É provável que esteja mais seguro se o deixarmos escondido no seu canto.

— É provável.

Wolf desconcentrou-se ao ver a pilha de papéis que Finlay trouxera com ele. A página de cima incluía a fotografia de uma mulher de meia-idade envergando algo que, presumivelmente, era *lingerie* provocadora.

— Que raio é aquilo?

Finlay deu uma risadinha.

— As tuas fãs! Autoapelidaram-se «A Alcateia do Wolf». Agora, que és um alvo, todas as malucas saíram dos covis para se atirarem a ti.

Wolf folheou as primeiras páginas, abanando a cabeça, incrédulo, enquanto Finlay se dedicou às outras trinta páginas, atirando as rejeitadas para o chão da sala de reuniões.

— Esta está boa! — exclamou Finlay. — Esta miúda está a usar uma *T-shirt* genuína da antiga campanha «Libertem o Lobo^[1]». Ainda tenho a minha, mas a mim fica melhor — murmurou.

Wolf pensou que já era de prever. No passado, sentira-se repugnado

quando as vis e perigosas criaturas que tinha caçado haviam recebido imensa correspondência a poucos dias de serem condenadas a prisão perpétua. Do mesmo modo que conseguia presumir certas peculiaridades ao traçar o perfil de um assassino, quase conseguia imaginar estas correspondentes desesperadas: mulheres solitárias e socialmente desenquadradas, muitas vezes vítimas de prolongada violência doméstica, consumidas pela errónea convicção de que ninguém é totalmente ignóbil, que elas sozinhas conseguem recuperar essas incompreendidas vítimas da lei.

Wolf estava ciente de que este entorpecedor passatempo abundava nos Estados Unidos, onde as organizações incentivavam activamente as pessoas a comunicarem com os três mil reclusos no corredor da morte. Não percebia qual era o fascínio. Tirar prazer do trágico e dramático final de um relacionamento? As pessoas com problemas de relacionamento a tirarem partido do calendário forçado? Ou que apenas querem fazer parte de algo mais ousado e mais interessante do que as suas vidas fúteis?

Sabia que não podia verbalizar as suas opiniões diante dos outros, pois estava ciente de que não devia reagir com indignação a qualquer verdade ou observação controversa, por temer ficar vítima da ira do politicamente correcto. Contudo, estavam protegidos do rescaldo dos crimes dessas pessoas. Era ele quem tinha de fitar os olhares sem remorsos daqueles perversos predadores. Imaginava quantas destas pessoas mal-informadas continuariam a escrever-lhes se tivessem encharcado os sapatos no banho de sangue do local do crime, se tivessem de consolar as famílias desfeitas em consequência dos actos dos seus correspondentes.

— Ui, olha-me para esta! — gritou Finlay, mostrando uma excitação excessiva e fazendo que várias cabeças se vol-tassem para eles.

Segurou a fotografia de uma bela loira na casa dos vinte envergando um disfarce de agente da autoridade. Wolf fez uma pausa, sem saber o que dizer ao olhar fixamente para a fotografia, que não ficaria nada mal na capa de uma revista masculina.

— Manda isso para o lixo — disse, tomando por fim a decisão de que um sociopata narcisista a ansiar pela sua atenção talvez fosse suficiente.

— Mas... a Missy... de Brighton... — Finlay estava a ler o resto do e-

mail.

— Lixo! — vociferou Wolf. — Como é que ponho este vídeo a passar?

Finlay atirou soturnamente os *e-mails* para o lixo antes de se sentar ao lado de Wolf e carregar num botão do comando.

— Vais arrepender-te se estiveres morto daqui a duas semanas — resmungou.

Wolf ignorou o comentário e concentrou-se no grande ecrã de televisão. A imagem com imenso grão fora obtida a partir de uma câmara localizada num ponto elevado da unidade de produção da Complete Foods. Uma porta dupla permanecia aberta, apoiada por uma caixa, e, ao fundo, viam-se os funcionários mal pagos nas suas funções deprimentes e monótonas, preparando mecanicamente a próxima lesão provocada por movimentos repetitivos.

De súbito, apareceu alguém à porta. Era, inquestionavelmente, um homem. Edmunds calculara que mediria cerca de um metro e oitenta, depois de analisar a porta ao rever a gravação. O homem usava um avental manchado, luvas, rede para o cabelo e uma máscara como os outros funcionários, apesar de vir do exterior. Caminhava confiante, hesitando apenas por instantes enquanto decidia que direcção tomar. Durante os dois minutos seguintes, desapareceu e voltou a aparecer por detrás das caixas embaladas e prontas para entrega. De seguida, voltou a sair pela porta dupla, na direcção da noite, sem que alguém reparasse nele.

— Bem, foi uma perda de tempo — disse Finlay com um suspiro.

Wolf pediu-lhe que voltasse o filme atrás e que fizesse pausa na melhor imagem que a gravação permitia do assassino. Olharam fixamente para a cara tapada com a máscara. Mesmo depois de a equipa técnica ter melhorado a imagem, não tinham muito a que se agarrar. Perscrutou a calva por baixo da rede de cabelo, que, pelo menos, estava rapado. A única característica que efectivamente permitia distingui-lo era o avental, já coberto pelo que parecia ser sangue coagulado.

Teria sido impossível chegar perto de Naguib Khalid, o que sugeria que o seu assassinio obrigara a um minucioso planeamento. Wolf presumira, aparentemente sem razão, que o assassino o matara antes de ir atrás de alvos mais fáceis. Ficou a pensar qual das outras cinco vítimas já estariam

desmembradas naquele momento e, mais importante, porquê!

Capítulo 9

Segunda-feira, 30 de Junho de 2014

6h15

Edmunds investigou os dois pequenos frascos à luz. Um declarava ser *Shattered Pink*; o outro, *Sherwood*. Mesmo após três minutos de intensa observação, os dois frascos de verniz das unhas pareciam inequivocamente iguais.

Estava na labiríntica secção de produtos de maquilhagem que dominava o piso térreo do Selfridges. As bancas aleatoriamente posicionadas assemelhavam-se a arquipélagos no meio do mar, uma primeira linha de defesa, suportando toda a força da onda de clientes que fluía da Oxford Street e filtrando-a pelo resto do armazém. Já passara por vários dos mesmos rostos desorientados, pessoas que se tinham separado dos seus acompanhantes e vagueavam sem rumo certo entre os balcões de lápis delineadores, *bâtons* e gel hidratante *Uplight* que não faziam tenção de comprar.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma loira imaculadamente maquilhada, com um uniforme todo preto, cujas generosas camadas de base não conseguiam ocultar o sorriso escarninho e crítico ao observar o cabelo desgrenhado e as unhas roxas de Edmunds.

— Levo estes dois — disse ele alegremente, espalhando pó roxo no braço dela ao entregar-lhe os frascos.

A mulher sorriu adulatoramente e foi a gingar para o outro lado do seu pequeno império, para cobrar a Edmunds uma quantia exorbitante.

— Adoro o *Sherwood* — disse ela —, mas o *Shattered Pink* não lhe fica nada atrás.

Edmunds fixou o olhar nos dois artigos idênticos que estavam pateticamente pousados no fundo do cavernoso saco de papel que ela lhe entregou. Certificou-se de que guardava o recibo na parte de trás da carteira, com a esperança de o poder apresentar como despesa; se não pudesse, tinha acabado de gastar metade do seu orçamento para a mercearia em verniz brilhante para unhas.

— Posso ajudá-lo em mais alguma coisa? — indagou a mulher, voltando a assumir a postura frígida, agora que a transacção estava concluída.

— Pode. Como é que eu saio daqui?

Há já vinte e cinco minutos que Edmunds perdera a noção da saída.

— Dirija-se à escada rolante... encontrará as portas mesmo à sua frente.

Edmunds abriu caminho até à escada rolante, mas tudo o que encontrou foi a igualmente assustadora secção de perfumes. Acenou com a cabeça para um homem com quem se tinha cruzado por três vezes na secção de maquilhagem e iniciou a sua própria fútil tentativa de encontrar a saída da loja.

Aquele inesperadamente demorado desvio do caminho de casa devera-se a um desenvolvimento no caso, ocorrido nessa manhã. Assim que a equipa forense terminara o seu trabalho no local do crime, a *Boneca de Trapos* fora transportada para o Departamento Forense nas primeiras horas da manhã de domingo. Tratara-se de um moroso processo, devido à importância de se preservar a exacta postura e distribuição de peso das várias partes dos corpos durante o transporte. Durante a noite, haviam sido realizados intermináveis testes, exames e colheitas de amostras, até que finalmente, pelas 11 horas da manhã de domingo, fora permitido a Baxter e a Edmunds o acesso ao corpo.

Sem a surreal bruma do local do crime nocturno, o incoe-rente cadáver parecera-lhes ainda mais repugnante iluminado pela luz fluorescente do laboratório: pedaços de carne displicentemente cortadas, a apodrecer devagar na gélida sala de exames. As grossas suturas que os interligavam, e que tinham parecido tão transcendentais na intensa atmosfera do apartamento mal iluminado, estavam expostas como simples violentas mutilações.

— Como está a correr o caso? — indagara Joe. Era o médico legista, que

Edmunds achava parecido com um monge budista, com o seu uniforme inteiriço e a cabeça rapada.

— Fantástico, estamos quase a desvendá-lo — respondera Baxter sarcasticamente.

— Assim tão fácil, hã? — O homem sorria, aparentemente habituado aos modos irascíveis de Baxter, os quais parecia apreciar bastante. — Talvez isto ajude.

Entregara-lhe um grosso anel num saco de provas transparente.

— A minha resposta é um retumbante não — dissera ela, fazendo Joe soltar uma gargalhada.

— Pertence à mão esquerda de um homem. Impressão digital parcial, não pertencente à vítima.

— A quem pertence, então? — questionara Baxter.

— Não faço ideia. Pode ser alguma coisa... ou não.

O empolgação de Baxter diminuía.

— Pode revelar-nos algo que nos ajude a ter por onde começar?

— Ele — Baxter arqueara as sobrancelhas — ou ela — depois baixara-as — tinha dedos, disso não restam dúvidas.

Edmunds deixara escapar um riso dissimulado, que tentou esconder por detrás de tosse quando Baxter o olhou furiosamente.

— Não se preocupe, que há mais — dissera Joe.

Apontara para a perna negra de homem, que ostentava uma grande cicatriz deixada por uma operação. Levantou um raio-X na direcção da luz. Duas compridas barras claras cintilavam incongruentemente sobre o deslavado esqueleto.

— Placas e parafusos a apoiar a tibia, a fíbula e o fémur — explicara Joe. — Foi uma grande operação. Dessas em que têm de optar entre a intervenção cirúrgica e a amputação. Alguém lembrar-se-á de a ter feito.

— Estas coisas não têm números de série ou algo do género? — perguntara Baxter.

— Vou procurar, mas se será possível descobrir-lhes a origem dependerá de há quanto tempo a intervenção foi realizada, e esta cicatriz parece-me ser antiga.

Quando Baxter examinara as radiografias com Joe, Edmunds ajoelhará-se

para examinar mais atentamente o braço direito de mulher, não lhe tendo passado despercebido o facto de estar a apontar, de modo assustador, para o seu reflexo no vidro da janela. As cinco unhas esmeradamente pintadas brilhavam num verniz roxo-escuro.

— O dedo indicador é diferente! — exclamara de repente.

— Ah, também reparou — dissera Joe alegremente. — Ia já referir isso. Era impossível reparar nesse pormenor dentro do sombrio apartamento, mas aqui pode ver-se distintamente que foi usado um verniz diferente naquele dedo.

— E isso agora ajuda-nos em alguma coisa? — indagara Baxter.

Joe pegara numa lâmpada de raios ultravioleta que estava no carrinho, ligara-a e passara-a ao longo do gracioso braço. Nódos negros apareceram e desapareceram quando a luz roxa lhes passou por cima, sendo mais visíveis no pulso ou à volta do mesmo.

— Houve uma luta — dissera ele. — Agora, olhem para estas unhas: nem uma única está lascada. Foram pintadas posteriormente.

— Após a luta ou após a morte? — indagara Baxter.

— Diria que as duas coisas. Não encontrei qualquer sinal de resposta inflamatória, o que significa que morreu pouco tempo depois de as nódos negras terem sido feitas.

»Quer-me parecer que o assassino está a falar connosco.

Uma pequena, mas importante, secção da linha Norte fora encerrada por motivos de obras. Atormentado pela ideia de um autocarro sobrelotado, Wolf seguiu pela linha de Piccadilly até à Caledonian Road, a que se seguiu uma caminhada de vinte e cinco minutos até Kentish Town. Não era um caminho especialmente pitoresco, depois de ter passado pelo parque e deixado de ver a agradável torre do relógio, com os detalhes vincados por uma encantadora ferrugem verde; todavia, a temperatura descera até um nível tolerável e o sol de final de tarde lançara uma atmosfera apaziguadora sobre aquela zona da cidade.

O dia improdutivo fora passado infrutiferamente à procura de Vijay Rana. Wolf e Finlay tinham-se deslocado a Woolwich e encontrado a casa da família num estado previsivelmente desabitado. O lastimoso jardim da

frente parecia muito mais impressionante do que deveria, com a relva alta e as ervas daninhas a invadirem o caminho que conduzia à porta da frente. Conseguia ver-se, através de uma pequena janela com grades de ferro, um monte de correspondência por abrir e folhetos de restaurantes que vendiam comida para fora.

A informação reunida pelo Departamento de Frau-des nem valera a leitura, e o sócio de Rana, que tinham ido importunar na empresa de contabilidade, admitira abertamente que, se soubesse onde o sócio estava escondido, ele próprio o teria matado. A única descoberta promissora fora a inquestionável falta de informações sobre Rana antes de 1991. Por algum motivo, mudara de nome. Nutriam a esperança de que os Tribunais Reais de Justiça ou os Arquivos Nacionais lhes conseguissem revelar o nome anterior e que uma lista infindável de pecados passados lhes indicasse o caminho até ao paradeiro de Rana.

Quando Wolf se aproximava do seu bloco de apartamentos, avistou um *Bentley* azul-escuro com matrícula personalizada estacionado num sítio proibido em frente à entrada principal. Ao atravessar a rua diante do carro, reparou no homem de cabelo prateado que estava ao volante. Chegou à porta da entrada e estava à procura das chaves quando o telemóvel tocou. O nome de Andrea apareceu no ecrã. Acto contínuo, voltou a meter o telemóvel no bolso e ouviu nas suas costas o bater de uma pesada e cara porta de automóvel.

— Estás a ignorar os meus telefonemas — disse Andrea.

Wolf suspirou e virou-se para a encarar. Ela tinha outra vez aquela aparência imaculada, tendo passado provavelmente a maior parte do dia diante de uma câmara de televisão. Reparou que usava o colar que lhe oferecera no primeiro aniversário de casamento, mas decidiu não aludir ao facto.

— Passei quase toda a noite de sábado detida — prosseguiu.

— É o que acontece a quem viola a lei.

— Deixa-te disso, Will. Sabes tão bem quanto eu que, se eu não tivesse dado a notícia, alguém o teria feito.

— Como podes ter a certeza?

— Sabes muito bem que é verdade. Achas que, se eu não tivesse feito a

reportagem, o assassino se limitaria a pensar: «Ah, ela não leu, que pena. É melhor eu esquecer esta coisa da lista de pessoas a retalhar»? É claro que não. Ele teria contactado outro canal de televisão e era bem provável que tivesse arranjado um espaço para mim na sua agenda ocupada.

— É essa a tua ideia de um pedido de desculpas?

— Não tenho qualquer motivo para pedir desculpa. Quero que me perdoes.

— Para que alguém te perdoe, primeiro tens de pedir desculpa. É assim que a coisa funciona!

— Quem disse?

— Não sei... a Polícia dos Bons Costumes?

— Isso existe?

— Não quero fazer isto — disse Wolf, espantado com a facilidade com que conseguiam retomar velhos hábitos, mesmo agora. Olhou por cima do ombro de Andrea para o elegante automóvel estacionado na berma do passeio. — Quando foi que o teu velhote comprou um *Bentley*?

— Oh, vai-te lixar! — explodiu ela, apanhando-o de surpresa.

Lentamente, percebeu porque ficara ofendida.

— Oh, meu Deus. É ele, não é? O teu novo brinquedo — disse ele, de olhos arregalados enquanto tentava ver através dos vidros fumados.

— Sim, é o Geoffrey.

— Ah, chama-se Geoffrey? Bem, de facto, ele aparenta ser muito... rico. Que idade tem, uns sessenta?

— Deixa de olhar para ele.

— Posso olhar para onde quiser.

— És tão infantil.

— Pensando bem, é melhor não brincares muito com ele; ainda lhe partes alguma coisa.

Os cantos da boca de Andrea repuxaram-se para cima, involuntariamente.

— Agora, a falar a sério — disse Wolf calmamente —, foi mesmo por causa *dele* que me deixaste?

— Eu deixei-te por *tua* causa.

— Ah.

Seguiu-se um silêncio desconfortável.

— Queríamos convidar-te para jantar. Estamos aqui fora há quase uma hora e eu estou esfomeada.

Wolf soltou um lamento de desilusão pouco convincente.

— Ia adorar, mas, na verdade, estou mesmo de saída.

— Acabaste de chegar.

— Olha, agradeço o gesto, mas importas-te que recuse hoje? Tenho imenso trabalho para fazer e só me resta um dia para encontrar o Rana e...

— Wolf apercebeu-se do deslize quando Andrea arregalou os olhos, interessada.

— Não sabes dele? — indagou, atónita.

— Andie, estou cansado. Já nem sei o que digo. Tenho de ir.

Wolf deixou-a na soleira da porta e entrou no prédio. Andrea voltou a sentar-se no banco do passageiro do *Bentley* e fechou a porta.

— Uma perda de tempo — disse Geoffrey, consciente.

— Longe disso — retorquiu Andrea.

— Se tu o dizes. Nesse caso, jantar no Greenhouse?

— Passas bem sem mim hoje, não passas?

— Então, é para o escritório? — resmungou Geoffrey.

— Sim, por favor.

Wolf destrancou a porta do seu apartamento e ligou a televisão para abafar a discussão habitual entre o casal obviamente incompatível do andar de cima. A apresentadora de um programa sobre imóveis estava a mostrar a um casal de recém-casados uma casa de quatro frentes e três quartos nos arrabaldes de um parque idílico numa parte do país muito mais agradável. Era, ao mesmo tempo, cómico e angustiante ouvi-los debater sobre o preço ridiculamente baixo, que não daria para pagar o casebre onde ele se encontrava agora na capital.

Foi até à janela da cozinha e perscrutou a penumbra do local do crime do outro lado da rua. Fez uma pausa, quase à espera de ver a *Boneca de Trapos* ainda ali pendurada, esperando-o. O programa sobre imóveis terminou (o casal decidiu que poderia comprar melhor por aquele preço) e um técnico de meteorologia previu energicamente que a onda de calor teria um fim espectacular na noite seguinte, com previsão de tempestades eléctricas e

chuva torrencial.

Apagou a televisão, puxou as persianas e deitou-se no colchão no chão do quarto, com o livro que andava a ler há já quatro meses. Leu outra página e caiu num sono inquieto.

Wolf acordou com o telemóvel a tocar em cima das roupas dobradas que usara no dia anterior. Sentiu imediatamente a dor no braço esquerdo e olhou para baixo, reparando que a ferida tinha derramado um líquido que atravessara as ligaduras durante a noite. O quarto pareceu-lhe estranho sob a ténue luminosidade da manhã, mais pardacenta do que o familiar cor de laranja a que se habituara durante as duas últimas semanas. Virou-se e agarrou o telefone que estava a vibrar.

— Chefe?

— O que fizeste agora? — vociferou Simmons.

— Não sei. O que fiz agora?

— A tua mulher...

— *Ex*-mulher.

— ... espetou com a cara do Vijay Rana no noticiário da manhã e fez saber ao mundo que nós não temos capacidade para o encontrar. Estás a tentar fazer com que me despeçam?

— De propósito, não.

— Trata disso.

— Está bem.

Wolf foi a cambalear até à sala principal. Tomou dois analgésicos para o braço e voltou a ligar a televisão. Andrea materializou-se no ecrã, com a mesma aparência perfeita de sempre, mas com as mesmas roupas da noite anterior. Com a sua habitual tendência para o dramatismo, estava a ler uma citação inquestionavelmente fictícia de um «porta-voz da Polícia» que implorava aos amigos e familiares de Rana que revelassem o seu paradeiro, para a sua própria segurança.

No canto superior esquerdo do ecrã, um cronómetro fazia a contagem decrescente das horas e minutos até à manhã de quarta-feira. Perturbado, sem fazer a menor ideia de por onde começar a procurar Rana, restavam-lhes apenas mais dezanove horas e vinte e três minutos de espera até o

assassino reclamar a sua próxima vítima.

Capítulo 10

Terça-feira, 1 de Julho de 2014

8h28

Londres recuperara o seu habitual matiz monocromático, com o céu enevoadado apoiado em cima de edifícios pardacentos de fuligem que lançavam sombras escuras sobre uma interminável vastidão de betão.

Wolf marcou o número de Andrea enquanto percorria a curta distância entre a estação do metro e a New Scotland Yard. Para seu espanto, ela atendeu quase logo de seguida. Pareceu-lhe genuinamente perplexa com a reacção dele e insistiu obstinadamente que a sua única intenção fora ajudar a Polícia e redimir os danos que pudesse ter causado. Argumentou que ter toda a população do país à procura de Rana só podia ser positivo, e Wolf não tinha como repudiar tal lógica utilizada em proveito próprio. Todavia, obrigou-a a prometer que o informaria sobre quaisquer pormenores controversos antes de os difundir pelo resto do país.

Wolf entrou no gabinete onde Finlay já estava a trabalhar arduamente. Falava ao telefone com algum funcionário dos Tribunais Reais de Justiça, reforçando a importância vital da simples tarefa que ainda não haviam concretizado. Wolf sentou-se na secretária em frente e folheou os montes de documentos deixados pelos detectives que tinham feito o turno da noite e poucos avanços tinham conseguido. Como não tinha ideias melhores para localizar Rana, continuou a partir do ponto onde os seus colegas haviam ficado: o árduo exercício de escrutinar sistematicamente extractos bancários, facturas de cartões de crédito e registos telefónicos discriminados.

Por volta das 9h23, o telefone de Finlay tocou e ele atendeu com um

bocejo.

— Fala o Shaw.

— Bom dia, daqui fala o Owen Whitacre dos Arquivos Nacionais. Peço desculpa pelo tempo que demorámos a...

Finlay acenou para Wolf de modo a chamar a sua atenção.

— Tem algum nome para nos indicar?

— Na verdade, tenho. Estou neste preciso instante a enviar por *fax* uma cópia da certidão, mas achei que seria melhor contactá-lo directamente, considerando... bem, considerando aquilo que descobrimos.

— O que descobriram?

— Sim. Vijay Rana chamava-se Vijay Khalid.

— *Khalid*?

— Por isso investigámos e constatámos que ele tem um irmão mais novo, chamado Naguib Khalid.

— Shiatsu.

— Como disse?

— Nada. Obrigado — disse Finlay antes de desligar.

Em poucos minutos, Simmons tinha destacado mais três agentes para ajudarem Wolf e Finlay a explorar o passado desconhecido de Rana. Fecharam-se na sala de reuniões, longe do ruído e das distrações do gabinete principal, e meteram mãos à obra. Restavam-lhes catorze horas e meia para o encontrarem.

Ainda havia tempo.

O pescoço de Edmunds estava uma lástima depois de ter passado a noite no seu inconcebivelmente desconfortável sofá. Na noite anterior, regressara ao seu duplex, que pertencera à autoridade local, pelas 20h10, e dera com a mãe de Tia a lavar a louça na cozinha. Tinha esquecido completamente o compromisso. Ela cumprimentara-o da habitual forma calorosa e abraçara-o com as mãos cheias de espuma, pondo-se em bicos de pés e mesmo assim só lhe chegando ao peito. Por seu turno, Tia fora muito menos compreensiva. Sentindo a tensão no ar, a mãe pedira desculpa e fora embora o mais depressa que conseguira.

— Há mais de quinze dias que tínhamos isto combinado — dissera Tia.

— Fiquei enredado no serviço. Desculpa ter faltado ao jantar.

— Devias ter ido buscar a sobremesa, lembras-te? Tive de improvisar uma das minhas.

Subitamente, Edmunds sentira-se menos arrependido de ter faltado ao jantar.

— Oh, não — dissera ele, parecendo mesmo desiludido. — Devias ter guardado um pouco para mim.

— E guardei.

Bolas.

— A vida vai ser sempre assim? Tu a faltares a jantares e a apareceres a altas horas da noite com as unhas todas pintadas?

Edmunds raspou distraidamente o verniz roxo, que começava a descascar.

— São oito e meia, Tia. Não são exactamente «altas horas da noite».

— Isso quer dizer que ainda vai piorar?

— Talvez piore. Isto agora é o meu trabalho — explodira Edmunds.

— Por isso mesmo é que nunca quis que deixasses o Departamento de Fraudes — dissera Tia, subindo o tom de voz.

— Mas quis *eu*!

— Não podes ser assim egoísta quando fores pai!

— Egoísta? — berrou Edmunds, incrédulo. — Ando a ganhar a vida! De que outro modo sobreviveremos? Com o teu salário de cabeleireira?

Arrependera-se logo da réplica mordaz, mas não havia volta a dar. Tia subira as escadas a correr a batera a porta do quarto. Edmunds pensara em pedir-lhe desculpa pela manhã, mas saiu para ir trabalhar antes de ela acordar, fazendo um apontamento mental para não se esquecer de lhe comprar flores no regresso a casa.

Encontrou Baxter assim que chegou e fez figas para que ela não reparasse que estava a usar a mesma camisa do dia anterior (as outras estavam penduradas, acabadas de passar a ferro, por detrás da porta trancada do quarto) ou que não conseguia virar a cabeça para a direita. Enquanto ela se ocupou a contactar cirurgiões ortopédicos e fisioterapeutas em busca de pistas sobre a perna reconstruída, ele recebera ordens para obter o máximo de informações possível acerca do anel de prata.

Procurou no telemóvel os melhores joalheiros das redondezas e meteu pés

ao caminho rumo à Victoria. Quando lá chegou, o vendedor ficou entusiasmado por poder ajudar, evidentemente deliciado com o dramatismo de toda a situação. Conduziu Edmunds até uma sala nas traseiras onde a relaxada e elegante ilusão projectada pela loja deu lugar a imponentes cofres, ferramentas gordurentas, equipamento de polir e imagens de mais de uma dúzia de câmaras ocultas que vigiavam todos os expositores de vidro reforçado.

Um homem pegajoso e pouco asseado, escondido como um leproso da clientela de classe alta facilmente intimidável, levou o anel até à sua bancada de trabalho e examinou o aro interior com uma lupa.

— Platina da mais alta qualidade, com contraste do Edinburgh Assay Office, produzido em 2003 por alguém com as iniciais TSI. Pode contactá-los para ficar a saber a quem pertence o contraste.

— Uau. Obrigado. Foi extremamente útil — disse Edmunds, tirando apontamentos, espantado com o facto de o homem ter conseguido tanta informação a partir daqueles símbolos que, aparentemente, não tinham qualquer significado. — Faz ideia de quanto poderia custar um anel destes?

O homem pousou o maciço anel numa balança e tirou do fundo de uma gaveta um catálogo com as páginas vincadas nas pontas.

— Não é um contraste de *designer*, o que diminuiria relativamente o valor, mas temos anéis semelhantes a rondar as três mil libras.

— Três mil libras? — quis Edmunds confirmar. Por instantes, recordou a discussão com Tia na noite anterior. — Pelo menos, ficamos com uma ideia da classe social da vítima.

— Revela muito mais do que isso — atalhou o homem, confiante. — Este é um dos anéis mais simples que eu já vi. Não tem praticamente qualquer mérito artístico. Em joalheria, é o equivalente a andar por aí com um punhado de notas de cinquenta libras: materialismo pretensioso. Apenas aparato, sem substância.

— Devia vir trabalhar para nós — disse Edmunds espirituosamente.

— Nem pensar — retorquiu o homem. — Ganha-se muito mal.

À hora do almoço, Baxter já telefonara para mais de quarenta hospitais. Esperançada, enviara, via *e-mail*, cópias do raio-X e uma fotografia da cicatriz resultante de quando um cirurgião reclamara, confiante, ter realizado uma operação que salvara um membro; infelizmente, uns meros cinco minutos mais tarde, o mesmo cirurgião telefonara a afirmar que nunca teria deixado uma cicatriz tão horrorosa e que não a podia ajudar mais. Sem uma data ou um número de série, as suas informações mais não eram do que demasiado vagas.

Avistou Wolf na sala de reuniões. Ele também estava a falar ao telefone, trabalhando freneticamente com a sua equipa para localizar Rana. Ela ainda nem sequer interiorizara o facto de o nome dele constar da lista do assassino, talvez porque não tinha a certeza de como seria a reacção dela. Agora, mais do que nunca, não fazia absolutamente ideia nenhuma daquilo que eram um para o outro.

Estava espantada com o modo como ele se dedicara ao trabalho. Um homem mais fraco teria definhado, ter-se-ia escondido, procurado o conforto e o apoio das pessoas à sua volta. Wolf não. Se mudara, tornara-se mais forte, mais determinado, mais parecido com o homem que ela conhecera durante o caso do *Cremador*: a mesma bomba-relógio transpirando eficiência; implacável e autodestrutivo. Ainda mais ninguém tinha notado a subtil mudança, mas acabariam por reparar.

Edmunds conseguira impressionantes progressos com o anel. Já tinha contactado o Edinburgh Assay Office, que o informara de que o contraste pertencia a uns joalheiros independentes da Old Town. Enviara uma fotografia do anel, com anotações das dimensões aproximadas, e estava ocupado a comparar vernizes das unhas enquanto esperava que lhe retribuíssem o telefonema. Depois de uma paragem na Superdrug and Boots no caminho de regresso para o escritório, era agora o orgulhoso proprietário de mais seis frascos de verniz com brilhantes, mas nenhum coincidia com as tonalidades daquele que procuravam.

— Estás com um aspecto terrível — disse-lhe Baxter depois de pousar o auscultador naquele que era o quadragésimo terceiro telefonema que fazia para hospitais.

— Não dormi lá muito bem — respondeu Edmunds.

— Trazes a mesma camisa de ontem.

— Ai sim?

— Em três meses, nunca usaste a mesma camisa dois dias seguidos.

— Não tinha percebido que me andavas a controlar.

— Tiveste uma discussão — disse ela, senhora de si, desfrutando da relutância de Edmunds em divulgar mais do que queria. — Passaste a noite no sofá, foi? Todos já passámos por isso.

— Se não te importas, podemos mudar de assunto?

— Diz lá, o que aconteceu? Ela não gosta que tenhas uma rapariga como parceira? — Baxter rodopiou na cadeira e olhou-o, a pestanejar.

— Não é isso.

— Perguntou-te como foi o teu dia e percebeste que não tinhas nada para dizer que não envolvesse corpos desmembrados ou autarcas carbonizados?

— Há sempre verniz para as unhas — disse, com um sorriso, mostrando-lhe as unhas com verniz roxo lascado do dia anterior. Tentou fazer uma piada para deixar claro que ela não estava a incomodá-lo.

— Nesse caso, esqueceste-te de alguma coisa. O dia de anos? O aniversário de casamento?

Como Edmunds não respondeu, ela percebeu que estava no caminho certo. Fitou-o, aguardando pacientemente uma resposta.

— Jantar com a mamã — resmungou.

Baxter desatou numa gargalhada.

— Jantar com a mamã? Meu Deus, ela que atine. Nós estamos a tentar apanhar um assassino, pelo amor de Deus. — Aproximou-se dele, em jeito conspiratório. — Uma vez andei com um fulano e não fui ao funeral da mãe dele porque estava a perseguir um barco no Tamisa!

Riu em voz alta e Edmunds imitou-a. Sentiu-se culpado por não defender Tia, por não explicar que ela ainda se estava a adaptar às exigências do novo trabalho, mas apreciava o facto de ter algo em comum com a colega de trabalho.

— Desde esse dia, nunca mais tive notícias dele — prosseguiu.

À medida que o seu riso se foi desvanecendo, Edmunds pensou conseguir detectar uma tristeza genuína por detrás da indiferença superficial, um ténue vestígio, enquanto ela pensava sobre tudo o que poderia ter acontecido se as

coisas tivessem sido de outra maneira.

— Espera só até o teu puto nascer num dia em que tu estejas preso a um crime e não possas estar presente.

— Isso não vai acontecer — disse Edmunds, na defensiva.

Baxter encolheu os ombros recostou-se na cadeira. Pegou no telefone e marcou o número seguinte da lista.

— Casamento. Detective. Divórcio. Pergunta a qualquer um nesta sala. Casamento. Detective. Divórcio... Ah, olá, daqui fala a inspectora Baxter da...

Simmons saiu do gabinete e fez uma pausa para olhar as pilhas de fotografias da autópsia que Baxter atirara para cima da secretária desocupada de Chambers.

— Quando é que o Chambers regressa? — perguntou-lhe.

— Não faço ideia — respondeu ela enquanto esperava que transferissem a chamada para outro departamento de fisioterapia.

— Tenho a certeza de que era hoje.

Baxter encolheu os ombros, demonstrando que não sabia nem queria saber.

— Lixou-me durante uma semana quando aquele vulcão entrou em erupção há uns anos. É bom que não esteja «preso» nas Caraíbas. Fazes-me o favor de lhe telefonar?

— Liga-lhe tu — bradou, ainda mais agitada por causa da canção de Will Young no telemóvel a berrar-lhe aos ouvidos.

— Tenho uma chamada da comandante. Liga-lhe!

Enquanto aguardava a ligação, Baxter pegou no telemóvel e marcou o número de casa de Chambers, que ela sabia de cor. A chamada foi parar directamente ao atendedor de chamadas.

— Chambers! É a Baxter. Onde andas, seu cabrão preguiçoso? Merda, espero que não sejam as miúdas a ouvir esta chamada. Arley ou Lori, se estiverem a ouvir, por favor, ignorem as palavras «cabrão» e «merda».

Finalmente, alguém do hospital atendeu a outra chamada, apanhando Baxter desprevenida.

— Vai-te lixar — disse para o telemóvel antes de desligar à pressa.

Wolf sentiu-se completamente impotente enquanto as horas passavam. Por volta das 14h30, recebeu um telefonema do agente que mandara a casa do primo de Rana. À semelhança de todas as outras pistas, não dera em nada. Wolf estava convicto de que amigos ou familiares davam guarida a Rana e à sua família. Tinham desaparecido há cinco meses sem deixar rasto e faziam-se acompanhar por duas crianças em idade escolar, que teriam dado nas vistas nos dias de semana. Esfregou os olhos cansados e avistou Simmons a caminhar de um lado para o outro no seu minúsculo gabinete, a tratar dos intermináveis telefonemas dos superiores enquanto percorria os canais de notícias para avaliar os mais recentes danos.

Passou mais meia hora sem que nada acontecesse, até que Finlay subitamente gritou.

— Descobri uma coisa!

Wolf e os outros largaram o que estavam a fazer para irem ouvir.

— Quando a mãe do Rana morreu em 1997, deixou a casa aos dois filhos, mas esta nunca chegou a ser vendida. Alguns anos mais tarde, puseram-na em nome da filha recém-nascida do Rana, sem dúvida para fugir ao fisco.

— Onde? — perguntou Wolf.

— Lady Margaret Road, Southall.

— Tem de ser isso — disse Wolf.

Tiraram à sorte quem teria de interromper a conferência telefónica de Simmons; Wolf perdeu. O inspector-chefe juntou-se a eles na sala de reuniões e Finlay explicou-lhe a sua descoberta. Ficou decidido que Wolf e Finlay iriam sozinhos buscar Rana. A discrição seria o segredo do sucesso, e até tinha sido bom a imprensa os ter denegrido, alardeando o facto de não terem conseguido localizar Rana, apenas para, na terça-feira de manhã, revelarem que ele estava são e salvo.

Simmons teve a ideia de recorrer aos seus contactos no Serviço de Protecção de Testemunhas do Reino Unido, que dispunha de recursos muito melhores para o transporte dissimulado e protecção, para assumir a responsabilidade conjunta de Rana até ser considerado em segurança. Acabara de pegar no telefone quando alguém bateu delicadamente na porta da sala de reuniões.

— Agora não! — berrou quando uma agente de patente inferior entrou

timidamente na sala e fechou a porta. — Eu disse que agora não!

— Desculpe interromper, mas tem um telefonema que acho que devia mesmo atender.

— E porque acha isso? — perguntou Simmons em tom condescendente.

— Porque o Vijay Rana acabou de se entregar na esquadra de Southall.

— Ah!

Capítulo 11

Terça-feira, 1 de Julho de 2014

4h20

Finlay passara pelas brasas ao volante do automóvel na faixa de rodagem exterior da auto-estrada. O facto não fora tão desastroso como poderia ter sido, visto que estavam parados no meio do trânsito há mais quarenta minutos. A chuva caía com força suficiente para encobrir os seus roncos, assemelhando-se mais a pedras a desabar sobre o fino tejadilho de metal do que água. Há muito que os limpa pára-brisas tinham deixado de surtir efeito, o que seria provavelmente a explicação para o trânsito lento.

Numa tentativa de manter o anonimato, tinham requisitado um veículo descaracterizado, com o qual haviam passado pelos jornalistas, que se tinham ido abrigar do súbito pé-de-água. Mesmo que tivessem sirenes, estavam encurralados na faixa exterior de quatro, e o tráfego congestionado tinha-se alastrado por todo o lado. Nunca teriam conseguido chegar à berma, que se mantinha frustrantemente fora do alcance, a menos de dez metros de distância.

Wolf falara com o inspector-chefe Walker da esquadra de Southall. Parecera-lhe logo ser uma pessoa competente e inteligente. Revistara Rana quando este lá chegara e tinha-o metido numa cela com um dos seus homens a montar guarda à porta. Garantira a Wolf que apenas quatro pessoas, incluindo ele próprio, tinham conhecimento da presença de Rana no edifício. Obrigara os seus homens a guardar sigilo, mesmo dos colegas que andavam no exterior. A pedido de Wolf, Walker fechara a esquadra ao público, invocando uma falsa fuga de gás, e dera instruções para que os seus agentes fizessem as pausas noutras esquadras. Não obstante o atraso,

Wolf estava satisfeito por Rana, para já, estar em boas mãos.

A coluna de cinco veículos acabou por se desviar, dando passagem ao lento caudal de tráfego que passava pela faixa contígua. Chegaram a Southall pouco mais de uma hora depois e os primeiros trovões ribombaram pelo céu negro quando Wolf e Finlay se apearam do veículo. A iluminação já estava acesa, reflectindo-se nas superfícies dos guarda-chuvas que passavam precipitadamente e na torrente de água que inundava as valetas, iluminando o congestionamento ao longo da rua principal.

Ficaram os dois encharcados durante a corrida de dez segundos desde o parque de estacionamento até à entrada das traseiras da esquadra. O inspector-chefe deixou-os entrar e apressou-se a trancar novamente a porta. Tinha mais ou menos a mesma idade de Finlay e ostentava com orgulho o familiar uniforme. A testa alta assentava-lhe tão bem que dava a impressão de estar a ficar calvo de propósito. Cumprimentou-os efusivamente e levou-os para a sala de descanso, onde lhes ofereceu uma bebida quente.

— Então, cavalheiros, temos planos para o Sr. Rana? — indagou Walker. Fez a pergunta a Finlay, presumivelmente como forma de delicadeza para com o homem mais velho, pois estava bem ciente de que Wolf era o responsável.

— É muito em cima da hora para o Serviço de Protecção de Testemunhas conseguir fazer alguma coisa — disse Finlay, limpando a água da chuva da cara com a manga ensopada. — Não entram em acção enquanto não reunirem todas as condições para garantir a segurança dele.

— Nesse caso, deixarei isto nas vossas mais do que capazes mãos — disse Walker. — Façam de conta que estão em casa.

— Gostaria de falar com ele — atalhou Wolf quando Walker se virou para deixar a sala.

Demorou algum tempo a responder, quiçá à procura das palavras menos ofensivas para a sua resposta.

— Inspector Fawkes, o senhor é o homem do momento — começou.

Wolf não sabia ao certo onde ele queria chegar.

— Embora, e não quero faltar-lhe ao respeito ao dizê-lo, já o fosse antes de tudo isto começar, não é verdade?

— O que quer dizer?

— Quero dizer que, quando o Sr. Rana chegou a cambalear à Recepção esta tarde, estava bastante perturbado. Queria estar longe da mulher e dos filhos, o que é bastante compreensível, dadas as circunstâncias. De seguida, foi-se abaixo e desatou a chorar pelo falecido irmão.

— Compreendo — disse Wolf, percebendo agora as reservas de Walker: ele sabia. Wolf ficou um pouco irritado. No entanto, percebia que o inspector-chefe estava apenas a fazer o seu trabalho. — Antes de tudo isto, eu nunca tinha conhecido nem ouvido falar do Vijay Rana. O meu único interesse nele é mantê-lo vivo, e presumo que, se alguém vier a necessitar de protecção durante o nosso encontro, serei eu.

— Nesse caso, não se oporá a que eu esteja sempre presente durante o seu interrogatório ao recluso — rematou Walker.

— Isso faria com que eu me sentisse mais seguro — retorquiu Wolf levianamente.

Walker conduziu-os à cela nas traseiras do edifício, onde os três outros agentes a par da situação aguardavam sob tensão. O inspector-chefe apresentou Wolf e Finlay a cada um deles e depois pediu ao agente que montava guarda que abrisse a porta da cela de Rana.

— Pusemo-lo na extremidade mais afastada, o mais longe possível dos nossos outros hóspedes — informou Walker.

A porta abriu-se pesadamente e deixou antever uma sanita com a tampa para cima e bolorenta e o colchão e a almofada azuis, em cima de um banco de madeira, que constituíam o mobiliário da cela. Rana estava sentado com a cabeça pousada nas mãos, envergando ainda o anoraque com manchas de água. O ferrolho fez um estalido atrás de si quando Walker se acercou lentamente do recluso.

— Sr. Rana, estes dois agentes estão encarregados do...

Rana levantou a cabeça e, assim que os seus olhos raiados de sangue pousaram sobre Wolf, levantou-se de um pulo e atacou. Walker agarrou-lhe um braço e Finlay o outro. Arrastaram-no para o banco enquanto ele gritava.

— Seu estafermo! Seu estafermo!

Os dois experientes agentes não tiveram dificuldade em controlar Rana, que era baixo e tinha excesso de peso. Uns pêlos hirsutos de barba por

desfazer há alguns dias pontilhavam-lhe o rosto demasiadamente grande. Pareceu esvaziar-se ao ceder e depois desatou a chorar com a cara enterrada na almofada. Walker e Finlay soltaram-no com cuidado enquanto ele se acalmava. Aos poucos, a atmosfera desanuviou.

— Os meus pêames pelo seu irmão — disse Wolf com um sorriso escarninho. O olhar enfurecido de Rana fixou-se nele. — Era um verdadeiro monte de merda.

— Seu estafermo! — berrou Rana de novo enquanto Walker e Finlay se debatiam para o obrigarem a sentar-se outra vez.

— Que raios, Will — queixou-se Finlay quando um joelho extraviado lhe embateu na virilha.

— Se volta a fazer isso, Fawkes — bradou Walker irritado —, nem sequer me dou ao trabalho de tentar impedi-lo.

Wolf levantou uma mão a pedir desculpa e recuou alguns passos para se encostar à parede. Quando Rana voltou a acalmar-se, Finlay explicou-lhe a situação: como tinham conseguido divulgar a poucas pessoas a notícia da sua rendição, como estavam a aguardar instruções dos Serviços de Protecção de Testemunhas, como ele estaria em segurança e como tinha tomado a decisão certa ao entregar-se. Conforme aprendera na formação, assim que tinha revelado a Rana informação suficiente para granjear a sua confiança, Finlay passou informalmente ao interrogatório. Perguntou se Rana conhecia alguma das outras pessoas da lista, quis saber nomes de alguém que lhe quisesse fazer mal e telefonemas recentes ou incidentes fora do vulgar.

— Posso fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu irmão? — indagou Finlay, o mais educadamente que Wolf jamais ouvira da sua boca. Estava a pisar um terreno que já haviam determinado como sendo o ponto de explosão de Rana.

Wolf certificou-se de que mantinha os olhos fixos no chão, no intuito de não empolar a situação.

— Porquê? — perguntou Rana.

— Porque tem de haver uma ligação entre os nomes da lista e as vítimas que ele já reclamou — explicou delicadamente Finlay.

Wolf revirou os olhos.

— Está bem — concordou Rana.

— Quando foi a última vez que teve contacto com o seu irmão?

— 2004... 2005? — respondeu Rana, sem certezas.

— Isso quer dizer que não esteve presente no julgamento?

— É verdade. Não estive lá.

— Porquê? — perguntou Wolf, falando pela primeira vez em mais de cinco minutos.

Walker preparou-se para segurar Rana; porém, o prisioneiro não fez qualquer tentativa para se mexer ou para responder à pergunta.

— Que tipo de homem não comparece num único dia do julgamento do próprio irmão? — continuou Wolf, ignorando os olhares furiosos de Walker e de Finlay. — Eu digo-lhe: o tipo de homem que já conhece a verdade, que já sabe que o irmão é culpado.

Rana não respondeu.

— Foi por isso que mudou de nome há tantos anos. Sabia o que ele andava a fazer e quis manter-se afastado.

— Eu não sabia que ele ia...

— Sabia, sim — gritou Wolf —, e não fez nada para o deter. Que idade tem a sua menina?

— Fawkes! — gritou Walker.

— Que idade tem ela? — insistiu Wolf, também a gritar.

— Treze — balbuciou Rana.

— Ponho-me a pensar seriamente se o seu irmão já não teria carbonizado a sua menina se eu não o tivesse detido. Ela conhecia-o, provavelmente confiava nele. Quanto tempo acha que ele teria conseguido resistir a um alvo tão fácil?

— Cale-se! — berrou Rana, tapando os ouvidos com as mãos como uma criança. — Por favor, cale-se!

— Você, Vijay *Khalid*, está em dívida comigo! — bramou Wolf.

Deu um murro na porta da cela e deixou Finlay e Walker a tratar do choroso recluso.

Às 19h05 Wolf recebeu um telefonema a informar que alguém iria ter com

eles por volta das 22h30, o mais tardar. O Serviço de Protecção de Testemunhas continuava a tratar do processo de encontrar agentes com formação adequada e uma casa segura apropriada, considerando a iminência da ameaça contra a vida de Rana. Wolf transmitiu as novidades a Walker e aos seus agentes, que não se fizeram rogados em deixar claro que já não era sem tempo.

Farto dos seus olhares mordazes, decidiu ir buscar alguma coisa para Finlay comer, para ele e para o prisioneiro (como medida de precaução, dera instruções a Walker para não dar comida a Rana). Generosamente, ofereceu-se para comprar batatas fritas para todos, não por achar que lhes devia alguma coisa, mas por temer que não o deixassem regressar de mãos a abanar.

Wolf vestiu o casaco encharcado e um dos agentes abriu a porta blindada para ele sair. Ao que parecia, o metal espesso tinha abafado o barulho da tempestade no exterior. Wolf foi a correr para a deserta estrada principal, tentando controlar o seu avanço de modo a evitar os pequenos tsunamis que inundavam o passeio sempre que um carro passava por cima de uma poça. Encontrou o restaurante de *fish and ships* e entrou, deparando-se com um chão escorregadio e enla-meado. Quando fechou a porta à chuva ensurdecadora, percebeu que o telemóvel estava a tocar.

— Fala o Wolf — disse.

— Olá, Will. Daqui fala a Elizabeth Tate — disse uma voz roufenha.

— Liz, em que posso ajudá-la?

Elizabeth Tate era uma advogada de defesa dura de roer, que também desempenhava as funções de advogada de serviço em várias esquadras do centro de Londres. Há quase treze anos que ocupava esse cargo, uma defesa de primeira instância para os detidos não preparados (desde bêbados a assassinos), uma solitária voz de apoio para os mais sós e angustiados. Apesar de terem tido várias desavenças no passado, Wolf gostava de Elizabeth.

Nos casos em que outros advogados mentiriam com todos os dentes, não pelo bem do seu inquestionavelmente culpado constituinte, mas em defesa do seu próprio ego, Elizabeth defendê-los-ia até ao ponto em que a lei insistia, mas não mais do que isso. Nas poucas ocasiões em que se tinham

encrespado, fora porque ela acreditava sinceramente na inocência do seu constituinte, e nessas circunstâncias conseguia debater-se tão implacável e apaixonadamente como o melhor deles.

— Constou-me que tem à sua guarda um tal de Sr. Vijay Rana — disse ela.

— Uma salsicha e uma dose dupla de batatas, por favor, querida — ouviu-se alguém a pedir em segundo plano.

Wolf tapou o bocal enquanto ponderava numa resposta.

— Não sei do que está...

— Deixe-se disso. A mulher dele ligou-me — explicou Elizabeth. — Eu representei-o no ano passado.

— Por evasão fiscal?

— Não comento.

— Por evasão fiscal.

— Já falei com o Simmons, que concordou em permitir que eu me encontre com o meu constituinte esta noite.

— Nem pense nisso.

— Vai obrigar-me a citar ao telefone a lei sobre a Polícia e as provas criminais? Acabei de gastar vinte minutos a citá-la ao seu superior. O Sr. Rana não está apenas sob sua protecção; ele encontra-se igualmente detido por um crime. Ambos sabemos que tudo o que ele disser, a si ou a qualquer outra pessoa, durante os próximos dois dias, pode incriminá-lo mais e prejudicar a sua defesa em tribunal.

— Não.

— Concordei em sujeitar-me a uma total revista à minha pessoa e aos meus pertences e, como é claro, respeitarei quaisquer outros procedimentos que estejam em vigor.

— Não.

Elizabeth suspirou.

— Fale com o Simmons e depois telefone-me — disse ela, e desligou.

— A que horas consegue estar aqui? — resmungou Wolf ao telefone para Elizabeth enquanto pegava na última batata frita encharcada em óleo, de regresso à esquadra.

Discutira com Simmons durante uns bons dez minutos, embora não fosse realista pensar que o comissário que tinha a fobia dos processos judiciais alguma vez recuasse na decisão — recusar a um recluso o seu direito a aconselhamento jurídico por um crime pelo qual ainda tencionavam acusá-lo. Simmons, que já esperava que Wolf desobedecesse às suas ordens, recordara-lhe a conversa que tinham tido sábado à noite. Reforçara a ideia de que poderia afastar Wolf do caso quando muito bem entendesse. Além disso, salientara também o argumento de que recusar a Rana a sua advogada poderia constituir um fundamento para absolver o réu; ele estaria a salvar a vida de um criminoso e a deixá-lo sair em liberdade.

Contrafeito, Wolf retribuía o telefonema de Elizabeth.

— Tenho umas coisas para acabar aqui em Brentford, depois faço uma curta paragem em Ealing no caminho para aí. Devo chegar por volta das 22.

— É mesmo em cima da hora. Vêm buscá-lo às 22h30.

— Estarei aí.

Ouviu-se um forte trovão e todas as luzes da cela se apagaram. Passados alguns instantes, o lúgubre brilho da luz de emergência atenuou um pouco a escuridão. Um presidiário que estava numa das celas mais perto começou a pontapear ritmadamente a porta. Os baques surdos preencheram o claustrofóbico corredor como o rufar de tambores, enquanto a tempestade rugia do lado de fora. Wolf levantou-se e desligou o telemóvel.

Percebeu que tinha a mão a tremer e tentou ignorar o motivo para tal: que este era o pesadelo dele, aquelas incontáveis noites de insónia passadas na ala de segurança, a ouvir os infindáveis gritos que inundavam o labirinto de corredores, os inúteis impactos de corpos desesperados a embater em portas inabaláveis. Demorou algum tempo a recompor-se e depois enfiou a mão no bolso.

— Quero ir ver como está o Rana — disse aos outros que estavam ao lado da estação de processamento.

Acompanhado por Walker, percorreram o sombrio corredor enquanto os baques cadenciados se iam ouvindo em crescendo. O agente que estava à porta de Rana abriu apressadamente a porta. O interior da cela estava escuro como breu. O ténue brilho do corredor mal penetrava a penumbra.

— Sr. Rana? — chamou Walker. — Sr. Rana?

Finlay assomou à retaguarda com uma lanterna na mão. Varreu desesperadamente a câmara com o feixe e fê-lo incidir sobre uma silhueta imóvel deitada no banco.

— Merda — disse Wolf, que entrou de rompante na cela escura e virou Rana sobre as costas. Levou dois dedos ao pescoço do homem e procurou a pulsação.

Os olhos de Rana abriram-se doentiamente e o homem soltou um grito horrorizado, acordando de um sono profundo. Wolf suspirou de alívio enquanto Finlay reprimia o riso no corredor. Walker tinha ar de quem ansiava desesperadamente que as 22h30 chegassem.

Capítulo 12

Terça-feira, 1 de Julho de 2014

23h28

Segundo as últimas notícias que recebera sobre a equipa do Serviço de Protecção de Testemunhas, continuavam presos no trânsito da M25. Um dos agentes pousara o telemóvel em cima do balcão, de modo a poderem todos assistir ao noticiário da BBC News que divulgava o incidente que provocara o atraso. Aparentemente, um pesado despistara-se e o reboque ficara atravessado nas faixas de rodagem. Dois helicópteros-ambulância tinham aterrado na auto-estrada e fora confirmado pelo menos um óbito.

A luz regressara à cela, que parecia cada vez mais acolhedora enquanto a tempestade no exterior piorava. Finlay estava outra vez a dormir na cadeira de plástico. Um agente montava guarda à cela de Rana enquanto os outros dois trocavam olhares exasperados nas costas de Walker. Agora na décima quinta hora de um turno de doze, sentiam-se tão prisioneiros como os reclusos que ocupavam as celas.

Wolf andava junto à porta das traseiras, aguardando a chegada de Elizabeth, que também estava atrasada por causa das inclementes condições climatéricas. A última mensagem de texto que lhe enviara informava que estava a menos de cinco minutos de distância e pedia-lhe para pôr a chaleira ao lume.

Wolf espreitou pela portinhola para o parque de estacionamento alagado, com as sarjetas a escoar água encardida enquanto a tempestade ia aumentando de intensidade. Lobrigou dois faróis de um veículo que contornou cuidadosamente a esquina e um táxi que demorou mais de um minuto junto à entrada. Uma silhueta encapuzada, com uma pasta, emergiu

do assento traseiro, subiu os degraus a correr e bateu com urgência na porta de metal.

— Quem é? — perguntou Wolf, sem conseguir distinguir o rosto debaixo do capuz.

— Quem há-de ser? — retorquiu a voz áspera de Elizabeth.

Wolf abriu a porta e levou com uma enxurrada de chuva horizontal enquanto as rajadas de vento, previstas pelo Departamento de Meteorologia, espalharam papéis e *posters* pela sala. Precisou de toda a sua força para conseguir voltar a fechar a pesada porta.

Elizabeth despiu o casaco encharcado. Tinha cinquenta e oito anos e o cabelo grisalho sempre apanhado. Wolf só a vira envergar três fatos. Todos pareciam ter sido extravagantemente caros, quando os comprara há duas décadas, mas agora estavam puídos e fora de moda. Sempre que se encontravam, ela tinha voltado a deixar de fumar, mas cheirava sempre a fumo, e o seu *bâton* cor-de-rosa-berrante parecia sempre ter sido posto às escuras. Brindou Wolf com um sorriso amistoso que deixou entrever uns dentes amarelos.

— Liz — disse ele, cumprimentando-a.

— Olá, querido — disse ela, atirando o casaco para cima da cadeira mais próxima antes de o abraçar e de lhe pespegar dois beijos exagerados em cada bochecha. Manteve-o cingido por mais uma fracção de segundo do que era normal. Wolf presumiu que pretendia assim transmitir a sua apreensão maternal em relação ao bem-estar dele.

— O tempo está de loucos — disse ela aos outros, para o caso de ainda não terem percebido.

— Vai uma bebida? — ofereceu Wolf.

— Estou a morrer por um chá — disse-lhe com um dramatismo digno de um público muito mais vasto.

Wolf saiu para preparar a infusão estratégica, deixando Walker e os seus agentes incumbidos de realizarem as revistas de segurança. Sentia-se incomodado com o facto de sujeitar a uma revista uma colega que conhecia há tantos anos, uma amiga. Pelo menos assim, pareceria que não participara na revista. Demorou-se o máximo que pôde antes de regressar para junto deles e dar com Elizabeth na galhofa com Finlay, que remexia o conteúdo

da pasta dela. Tirara de lá um isqueiro estampado (que ela só guardava por motivos sentimentais) e duas esferográficas caras.

— Aprovado! — disse Finlay, sorridente.

Fechou a pasta e fê-la deslizar até Elizabeth, que sorveu o chá morno em poucos tragos.

— Então, onde está o meu constituinte?

— Eu levo-a lá — disse Wolf.

— Vamos precisar de alguma privacidade.

— Estará alguém à porta.

— É uma conversa confidencial, querido.

— Nesse caso, é bom que falem baixo — replicou Wolf, encolhendo os ombros.

Elizabeth esboçou um sorriso.

— Continuas o mesmo espertalhão, é, Will?

Tinha acabado de chegar à porta da cela de Rana quando o telemóvel de Wolf começou a tocar. O agente de serviço deixou Elizabeth entrar e voltou a trancar a porta. Wolf ficou satisfeito e tornou a percorrer o corredor antes de atender. Era Simmons que estava a ligar com duas novidades. Acabara de ser informado de que, finalmente, o Serviço de Protecção de Testemunhas estava em marcha e chegaria dentro de meia hora. Depois, passou para o segundo assunto mais controverso: Wolf e Finlay não poderiam acompanhar Rana.

— Eu vou com eles — redarguiu Wolf com firmeza.

— Eles têm de seguir rigorosos protocolos — ripostou Simmons.

— Estou-me marimbando. Não podemos entregá-lo de mão beijada e deixá-los levá-lo sabe-se lá para onde.

— Podemos e é o que vamos fazer.

— Concordaste com isto? — Wolf estava visivelmente desiludido com o seu superior.

— Concordei.

— Deixa-me falar com eles.

— Nem penses.

— Juro que serei educado. Deixa-me só explicar a situação. Qual é o número?

O relógio digital barato de Wolf bateu a meia-noite enquanto ele argumentava com o homem que liderava a equipa que se encontrava a caminho. Estava a ficar cada vez mais zangado com aquele homem teimoso, que irreflectidamente se recusava a quebrar o protocolo em circunstância alguma. Sentindo que poderia ter mais sorte frente a frente, Wolf chamou-lhe «inútil» e desligou.

— É de admirar que tenhas amigos — disse Finlay. Estava a assistir à previsão meteorológica com Walker e outro agente.

— Ventos com mais de cento e quarenta quilómetros por hora — avisou-os uma voz distorcida.

— Aquela malta tem formação — prosseguiu Finlay. — Tens de deixar de querer ser tão controlador.

Wolf estava prestes a dizer algo que poria em risco uma das suas poucas amizades quando ouviu o agente a destrancar a cela de Rana. Elizabeth saiu para o corredor. Estava ainda a despedir-se do seu constituinte quando a porta se fechou e trancou atrás de si. Os seus pés descalços estalaram no chão bege (Walker confiscara-lhe os sapatos de tacão absurdamente alto) enquanto percorria o corredor. Passou por Wolf sem proferir palavra e recolheu os seus pertences que estavam em cima da secretária.

— Liz? — disse ele, aturdido com a drástica mudança de humor. — Está tudo bem?

— Tudo — respondeu enquanto vestia o casaco. Ao mesmo tempo que se debatia com os botões, as mãos começaram a tremer-lhe. Depois, para estupefacção de Wolf, limpou os olhos chorosos. — Queria ir embora, por favor.

Dirigiu-se para a porta.

— Ele disse alguma coisa que a perturbou? — indagou Wolf. Conseguia sentir-se a ficar cada vez mais zangado. Nutria um sentimento de protecção por aquela mulher que tinha de lidar todos os dias com o pior da Humanidade. Sabia que teria de ser uma farpa injustamente ofensiva para conseguir agastar Elizabeth.

— Já sou crescida, William — vociferou. — A porta, já, por favor.

Wolf foi até à porta e fez deslizar a pesada barra. Outra rajada de vento e chuva acompanhou o distante ribombar de trovões quando Elizabeth saiu.

— A sua pasta! — alertou Wolf ao perceber que ela a deveria ter deixado junto de Rana.

Elizabeth pareceu aterrorizada.

— Eu posso ir lá buscá-la. Não tem de se encontrar com ele outra vez — disse.

— Venho buscá-la de manhã.

— Não diga disparates.

— Por amor de Deus, Will, deixe-a lá! — gritou, e depois desatou a descer os degraus.

— O que foi aquilo? — perguntou Finlay sem desviar os olhos do minúsculo ecrã.

Wolf observou Elizabeth contornar a esquina rumo à estrada principal. Lentamente, uma sensação perturbadora começou a apertar-lhe o peito. Consultou o relógio: eram 00h07.

— Abra a porta! — gritou enquanto corria a toda a brida pelo corredor.

O agente, assustado, deixou cair as chaves, dando tempo para que Walker chegasse junto deles. O ferrolho estalou com firmeza e Wolf empurrou a pesada porta, encontrando Rana sentado muito direito no colchão. Ouviu Walker expirar de alívio nas suas costas...

... e depois arquejar quando olhou outra vez para o prisioneiro sentado.

Rana tinha a cabeça caída para a frente, o rosto com manchas azuis e roxas, como as que tinha na cabeça, e os olhos raiados de sangue salientes de forma pouco natural nas órbitas. Aquilo que parecia ser corda de piano fora enrolada várias vezes à volta do seu pescoço, deixando profundos entalhes na pele escura. Mais corda emergia do interior da pasta aberta, evidente agora, que não estava escondida.

— Chamem uma ambulância! — gritou Wolf enquanto desatou a correr pelo corredor e para o exterior da esquadra.

Saltou os degraus escorregadios, chapinhou pelo parque de estacionamento inundado e contornou a esquina para a rua principal enquanto a chuva torrencial lhe fustigava o rosto. Tinham passado menos de trinta segundos, mas não se via qualquer vestígio de Elizabeth na rua deserta. Passou a correr por montras de lojas escuras, ciente de que estava em desvantagem por causa do barulho da tempestade. Todos os automóveis

que passavam mais pareciam uma aeronave a descolar quando a água se elevava e caía à sua passagem. Os milhões de gotículas de chuva eram amplificados ao embaterem nos tejadilhos de metal dos carros estacionados.

— Elizabeth! — gritou, mas o som foi levado pelo vento.

Passou a correr por um beco que separava duas lojas, e parou. Voltou atrás e ficou à entrada da sombria passagem, perscrutando a escuridão com os olhos semicerrados. Aproximou-se um pouco, escutando a chuva a cair sobre frascos de vidro, embalagens deitadas fora e outro lixo que cobria o chão invisível do beco.

— Elizabeth? — chamou baixinho. Aproximou-se mais. Consequia sentir o chão a estalar debaixo dos pés. — Elizabeth?

Ouviu um súbito movimento e depois sentiu-se empurrado contra a fria parede de tijolo. Esticou o braço e quase agarrou uma mão-cheia de roupa quando Elizabeth desatou a correr para a rua.

Wolf estava a poucos segundos de distância quando emergiu no granuloso brilho de um candeeiro de rua cor de laranja. Elizabeth entrou em pânico e arremeteu, descuidada, para a estrada. Uma carrinha derrapou e parou a poucos centímetros dela, desatando a buzinar furiosamente na noite já de si ensurdecadora. Elizabeth encontrava-se agora vários metros à frente dele. Estranhamente, pegou no telemóvel quando começou a caminhar mais devagar e levou-o ao ouvido. Wolf encurtava rapidamente a distância e conseguia ver o sangue e a sujidade que lhe cobriam as plantas dos pés por ter andado a correr descalça sobre poças gordurentas e bermas enlameadas. Por fim, ao aproximar-se, conseguiu ouvi-la arfar para o telefone.

— Está feito! Está feito!

Wolf esticou-se para a agarrar quando ela se desviou de repente para a estrada. Instintivamente, seguiu-a, sem ter a certeza se havia ou não uma pausa no fluxo de tráfego. Elizabeth passou a cambalear por cima do passeio no meio das faixas de rodagem e tropeçou, caindo no alcatrão. Pôs-se de gatas e reparou que Wolf tinha parado no meio da rua. Percebeu a expressão de terror no semblante dele e virou-se para seguir o seu olhar no preciso instante em que um autocarro de dois andares lhe passou por cima.

Nem teve tempo de gritar.

Wolf acercou-se lentamente da figura destroçada que estava encostada ao

passeio dez metros mais adiante. Ouviu mais carros a derrapar e a parar atrás dele, lançando as luzes dos faróis sobre o corpo devastado. Conseguia sentir as lágrimas acumularem-se nos olhos, demasiado traumatizado e exausto para sequer tentar imaginar o que levava a amiga a agir daquela forma.

O atordoadado motorista do autocarro foi a cambalear até junto dele enquanto os poucos passageiros deixaram o conforto dos seus lugares para verem o acidente de olhos arregalados. O seu semblante ostentava uma expressão de esperança; esperança de que a mulher ainda conseguisse levantar-se, de que talvez nem se tivesse magoado, de que a sua vida não tivesse acabado de mudar para sempre. Wolf não sentia vontade de o reconfortar nem mesmo de reconhecer a sua presença. Ele não podia ser culpabilizado por não ter visto uma mulher deitada na rua naquelas condições traiçoeiras, mas fora ele quem pusera cobro à vida de Elizabeth e, naquele instante, Wolf não confiava no seu temperamento.

Quando outro automóvel se juntou à crescente fila de veículos, uma nova secção da estrada sombria iluminou-se e Wolf lobrigou o telemóvel partido de Elizabeth precisamente no local onde fora colhida pelo autocarro. Dirigiu-se devagar até lá e virou-o ao contrário, constatando que a ligação ainda não fora interrompida. Encostando-o bem ao ouvido, conseguiu escutar um burburinho e uma respiração do outro lado da linha.

— Quem fala? — estalou a voz de Wolf ao fazer a pergunta.

Ninguém respondeu, apenas ouviu a respiração regular de alguém que o escutava e o som de máquinas industriais a trabalhar em segundo plano.

— Daqui fala o inspector Fawkes da Polícia Metropolitana. Quem fala? — repetiu. Porém, tinha a sensação de que já sabia a resposta.

Ao longe, viam-se luzes azuis, mas Wolf permaneceu imóvel, a ouvir o assassino a ouvi-lo. Teve vontade de o ameaçar, de o assustar, de provocar alguma reacção, mas sabia que nunca conseguiria pronunciar a pura raiva e o ódio que sentia. Em vez disso, continuou à escuta, ignorando o bulício à sua volta. Não sabia por que motivo tinha acalmado a sua respiração de modo a coincidir com a do assassino, mas, pouco depois, ouviu-se um estalido do outro lado e a ligação foi abruptamente interrompida.

Capítulo 13

Quarta-feira, 2 de Julho de 2014

5h43

Karen Holmes aguardou ansiosamente a seguinte informação sobre o trânsito. Nunca dormia muito bem antes destas manhãs em que tinha de se levantar cedo e acordara várias vezes durante a noite por causa da violenta tempestade. Saíra do seu bangalô em Gloucester ainda de noite e fora encontrar o caixote do lixo derrubado no meio da rua e um dos painéis da cerca encostado ao carro do vizinho do lado. Encostou o pesado painel de madeira o mais silenciosamente que conseguiu e rezou para que o antipático vizinho não reparasse nos riscos novos que tinha no *capot*.

Karen detestava a visita mensal à sede da empresa na capital. Os seus colegas apresentavam as despesas de estadas e refeições, mas ela não tinha ninguém a quem pudesse pedir que olhasse pelos seus cães com regularidade, e o bem-estar deles era a sua prioridade.

O trânsito na auto-estrada já começava a ficar mais intenso e uma aparente interminável sucessão de sinais de verificação da velocidade média atrasara o seu avanço, visando proteger quilómetro após quilómetro de cones de plástico, informando que, algures, alguém poderia iniciar umas obras, em determinado momento, num futuro próximo.

Karen baixou o olhar para mudar de estação, com um receio paranóico de lhe ter escapado um noticiário. Quando voltou a olhar para a estrada, reparou num grande saco de plástico no chão entre as barreiras de aço do separador central. Uma coisa daquele tamanho e com aquele formato pareceu-lhe fora do vulgar. No preciso instante em que passou pelo objecto, a oitenta quilómetros por hora, seria capaz de jurar que vira movimento.

Quando olhou de relance pelo retrovisor, tudo o que conseguiu ver foi um *Audi* de três volumes que inexplicavelmente decidira acelerar até junto da sua traseira antes de a ultrapassar a cento e cinquenta quilómetros por hora, demasiado rico ou demasiado estúpido para se preo-cupar com a eventual existência de radares.

Continuou a conduzir, dando conta de que havia um nó rodoviário dentro de três quilómetros. Não tinha tempo para parar, mesmo que tivesse a certeza de ter visto algo, que não tinha. O saco fora provavelmente levado para ali pelo vento forte e o carro fizera-o mexer-se ao passar, porém, Karen não conseguia afastar a sensação de que tinha alguma coisa dentro, por causa da maneira como se mexera.

Os seus dois *Staffordshire bull terriers* tinham sido salvos depois de os terem encontrado abandonados à sua sorte num contentor do lixo. Só de pensar nisso, sentia-se agoniada. Quando o troço em obras acabou, um *BMW* ultrapassou-a a mais de cento e sessenta quilómetros por hora e Karen ficou com a certeza de que, se houvesse alguma coisa viva dentro do saco, não continuaria assim durante muito mais tempo.

Deu uma guinada e, subitamente, o seu *Fiesta* antigo vibrou ao passar por cima das guias e saiu na via de acesso. Só perderia quinze minutos se voltasse atrás para ter a certeza. Contornou a rotunda e entrou na auto-estrada na direcção oposta.

Era difícil lembrar-se exactamente da distância que percorrera na monótona estrada desde que avistara o saco, por isso Karen abrandou quando achou que estava a aproximar-se. Vislumbrou-o mais adiante, ligou os quatro piscas e encostou à berma. Ficou a observar o saco preto durante mais de um minuto, sentindo-se uma tonta e zangada consigo mesma, pois o saco permaneceu completamente estático até que se mexeu com o vento provocado pela passagem de um carro a alta velocidade. Fez pisca para a direita e estava prestes a arrancar quando, de repente, o saco deu um salto para a frente.

Karen sentiu o coração aos pulos enquanto esperou por uma aberta no trânsito, saiu do carro, atravessou as faixas de rodagem a correr e passou por cima do separador central. Consequia sentir o vento dos veículos que passavam a escassos metros, salpicando-a com sujidade e água gordurosa.

Ajoelhou-se e hesitou.

— Que não sejam cobras. Por favor, que não sejam cobras — murmurou para com os seus botões.

Quando falou, algo no saco fez outro movimento determinado na direcção dela. Pareceu-lhe ouvir gemidos. Cautelosamente, levou as mãos ao material semelhante a papel e abriu um pequeno rasgo numa ponta. Devagar, Karen abriu o rasgo aos poucos, receosa de que o que estivesse lá dentro pudesse sair a correr para o meio dos carros que passavam. No estado de excitação em que se encontrava, rasgou acidentalmente o material até meio e caiu de costas, horrorizada quando uns cabelos loiros encardidos se espalharam sobre o alcatrão e uma mulher com as mãos atadas e amordaçada perscrutou febrilmente o local onde se encontrava. Olhou para Karen com uns enormes olhos suplicantes e desmaiou.

* * *

Edmunds atravessou, confiante, a zona de segurança da New Scotland Yard. Chegara a casa a tempo de levar Tia a jantar fora como forma de se desculpar pelo que acontecera na noite anterior. Tinham ambos feito um esforço para se aperlatarem e, durante duas horas, não se importaram de fingir que aquelas extravagâncias eram prática comum. Desfrutaram de três pratos e Edmunds até mandara vir um bife. A ilusão só fora perturbada quando a irascível empregada dissera aos gritos ao seu supervisor, que estava na outra ponta do restaurante, que não sabia como descontar *vouchers* da Tesco Clubcard na registadora.

Edmunds também estava bem-disposto, pois, finalmente, encontrara o verniz de unhas idêntico. Ainda não tinha a certeza de que essa informação seria útil, mas era um passo importante para a identificação do braço direito de mulher da *Boneca de Trapos*. Entrou no escritório e reparou que Baxter já estava à sua secretária. Mesmo do outro lado da sala, conseguia perceber que estava rabugenta.

— Bom dia — tentou Edmunds cordialmente.

— Porque é que estás para aí a sorrir? — bramiu.

— Tive uma noite agradável — explicou Edmunds, encolhendo os ombros.

— Não graças ao Vijay Rana.

Edmunds sentou-se para ouvir o esclarecimento.

— Ele está...

— Graças a uma mulher que conheço há anos, chamada Elizabeth Tate. E graças ao Wolf.

— O Wolf está bem? O que aconteceu?

Baxter pôs Edmunds ao corrente dos acontecimentos da noite anterior e da descoberta da jovem naquela madrugada.

— O saco está com a equipa forense, mas, quando a ambulância chegou ao local, encontraram isto pendurado no pé dela.

Baxter entregou a Edmunds um pequeno saco de plástico de provas com uma etiqueta das que são usadas nas morgues.

— «Ao cuidado do inspector William Fawkes» — leu Edmunds. — Ele já sabe?

— Não — respondeu Baxter. — O Wolf e o Finlay passaram a noite a pé. Deram-lhes o resto do dia de folga.

Uma hora mais tarde, uma agente escoltou a mulher estarrecida através do buliçoso escritório. Tinham-na levado directamente do hospital e ainda estava toda suja. Tinha a cara e os braços com escoriações e hematomas e os cabelos emaranhados eram uma amálgama de todas as tonalidades, desde loiro-descolorido a preto. Mostrava-se assustadíssima sempre que ouvia um barulho inesperado ou alguma voz desconhecida.

Já todo o departamento sabia que fora identificada como Georgina Tate, filha de Elizabeth. Aparentemente, não comparecera no trabalho durante dois dias e a mãe telefonara em nome dela, alegando assuntos pessoais. Não tinha sido apresentada qualquer participação de pessoa desaparecida. Mesmo com base nestes fragmentos de informação, não era difícil juntar as peças do *puzzle*, e Baxter sentiu-se perturbada com a facilidade com que alguém conseguira levar uma mulher, que ela sabia ser forte, engenhosa e com elevados padrões morais, a cometer um assassinio.

— Ela ainda não sabe — disse Baxter solenemente quando levaram Georgina Tate para a renovada sala de interrogatórios.

— Sobre a mãe? — perguntou Edmunds.

— Não me parece que se encontre em estado de receber a notícia, pois não?

Baxter começou a recolher as suas coisas.

— Vamos a algum sítio?

— Vamos, não — retorquiu Baxter. — Eu vou. Sem o Wolf e o Finlay, adivinha quem sobrou para resolver as merdas deles, para além das minhas? Quem vem a seguir na lista?

— O Andrew Ford, o segurança — disse Edmunds, um pouco surpreendido por Baxter ter de perguntar.

— Um asno de todo o tamanho. Um bêbado. Conseguiu partir um dente a uma agente na noite passada quando ela tentou impedi-lo de destruir a casa.

— Eu vou contigo.

— Eu dou conta do assunto. Depois tenho uma reunião com o jornalista Jarred Garland, que está previsto morrer dentro de... — Baxter contou pelos dedos — ... três dias. Está decidido a passar a sua última semana a relatar como acha que somos uns inúteis e qual a sensação de constar da lista de um assassino em série. Fui incumbida da tarefa de o «acalmar» e «tranquilizar».

— *Tu?* — perguntou Edmunds, incrédulo. Felizmente, Baxter encarou a sua incredulidade como um elogio. — O que queres que eu faça?

— Descobre se a Georgina Tate se lembra de alguma coisa útil. Tenta descobrir mais sobre o anel; temos de saber para quem foi feito. Vê se os médicos legistas têm novidades e apodera-te do telemóvel da Elizabeth Tate assim que a equipa forense o libertar.

Baxter saiu do escritório e Edmunds percebeu que nem sequer lhe tinha falado sobre o verniz das unhas. Pousou o pequeno frasco na secretária, sentindo-se um tolo por ter ficado tão excitado com a sua trivial investigação enquanto Wolf andava no terreno a perseguir assassinos relutantes por Southall, a receber mulheres raptadas e a conversar ao telefone com o maior dos criminosos. Era tudo horrível, claro está, mas tinha de admitir que sentia alguma inveja.

— Isto é lindo — disse Elijah rindo excitadamente quando a fotografia que acabara de comprar por duas mil libras foi projectada na parede da sala

de conferências. — Mesmo *lindo*.

Andrea mantinha a mão a tapar a boca e sentia-se grata por nenhum dos presentes na sala às escuras conseguir ver as lágrimas que lhe escorriam pela cara. A fotografia era tudo menos linda; na verdade, era provavelmente a coisa mais triste que ela jamais vira: uma imagem a preto e branco de Wolf ajoelhado, iluminado por um solitário candeeiro de rua, com a chuva cintilante e os faróis dos automóveis reflectidos nas poças de água e nas montras das lojas como se fossem as luzes de um palco. Enquanto estiveram casados, ela vira Wolf chorar talvez duas ou três vezes e ficara sempre com o coração despedaçado.

Isto era muito pior.

Estava prostrado na rua encharcada, ao lado do corpo lacerado de uma mulher mais velha, ainda a segurar-lhe delicadamente a mão ensanguentada enquanto olhava para o vazio com uma expressão de derrota estampada no rosto.

Estava de rastos.

Andrea passou os olhos pelos semblantes dos seus colegas: sorridentes, a aplaudir, a rir. Sentia-se trémula de raiva e repugnância. Naquele momento, desprezava-os a todos e pensou se ostentaria a mesma expressão de deleite se não tivesse em tempos amado o homem na fotografia. Sentiu-se perturbada ao admitir que era provável que sim.

— Quem é a atropelada? — perguntou Elijah aos presentes, obtendo como resposta uma série de ombros a encolher e cabeças a abanar. — Andrea?

Andrea concentrou-se na imagem, tentando esconder os olhos dos outros.

— Como posso saber quem é a pobre senhora?

— O seu ex-marido parece muito afeiçoado a ela — disse Elijah.

— Demasiado afeiçoado — gritou de um canto da sala, para divertimento de todos, o produtor, cujo cabelo começava a rarear.

— Pensei que talvez a reconhecesse — concluiu Elijah.

— Pois, mas não — disse Andrea o mais cordialmente que conseguiu, embora algumas pessoas trocassem olhares de surpresa.

— Não importa. Isto é televisão no seu melhor — disse Elijah, imperturbável pelo tom dela. — Abrimos com a fotografia e o cronómetro a

contar as horas que o Rana, ou lá como é que se chama, tem de vida. Faremos um pouco da investigação em curso por ele e depois regressaremos à fotografia para especulação e ficção.

Todos os presentes soltaram risadinhas, à excepção de Andrea.

— Quem é esta mulher? Porque é que o detective principal do caso *Boneca de Trapos* está num acidente rodoviário em vez de estar à procura da próxima vítima? Ou estaria isto de algum modo relacionado com os assassinios? O costume. — Elijah aguardou, expectante. — Mais alguma coisa?

— «*Hashtag: nãoestánalista*» está na moda — interveio um jovem irritante, que Andrea nunca vira sem ter o telemóvel na mão —, e a nossa aplicação do Cronómetro da Morte já foi descarregada mais de cinquenta mil vezes.

— Merda. Devíamos ter cobrado pelos descarregamentos — praguejou Elijah. — Como é que vai o *emoji* da *Boneca de Trapos*?

Outro homem fez deslizar a medo um papel sobre a mesa. Elijah pegou no papel e analisou-o, com ar desorientado.

— É difícil transpor toda a amplitude do horror para um desenho — explicou nervosamente o homem, na defensiva.

— Isto serve — disse Elijah, atirando-lhe o desenho. — Mas apague as mamas. É impróprio para crianças, não acha?

Aparentemente satisfeito por ter praticado a sua boa acção da década, Elijah deu a reunião por encerrada. Andrea foi a primeira a levantar-se e a sair da sala de conferências. Não sabia bem se ia para a sala de maquilhagem ou se ia directa para a rua. Só sabia que queria desesperadamente encontrar-se com Wolf.

Simmons estava de pé a fitar as enormes colagens da *Boneca de Trapos* na parede da sala de reuniões. Estava imaculado no seu uniforme, à excepção da marca profunda no sapato direito a que não conseguira puxar o lustro. Danificara o couro quando pontapeara furiosamente o armário de metal do seu gabinete poucos minutos depois de ter visto o amigo carbonizado e inerte no chão ensopado da sala de interrogatórios. De algum modo, parecia-lhe apropriado usá-los naquela tarde, como um símbolo privado de perda e amizade naquele que seria, certamente, um evento

impessoal e formal.

As exéquias fúnebres do *mayor* Turnble estavam previstas para as 13 horas na Igreja de Santa Margarida, no complexo da Abadia de Westminster, depois de a família dele ter solicitado um funeral privado numa data posterior após o corpo ter sido libertado. Antes disso, Simmons tinha agendada uma conferência de imprensa para confirmar as mortes de Vijay Rana e Elizabeth Tate. Estava a fazer um esforço para não perder as estribeiras enquanto a equipa de Relações Públicas andava numa azáfama para encontrar um «lado positivo» em toda a situação.

Simmons observou Georgina Tate a ser levada da sala de interrogatórios à qual ele ainda não ganhara coragem para regressar, coragem essa que não sabia se algum dia voltaria a ter. Nunca esqueceria a imagem do rosto do seu amigo, empolado e com crostas, e ainda sentia o cheiro da carne queimada sempre que recordava o ocorrido.

— Ora bem, o que acham desta ideia? Considerando que conseguimos deter essa tal de Tate — sugeriu um jovem desengonçado que, aos olhos de Simmons, parecia ter quinze anos —, há menos um assassino nas ruas, certo?

Simmons virou-se lentamente para encarar a equipa de três indivíduos, armados com as suas tabelas e gráficos, e as secções destacadas dos jornais matutinos que brilhavam como resíduos tóxicos que eram. Preparou-se para dizer alguma coisa, abanou a cabeça com manifesta repulsa e abandonou a sala.

Capítulo 14

Quarta-feira, 2 de Julho de 2014

11h35

Baxter apanhou um comboio da District Line até Tower Hill e seguiu com pouco entusiasmo as vagas indicações que Jarred Garland lhe dera para seguir desde a esquadra. Mantendo a Torre de Londres à esquerda, desceu a congestionada estrada principal. Não compreendia porque não se podiam ter encontrado em casa dele (que era onde deveria estar, sob protecção policial) ou nos escritórios do jornal.

Num inesperado volte-face, o amoral, egocêntrico e demagogo jornalista pedira-lhe que se encontrasse com ele numa igreja. Ficou a pensar se Garland se teria virado para a religião nos seus últimos dias, tal como acontece a tanta gente. Se ela fosse crente, estaria convicta de que teria considerado ligeiramente insultuosa a insolência destas epifanias chamadas à cena.

As nuvens negras que toldavam o céu começavam a dissipar-se, permitindo que o sol aquecesse a cidade durante alguns minutos intermitentes de cada vez. Ao fim de uma caminhada de dez minutos, avistou uma alta torre de igreja e virou para a rua lateral seguinte. Ao contornar a esquina, com o Sol radioso incidindo sobre ela, ficou boquiaberta.

A imaculada torre da igreja de St. Dunstan, para Oriente, elevava-se sobre as suas próprias paredes em ruínas. Árvores grossas e viçosas irrompiam por um telhado imaginário e pelas altas janelas arqueadas, enquanto trepadeiras haviam abraçado as paredes de pedra em densas formações que lançavam estranhas sombras pelos jardins intimistas. Fazia lembrar uma

imagem de um livro de contos infantis: o bosque secreto na cidade, escondido num sítio fácil de encontrar, invisível a partir dos monótonos edifícios de escritórios que se elevavam de costas voltadas para ele.

Baxter entrou pelos portões de metal, acedeu às ruínas da igreja, seguiu o delicado gotejar da água sob a gigantesca arcada, estrangulada por grossas videiras, e chegou a um pátio empedrado que envolvia um pequeno fontanário. Um casal tentava tirar uma *selfie* e uma senhora anafada estava a dar de comer aos pombos. Baxter encaminhou-se para a figura solitária tranquilamente sentada no canto mais afastado.

— Jarred Garland? — perguntou.

O homem levantou a cabeça, surpreendido. Tinha a mesma idade de Baxter, envergava uma camisa justa com as mangas arregaçadas e era moderadamente atraente, com a cara barbeada e um penteado excessivo. Olhou-a de cima a baixo com um sorriso arrogante.

— Ena, o dia acabou de se tornar mais interessante — disse com um forte sotaque do East End. — Sente-se.

Quando deu uma palmadinha no espaço à sua direita, Baxter sentou-se à esquerda dele. Garland brindou-a com um largo sorriso.

— Porque não pára com esse estúpido sorriso e me explica porque não pudemos encontrar-nos no seu escritório? — explodiu Baxter.

— Os jornais não gostam lá muito de ter detectives a bisbilhotar. Porque não pudemos encontrar-nos no seu?

— Porque os detectives não gostam de ter jornalistas presunçosos, manipuladores e oportunistas... — fez uma careta ao cheirar o ar — ... que usam um *aftershave* horrível, a bisbilhotar nos seus escritórios, tenho dito.

— Presumo que tenha lido a minha coluna.

— Não por vontade própria.

— Sinto-me lisonjeado.

— Não sinta.

— Então, o que achou?

— Como é aquele ditado sobre não morder...? — Baxter não terminou a frase.

— Não mordas a mão que te dá de comer?

— Não, não é esse. Ah, já sei: não mordas a mão da única protecção que

tens entre ti e um produtivo, implacável e genial assassino em série.

Desta vez, os traços juvenis de Garland formaram um sorriso afectado.

— Sabe?, já comecei a redigir o artigo de hoje. Começo por felicitar a Polícia Metropolitana por mais uma execução bem-sucedida.

Baxter pensou em que apuros se meteria se pregasse um murro no homem que devia proteger.

— Mas isso não é inteiramente verdade, pois não? Vocês excederam-se. O detective Fawkes matou dois coelhos de uma cajadada só!

Baxter não respondeu e olhou em redor. Garland devia estar a pensar que tinha tocado num ponto nevrálgico; na realidade, ela estava à procura de testemunhas, para o caso de perder as estribeiras.

O Sol desaparecera por detrás de uma nuvem enquanto conversavam e o jardim secreto assumira um aspecto mais sinistro na penumbra. Subitamente, a imagem de uma casa de Deus a ser dilacerada desde o interior pareceu-lhe um pouco desconfortável, com as suas sólidas paredes a desmoronarem-se sob o jugo de videiras semelhantes a serpentes, arrastando-a aos poucos para a terra, uma irrefutável prova de que não havia ninguém nesta ímpia cidade que se preocupasse o suficiente para a salvar.

Tendo acabado de destruir o seu mais recente local para piqueniques, Baxter virou-se para Garland e lobrigou o topo de uma fina caixa preta a espreitar-lhe do bolso da camisa.

— Ah, seu miserável! — disse Baxter, arrancando-lhe do bolso o minigravador. Tinha a luz de gravação vermelha intermitente.

— Ei, não pode...

Baxter atirou-o para o chão empedrado e esmagou-o com o calcanhar, para que não fosse possível recuperá-lo.

— Acho que mereci isso — admitiu Garland com uma surpreendente cordialidade.

— Olhe, isto é assim: tem dois polícias à porta da sua casa. Aproveite-os. O Wolf contactá-lo-á amanhã...

— Não o quero a ele. Quero-a a si.

— Não é uma opção.

— Olhe, inspectora, isto é assim: eu não sou um recluso. Não fui detido. Não estou sob a custódia da Polícia Metropolitana e não tenho qualquer

obrigação de aceitar a sua ajuda. Além disso, e digo isto com o maior respeito, vocês não têm conseguido os melhores resultados até ao momento. Estou disposto a colaborar convosco, mas de acordo com as minhas condições. Primeira: quero-a a si.

Baxter levantou-se, sem disposição para negociar.

— Segunda: quero simular a minha própria morte.

Baxter esfregou a testa e estremeceu, como se a estupidez de Garland lhe provocasse dor física.

— Pense nisso. Se eu já estiver morto, o assassino não poderá matar-me. Mas teríamos de fazer a coisa com realismo, por exemplo, diante de uma audiência.

— Pode ser uma ideia a considerar — disse Baxter.

A expressão de Garland iluminou-se quando ela voltou a sentar-se ao seu lado.

— Podemos trocar a sua cara pela do John Travolta Ah, não, isso foi um filme. O que me diz a teletransporte...? Não. Já sei: alugamos um caça aéreo, acho que o Wolf está habilitado a conduzir um, e fazemos explodir um helicóptero...

— Que engraçadinha — disse Garland, ligeiramente envergonhado. — Desconfio de que não está a levar-me a sério.

— E não estou mesmo.

— A minha vida está jogo — disse Garland, e, pela primeira vez, Baxter pensou ter conseguido identificar apreensão e autocomiseração na sua voz.

— Nesse caso, vá para casa — aconselhou.

Levantou-se e foi embora.

— Muito obrigado, fico muito agradecido. Igualmente. Adeus.

Edmunds pousou o auscultador no preciso instante em que Baxter regressou ao escritório após o encontro com Garland. Beliscou com força a própria perna debaixo da secretária, de modo a garantir que não estava a sorrir quando ela chegasse.

Ela odiava quando ele sorria.

Sentou-se em frente ao computador, resfolegou sonoramente e começou a sacudir migalhas do teclado para a mão.

— De verdade que comeste o que quer que isto tenha sido? — rugiu.

Edmunds achou que era melhor não dizer que estivera demasiado ocupado para conseguir almoçar e que ela tinha na mão os restos da barra de granola que comera ao pequeno-almoço. Baxter levantou a cabeça e reparou que ele a observava pacientemente com uma expressão tensa estampada no rosto. Parecia prestes a explodir de exaltação.

— Está bem, diz lá — suspirou.

— Collins & Hunter. É uma empresa de advocacia de cariz familiar sedeadada em Surrey, com várias sucursais especializadas e parcerias espalhadas pelo país. Têm uma longa tradição de oferecerem um anel aos seus colaboradores... — Edmunds segurou o saco de provas com o anel de platina. — Este preciso anel, para dizer a verdade, ao fim de cinco anos de serviço.

— Tens a certeza? — perguntou Baxter.

— Tenho.

— Nesse caso, não será difícil encontrar o proprietário.

— Segundo a senhora com quem falei, temos uma lista de vinte a trinta, no máximo. Ela vai enviar-me hoje de tarde a lista completa, incluindo contactos.

— Já não era sem tempo... termos uma oportunidade — disse Baxter com um sorriso.

Edmunds ficou espantado ao verificar como ela ficava diferente quando estava feliz.

— Como correram as coisas com o Garland?

— Quer que nós o matem. Queres beber alguma coisa?

A resposta chocante de Baxter só foi ensombrada pela oferta de lhe preparar uma bebida. Tal nunca acontecera antes e Edmunds ficou em pânico.

— Chá — deixou escapar.

Detestava chá.

Cinco minutos depois, Baxter regressou à secretária que partilhavam e pousou-lhe à frente uma chávena de chá com leite. Era óbvio que se esquecera (ou nem sequer tinha prestado atenção) de que Edmunds era intolerante à lactose. Ele fingiu sorver com um deleite exagerado.

— A que horas esperamos que o Simmons regresse? — perguntou ela. —

Preciso de falar com ele sobre esta situação do Garland.

— Acho que às quinze.

— Conseguiram alguma informação da Georgina Tate? — indagou Baxter.

— Pouca coisa — respondeu Edmunds enquanto consultava o seu bloco de notas. — Caucasiano. Mas isso já nós sabíamos. Cicatrizes no antebraço direito. — Demorou um instante a decifrar a própria letra ao fundo da página. — Ah, sim. Recebeste um telefonema da Eve Chambers. Disse que tinhas o número dela.

— A Eve ligou-me? — perguntou Baxter, intrigada por ser a mulher do Chambers a responder à mensagem que deixara.

— Pareceu-me bastante perturbada.

Baxter pegou imediatamente no telemóvel. Como não tinha privacidade para falar, com Edmunds sentado a um metro dela, levantou-se e foi para a escrivaninha deixada vaga por Chambers. Atenderam o telefone logo a seguir ao segundo toque.

— Emily — disse uma voz aliviada.

— Eve? Está tudo bem?

— Ah, sim, estou certa de que sim, querida. Sou só eu a atormentar-me como uma velha tonta que sou. É que recebi a mensagem que deixaste ontem.

— Pois, desculpa lá — balbuciou Baxter atabalhoadamente.

— Oh, não tem importância. Pensei que tivesse sido um engano da tua parte, mas depois o Ben não regressou a casa.

Baxter ficou confusa.

— Não regressou a casa vindo de onde, Eve?

— Então, do trabalho, querida.

Baxter endireitou-se na cadeira, subitamente alerta, e ponderou nas palavras para não preocupar, sem necessidade alguma, a simpática mulher no outro lado da linha.

— Quando regressaste de férias? — perguntou Baxter desinteressadamente.

— Ontem de manhã. E o Ben já tinha saído para o trabalho quando cheguei a casa. Não tinha nada no frigorífico, nenhum bilhete a dar-me as

boas-vindas... Aquele homem!

Eve soltou uma gargalhada tensa. Baxter esfregou a testa. De cada vez que Eve abria a boca, ficava mais confusa e fazia um esforço para não ficar irritada com ela.

— Muito bem, porque regressaste a casa depois do Chamb... do Ben?

— Desculpa, querida. Não estou a entender...

— Quando foi que o Ben regressou de férias? — perguntou Baxter quase a gritar.

Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da linha até que a voz angustiada de Eve respondeu num murmúrio rouco.

— Ele não foi de férias.

Durante o silêncio de estupefacção, em que Baxter fez um esforço para formular um raciocínio válido, Eve começou a choramingar ao telefone. Chambers já estava desaparecido há mais de duas semanas sem que ninguém tivesse percebido. Baxter sentia o coração bater desenfreadamente e a garganta a secar.

— Achas que lhe aconteceu alguma coisa?

— De certeza que está bem — respondeu Baxter, pouco convincente. — Eve?

A resposta foi um choro distante.

— Eve, preciso de saber por que razão o Ben não foi de férias contigo... Eve?

Estava a perdê-la.

— Porque ele não falava noutra coisa — continuou Baxter no tom mais despreocupado que conseguia. — Mostrou-me fotografias da casa da tua irmã junto à praia e do restaurante sobre estacas. Ele estava ansioso por ir, não estava?

— Sim, querida, estava. Mas, na manhã do voo, ligou-me para casa. Eu já tinha as malas feitas e estava à espera dele. Ele tinha ido ao Dr. Sami logo de manhã buscar a medicação e acabara por ficar internado no hospital para «observação». No dia seguinte, enviou-me uma mensagem a informar que tinha tido alta e que ia regressar ao trabalho.

— Que mais disse?

— Disse que me amava e que ultimamente tinha sentido uns problemas na

perna. Que não quisera preocupar-me. É claro que eu disse que não iria, mas ele foi absolutamente intransigente para que eu fosse, para não desperdiçarmos o dinheiro. Chegámos a discutir por causa disso.

Eve recomeçou a chorar.

— Na perna, Eve?

Baxter lembrava-se de às vezes ver Chambers a mancar um pouco, mas nunca pensara que fosse suficientemente grave para representar um problema, nem nunca o ouvira queixar-se.

— Sim, sabes?, querida, daquele acidente que teve há alguns anos. Na maior parte das noites chega a casa em sofrimento e dorido. Não gosta de falar no assunto. Placas e ferros e... por pouco não tiveram de lha amputar... está lá?

Baxter largara o telemóvel e já procurava freneticamente nas gavetas da secretária de Chambers. Tremia violentamente e começava a sentir dificuldade em respirar quando puxou totalmente para fora a gaveta de cima e espalhou o conteúdo sobre o tampo. As pessoas observavam-na, perplexas e embaraçadas.

Edmunds aproximou-se quando ela espalhou no chão o conteúdo de uma segunda gaveta de documentação, artigos de escritório, analgésicos e comida de plástico. Já se tinha deixado cair de joelhos e começara a vasculhar a barafunda quando ele se ajoelhou diante dela.

— O que procuras? — perguntou baixinho. Espalhou o monte no chão, sem saber o que Baxter precisava de encontrar tão desesperadamente. — Deixa-me ajudar.

— ADN — murmurou Baxter com a respiração cada vez mais ofegante.

Limpou os olhos chorosos e arrancou a gaveta do fundo. Estava prestes a despejar o seu conteúdo no chão quando Edmunds esticou o braço e pegou num pente de plástico barato.

— Isto serve? — perguntou, apresentando-lho.

Baxter foi a rastejar para lhe pegar, desatou a chorar histericamente e a soluçar sem controlo encostada ao peito dele. Edmunds passou-lhe hesitantemente o braço pelos ombros e fez um sinal zangado para que os espectadores se afastassem.

— O que aconteceu, Baxter? — murmurou.

Ela demorou um minuto a recompor-se e a conseguir responder. Mesmo então, mal conseguia falar entre os soluços.

— A *Boneca de Trapos*... a perna... é do Chambers!

Capítulo 15

Quarta-feira, 2 de Julho de 2014

7h05

Wolf ainda tinha os sapatos calçados quando finalmente rastejou para o seu pouco convidativo colchão, por volta das 8h57. Passara a noite a trabalhar com Finlay nos dois locais dos crimes, que distavam cerca de quatrocentos metros um do outro — preservando provas, impedindo a cobertura dos meios de comunicação social, inquirindo testemunhas e compilando declarações. Quando Finlay acabou por o deixar à porta de casa, quando o resto da cidade começava a sair para o trabalho, estavam ambos demasiado esgotados para falar. Wolf limitara-se a dar uma palmadinha no ombro do amigo e a sair do carro.

Assistira à primeira transmissão do dia de Andrea, sentado no chão duro enquanto comia uma torrada, mas desligara a televisão quando aparecera uma fotografia dele ao lado do corpo amarfanhado de Elizabeth. Arrastara-se até ao quarto e adormecera pouco depois de fechar os olhos.

Fizera planos para ir mostrar o braço a um médico a sério, mas dormira ininterruptamente até às 18 horas, quando recebera um telefonema de Simmons. Após algumas palavras sobre as exéquias fúnebres do *mayor* Turnble, Simmons pusera-o ao corrente dos avanços do dia e do contratempo na imprensa na noite anterior. Após uma pausa hesitante, informara-o sobre a descoberta de Baxter. A equipa forense confirmara que o ADN do cabelo retirado do pente que estava na secretária de Chambers correspondia inquestionavelmente ao da perna direita da *Boneca de Trapos*. Por fim, lembrara Wolf de que este poderia afastar-se do caso quando quisesse.

Wolf aquecera no microondas massa com almôndegas, mas, depois da conversa com Simmons, não conseguira tirar da cabeça a imagem do avental manchado de sangue do assassino. Enquanto visualizara as difusas filmagens do circuito fechado de televisão, tinha pensado a quem pertenceria aquele sangue coagulado no avental encardido, quem morrera ainda antes de o assassino ter reclamado o seu celebrado troféu sob a forma de Naguib Khalid. Agora tudo fazia sentido. O homicida fora obrigado a assassinar Chambers antes de este poder sair do país.

Sentou-se diante da televisão apenas para perceber que a tenebrosa fotografia fora partilhada pelos diferentes canais noticiosos, e aparentemente todos estavam a ocupar o tempo de antena a debater se Wolf seria a escolha acertada para desempenhar uma função tão importante no caso. Ingeriu apenas duas colheradas da sua refeição de carne ensanguentada, até que desistiu. Estava prestes a levantar-se para a deitar no balde do lixo quando a campainha tocou. Infelizmente, ainda não conseguia abrir as janelas, caso contrário, ter-se-ia visto livre de um repórter intrometido e do seu nauseante jantar de uma assentada. Com alguma relutância, carregou num botão no intercomunicador.

— William Fawkes: bode expiatório da imprensa, modelo masculino e a percorrer o corredor da morte — disse alegremente.

— Emily Baxter: destroçada a nível emocional e moderadamente embriagada. Posso subir?

Wolf sorriu, carregou noutra botão, atirou à pressa o grosso da barafunda para o quarto e fechou a porta. Abriu a porta da frente para receber Baxter, que trazia umas calças de ganga justas, botas pretas que lhe davam pelo tornozelo e um *top* branco rendado. Usava maquilhagem azul-escura à volta dos olhos e um perfume floral adocicado que fluiu pela soleira da porta. Quando entrou na deprimente divisão, entregou-lhe uma garrafa de vinho tinto.

Apesar de a conhecer há tantos anos, Wolf nunca conseguira habituar-se a ver Baxter com roupa tão informal. Parecia mais nova, graciosa e delicada; alguém mais adequado para danças e jantares festivos do que para cadáveres e assassinos em série.

— Cadeira? — perguntou.

Baxter olhou em redor para a sala por mobilar.

— Tens alguma?

— É isso que estou a perguntar — disse Wolf laconicamente.

Arrastou a caixa com a indicação «Calças e Camisas» para o centro da sala, para ela se sentar, e encontrou uns copos de vinho noutra caixa na qual estava prestes a sentar-se. Encheu moderadamente dois copos.

— Bem, a tua casa é muito... — Baxter não terminou a frase, com uma expressão que sugeria que não tinha vontade de mexer no que quer que fosse. Depois, olhou para Wolf, com a sua camisa amarrotada e o cabelo em desalinho, com a mesma expressão.

— Acabei de me levantar — mentiu. — Tresando e preciso de um banho. Sorveram ambos um trago de vinho.

— Já sabes? — perguntou ela.

— Já.

— Sei que não morrias de amores por ele, mas ele era muito importante para mim, sabes?

Wolf assentiu sem levantar os olhos do chão. Nunca tinham conversado daquela maneira.

— Por isso, hoje desfiz-me em lágrimas nos braços do meu formando — disse Baxter, completamente humilhada pelo seu comportamento. — Nunca conseguirei esquecer.

— O Simmons disse-me que foste tu quem conseguiu descobrir.

— Mesmo assim... O meu formando! Não haveria problema se tivesses sido tu.

Seguiu-se uma pausa tensa, que se prolongou, pois ambos sabiam que estavam a imaginá-lo com os braços a cingi-la.

— Gostava que lá tivesses estado — balbuciou Baxter, acentuando a desfavorável imagem, com os enormes olhos enfumaçados a pestanejar para avaliar a reacção de Wolf.

Ele mudou de posição, pouco à vontade em cima da sua caixa, esmagando alguma coisa no interior, enquanto Baxter enchia generosamente os copos e se aproximava dele.

— Na realidade, não quero que morras.

Arrastava ligeiramente a voz, e Wolf tentou imaginar quanto é que ela

teria bebido antes de chegar ali. Acercou-se dele e pegou-lhe na mão.

— Dá para acreditar que ela pensou que se passava alguma coisa entre nós?

Wolf demorou algum tempo a perceber a falácia.

— A Andrea?

— Eu sei! Uma loucura, não é? Quero dizer, se pensarmos bem, basicamente, sofremos as consequências de termos um caso sem que tivéssemos beneficiado de quaisquer vantagens.

Os seus enormes olhos voltaram a observá-lo. Wolf libertou-se da mão dela e pôs-se de pé. Baxter recostou-se e sorveu o vinho.

— Vamos sair e comer qualquer coisa — sugeriu ele entusiasticamente.

— Eu não estou...

— É claro que estás! Há um restaurante que serve *noodles* mesmo ao fundo da rua. Deixa-me tomar um duche. Cinco minutos, e estou pronto.

Wolf quase desatou a correr para a casa de banho. Teve de enfiar uma toalha por baixo da porta para que esta não se abrisse e despiu-se o mais depressa que conseguiu.

Baxter sentiu-se tonta quando se levantou. Foi a cambalear até à *kitchenette*, emborcou o resto do vinho que tinha no copo e depois encheu-o com água da torneira. Voltou a enchê-lo e bebeu mais três copos enquanto fitava o apartamento vazio defronte, onde o cérebro por detrás de toda aquela desgraça e mortes exibira orgulhosamente o seu monstro.

Pensou em Chambers a fazer aquele telefonema para Eve, presumivelmente sob sequestro, tentando protegê-la a todo o custo.

O barulho abafado da água a correr atravessou a parede fina da casa de banho.

Ela imaginou Elizabeth Tate deitada, sem vida, debaixo da chuva, aquela fotografia a preto e branco de Wolf a segurar-lhe a mão.

Wolf cantarolava, desafinado, debaixo do onomatopaico chuveiro.

Pensou em Wolf e em como sabia que não poderia salvá-lo.

Baxter pousou o copo na pia, viu o seu reflexo no micro-ondas e caminhou até à porta da casa de banho. Pela segunda vez naquele dia, o seu coração batia desenfreadamente. Uma frincha entre a porta e o caixilho deixava adivinhar que Wolf não conseguira, ou não quisera

propositadamente, trancá-la. Levou a mão ao puxador ferrugento, respirou fundo...

Alguém bateu na porta de entrada.

Baxter estacou, ainda agarrada ao vacilante pedaço de metal. Wolf continuava a cantarolar no chuveiro, sem dar por nada. Bateram de novo, desta vez com mais urgência. Baxter praguejou entredentes, foi a correr até à porta e abriu-a.

— Emily!

— Andrea!

As duas mulheres fitaram-se sob um silêncio desconfortável, sem saberem o que dizer em seguida. Wolf saiu da casa de banho com uma toalha à cintura. Ia a meio caminho do quarto quando reparou nas duas a observá-lo com ar de acusação. Parou, olhou fixamente para aquela embaraçosa situação, abanou a cabeça e fechou-se no quarto.

— Isto parece-me tudo muito acolhedor — disse Andrea com indignação e igual medida de deleite por as suas suspeitas se confirmarem.

— Acho que é melhor entrares — disse Baxter, recuando um passo e cruzando os braços defensivamente. — Caixa?

— Fico de pé.

Baxter observou Andrea enquanto esta inspeccionava o desprezível apartamento de Wolf. Tinha a habitual aparência imaculada e os seus sapatos de tacão alto de *designer* faziam um barulho irritante enquanto andava de um lado para o outro.

— Este sítio é... — começou Andrea.

— É, não é? — disse Baxter, ávida por deixar bem claro à abastada mulher que o *seu* apartamento de classe média em nada se parecia com aquele casebre.

— Porque é que ele mora aqui? — sussurrou Andrea.

— Bem, acho que é porque tu o lixaste bem no processo de divórcio — disse Baxter, agastada.

— Não é que isso te diga respeito — murmurou Andrea —, mas nós vamos dividir a casa em partes iguais.

Olharam ambas em redor, num silêncio embaraçoso.

— E, para tua informação — continuou Andrea —, eu e o Geoffrey

ajudámos financeiramente o Will quando ele saiu do hospital.

Baxter pegou na garrafa de vinho tinto meio vazia.

— Vinho? — ofereceu, amistosamente.

— Depende, de que tipo é?

— Tinto.

— Isso vejo eu. O que quero dizer é: de onde é?

— Da Morrisons.

— Não, quero dizer... esquece.

Baxter encolheu os ombros e voltou para a sua caixa.

Wolf já estava vestido há bem mais de cinco minutos, mas continuava no seu quarto sombrio à espera de que os gritos na sala contígua diminuíssem. Baxter acusara Andrea de se aproveitar do infortúnio dos outros, com o que Andrea se sentira ofendida, apesar de, indubitavelmente, isso ser verdade. De seguida, Andrea acusara Baxter de estar embriagada, com o que ela também se ofendera, apesar de, indubitavelmente, isso ser verdade.

Quando a discussão se voltou para o tema do relacionamento de Wolf com Baxter, ele finalmente saiu do seu esconderijo.

— Então, há quanto tempo é que isto dura? — gritou Andrea para ambos.

— Eu e a Baxter? — indagou Wolf inocentemente. — Não sejas ridícula.

— Ridícula? — gritou Baxter, agastada, não contribuindo nada para amenizar a situação. — O que tem de ridículo tu talvez gostares de mim?

Wolf vacilou, com a certeza absoluta de que o que quer que dissesse a seguir estaria errado.

— Nada, não era isso que queria dizer. Tu sabes que eu acho que és linda, inteligente e fantástica.

Baxter sorriu presunçosamente para Andrea.

— Fantástica? — berrou Andrea. — E continuas a querer negar? — Virou-se para Baxter. — Então, moras aqui com ele?

— Eu não moraria neste pardieiro nem que a minha vida dependesse disso — retorquiu Baxter, sob a influência da bebida.

— Ei! — gritou Wolf. — A casa tem muito potencial.

— Potencial? É deprimente! — disse Andrea a rir, tendo acabado de pisar alguma coisa pegajosa. — Eu só peço que sejam sinceros. Que diferença

faz agora?

Aproximou-se de Wolf para falar com ele olhos nos olhos.

— Will...

— Andie...

— Tu tinhas uma amante? — perguntou calmamente.

— Não! — bradou de frustração. — Acabaste com o nosso casamento sem motivo algum!

— Vocês os dois praticamente viveram juntos meses a fio. Querem mesmo que acredite que não tiveram relações?

— Olha, *nós* não tivemos durante muito tempo! — gritou-lhe Wof na cara.

Pegou no casaco e saiu do apartamento, batendo a porta com estrondo e deixando Andrea sozinha com Baxter. Seguiu-se um longo silêncio até uma delas decidir falar.

— Andrea — disse Baxter apaziguadoramente —, bem sabes que nada neste mundo me daria mais prazer do que dar-te más notícias, mas nunca houve nada entre nós.

A discussão acabou. Anos de suspeita e acusações arrasados por uma única frase sincera. Andrea sentou-se numa caixa, espantada por algo em que acreditara com toda a convicção nunca ter acontecido.

— Eu e o Wolf somos amigos, nada mais — murmurou Baxter, mais para se reconfortar a si mesma do que a Andrea.

Tinha feito uma triste figura, de tão confusa que estava quanto ao seu relacionamento inegavelmente complicado, à sua necessidade de conforto e tranquilização por causa da morte de Chambers e ao pânico que sentia só de pensar na possibilidade de perder o melhor amigo.

Encolheu os ombros. A culpa era do álcool.

— Quem era aquela mulher que estava na fotografia com o Will? — indagou Andrea.

Baxter revirou os olhos.

— Não quero saber como se chama — disse, na defensiva. — Só quero... ele conhecia-a bem?

— O suficiente. Ela não merecia... — Baxter tinha de ponderar as palavras, de modo a não revelar quaisquer pormenores relacionados com o

assassínio de Vijay Rana. — Ela não merecia nada do que aconteceu.

— Como é que ele está a aguentar-se?

— Queres a verdade? Faz-me lembrar o passado.

Andrea anuiu, recordando demasiadamente bem o desfecho do seu casamento.

— É tudo muito pessoal, demasiada pressão. Está a desgastá-lo novamente — disse Baxter, esforçando-se por articular a mudança em Wolf na qual apenas ela tinha reparado.

— Faz pensar se será propositado — disse Andrea. — Pressioná-lo, garantir que ele está tão fixado em apanhar o assassino que nem sequer pensa em salvar a própria pele.

— Apanhar o assassino e salvar a própria pele não é a mesma coisa?

— Não necessariamente. Ele poderia fugir... mas não o fará.

Baxter esboçou um ténue sorriso.

— Pois não.

— Sabes, nós já tivemos esta conversa antes — disse Andrea.

Baxter pareceu desconfiada.

— Não te preocupes. Nunca disse a ninguém nem vou dizer. Onde quero chegar é que já tomámos a decisão sobre o que fazer.

— Uma palavra ao Simmons e ele seria afastado do caso, mas não posso fazer-lhe isso — disse Baxter. — Prefiro que ele ande lá fora num processo de autodestruição do que fique aqui sentado à espera da morte.

— Então, está decidido. Não digas nada. Mas dá-lhe toda a ajuda que puderes.

— Se conseguirmos salvar apenas um, provar ao assassino que ele não é infalível, o nosso esforço não parecerá tão inútil.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou Andrea, com franqueza.

De súbito, Baxter teve uma ideia. Era, porém, um enorme risco abordar um tema tão importante com uma mulher que já fora detida por distribuir material sensível pelos meios de comunicação social de todo o mundo. Não tinha qualquer intenção de sequer contemplar a possibilidade da idiota sugestão de simular a morte de Garland, mas, se tivesse oportunidade de utilizar a imprensa como um aliado e não como um estorvo, por uma vez que fosse, poderia haver outra maneira de aumentar as suas probabilidades

de sucesso.

Andrea parecia sincera e estava inquestionavelmente preocupada com Wolf. Era também o melhor trunfo que Baxter tinha para concretizar o seu plano.

— Preciso que me ajudes a salvar o Jarred Garland.

— Queres que *eu* me envolva? — indagou Andrea.

— O teu operador de câmara.

— Compreendo.

Andrea leu nas entrelinhas do bizarro pedido de Baxter. Conseguia imaginar a expressão triunfante de Elijah ao expor o perturbador nível de desespero da Polícia Metropolitana. Era provável que sugerisse que ela mantivesse o embuste durante algum tempo antes de revelar a história na noite antes do assassinio.

Seria um suicídio, em termos de carreira, uma repórter enganar o público propositadamente, ainda que com a melhor das intenções; como poderiam voltar a confiar nela?

Recordou os rostos sorridentes dos regozijados colegas na sala de conferências, agradecidos pela morte violenta de Elizabeth, como se ela se tivesse metido à frente daquele autocarro para vantagem deles. Cerrou os punhos ao imaginá-los a exultarem perante o corpo de Wolf sem vida, esperando que ela «acrescentasse algum drama» àquele que já seria o pior dia da sua vida.

Ela não suportaria isso. Todos eles lhe causavam asco.

— Vamos a isso.

Capítulo 16

Quinta-feira, 3 de Julho de 2014

8h25

Wolf passou pelo escritório quando ia a caminho da sessão das 9 horas com a Dr.^a Preston-Hall. Sentou-se à sua secretária e praguejou quando virou o cesto do lixo atulhado até acima. Perscrutou furtivamente a sala à procura de um cesto vazio e desprotegido e percebeu que o volume de trabalho da mulher da limpeza não aumentara proporcionalmente ao do resto do departamento.

Após um simbólico esforço para organizar um pouco as coisas, Wolf ficou sensibilizado ao perceber que Finlay se dera ao trabalho de preencher o laborioso formulário de monitorização no seu dia de folga. Um *post-it* colado na folha de rosto dizia:

Que grande carga de matéria fecal! Vemo-nos na reunião. Fin.

Retirou o *post-it*, presumindo que a médica não apreciaria a sinceridade de Finlay, e, por instantes, olhou fixamente para a secretária vazia de Chambers, imaginando o invulgar colapso de Baxter no dia anterior. Detestava pensar nela tão perturbada. Só a vira assim transtornada uma vez em todo o tempo que se conheciam, e isso afectara-o mais do que qualquer outra coisa naquele dia traumático e surreal.

Não havia lugar para Baxter na sala de audiências do tribunal de Old Bailey, mas ela insistira obstinadamente em acompanhar Wolf para ficar a conhecer o veredicto do julgamento de Khalid. Nessa fase, ele tinha sido suspenso e todos os elementos da equipa estavam sob investigação formal relativamente ao modo como tinham lidado com o caso. Ele não quisera que ela fosse. O arrufo entre ele e Andrea atingira um espectacular pináculo durante a semana, que terminara com a Polícia a ser chamada à sua moradia

em Stoke Newington, o que só contribuía para os rumores sobre violência doméstica. Não obstante, Baxter puxara alguns cordelinhos e conseguira autorização para esperar horas a fio à entrada do palaciano átrio.

Wolf ainda se lembrava bem do primeiro jurado (era muito parecido com Gandalf) e recordava-se de quando o oficial de justiça pedira o veredicto. Todos os acontecimentos seguintes eram indistintos: gritos de pânico, o cheiro da cera no chão, uma mão ensanguentada encostada a um vestido branco.

A única coisa de que se lembrava vivamente era da dor intensa de quando o agente de segurança lhe desfizera o pulso esquerdo com um único e feroz golpe: metal a destruir osso. Disso e de ver Baxter de pé no meio do caos, com lágrimas a escorrer-lhe pela cara, a dizer-lhe repetidamente «o que foste fazer?»...

Quando parou de se debater e permitiu que a horda de agentes da Polícia o detivessem, vira-a pegar no braço da jurada salpicada de sangue e conduzi-la para um lugar seguro. Quando Baxter desaparecera entre as pesadas portas duplas, pensara que nunca mais a veria.

O devaneio de Wolf foi interrompido por um irritante sinal sonoro e pela familiar amálgama de zumbidos e pancadas que a máquina de *fax* fazia sempre que avariava. Conseguiu lobrigar Baxter numa acérrima troca de impressões com Simmons no gabinete dele. Ainda não se tinham encontrado desde que abandonara o apartamento, e as duas mulheres já tinham ido embora quando ele se arrastara até casa. Sentia-se um pouco culpado, mas tinha demasiadas coisas em que pensar para se deixar perturbar pelo insistente rancor entre as duas mulheres. Como não tinha tempo para fazer alguma coisa útil, pegou no formulário de monitorização e foi embora.

A sessão de Wolf com a Dr.^a Preston-Hall não correria nada bem e ele sentia-se aliviado por deixar o bolorento consultório e sair para o fiável chuvisco de um Verão britânico. Apesar de estar quente, puxou o casaco por cima da camisa branca. Ainda tinha na secretária o pequeno troféu que Finlay lhe entregara depois de ter sido apanhado por uma tempestade de granizo envergando a mesma roupa barata: Miss T-shirt Molhada 2013. Desde então que se sentia constrangido.

Fez o caminho de regresso até à New Scotland Yard a pensar na consulta. A Dr.^a Preston-Hall dera-lhe a conhecer a sua apreensão relativamente à pressão a que ele estava sujeito e ao efeito de assistir à morte de outra pessoa desde a última consulta, na segunda-feira. Felizmente, ainda ninguém a informara sobre a morte de Chambers.

Apesar de, em princípio, as consultas se deverem basear apenas na informação dos relatórios fornecidos por Finlay e nas conversas confidenciais entre a médica e Wolf, fora impossível evitar a fotografia que dominara os noticiários do dia anterior.

A médica dissera que a fotografia era a coisa mais honesta que ele já lhe facultara para trabalhar, ainda que não intencionalmente, e que qualquer pessoa conseguia perceber que o homem que apertava a mão da defunta estava à beira do abismo. Dissera-lhe que ia telefonar a Simmons recomendando que Wolf tivesse «um papel menos proeminente na investigação em curso», o que quer que isso quisesse dizer, e despedira-se dele até à segunda-feira seguinte.

Quando Wolf regressou, o escritório estava meio vazio. Durante a noite, dois adolescentes haviam perdido a vida num esfaqueamento relacionado com gangues em Edmonton, tendo um terceiro sido hospitalizado em estado crítico. Era apenas mais um acontecimento que dava a entender que Londres continuava a sua vida normal e que os assassínios da *Boneca de Trapos*, as vidas das vítimas anunciadas e a luta pela sobrevivência do próprio Wolf mais não eram do que temas de conversa interessantes para os milhões de pessoas que não estavam directamente envolvidas.

Quando regressou à secretária, tinha uma mensagem à sua espera. Desde a manhã anterior que Andrew Ford, o segurança e número quatro da lista, exigia falar pessoalmente com Wolf. Estava a tornar-se cada vez mais agressivo para os agentes que haviam sido destacados para garantir a sua segurança. Aparentemente, Baxter fora encontrar-se com o homem no lugar dele, mas logo tinha sido repelida pelo rude segurança.

Quando foram convocados à sala de reuniões, Wolf sentou-se no lugar vago ao lado de Baxter, que reassumira a sua habitual postura distante, rematada com maquilhagem escura e uma expressão de fastio.

— Bom dia — disse ele casualmente.

— Bom dia — respondeu ela com brusquidão e sem olhar para ele. Wolf desistiu e decidiu falar antes com Finlay.

1. (CABEÇA) Naguib Khalid, o *Cremador*
 2. (TRONCO) — ?
 3. (BRAÇO ESQUERDO) *anel de platina, empresa de advocacia?*
 4. (BRAÇO DIREITO) *verniz das unhas?*
 5. (PERNA ESQUERDA) — ?
 6. (PERNA DIREITA) detective Benjamin Chambers
- A — ~~Raymond Turnble~~ (mayor)
B — ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão/contabilista)
C — Jarred Garland (jornalista)
D — Andrew Ford (segurança/alcoólico/uma besta)
E — Ashley Lochlan (empregada de mesa) ou (menina de nove anos)
F — Wolf

Todos olharam para a lista em silêncio, na esperança de que a inspiração chegasse e lobrigassem subitamente uma ligação óbvia. Tinham passado os primeiros vinte minutos da reunião a apresentar argumentos em círculos, o que levava Simmons a registrar num cavalete, com a sua letra quase ilegível, os progressos que tinham feito. Ao verem os dados assim no papel, perceberam que quase não tinham nada.

— As mortes do *Cremador* devem ser a chave — disse Finlay. — O irmão Khalid, o Will...

— O irmão dele não teve nada que ver com o julgamento — corrigiu Simmons, juntando um apontamento à lista. — Nem sequer esteve presente.

— Talvez quando o Alex nos indicar um nome isto faça mais sentido — disse Finlay, encolhendo os ombros.

— Não fará — interveio Baxter. — O Edmunds tem uma lista das vinte e duas pessoas que tiveram esses anéis e nenhuma esteve envolvida no julgamento do Khalid.

— Mas o Ben esteve, não esteve? — perguntou Finlay.

Seguiu-se uma pausa desconfortável ao ouvirem aquele nome. Finlay pareceu sentir-se culpado por ter pronunciado o nome do defunto colega, como se ele fosse apenas mais uma peça do *puzzle*.

— O Chambers esteve envolvido, mas não mais do que qualquer um de nós — retorquiu Baxter impassivelmente. — E, mesmo que tivesse estado, qual a ligação com o resto da lista?

— Até que ponto vasculhámos o passado das outras pessoas? — perguntou Simmons.

— Estamos a dar o nosso melhor, mas alguma ajuda seria bem-vinda — disse Baxter.

— Pois, mas não há ajuda — esbravejou Simmons, arreliado. — Já tenho um terço do departamento a trabalhar neste caso. Não posso destacar mais ninguém.

Baxter não insistiu, percebendo a pressão a que o seu superior estava sujeito.

— Fawkes, tens estado invulgarmente calado. Não tens ideias? — perguntou Simmons.

— Se o julgamento do Khalid é a chave, porque estaria eu na mesma lista que ele? Não faz sentido. Querem o *Cremador* morto mas também a pessoa que tentou detê-lo?

Seguiu-se um silêncio de hesitação.

— Seria por ser famoso? — sugeriu Finlay. — Talvez o Ben tivesse um caso importante que também chamou a atenção do assassino.

— É uma ideia — concordou Simmons. — Investiga isso.

Nesse instante, Edmunds entrou de rompante na sala com um ar transpirado e desmazelado.

— O anel pertence a Michael Gable-Collins — anunciou, triunfante. — Sócio sénior da Collins & Hunter.

— Collins & Hunter? Esse nome não me é estranho — disse Finlay.

Wolf encolheu os ombros.

— Quarenta e sete anos, divorciado, sem filhos. Interessante, o facto de ter participado numa reunião de sócios na sexta-feira passada à hora do almoço — informou Edmunds.

— Nesse caso, temos um intervalo de aproximadamente doze horas entre a reunião e a descoberta da *Boneca de Trapos* — disse Simmons enquanto acrescentava à lista o nome de sangue azul.

— E de certeza que ele não esteve no julgamento? — perguntou Finlay,

ignorando o suspiro de exasperação de Baxter.

— Ainda estou a investigar, mas directamente não — explicou Edmunds.

— Nesse caso, não estamos mais perto de encontrar o assassino? — perguntou Finlay.

— Oh, o julgamento é a ligação — limitou-se a dizer Edmunds.

— Mas acabou de dizer que este tipo não esteve envolvido.

— Mas esteve. Todos eles estiveram. Nós é que ainda não descobrimos como. O Khalid é a chave.

— Mas... — começou Finlay.

— Avancemos — interrompeu-os Simmons, consultando o relógio. — O Jarred Garland pediu que a inspectora Baxter assumisse a liderança da sua protecção. Já debati o assunto com ela e espero que todos a ajudem em tudo o que precisar.

— Um momento, um momento! — exclamou Wolf.

— Por esse motivo, ela não estará no escritório o resto do dia e amanhã. Estou certo de que o Fawkes terá todo o prazer em continuar a investigação dela na sua ausência — disse Simmons com firmeza.

— Eu preciso de estar com o Garland — disse Wolf.

— Tu precisas é de pensar que tens muita sorte por ainda estares aqui depois do telefonema que eu recebi da tua *tu-sabes-quem* hoje de manhã.

— Inspector, desta vez tenho de concordar com o Wolf — interveio Edmunds, surpreendendo todos com o seu tom autoritário. Baxter pareceu capaz de lhe atirar uma coisa. — O assassino lançou o desafio ao Wolf. Se modificarmos a dinâmica, não sabemos como ele reagirá. Poderá encarar isso como um insulto.

— Óptimo. Espero bem que sim. A decisão está tomada.

Edmunds abanou a cabeça.

— Na minha opinião, é um erro.

— Eu posso não ter um admirável doutoramento em *Polícias e Ladrões* como o Edmunds, porém, quer acredite quer não, no meu tempo também lidei com alguns casos de assassinios — vociferou Simmons.

— Como este, nunca — atalhou Edmunds.

Finlay e Baxter mudaram desajeitadamente de posição nos seus lugares enquanto Edmunds se recusava obstinadamente a ceder.

— Basta! — gritou Simmons. — O senhor ainda está aqui à experiência. É bom que não se esqueça disso. O assassino tentará matar o Jarred Garland no sábado, não importa quem seja a ama-seca dele. Por outro lado, o Garland não aceitará a nova intervenção *a menos que* seja a Baxter a ama-seca.

— Baxter, põe o Fawkes a par do teu trabalho. Obrigado a todos pela dor de cabeça. Agora, vão à vossa vida.

Quando a reunião terminou, Edmunds foi falar com Baxter.

— Seu estafermo — silvou-lhe. — O que te passou pela cabeça?

— Eu...

— Isto é muito importante para mim, e já é suficientemente difícil sem ter a duvidar das minhas capacidades e a envergonhar-me em frente ao meu superior.

Baxter reparou em Wolf a protelar na soleira da porta, à espera de uma oportunidade para conversar com ela em privado.

— Sabes o que vais fazer o resto do dia? — perguntou a Edmunds.

— Sei.

— Então, podes explicar-lhe.

Pôs-se de pé e saiu apressadamente da sala sem prestar atenção a Wolf. Edmunds sorriu-lhe sem convicção.

— O que descobriste sobre os vernizes para as unhas? — perguntou-lhe.

Wolf telefonara ao médico legista para saber se tinham descoberto alguma novidade em relação aos três membros ainda por identificar. O médico informara-o de que ainda estavam a realizar testes e de que não tinham nada de relevante para lhe divulgar. Em algum momento, teria de ir a Peckham para se encontrar com Andrew Ford, mas estava a demorar-se para falar com Baxter antes de ela ir embora.

Por algum motivo, Edmunds aparecera de repente à beira da sua secretária e não saíra dali, apesar de Baxter estar há trinta e cinco minutos no gabinete de Simmons e a secretária dela estar vazia. Edmunds tentava puxar conversa, mas Wolf estava demasiado distraído, a observá-los, para lhe prestar atenção.

— Tive uma ideia — disse Edmunds. — O nosso assassino é metódico, engenhoso e inteligente. Ainda não cometeu qualquer erro, o que me pôs a

pensar: não é a primeira vez que faz isto. Pensa bem. Este indivíduo aperfeiçoou a sua arte...

— Arte? — questionou Wolf, relutante.

— É assim que ele encara a coisa, e não há como negar que, por muito horrendos que sejam os crimes, objectivamente, são admiráveis.

— Admiráveis? — Wolf bufou. — Edmunds, és o assassino? — perguntou, muito sério.

— Quero investigar processos antigos. — Isto chamou a atenção de Wolf. — Quero procurar *modus operandi* invulgares, assassínios de vítimas supostamente inacessíveis, amputações e mutilações. Em algum ponto, ele terá deixado uma pista.

Edmunds nutria a esperança de que Wolf apoiasse a sua ideia, quiçá impressionado pelo seu raciocínio. Em vez disso, ficou furioso.

— Estão quatro agentes a trabalhar neste caso a tempo inteiro: quatro! Nem mais. Achas mesmo que nos podemos dar ao luxo de prescindir de ti para ires perder tempo à procura de uma agulha num palheiro enquanto há pessoas a morrer?

— Eu... eu só estava a tentar ajudar — balbuciou Edmunds.

— Limita-te a fazer o teu trabalho — explodiu Wolf, pondo-se de pé e desatando a correr pelo escritório para interceptar Baxter, que acabara de falar com Simmons.

— Ei — disse ele.

— Nem penses.

Baxter levava uma pasta de arquivo na mão quando passou por ele a largas passadas rumo à sua secretária.

— Se queres falar sobre a noite passada...

— Não é isso.

Quando iam a passar pela sala de reuniões, Wolf agarrou Baxter pelo pulso e puxou-a para dentro, despertando os olhares desconfiados de quem estava por perto.

— Ei! — gritou ela.

Wolf fechou a porta da sala de reuniões.

— Desculpa ter ido embora ontem à noite. Ainda tínhamos assuntos para tratar, mas ela deixou-me tão irritado... Eu não deveria ter-te deixado

sozinha com ela. Desculpa.

Baxter pareceu impaciente.

— Lembra-te de quando eu disse que tu eras linda, inteligente e...?

— Fantástica — lembrou-o com um sorriso afectado.

— Fantástica — disse Wolf, concordando com a cabeça. — Ela não gostou disso, pois não?

Baxter brindou-o com um largo sorriso.

— Pois, não gostou.

— Então, deixa-me ajudar-te no caso do Garland. Já não aguento mais estar com o Edmunds. Há minutos, tentou pintar-me as unhas!

Baxter soltou uma gargalhada.

— Não, mas agradeço.

— Vá lá, tu és a chefe. Farei tudo o que mandares.

— Não. Tens de ser menos controlador. Ouviste o Simmons. Ele está na iminência de te afastar do caso. Esquece isso.

Wolf pareceu desesperado.

— Dá-me licença — disse Baxter, tentando sair da sala.

Wolf não se desviou.

— Não compreendes. Eu *tenho* de ajudar.

— Deixa-me passar — insistiu Baxter com mais veemência.

Wolf tentou tirar-lhe a pasta da mão. A pasta de plástico dobrou e estalou sob a pressão de ambas as mãos. Ela já o vira assim, durante a investigação do caso do *Cremador*, quando ficara totalmente obcecado com o assunto, quando ela deixara de conseguir distinguir o amigo do inimigo.

— Larga isso... Will.

Ela nunca o tratava pelo nome próprio. Tentou de novo libertar a pasta do caso Garland, mas não conseguiu. Tudo o que tinha de fazer era gritar a pedir ajuda. Uma dúzia de agentes entrariam de rompante pela porta e Wolf seria afastado do caso. Pensou se teria errado ao deixá-lo chegar tão longe, ao ignorar os sinais. Ela apenas quisera ajudá-lo, mas havia limites.

— Lamento — murmurou.

Levantou a mão livre para bater no vidro fosco, mas, nesse preciso instante, Edmunds entrou impetuosamente na sala, batendo sem querer com a porta nas costas de Wolf.

Wolf largou a pasta.

— Desculpa — disse Edmunds. — Está ao telefone o agente Castagna, que quer falar contigo sobre o Andrew Ford.

— Ligo-lhe mais tarde — retorquiu Wolf.

— Ao que parece, está a ameaçar atirar-se da janela.

— O agente Castagna ou o Ford?

— O Ford.

— Para fugir ou para se matar?

— Terceiro andar, por isso, cinquenta por cento de probabilidade.

Wolf não conseguiu reprimir um sorriso e Baxter viu a transformação fazê-lo voltar ao seu estado normal... e irreverente.

— Está bem, diz-lhe que vou a caminho.

Sorriu cordialmente para Baxter e seguiu Edmunds. Baxter aguardou longe dos olhares por detrás do vidro fosco. Expirou profundamente e depois acocorou-se antes que caísse para o lado. Sentia-se zozna e esgotada emocionalmente por ter tomado uma decisão tão difícil, tendo ficado com a mesma sensação de indecisão. Levantou-se antes que alguém entrasse na sala, respirou fundo para se acalmar e saiu para o escritório.

Capítulo 17

Quinta-feira, 3 de Julho de 2014

15h20

Wolf teve de apanhar um comboio de superfície até à Peckham Rye Station, o que lhe pareceu uma façanha irracionalmente desmedida. Como compensação, comprou um *macchiato* magro, duplo, extraquente, com xarope de caramelo e sem açúcar, mas depois sentiu-se bastante efeminado quando o homem que estava atrás dele pediu apenas um «café simples».

Perambulou pela rua principal rumo a um conjunto de três torres camarárias, orgulhosamente sobranceiras às cercanias, alegremente inconscientes ou simplesmente ignorando o facto de o resto da população as encarar como indesejáveis atentados ao bom-gosto e que seriam derrubadas à primeira oportunidade. Pelo menos os arquitectos daquelas monstruosidades em particular tinham optado por as pintar com um perfeito e «deplorável cinzento a condizer com o céu de Londres», que as tornava praticamente invisíveis durante noventa por cento do ano.

Wolf aproximou-se da que tinha a inscrição «Shakespeare Tower», sem ter bem a certeza de que aquele grande homem pudesse encarar o cognome como um elogio, e suspirou ao absorver as familiares vistas e sons. Cerca de uma dúzia de bandeiras com a Cruz de São Jorge ornamentavam as janelas, jurando lealdade a este grande país ou, no mínimo, a onze jogadores de futebol lealmente decepcionantes. Um cão, que Wolf pensava ser um *staffordshire bull terrier* ou um pastor-alemão, ladrava incessantemente numa varanda com metro e meio de área, na qual fora fechado e onde uma repugnante exibição de roupa interior fora exposta, pendurada à chuva como uma grotesca mostra de arte moderna.

Algumas pessoas poderiam acusá-lo de ser intolerante ou de discriminação, mas não tinham passado metade das suas vidas profissionais em edifícios semelhantes, que havia por toda a cidade. Wolf sentia que ganhara o direito de os odiar.

Ao aproximar-se da entrada principal, conseguiu ouvir gritos vindos das traseiras do edifício. Contornou a torre e ficou surpreendido ao avistar um homem de aspecto imundo, só de colete e cuecas, pendurado de uma varanda por cima dele. Dois agentes tentavam em vão puxá-lo para cima e vários vizinhos tinham-se aventurado a subir para as suas próprias varandas, com os telemóveis a postos para o caso de terem a sorte de conseguirem fotografá-lo em plena queda. Wolf observou, divertido, o bizarro espectáculo até que uma vizinha de pijama acabou por o reconhecer.

— Você não é aquele detective que aparece na televisão? — berrou-lhe com uma voz roufenha.

Wolf ignorou a metediça. Subitamente, o homem que estava pendurado na varanda parou de gritar e olhou para ele, que estava casualmente a sorver o seu café.

— Andrew Ford, presumo!? — disse Wolf.

— Inspector Fawkes? — perguntou Ford com pronúncia irlandesa.

— Sim.

— Preciso de falar consigo.

— Diga.

— Aqui não. Suba.

— Está bem.

Wolf encolheu os ombros com indiferença e dirigiu-se para a entrada principal enquanto Ford passava deselegantemente por cima do parapeito. Quando chegou lá cima, foi recebido por uma atraente agente asiática que estava à porta.

— Como estamos felizes por o ver! — disse ela.

Quando falou, Wolf reparou na falta de um dente no sorriso dela e começou a sentir-se irritado.

— Foi *ele* que lhe fez isso? — indagou, apontando para a própria boca.

— Não foi de propósito. Estava a esbracejar e eu não devia ter interferido. A culpa foi estupidamente minha.

— Ele é um pouco instável para um segurança, não acha?

— Há um ano que foi despedido. Agora, passa a vida a beber e a resmungar.

— Onde é que ele trabalhava?

— Creio que na Debenhams.

— O que quer ele de mim?

— Diz que o conhece.

Wolf pareceu surpreendido.

— Provavelmente, detive-o.

— É provável.

A agente conduziu Wolf até à barafunda no interior do apartamento. O corredor estava repleto de DVD e revistas espalhadas e o quarto mais parecia uma lixeira. Entraram para a exígua sala, onde garrafas de *vodka* barata e caixas de cerveja forte cobriam todas as superfícies. O único sofá estava escondido por debaixo de um edredão cheio de queimadelas de cigarro e toda a casa cheirava a suor, vomitado, cinza e lixo.

Andrew Ford era quase dez anos mais novo que Wolf, mas parecia muito mais velho. O seu cabelo em desalinho crescia em intervalos espaçados em redor da cabeça que começava a ficar calva. Era desproporcionado — macilento, com uma pequena, mas definida, barriga de cerveja, e a sua pele tinha um tom amarelento de icterícia. Wolf cumprimentou-o com um aceno. Não tinha intenção de tocar naquele homem imundo.

— Agente da Polícia Metropolitana e principal investigador dos assassinios da *Boneca de Trapos*... Inspector William Oliver Layton-Fawkes — declamou Ford, extasiado, aplaudindo-se a si mesmo. — Mas posso tratá-lo por Wolf, certo? Nome fixe. Apenas um lobo entre os cordeiros, não é?

— Ou porcos — disse indelicadamente Wolf enquanto apreciava a repugnante sala.

Ford pareceu prestes a arremeter contra ele, mas desatou à gargalhada.

— Porque é um chui. Estou a perceber — disse ele, sem perceber onde Wolf queria chegar.

— Queria falar comigo? — perguntou Wolf, esperançado de que Baxter também quisesse assumir a responsabilidade por este.

— Não com todos estes... — fez uma pausa e gritou: — ... porcos por perto!

Wolf fez sinal e os dois agentes abandonaram a sala.

— Nós somos como dois irmãos de armas, não somos? — disse Ford. — Dois meritórios defensores da lei.

Wolf não concordou nada com o segurança da Deben-hams a descrever-se como um «defensor da lei», mas deixou passar. Contudo, começava a ficar impaciente.

— Quer falar sobre quê? — perguntou.

— Quero ajudá-lo, Wolf. — Ford inclinou a cabeça para trás e uivou alto.

— Pois, mas não está a ajudar nada.

— Escapou-lhe um pormenor — disse Ford presunçosamente. — Um pormenor importante.

Wolf esperou que ele continuasse.

— Eu sei uma coisa que você não sabe — cantarolou Ford como uma criança, apreciando esta invulgar posição de poder.

— Aquela agente bonita a quem partiu um dente...

— A indiana? — Ford fez um gesto de desdém.

— ... ela disse que você me conhecia.

— Oh, eu conheço-o, Wolf, mas você não se lembra mesmo de mim, pois não?

— Dê-me uma pista.

— Passámos quarenta e seis dias na mesma sala, mas nunca nos falámos.

— Está bem — disse Wolf, hesitante, esperando que os dois agentes não se tivessem afastado muito.

— Eu não trabalhei sempre numa loja. Já fui alguém.

Wolf olhou-o, desconcertado.

— E estou a ver que ainda usa uma coisa que eu lhe dei.

Wolf olhou para a camisa e para as calças, aturdido. Tacteu os bolsos e olhou para o relógio.

— Está quase a chegar lá!

Wolf arregaçou a manga, expondo as substanciais queimaduras no braço esquerdo e o relógio digital de pulso. Não passava de um modelo barato que a mãe lhe oferecera no Natal anterior.

— Quase, quase, quase!

Wolf retirou o relógio, expondo o resto da fina cicatriz branca que lhe percorria o pulso.

— O segurança do banco dos réus? — perguntou Wolf, rangendo os dentes.

Ford não respondeu logo. Esfregou a cara agitadamente e foi à cozinha buscar uma garrafa de *vodka*.

— Não está a fazer-me justiça — retorquiu finalmente, com ar de troça. — Eu sou Andrew Ford: o homem que salvou a vida do *Cremador*!

Bebeu avidamente da garrafa e o líquido escorreu-lhe pelo queixo abaixo.

— Se eu não tivesse cometido aquele acto heróico de o afastar dele, ele não teria sobrevivido para assassinar aquela última menina. Santo Andrew! É isso que quero gravado na minha lápide. Santo Andrew: assassino de crianças-adjunto.

Ford começou a chorar. Deixou-se cair no sofá e cobriu-se com o imundo edredão, fazendo tombar um cinzeiro que estava precariamente equilibrado.

— Pronto, é tudo. Mande aqueles porcos embora. Não quero ser salvo. Apenas queria dizer-lhe... ajudá-lo.

Wolf olhou fixamente para aquela miserável criatura enquanto bebia outro trago da garrafa e ligava a televisão. O genérico de um programa infantil soou com o volume no máximo enquanto Wolf abandonava o apartamento.

Andrea observou, em silêncio e estupefacta, enquanto o seu operador de câmara, Rory, vestido de capitão de nave espacial, decapitava o extraterrestre (que era suspeitamente parecido com o seu amigo Sam) com uma *Pulse-B* (um pau revestido com folha de alumínio). Uma gosma verde explodiu profusamente do coto enquanto o resto do corpo, com movimentos exagerados, acabou por ficar inerte.

Rory carregou no botão de pausa.

— Então, o que achas?

Rory estava na casa dos trinta, mas vestia-se como um adolescente mal-arranjado. Tinha um pouco de peso a mais, uma barba grossa e ruiva e uma cara amistosa.

— O sangue era verde — disse Andrea, ainda ligeiramente atordoada com o tenebroso vídeo. Fora realizado com baixo orçamento, mas era eficaz.

— Era o *Kruutar*... um extraterrestre.

— Pois, eu percebo isso, mas a Emily terá de ver sangue vermelho, se a quisermos convencer a fazer isto.

Andrea marcara um encontro com Baxter e Garland no estúdio de filmagens de Rory: a StarElf Pictures, que se revelara uma garagem nas traseiras da estação de Brockley. Apesar de nada ter a ver com o plano acordado na noite anterior, ela, Garland, Rory e o seu coprodutor/actor/melhor amigo Sam estavam a debater a melhor maneira de simular a morte de uma pessoa enquanto aguardavam a chegada de Baxter.

Depois de assistir a uma dúzia de cenas de morte do catálogo da StarElf, tinham chegado à conclusão de que os esventramentos eram problemáticos, as decapitações eram realistas, mas talvez um pouco excessivas, e que as explosões às vezes davam para o torto (o dedo grande do pé de Sam ainda estava orgulhosamente guardado num frasco de *pickles* por cima da estação de trabalho). Tomaram a decisão de que uma bala no peito seria a solução mais apropriada.

Uma desconcertada Baxter chegou finalmente com um atraso de quarenta minutos e ficou pasmada ao ver Rory e Sam a perderem o seu tempo enquanto tentavam satisfazer a vontade de Garland ao prepararem um teste real do disparo. Ao fim de uns bons quinze minutos de discussão e de várias ameaças que Garland fez quanto a correr o risco sozinho, Baxter concordou rancorosamente em parar de gritar o suficiente para os escutar. Inspeccionou, com algumas reservas, o local onde se encontrava e Garland conseguiu perceber que ela estava compreensivelmente céptica quanto à competência da equipa da StarElf. Felizmente, ainda não tinha reparado no frasco com o dedo do pé por cima da sua cabeça.

— Sei que tem dúvidas, mas nós conseguimos fazer isto — disse Rory entusiasticamente enquanto preparava a sua apresentação. Já se tinham cruzado há cinco dias, quando Baxter apresentara, sem querer, a sua estimada câmara ao pavimento de Kentish Town. Felizmente, Rory não era pessoa de guardar rancor e parecia genuinamente excitado com a ideia do seu trabalho clandestino.

Ele e Sam explicaram de forma animada que o efeito incrivelmente realista que era utilizado nos filmes e produções de teatro em todo o mundo

era conseguido ocultando um saco fino (geralmente um preservativo) cheio de sangue falso por baixo da roupa da pessoa. Um pequeno explosivo, uma bombinha, que se assemelhava perturbadoramente a uma barra de dinamite, era fixado à parte de trás do saco de modo a expelir o sangue. Utilizariam uma pilha de relógio para fornecer corrente para a ignição da explosão, controlada por um transmissor criado pelo próprio Rory. Finalmente, seria necessário usar entre a pele e o explosivo um grosso cinto revestido a borracha, de modo a proteger de queimaduras e projecteis.

Quando Andrea saiu para fazer um telefonema, Rory andou atarantado com a *Glock 22* com a qual planeavam alvejar Garland e passou-lhe a arma para a mão casualmente, como se fosse um saco de batatas fritas. Garland pareceu desconfortável enquanto examinou inexperientemente a arma e Baxter estremeceu quando ele espreitou confiante pelo cano.

— Parece verdadeira — disse Garland com um encolher de ombros.

— E é — disse Rory jovialmente. — As balas é que não são.

Colocou um monte de cartuchos de pólvora seca na mão de Garland.

— Cartuchos que imitam o clarão e a detonação, mas sem projectil.

— Mas retiram o percutor das armas de adereço, certo? — perguntou Baxter, baixando-se instintivamente quando Garland virou a arma para ela.

— Geralmente, retiram — disse Rory, evitando a pergunta óbvia.

— E nesta? — insistiu Baxter.

— Nesta, não.

Baxter levou as mãos à cabeça.

— É completamente legal — disse Rory na defensiva. — Tenho licença. Sabemos o que estamos a fazer. É cem por cento seguro. Olhe...

Virou-se para Sam, que regulava uma das câmaras de filmar.

— Estás a filmar? — perguntou.

— Sim — respondeu Sam, com ar preocupado.

Sem avisar, desengatou a patilha de segurança e puxou o gatilho. Ouviu-se uma detonação ensurdecadora e sangue vermelho jorrou do peito de Sam. Andrea regressou a correr. Baxter e Garland olharam horrorizados para a mancha de sangue que ia alastrando. Sam atirou a chave de fendas para o chão e olhou, carrancudo, para Rory.

— Primeiro eu tinha de trocar de *T-shirt*, seu palerma — disse ele antes de

regressar para a câmara.

— Aquilo foi incrível! — exclamou Garland.

Todos os olhos se fixaram expectantes em Baxter, cuja expressão permaneceu decisivamente imperturbável.

— Posso falar consigo lá fora por um minuto? — perguntou a Garland.

Baxter destrancou o carro para que pudessem conversar em privado. Atirou para o chão a barafunda de coisas que estavam em cima do banco do passageiro.

— Para que não restem quaisquer dúvidas — começou. — Não vamos simular a sua morte. É talvez a coisa mais estúpida que já ouvi.

— Mas...

— Já lhe disse que tenho um plano.

— Mas não...

— Estamos a revelar demasiado a estas pessoas. Já pensou no que aconteceria caso se soubesse que a Polícia Metropolitana ficou reduzida a simular mortes para manter pessoas vivas?

— Sendo a parte a reter dessa frase «para manter pessoas vivas» — disse Garland, que estava cada vez mais agitado. — Está a pensar como uma agente da Polícia!

— Eu *sou* uma agente da Polícia.

— A vida é minha, por isso, cabe-me a decisão.

— Não conte comigo — disse Baxter. — A decisão é irrevogável. Se não quer a minha ajuda, tudo bem. Mas eu tenho um plano e estou a pedir-lhe que confie em mim.

Fez uma careta, alarmada com as palavras que acabara de proferir. Garland pareceu igualmente surpreendido. Como não era pessoa para perder a oportunidade de utilizar a sua morte iminente como arma de engate, pegou na mão de Baxter.

— Está bem... confio em si — disse antes de começar a gemer pateticamente quando Baxter lhe torceu o pulso.

— Está bem, está bem, está bem! — lamentou-se até que ela acabou por o soltar.

— Jantamos? — perguntou ele, imperturbável.

— Já lhe que disse que não faz o meu género.

— Bem-sucedido? Determinado? Bem-parecido?

— Condenado — disse Baxter com um sorriso perverso enquanto via a expressão confiante dele desaparecer.

Em circunstâncias normais, nunca toleraria as tentativas ordinárias dele, mas, depois da desastrosa tentativa de seduzir Wolf na noite anterior, estava a apreciar aquela atenção.

— Mas seria uma boa aposta, para quem não quisesse um segundo encontro — retorquiu Garland, recuperando rapidamente a autoconfiança.

— Acho que sim — disse Baxter, sorridente.

— Nesse caso, isso é um *sim*? — perguntou Garland, esperançado.

— Não — disse ela com um sorriso afectado.

— Mas também não é um *não* ou é?

Baxter pensou por instantes.

— Não.

Um holofote sobranceiro lançava um falso luar sobre os intermináveis arquivos subterrâneos que pareciam não acabar, derramando longas sombras sobre filas e filas de unidades metálicas de arquivo e estendendo-se pelos estreitos corredores como dedos a assomarem das trevas. Edmunds perdera completamente a noção das horas enquanto estivera sentado de pernas cruzadas a ler no chão duro do armazém. À volta dele, estavam espalhados os conteúdos da décima sétima caixa de provas da sua lista: fotografias, amostras de ADN, depoimentos de testemunhas.

Estando Baxter e Wolf ocupados com outras tarefas, aproveitara a oportunidade para visitar o Armazém Central, localizado numa unidade segura nos arrabaldes de Watford. Durante um penoso período de cinco anos, realizara-se a inimaginável proeza de digitalização, registo e fotografia de todos os arquivos na posse da Polícia Metropolitana; porém, era necessário manter as provas físicas.

Enquanto os artigos relacionados com crimes menores podiam ser devolvidos aos familiares ou destruídos ao fim de um período definido pelo tribunal, todas as provas referentes a homicídios ou crimes graves eram mantidas por tempo indeterminado. Esses artigos seriam armazenados localmente nas esquadras relevantes, durante um certo período, consoante o espaço e os recursos, sendo depois transferidos para aqueles arquivos

seguros com temperatura controlada. Era frequente os casos serem reabertos quando se descobriam novos indícios, quando eram apresentados recursos ou quando avanços tecnológicos revelavam algo de novo, motivos pelos quais este sortido de recordações de morte era preservado até muito depois do óbito das partes envolvidas.

Edmunds espreguiçou-se e bocejou. Ouvira alguém a empurrar um carrinho algumas horas antes, mas agora estava sozinho naquele colossal armazém. Voltou a guardar com cuidado as provas na caixa, sem ter encontrado algo que sugerisse uma ligação entre aquela vítima decapitada e o assassino da *Boneca de Trapos*. Colocou a caixa na respectiva prateleira e riscou-a da lista. Só então reparou na hora. Eram 19h47. Praguejando em voz alta, desatou a correr para a saída distante.

Depois de passar pela segurança, devolveram-lhe o telemóvel. A seguir subiu as escadas até ao piso térreo, momento em que percebeu que tinha cinco chamadas não atendidas de Tia. Tinha de devolver o carro descaracterizado na New Scotland Yard e passar pelo escritório antes de poder sequer pensar em voltar para casa. Marcou o número de Tia e preparou-se mentalmente para a reacção dela.

Wolf estava quase a terminar a segunda imperial de *Estrella* sentado na esplanada do Dog & Fox, na rua principal de Wimbledon. Era a única pessoa a enfrentar as geladas mesas exteriores, sobretudo agora, que uma nuvem agoirenta se assentara no alto, mas queria ver quando Baxter chegasse ao seu elegante apartamento do outro lado da rua.

Pelas 20h10, viu o *Audi* preto dela que por pouco não atropelou um peão na esquina antes de estacionar na rua lateral. Abandonou o que restava da cerveja morna e começou a encaminhar-se para ela. Encontrava-se a dez metros quando Baxter saiu do carro a rir. Depois, a porta do passageiro abriu-se e saiu de lá um homem que ele não reconheceu.

— Um destes restaurantes deve ter caracóis, e é isso que eu quero — disse o acompanhante.

— Acho que a ideia não é regurgitar a sua última refeição — disse Baxter com um sorriso presumido.

— Recuso-me a sair sem antes meter na boca um molusco repugnante, viscoso e imundo.

Baxter abriu a mala, tirou os seus sacos e depois trancou o carro. Wolf, pressentindo a iminência de uma situação embaraçosa, entrou em pânico e agachou-se atrás de um marco do correio quando eles começaram a aproximar-se. Baxter e o acompanhante já tinham passado por ele quando vislumbraram o homem corpulento a rastejar no chão.

— Wolf? — perguntou Baxter, atónita.

Wolf levantou-se como quem não quer a coisa e sorriu, como se fosse assim que costumavam cumprimentar-se.

— Olá — disse ele antes de estender a mão ao aprimorado homem que a acompanhava. — Sou o Wolf... ou Will.

— Jarred — disse Garland, apertando-lhe a mão.

Wolf pareceu surpreendido.

— Ah, o senhor é...?

Deixou a pergunta desintegrar-se quando reparou na expressão impaciente de Baxter.

— Que diabo fazes aqui? Porque estavas a esconder-te?

— Tive medo de provocar uma situação constrangedora — balbuciou Wolf, gesticulando para Garland.

— E esta não é? — perguntou ela, ruborizando. — Pode dar-nos um minuto? — perguntou a Garland, que começou a caminhar rumo à rua principal.

— Eu vinha à tua procura para pedir desculpa por ontem à noite e por hoje de manhã e, bem, por tudo, para dizer a verdade — disse Wolf. — Pensei que podíamos ir comer qualquer coisa, mas parece que já tens planos.

— Não é aquilo que estás a pensar.

— Não estou a pensar nada.

— Ótimo, porque não há nada para pensar.

— Ainda bem.

— Ai sim?

A conversa estava a tornar-se angustiante por tudo o que não estava a ser dito.

— Vou embora — disse Wolf.

— É melhor — retorquiu Baxter.

Wolf virou-lhe costas e seguiu na direcção oposta, para a estação, só para fugir dali. Baxter praguejou entredentes, zangada consigo mesma, e depois foi ao encontro de Garland, que estava ao fundo da rua.

Capítulo 18

Sexta-feira, 4 de Julho de 2014

5h40

Baxter mal dormira. Tinha jantado com Garland no Café Rouge ao fundo da rua, que, por ironia do destino, já não tinha *escargots*. Com um desalento dissimulado, Garland pedira imediatamente um bife antes que o empregado francês pudesse sugerir outra iguaria intragável. A imprevisível visita de Wolf deixara-a demasiado perturbada para lhe permitir ser boa companhia, pelo que, não obstante os melhores esforços de Garland, solicitara que a unidade de protecção fosse buscá-lo ao restaurante por volta das 22 horas.

Levara sozinha e a custo as sacas pelas escadas estreitas até ao apartamento, mas sabia que Garland perceberia segundas intenções, caso ela tivesse aceitado a oferta dele para a ajudar. Destrancara a porta e entrara a cambalear no imaculado apartamento de uma só cama. O seu gato *Echo* viera a derrapar pelo soalho de madeira para a receber no corredor. A temperatura era refrescante, graças à suave brisa que entrava pela clarabóia aberta. Depois de se descalçar no tapete, levou as coisas até ao quarto e pousara-as na densa alcatifa branca. Após dar de comer a *Echo*, servira-se de um grande copo de vinho tinto, fora buscar o computador portátil à sala de estar e subira para a cama.

Passara mais de quinze minutos a navegar sem rumo pela Internet, a consultar os *e-mails* e a pôr-se ao corrente de um mês de novidades no Facebook. Outra das suas amigas engravidara. Recebera um convite para uma despedida de solteira em Edimburgo. Ela adorava a Escócia, mas escrevera uma forçada mensagem efeminada desculpando-se por não poder ir, mesmo sem sequer ter consultado a sua agenda.

Não conseguira deixar de pensar em Wolf. Na noite anterior, ele deixara bem claro o que sentia, ou melhor, o que não sentia. Agora, tinha nódoas negras no braço, no sítio onde ele a agarrara de manhã, e depois aparecera para a levar a jantar fora. Teria sido por sentimento de culpa? Ter-se-ia arrependido de a rejeitar? Estava ela certa de que ele *efectivamente* a rejeitara? Cansada de pensar no assunto, servira-se de outro copo e ligara a televisão.

Como a morte de Garland estava prevista apenas para sábado, a *Boneca de Trapos* passara para segundo plano nos noticiários nocturnos, que estavam mais preocupados com o navio-cisterna que virara ao largo da costa da Argentina e que a cada hora derramava mais de mil litros de petróleo que se iam aproximando das ilhas Falkland. Durante o jantar, Garland subira na sua consideração, mas tinha de admitir que, mesmo num sábado, ele teria sido substituído pelos pobres pinguins que fugiam do crude.

Apenas depois de terem esgotado todos os tópicos de conversa imagináveis relativamente ao derrame de petróleo, os preços das acções, a variada vida selvagem das Falkland, a infundamentada possibilidade de envolvimento terrorista, a possibilidade de o petróleo atravessar o oceano Atlântico e acabar por poluir a orla costeira britânica (inexistente), é que voltaram ao tema dos assassínios, passando a debater os motivos subjacentes à abordagem pública de Garland relativamente à ameaça que o ensombrava. Como nada servira para aplacar os seus nervos, Baxter desligara a televisão e ficara a ler um livro até altas horas da noite.

Pouco depois das seis da manhã, abriu o portátil e foi consultar o *website* de um jornal. Graças ao inaudito interesse na coluna de Garland no *Corredor da Morte*, o jornal começara a carregar a última edição todas as manhãs à mesma hora, transformando a página da Internet no pináculo da navegação dos cibernautas. Um irritante vídeo a anunciar um perfume, maquilhagem ou um filme com a Charlize Theron tardava em fechar no meio do ecrã. Quando, por fim, desapareceu de moto-próprio, materializou-se a breve declaração que ela e Andrea haviam preparado. Já fora alvo de mais de cem mil visualizações:

Entrevista exclusiva de uma hora, à melhor oferta (até às 9h30), a realizar-se sábado

de manhã, num hotel de Londres a combinar. 0845 954600.

Não obstante a abertura de Garland nos seus artigos ao longo da semana, Andrea estava convicta de que o engodo de uma entrevista exclusiva, com transmissão mundial, ao homem cujo destino estava traçado se revelaria demasiado tentadora para resistir. O plano de Baxter consistia numa simples manobra de diversão. Com a ajuda de Andrea, procederiam à gravação prévia de uma entrevista de meia hora com Garland, que seria então transmitida em «tempo real» na manhã de sábado. Quando os meios de comunicação social inevitavelmente acessem ao hotel escolhido na capital, publicitando erradamente o paradeiro de Garland ao assassino, ele já estaria em segurança, sob a alçada do Serviço de Protecção de Testemunhas, do outro lado do país.

A eficácia do plano baseava-se na sua banal plausibilidade: a ganância e egocentrismo do jornalista oportunista, a resultante peleja entre as infinitamente poderosas agências noticiosas e o presumível anonimato de um ponto de encontro «secreto». Tinham gravado uma mensagem na qual solicitavam aos proponentes que indicassem a oferta e deixassem os dados de contacto. Tal seria em vão, evidentemente, mas justificaria a presença de Andrea, com uma câmara de filmar em riste, no hotel. Garland escolhera o átrio do ME London em Covent Garden como palco do logro. Quando Baxter lhe perguntara porquê, ele respondera que simplesmente ficaria «espantoso» no ecrã.

Baxter consultou as horas, fechou o portátil e foi vestir a roupa de trabalho. Quando ela subiu para o tapete de exercício, a aurora acabara de romper sobre a cidade e os raios de luz entravam pelas janelas da sala de estar. Cerrando os olhos para se proteger do sol ofuscante, pôs os auscultadores e aumentou o volume até deixar de conseguir ouvir o ritmado baque das suas passadas.

Sam já estava a preparar Garland quando Andrea chegou à porta recentemente grafitada da StarElf Pictures. Na noite anterior, recebera um telefonema de Garland, que implorava a sua ajuda.

— Como podemos fazer isto? — dissera.

— Estou certa de que a Emily tem os seus motivos para recusar —

racionalizara Andrea.

— Tem as mãos atadas por causa do seu vínculo à Polícia, você não... por favor.

— Posso falar outra vez com a Emily.

— Ela impedir-nos-á. — Garland parecera desesperado. — Depois de estar feito, só lhe restará a alternativa de entrar no jogo. Ela sabe tão bem quanto nós que é a melhor hipótese que tenho de me safar.

Seguira-se uma longa pausa antes de Andrea responder.

— Vá ter à StarElf por volta das oito — suspirara, rezando para que estivesse a tomar a decisão certa.

— Obrigado.

Andrea entrou. Garland desabotoava a camisa enquanto Sam remexia no transmissor.

— Bom dia. Tens uma verdadeira obra de arte na porta — congratulou Sam.

— Aqueles malditos putos dos *skates* tentaram entrar outra vez — murmurou enquanto atravessava a sala para regressar para junto de Garland. — Já disse ao Rory para não os deixar entrar.

— Chegas-me aí o almofadado, por favor? — disse Sam, indicando o grosso cinto de protecção que estava na secretária atrás dela e que absorveria o impacto da modesta explosão.

Andrea pegou no cinto, sentiu o revestimento de borracha dura por debaixo do material fino e entregou-lho. De tronco nu, Garland era surpreendentemente magro, e todo o lado esquerdo do seu corpo estava salpicado por disformes verrugas. Tinha a famosa tatuagem do anjo-da-guarda de David Beckham no ombro, que parecia absurda pintada numa tela tão insubstancial.

— Inspire — disse Sam, que envolveu o material em redor da caixa torácica de Garland e o prendeu nas costas.

De seguida, fixou o preservativo com sangue falso, uma das bombinhas da caixa e o receptor com a pilha de relógio. Enquanto Garland voltava a vestir-se, Andrea obrigou Sam a verificar duas vezes a arma e as balas de pólvora seca. Sentia-se culpada por agir à revelia de Baxter daquela forma, por isso achava que, no mínimo, deveria certificar-se de que nenhum

pormenor era descurado.

Sam fez algumas recomendações de última hora relativamente à representação de Garland, de modo que este tivesse uma morte convincente. Tinha a esperança de que ele não estivesse a prestar atenção, pois já o suportara a divagar num discurso de dez minutos e à agente policial a desdenhar do seu próprio funeral.

Sam saiu vinte minutos antes de Baxter chegar, levando escondidos no corpo uma máscara, o transmissor e a arma carregada com cartuchos de pólvora seca.

— Nervoso? — indagou Andrea ao ouvir os pneus do carro de Baxter derraparem quando estacionou sobre a gravilha no exterior.

— Com o dia de amanhã, sim — respondeu Garland.

— Bem, se esta manhã correr conforme planeado...

— É por isso que estou nervoso. Não temos maneira de saber, pois não? Só saberemos se ele acreditou quando tentar matar-me... ou não.

— É por isso mesmo que a Emily vai levá-lo para o mais longe possível de Londres hoje à noite... a menos que ela mesma nos mate, é claro — disse Andrea na brincadeira, mas ansiosa.

Baxter assomou à porta e consultou o relógio.

— São horas.

Baxter não fazia ideia do que a esperava, mas, decididamente, não era aquilo. Quando chegaram ao hotel, ela e Garland foram levados apressadamente para um elevador nas traseiras, que os deixou no átrio. As portas abriram-se e ela só tinha dado uns passos no pavimento brilhante quando estacou, atónita, ao ver a surreal área da Recepção.

Encontravam-se na base soturnamente iluminada de uma enorme pirâmide de mármore. Um livro de dimensões curiosamente colossais jazia aberto num suporte diante deles, enquanto os sofás brancos eram reflectidos no chão escuro, como se estivessem a flutuar em água. As mesas de apoio espalhadas e o enorme balcão da Recepção, como imaculados blocos de obsidiana, pareciam ter irrompido naturalmente do chão. Havia uma projecção de medusas animadas nas paredes de mármore polido, nadando contra a gravidade enquanto trepavam para o interior da pirâmide e se

esbatiam no esquecimento no ponto onde o sol atravessava um triângulo de luz natural a mais de trinta metros de altura.

— Vamos lá — disse Garland, agradado com o facto de, por fim, ter conseguido impressionar Baxter, que dificilmente se deixava impressionar.

Uma empregada serviu-lhes um copo de *Prosecco* e conduziu-os até um dos sofás de couro quando Garland a informou de que iam encontrar-se com alguém. Se ela os reconheceu, não deu qualquer sinal disso.

— Gostei muito do jantar de ontem — disse Garland enquanto observava as hipnotizantes medusas numa luta para fugirem da pirâmide.

— Pois, a comida é sempre boa — concordou Baxter, evasiva.

— Referia-me à companhia.

— O Café Rouge?

Garland sorriu e percebeu que era melhor, para já, não tocar no assunto.

— Onde vamos depois? Sabe... depois da entrevista? — murmurou.

Baxter abanou a cabeça e ignorou a pergunta.

— Ninguém consegue ouvir-nos — sussurrou.

— O Serviço de Protecção de Testemunhas já tem uma casa preparada desde...

— ... a última pessoa que não conseguiram salvar — conclui Garland amarguradamente.

Baxter não reparou em Sam, que passava pela Recepção enquanto se dirigia para os sanitários, mas percebeu a súbita alteração em Garland.

— Chegaram — disse, nervosamente.

* * *

Andrea ainda estava ao telefone com Elijah quando entrou com Rory no ME London. Assim que as portas do elevador se fecharam, perdeu a rede, cortando a chamada a Elijah enquanto ele ouvia as perguntas que ela ia fazer a Garland. Queria que ela orientasse a entrevista de modo que Garland parecesse desafiar o assassino, rebelde até ao fim.

— Ninguém gosta de um massacre — dissera ele instantes antes. — As pessoas querem alguém que dê luta.

Depois de entrar no imponente átrio, Andrea não se dera ao trabalho de voltar a ligar-lhe. Rory fora obter algumas imagens do livro gigantesco e da pirâmide, embora todos estivessem convictos de que aquelas imagens, muito provavelmente, seriam integradas no seu próximo filme. A empregada, que não reconhecera Baxter nem Garland, reconheceu indubitavelmente Andrea e olhou, excitada, para o grupo enquanto fingiam que se apresentavam. A notícia do leilão da última entrevista de Garland tinha sido amplamente difundida toda a manhã. Andrea agarrou a mulher antes que ela conseguisse escapulir-se.

— Este é um hotel distinto — disse Andrea. — Podemos estar a fazer um teste hoje, mas não temos qualquer obrigação de regressar amanhã para um acontecimento em grande. Por isso, espero nada menos do que a maior discrição da sua parte e da dos seus colegas. Certifique-se de que eles também estão cientes das minhas expectativas.

— É claro — disse a mulher, sorridente, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça tirar discretamente uma *selfie* com a próxima vítima do assassino da *Boneca de Trapos*. Dirigiu-se à Recepção para repreender os outros colaboradores que os observavam avidamente.

— Acha que ela acreditou? — indagou Andrea.

— Talvez — respondeu Baxter, parecendo preocupada. — Vamos lá fazer a entrevista e sair daqui.

* * *

Edmunds passara outra noite no sofá. Quando chegara a casa, pouco depois das 22 horas, Tia já estava a dormir e trancara-se no quarto. Edmunds ficara acordado até altas horas da noite, a procurar no Google outros casos que pudesse investigar.

Passara a manhã a pesquisar informação de fundo sobre Michael Gable-Collins. Ao deixar o anel de platina na mão da *Boneca de Trapos*, era evidente que o assassino quisera que o identificassem, embora não fosse claro porquê. Convicto de que Khalid era a chave do caso, Edmunds dedicara-se incansavelmente à tarefa, até que acabara por descobrir a

ligação.

A empresa de advocacia Collins & Hunter representara Khalid em tribunal; contudo, Michael Gable-Collins não tinha qualquer outra ligação com o caso. Nunca estivera presente numa só sessão do julgamento e, na qualidade de sócio e especialista em Direito de Família, não tivera qualquer envolvimento no processo de preparação, que parecia ter sido da responsabilidade de Charlotte Hunter.

Apesar de a empresa de advocacia tratar de centenas de casos todos os anos, ele tinha a certeza de que não era mera coincidência e chegara cedo ao trabalho, de modo a continuar a sua pesquisa para encontrar uma ligação entre todos. Compilara uma lista completa de nomes com ligações ao julgamento de Khalid, desde advogados a testemunhas, passando pelos funcionários judiciais, até às pessoas que se tinham registado na galeria pública. Se fosse preciso, investigaria um a um.

Andrea fez a apresentação para a câmara e sentiu-se ligeiramente perturbada ao pensar na colossal audiência que em breve criticaria a peça de teatro mal ensaiada.

— ... hoje com o jornalista Jarred Garland, a terceira vítima da lista do assassino da *Boneca de Trapos*. Bom dia, Jarred.

Rory ajustou a imagem de modo a enquadrar Andrea e Garland no mesmo plano. Estavam sentados frente a frente nos sofás de couro branco.

— Obrigada por falar connosco durante aquele que deve ser um período extremamente difícil para si. Começemos pela pergunta mais óbvia: porquê? Porque foi escolhido por este assassino em série?

Baxter estava absorta com a entrevista. Percebia que Garland estava no limite. Estava assustado; passava-se alguma coisa. Abriu-se uma frincha na porta da casa de banho dos homens e Sam saiu para o átrio sem que ninguém desse por ele, todo vestido de preto, com a máscara a tapar-lhe o rosto. Já empunhava a arma na mão direita.

— Isso gostava eu de saber — disse Garland. — Conforme certamente saberá, Menina Hall, trabalhar em jornalismo nem sempre nos granjeia amizades.

Esboçaram ambos um riso forçado e nervoso.

Uma das mulheres da Recepção soltou um grito e Rory virou a câmara para filmar o homem armado que se aproximava. Baxter atirou-se instintivamente ao mascarado e nem sequer abrandou, mesmo quando reconheceu a sua voz vagamente familiar e percebeu o que estava a acontecer.

— Maldito sejas, Jarred Garland, seu filho da puta! — disse, de improviso.

Rory afastou-se do caminho do homem armado e apontou a câmara a Garland, que pareceu aterrorizado ao pôr-se de pé. O tiro foi ensurdecedor, retumbando nas superfícies polidas, e Andrea gritou no momento certo quando o sangue jorrou do meio do peito de Garland. Baxter caiu pesadamente em cima de Sam enquanto Garland caiu para trás no sofá, conforme planeado — foi então que uma ofuscante luz branca emergiu do ferimento, salpicando faíscas pelo chão negro. Garland desatou a gritar mais alto que o som sibilante, como fogo-de-artifício, esbracejando e agarrando o cinto que trazia à volta do peito.

Rory largou a câmara e foi a correr ajudá-lo. Conseguiu ouvir vidro a partir e sentiu o intenso calor emanar da faísca que rodeava o corpo de Garland. Em pânico, tentou desesperadamente encontrar o colchete e foi então que percebeu, repugnado, que os seus dedos se tinham enterrado profundamente na cavidade torácica de Garland.

De seguida, tentou puxar o cinto à força, mas a maior parte do revestimento de borracha já se tinha fundido com a pele. Ouviu-se outro barulho, como vidro a estilhaçar, e Rory caiu por terra quando um líquido lhe queimou a pele das mãos.

Baxter desatou a correr, aturdida.

— Não! — gritou Rory, agonizante. — É ácido!

— Chamem uma ambulância — ordenou Baxter aos recepcionistas.

De súbito, tendo concluído o seu círculo, a faísca branca extinguiu-se. Só se ouvia o som da respiração profunda de Garland. Baxter foi a correr até ao sofá e pegou-lhe na mão.

— Vai ficar bem — prometeu. — Andrea... Andrea!

Andrea estava sentada a fitá-lo, paralisada pelo choque. Lentamente, virou a cabeça para Baxter.

— A Recepção deve ter um *kit* de primeiros-socorros com compressas para queimaduras. Vá buscá-lo — ordenou Baxter, sem ter a certeza de as queimaduras terem sido provocadas por ácido, calor ou qualquer outra coisa.

Já se ouviam várias sirenes quando Andrea regressou ao sofá com a caixa de primeiros-socorros. Cada respiração era inequivocamente uma agonia para Garland. Encostara a cabeça ao sofá enquanto observava as medusas a dirigirem-se para a luz ao fundo do túnel.

Quando pegou na caixa, Baxter fixou o olhar em Andrea.

— O que foi fazer? — perguntou, horrorizada, antes de se voltar novamente para Garland. — Vai ficar bem — repetiu, tranquilizando-o, embora soubesse que era mentira. Parte da camisa derretida tinha caído, e ela conseguia ver uma secção dos pulmões carbonizados a lutar para se insuflarem entre duas costelas. Nem sequer queria pensar nas lesões ocultas. — Vai ficar bem.

Um grupo de polícias armados inundou o átrio e cercou Sam, que, pelo menos, teve o bom senso de largar a arma antes de eles chegarem. Assim que foi considerado seguro, os paramédicos seguiram-nos até ao interior e deitaram Garland com cuidado numa maca. Baxter viu-os trocar um olhar revelador antes de o levarem à pressa para o elevador. Outra equipa estava a pôr pensos nas queimaduras das mãos desfiguradas de Rory.

No lugar onde Garland estivera sentado, estilhaços de vidro cintilavam sob a luminosidade ambiente. O pedaço maior parecia uma fina haste partida no topo. Baxter conseguia lobrigar vários pontos no sofá, onde o couro tinha ficado completamente queimado. Levantou-se e seguiu os paramédicos até aos elevadores, determinada a permanecer ao lado de Garland enquanto ele continuasse vivo.

Edmunds olhou à sua volta, aturdido. Estivera tão concentrado na tarefa que não reparara nos colegas a abandonar os seus postos de trabalho para se reunirem defronte de uma grande televisão. Um silêncio de estupefacção abatera-se sobre o departamento, ouvindo-se apenas os onnipresentes telefones e a voz abafada de Simmons no seu gabinete, indubitavelmente a conversar com o comissário.

Edmunds levantou-se. Ao acercar-se da cauda da multidão, conseguiu vislumbrar Andrea no ecrã. Apesar de ser habitual aparecer na televisão, era evidente que estava fora do contexto a que ele e o resto do país se tinham habituado. Ao invés de estar sentada por detrás de uma secretária, ia a correr ao lado de paramédicos enquanto a trémula filmagem obtida com um telemóvel tentava mantê-la enquadrada. Edmunds identificou Baxter em segundo plano, inclinada sobre alguém numa maca. Só podia ser Jarred Garland.

Finalmente, a imagem voltou à Redacção. Os colegas de Edmunds regressaram às suas secretárias e, aos poucos, as conversas recomeçaram. Era do conhecimento geral que Baxter assumira as rédeas da protecção de Garland e muitos haviam criticado a decisão de permitirem ao homem que havia satirizado publicamente o seu trabalho dar uma entrevista televisiva em tempo real.

Agora, faziam-se várias novas perguntas: porque é que Baxter exhibia Garland em público? O indivíduo que o alvejara era o assassino da *Boneca de Trapos*? Na realidade, o que lhe acontecera? Relatos divergentes diziam que fora alvejado ou carbonizado.

Porém, Edmunds só tinha uma pergunta: porque é que o assassino agira um dia antes?

Capítulo 19

Sexta-feira, 4 de Julho de 2014

2h45

Devido à gravidade e à etiologia desconhecida dos ferimentos de Garland, este fora encaminhado directamente para as urgências do Chelsea and Westminster Hospital, onde um consultor da unidade de queimados o aguardava. Baxter segurara-lhe a mão durante toda a viagem e só a largara quando uma enfermeira autoritária lhe exigira que abandonasse a sala.

Andrea e Rory tinham chegado numa segunda ambulância minutos depois. A julgar pelo que Baxter conseguia ver por baixo dos pegajosos pensos para queimaduras, o seu braço esquerdo apresentava exsudado e um estado doloroso, tal como no hotel, mas notava-se agora que lhe faltava um enorme naco de carne na palma da mão direita e que a lesão aparentava mais ter sido causada por uma mordidela do que por uma queimadura. Depois de trocar impressões com a enfermeira-chefe, o paramédico regressou e levou Rory para ser visto pelo especialista.

Baxter e Andrea sentaram-se em silêncio à porta de um Starbucks ao fundo da rua. Garland fora levado de urgência para o bloco operatório há mais de duas horas e ainda aguardavam notícias sobre Rory. Baxter passara a maior parte desse tempo a tentar descobrir para onde tinham levado Sam, para poder corroborar a inconcebível história na qual, sem dúvida alguma, ninguém acreditaria.

— Não compreendo o que aconteceu — murmurou Andrea enquanto se entretinha a mexer numa colher de café partida.

Baxter ignorou-a. Já deixara bem claro que pedir ajuda a Andrea fora um dos maiores erros que cometera e que pensava mesmo que havia algo muito

errado com ela.

— Não se pode mesmo confiar em ti — dissera-lhe Baxter. — Ainda não percebeste que tudo aquilo em que tocas se transforma em merda?

Sentiu-se tentada a reavivar a discussão, mas decidiu que de nada adiantaria e que Andrea já parecia sentir-se tão culpada e transtornada quanto ela.

— Pensei que estaria a ajudá-lo — disse Andrea, falando para consigo. — É como disseste: se conseguíssemos salvar apenas um, o Will não se sentiria tão inútil.

Baxter hesitou, ponderando sobre se deveria ou não revelar a Andrea que ele lhe obstruía a passagem na sala de reuniões na manhã anterior. Decidiu guardar segredo.

— Acho que vamos perdê-lo — murmurou Andrea.

— O Garland?

— O Will.

Baxter abanou a cabeça.

— Não vamos nada.

— Vocês os dois deveriam... Se quiseses... Vocês parecem... Ele devia ser feliz.

De algum modo, Baxter decifrou a algaraviada de Andrea, mas ignorou a insinuação.

— Nada disso — disse, com convicção.

Desculpa. EU cozinho pra nós hoje. Amo-te

Edmunds ocupava a sua metade na secretária de Baxter, tentando enviar uma mensagem de texto para Tia sem que Simmons visse. Ela ignorara os seus três primeiros pedidos de desculpa.

— Edmunds! — berrou Simmons, mesmo atrás dele. — Se tens tempo para mandar mensagens, tens tempo para ir à equipa forense e descobrir que raio aconteceu hoje.

— Eu?

— Sim, tu — cuspiu Simmons, que olhou com repugnância para o seu gabinete quando o telefone começou a tocar outra vez. — O Fawkes e o Finlay estão na outra ponta da cidade e a Baxter continua no hospital. Por

isso, só me restas tu.

— Sim, senhor.

Edmunds guardou aquilo em que estava a trabalhar, deu uma rápida arrumadela na secretária, para que Baxter não berrasse com ele, e foi à sua vida.

— Como está ela? — perguntou Joe, como sempre parecido com um monge, enquanto lavava as mãos no laboratório de perícia forense. — Vi as notícias.

— Acho que todo o país viu — disse Edmunds. — Ainda não falei com ela, mas o Simmons já. Continua no hospital com o Garland.

— É atencioso da parte dela, mas receio que seja desnecessário.

— Está a ser operado, por isso, devem pensar que há alguma hipótese.

— Mas não há. Eu falei com o especialista da Unidade de Queimados para o informar sobre aquilo que temos entre mãos.

— Que é...?

Joe chamou Edmunds até junto de uma bancada, onde pedaços de vidro estilhaçado, colhidos do sofá do hotel, aguardavam num microscópio. Algumas gotas de resíduos de líquido esperavam pateticamente no fundo de um tubo de ensaio, no qual tinha sido mergulhada uma haste de metal, ligada por fios a um equipamento. O que restava do cinto de protecção fora estendido num tabuleiro, com bocados da pele de Garland ainda doentiamente colados à borracha.

— Presumo que saiba que eles estavam a tentar simular um alvejamento para forjar a morte do Garland! — comentou Joe.

Edmunds anuiu.

— O Simmons disse-nos.

— Excelente plano. Bravo — disse Joe genuinamente. — Então, como é que alguém mata outra pessoa com pólvora-seca falsa? Modifica a arma? Troca as balas? Substitui o fraco explosivo por detrás do saco de sangue, certo?

— Acho que sim.

— Errado! Todas essas coisas seriam verificadas até à exaustão. Por isso, o nosso assassino decidiu refazer o cinto de protecção que seria posto ao

peito do Garland. É apenas uma tira de borracha envolta noutro material qualquer, não representa qualquer perigo.

Edmunds foi até junto dos resquícios do cinto, tapando o nariz para não inspirar o cheiro a carne humana queimada. Várias tiras de metal carbonizado brotavam aleatoriamente da borracha.

— Faixas de magnésio enroladas à volta do revestimento de borracha — disse Joe, aparentemente indiferente ao cheiro — que lhe envolvia o peito e a queimar o pobre diabo a uma temperatura de muitos graus centígrados.

— Por isso, quando detonaram o saco de sangue...

— ... activaram a espiral de magnésio. Encontrei um catalisador a revestir secções na parte da frente, de modo a garantir a ignição.

— Onde é que o vidro se encaixa no meio de tudo isto? — perguntou Edmunds.

— Aniquilar, se me permite a expressão. O assassino quis garantir que o Garland não sobreviveria. Por isso, amarrou vários frascos no interior do cinto, para não correr riscos, os quais explodiram na sua carne exposta sob o intenso calor... Ah, e convém não esquecer os espasmos fatais e edemas provocados pela inalação do vapor tóxico.

— Meu Deus. — Edmunds estava freneticamente a tomar apontamentos no seu bloco de notas. — Que tipo de ácido?

— Na realidade, não é bem um ácido. Isto é pior, muito pior. É aquilo a que se chama superácido, provavelmente tríflico, aproximadamente mil vezes mais forte do que o comum ácido sulfúrico.

Edmunds afastou-se um passo do tubo de ensaio de aspecto inocente.

— E esse ácido corroeu as entranhas do Garland? — questionou Edmunds.

— Percebe o que quero dizer? Não há nada a fazer.

— Deve ser difícil encontrar essa substância!

— É e não é — respondeu Joe, inutilmente. — É muito utilizada na indústria como catalisador, e há uma preo-cupante procura no mercado negro, graças às suas qualidades, que permitem que seja usado em armamento.

Edmunds soltou um forte suspiro.

— Não desespere, tem pistas muito mais promissoras para investigar —

disse Joe alegremente. — Encontrei uma coisa na *Boneca de Trapos*.

Baxter afastou-se da mesa para atender um telefonema do hospital. Quando ela se ausentou, Andrea tirou sem veemência o telefone de trabalho da bolsa e ligou-o. Tinha onze chamadas não atendidas: nove de Elijah e duas de Geoffrey, recebidas antes de ela se lembrar de o informar de que estava em segurança. Tinha uma nova mensagem de voz. Preparou-se mentalmente e levou o telefone ao ouvido.

— Onde estás? No hospital? Estou a tentar contactar-te há horas — começou Elijah, pouco convencido. — Falei com uma empregada do hotel. Ela disse que vocês estavam a filmar alguma coisa quando tudo aconteceu. Preciso já dessas filmagens. Mande o engenheiro Paul para o hotel com uma chave sobressalente da carrinha. É a partir daí que ele carrega a filmagem. Liga-me quando ouvires esta mensagem.

Baxter regressou à mesa e encontrou Andrea com ar abalado.

— O que foi? — quis saber.

Andrea enterrou a cara nas mãos.

— Oh, meu Deus.

— O que foi?

Andrea olhou para Baxter, resignada.

— Eles têm as filmagens — disse. — Lamento.

De facto, tudo em que tocava transformava-se em merda.

Tinham sido chamadas ao hospital e foram obrigadas a abrir caminho por entre a muralha de câmaras de filmar e repórteres que haviam sitiado a entrada principal. Andrea reparou que Elijah tinha mandado Isobel e o seu operador de câmara fazer a cobertura deste recente terrível incidente, do qual ela era agora uma das figuras centrais.

— Prova um pouco do teu próprio veneno — disse Baxter depois de um agente lhes ter permitido o acesso e de terem chegado à segurança dos elevadores.

Uma enfermeira conduziu-as a uma sala privada e, a julgar pelo comportamento dela, Baxter percebeu imediatamente o que estava prestes a dizer: não obstante os seus melhores esforços, a amplitude das lesões era excessiva e o coração de Garland deixara de bater no bloco operatório.

Apesar de já prever este desfecho e de apenas conhecer Garland há três dias, desfez-se em lágrimas. Era impossível imaginar que conseguiria livrar-se de tal sentimento de culpa. Quase conseguia sentir um aperto no peito. Estivera sob a sua responsabilidade. Talvez se não tivesse pensado que tinha de planear aquilo nas costas dela... Talvez se ela...

A enfermeira informou-as de que já tinham avisado a irmã de Garland e que ela estava sozinha numa sala ao fundo do corredor, caso quisessem esperar juntas, mas Baxter não conseguia encará-la. Pediu a Andrea que desejasse a Rory rápidas melhoras e abandonou o hospital o mais depressa que conseguiu.

Joe retirou o agora infame cadáver da *Boneca de Trapos* do congelador e empurrou a marquesa até ao centro do laboratório. Edmunds nutrira a esperança de nunca mais voltar a ver aquela coisa horrível. Como um último insulto à pobre mulher cujo tronco fora já tão macabramente unido a cinco membros separados, um novo conjunto de pontos percorria-lhe o centro do peito, separando-se entre os pequenos seios e terminando em ambos os ombros. Embora tivessem determinado no local do crime que as amputações e mutilações haviam sido realizadas após a morte, ele não conseguia deixar de sentir que aquela incógnita mulher de pele clara fora a que mais sofrera.

— Encontrou alguma coisa no *post-mortem*? — indagou Edmunds, sentindo-se injustamente agastado com Joe depois de ter reparado numa sutura desalinhada.

— Hã? Não, nada.

— Então?

— Concentre-se durante algum tempo e diga-me o que não bate certo neste corpo.

Edmunds fitou-o com desalento.

— Para além do óbvio, é claro — acrescentou Joe.

Edmunds olhou para o grotesco cadáver. Não que isso fosse mesmo preciso. Duvidava de que alguma vez conseguisse esquecer aquela imagem. Odiava o facto de estarem na mesma divisão. Apesar de ser completamente irracional, tinha algo de macabro. Olhou inexpressivamente para Joe.

— Não? Repare nas pernas. Levando em consideração que têm tons de pele e tamanhos diferentes, foram cortadas e unidas de forma quase simétrica. Mas com os braços é completamente diferente: um braço feminino completo de um dos lados...

— Não que precisemos do braço inteiro para identificar o verniz de unhas — interveio Edmunds.

— ... e depois apenas uma mão e um anel do outro.

— O que quer dizer que o braço que pertence ao tronco deve ter alguma importância — disse Edmunds, tentando seguir o raciocínio.

— E é.

Joe retirou várias imagens de uma pasta e entregou-as a Edmunds, que as folheou sem compreender.

— É uma tatuagem.

— É uma tatuagem que ela mandou remover. Com muita eficácia, devo acrescentar. O teor de metal da tinta continua visível na radiografia, mas a imagem de infravermelhos é ainda mais clara.

— O que é? — perguntou Edmunds, virando a imagem ao contrário.

— Cabe-lhe a si descobrir — disse Joe, sorridente.

Simmons já estava sentado no seu sufocante gabinete há mais de uma hora, ouvindo-a fazer as habituais ameaças que apenas estava a «transmitir» das entidades superiores. Reiterara várias vezes que estava do lado dele antes de começar a criticar os seus detectives, todo o seu departamento e a sua própria capacidade para os controlar. Ele mal conseguia respirar na divisão sem janelas e sentia a paciência esgotar-se à medida que a temperatura continuava a aumentar.

— Terrence, quero a suspensão da inspectora Baxter.

— Exactamente porquê?

— Quer que lhe faça um desenho? Ela quase matou o Jarred Garland com aquele plano francamente ridículo.

Ele estava farto de ouvir a enxurrada de hipocrisia que sempre parecia jorrar daquela mulher. Conseguia sentir o suor escorrer-lhe pelas têmporas e abanou-se com um documento extremamente importante.

— Ela jura que não sabia o que estavam a fazer — disse Simmons. — E

eu acredito.

— Nesse caso, é apenas uma incompetente — retorquiu Vanita.

— A Baxter é uma das minhas melhores detectives. Além disso, está mais dedicada e mais familiarizada com este caso do que qualquer outra pessoa... além do Fawkes.

— Outra das suas iminentes catástrofes. Julga que eu não sei que a psiquiatra recomendou que ele fosse afastado do caso?

— Ora bem, anda à solta um assassino em série que, através de um aterrorizador cadáver a apontar pela janela, deixou bem claro que espera o envolvimento do Fawkes — trovejou Simmons, um pouco mais asperamente do que desejara.

— Terrence, faça um favor a si mesmo. Tem de deixar bem claro que condena as imprudentes acções da Baxter.

— Ela não sabia! O que sugere que ela tivesse feito de maneira diferente?

Começava a perder as estribeiras. Só queria sair daquele pequeno caixote a transbordar.

— Para começar, eu...

— Espere um minuto, estou-me nas tintas — rosnou —, porque você *não faz ideia* do que a minha equipa tem de enfrentar lá fora. E como poderia fazer? Você não é uma agente da Polícia.

Vanita sorriu afectadamente ao ver aquele incaracterístico acesso de raiva.

— E o Terrence é? Deveras? Aqui sentado no seu pequeno armário... Tomou a decisão consciente de ser um gestor. Seria bom que começasse a comportar-se como tal.

Por instantes, Simmons ficou desconcertado com aquela maldosa observação. Nunca pensara em si mesmo como alguém isolado da sua equipa.

— Não vou suspender, destacar para outro caso nem mesmo repreender a Baxter por fazer o seu trabalho e por ter posto a própria vida em risco hoje.

Vanita levantou-se, revelando toda a amplitude do seu fato extravagante.

— Veremos o que o comissário tem a dizer sobre isso. Agendei uma conferência de imprensa para as 17 horas. Temos de apresentar uma declaração formal sobre os acontecimentos desta manhã.

— Trate você disso — vociferou Simmons, levantando-se também.

— Como disse?

— Não darei mais conferências de imprensa, não escutarei mais as suas políticas da treta nem ficarei aqui sentado ao telefone enquanto os meus colegas andam lá fora expostos ao perigo.

— Pense muito bem antes de continuar.

— Oh, não vou apresentar a demissão. Simplesmente, tenho coisas mais importantes para fazer neste momento. Pode ir à sua vida.

Simmons bateu com a porta depois de sair. Arranjou um espaço na secretária desocupada de Chambers e ligou o computador.

Quando Edmunds regressou ao escritório, Baxter estava à secretária. Olhou duas vezes ao passar por Simmons, que estava na Internet a pesquisar os artigos mais controversos de Garland. Aproximou-se apressadamente dela, abraçou-a, e, para sua surpresa, ela não o repudiou.

— Estava preocupado contigo — disse, ocupando o seu lugar.

— Tive de ficar por lá até... o Garland...

— Ele não tinha a mínima hipótese — disse Edmunds. Pô-la a par da conversa que tivera com Joe e da descoberta da tatuagem.

— Temos de começar por...

— *Tu* tens de começar — corrigiu-a Baxter. — Eu fui afastada do caso.

— O quê?

— O Simmons disse-me que a comandante está a forçar a minha suspensão. Na melhor das hipóteses, serei destacada para outro caso na segunda-feira. O Simmons vai ocupar o meu lugar e o Finlay concordou em fazer de tua ama-seca.

Edmunds nunca vira Baxter tão oprimida. Estava prestes a sugerir que saíssem do escritório e levassem as imagens de infravermelhos a alguns salões de tatuagens quando o decrépito encarregado do correio se aproximou deles.

— Inspectora Emily Baxter? — perguntou, segurando um fino envelope redigido à mão, com selos do Correio.

— Sou eu.

Baxter pegou no envelope e estava prestes a abri-lo quando percebeu que o homem continuava a fitá-la.

— Sim?

— Habitualmente, são flores que trago para si, não é? Onde foi que as puseram todas?

— Foram metidas em sacos de provas, testadas pela equipa forense e incineradas depois de terem matado um homem — disse ela clinicamente. — Mas obrigada por as ter trazido.

Edmunds sorriu dissimuladamente enquanto o homem estarrecido lhe virou costas e se afastou sem dizer outra palavra. Baxter rasgou o envelope. Caiu em cima da secretária uma fina espiral de magnésio. Edmunds e Baxter entreolharam-se, preocupados, e ele entregou-lhe um par de luvas descartáveis. Baxter pegou numa fotografia dela a subir para a ambulância na qual haviam metido a maca de Garland. Fora tirada da perspectiva da enorme multidão que se reunira para assistir à barafunda que se desenrolara em frente ao hotel. No verso da fotografia, fora rabiscada uma mensagem:

Se não cumpre as regras do jogo, eu também não.

— Ele está a aproximar-se, tal como tu disseste que faria — disse Baxter.

— É mais forte do que ele — explicou Edmunds enquanto examinava a fotografia com toda a atenção.

— Está bem escrito.

— Não é de admirar. Ele é, sem dúvida, um homem instruído — disse Edmunds.

— «Se não cumpre as regras do jogo, eu também não» — leu Baxter em voz alta.

— É tanga.

— Achas que não é ele?

— Oh, acho que é ele. Mas também acho que é tanga. Não ia falar nisto hoje, depois de tudo por que passaste...

— Estou bem — insistiu Baxter.

— Alguma coisa não bate certo. Porque é que o assassino mataria o Garland um dia antes da data indicada?

— Para nos castigar. Para castigar o Wolf por não estar lá.

— Isso é o que ele quer que pensemos. Mas faltou à sua palavra, às custas de uma ficha imaculada. Ele encararia isto como uma derrota.

— Onde queres cegar?

— Alguma coisa o assustou e obrigou a assassinar o Garland mais cedo. Entrou em pânico. Ou nos aproximámos demasiado ou então acreditou mesmo que não conseguiria apanhar o Garland amanhã.

— Ele ia ficar sob a alçada do Serviço de Protecção de Testemunhas.

— Tal como o Rana antes de a Elizabeth Tate o ter apanhado primeiro. Além disso, só tu sabias para onde ele ia. Por isso, o que há de diferente?

— Eu? Eu era a responsável. Nem a equipa nem o Wolf estavam envolvidos.

— Precisamente.

— O que queres dizer?

— Quero dizer que ou aceitamos a possibilidade de o assassino nos ter a todos sob vigilância e ter pensado que a manhã de hoje era a sua última hipótese antes de o Garland desaparecer...

— Parece-me improvável.

— ... ou alguém com profundas ligações ao caso está a facultar-lhe informações.

Baxter rompeu numa gargalhada e abanou a cabeça.

— Uau, tu sabes mesmo fazer amigos, não sabes?

— Espero estar errado — disse Edmunds.

— Estás. Quem é que daqui quererá a morte do Wolf?

— Não faço ideia.

Baxter ponderou por instantes.

— Então, o que fazemos? — indagou.

— Não revelamos nada desta conversa a ninguém.

— Naturalmente.

— E depois armamos uma cilada.

Capítulo 20

Sexta-feira, 4 de Julho de 2014

6h10

Quando Wolf acordou, percebeu que estavam de regresso a Londres. Ele e Finlay haviam percorrido de carro todo o país e regressado para entregarem Andrew Ford à equipa do Serviço de Protecção de Testemunhas. Nenhum deles conhecia o destino final de Ford, porém, estavam relativamente convictos de que se tratava de um local remoto no Sul de Gales, tendo-se encontrado com os agentes no parque de estacionamento do Reservatório de Pontsticill, algures nas Brecon Beacons.

Ford fora uma companhia insuportável durante a viagem de quatro horas, sobretudo depois de as notícias da morte prematura de Garland terem chegado às principais emissoras de rádio. Quando pararam numa estação de serviço, Wolf tentara telefonar a Baxter, mas a chamada fora parar ao atendedor de chamadas. Finlay condescendera em comprar uma garrafa de *vodka* para o passageiro consumir durante o resto da viagem, na esperança de que, assim, este se calasse durante algum tempo.

— Aqui tem, Andrew — dissera Finlay ao regressar ao automóvel. Ford ignorara-o e Finlay soltara um profundo suspiro. — Está bem. Aqui tem, Santo Andrew, assassino de crianças-adjunto.

Ford contara a Finlay a história de como salvara a vida do *Cremador* de um feroz, mas íntegro, Wolf, e desde então exigira ser tratado apenas pelo seu título completo. Ele já lhes tinha perturbado bastante o dia ao recusar-se a abandonar o seu imundo apartamento em Peckham, motivo pelo qual chegaram atrasados ao encontro e regressavam agora à capital em hora de ponta.

Pelo menos, o reservatório fora uma agradável surpresa. Haviam-se apeado do carro debaixo do rugido de água a cair. A paisagem já seria suficientemente impressionante, com a fulgurância do Sol a iluminar a vastidão de água azul emoldurada pela floresta, mas um fino passadiço de aço estendia-se desde a margem até àquilo que parecia ser a câmara superior de uma torre submersa. Janelas abauladas dissecavam as paredes de pedra clara e um catavento de ferro encimava a cúspide de cobre azulado, como se se refugiasse da água emergente que já reclamara o resto do castelo imaginário.

Por baixo do precário passadiço, abria-se um gigantesco vão na água, sugando incessantemente o reservatório para a escuridão ao fundo, como se alguém tivesse retirado um enorme bujão, ameaçando arrastar para o abismo o derradeiro resquício da torre. Tinham ficado a assistir ao espectáculo durante algum tempo antes de iniciarem a viagem de regresso.

Wolf bocejou alto e endireitou-se no assento de modo a verificar onde se encontravam.

— Deitaste-te tarde? — perguntou Finlay, que estava a fazer um esforço para não violar a sua regra de não praguejar depois de um *Audi* se ter metido arrogantemente à sua frente ao chegar aos semáforos.

— Para dizer a verdade, eu não durmo muito bem de noite.

Finlay olhou para o amigo.

— O que é que ainda estás a fazer aqui, miúdo? — perguntou. — Vai-te embora. Mete-te num avião e vai.

— Para onde? Tenho o maldito focinho estampado em todos os jornais do planeta.

— Não sei! Para a floresta amazónica, para o interior da Austrália? Podias esperar que as coisas amainassem.

— Não posso partir assim e passar o resto da vida a espreitar por cima do ombro.

— Mas estarias vivo.

— Se o apanharmos, tudo estará acabado.

— E se não apanharmos?

Wolf encolheu os ombros. Não sabia o que responder. O semáforo ficou verde e Finlay arrancou.

Quando chegou à Redacção, Andrea foi recebida com um forte aplauso. As pessoas davam-lhe palmadinhas nos ombros e murmuravam felicitações enquanto ela abria caminho rumo à sua secretária. Estava consciente de que ainda tinha o sangue falso do falecido esparramado na blusa, apesar de o ter tentado lavar nos sanitários do hospital.

Estava preocupadíssima com Rory, que ficara internado para ser submetido a uma irrigação regular dos ferimentos para combater o ácido, que, quase oito horas após o incidente, continuava a corroer-lhe a carne. O consultor informara-a de que o mais provável seria ele perder o polegar da mão direita e, caso se perdessem outros nervos, o uso do dedo indicador.

Quando o aplauso espontâneo se dissipou de um modo desajeitadamente descoordenado, Andrea sentou-se. As imagens de Garland a ser queimado vivo estavam a passar em câmara lenta nos ecrãs do tecto enquanto o canal televisivo as transmitia pela centésima vez naquele dia. A câmara de filmar de Rory apanhara tudo e a racha na objectiva conferia à imagem uma belíssima moldura. Desviou o olhar com repulsa e encontrou o bilhete que Elijah lhe deixara:

Desculpa. Tive de sair. Imagens reais do assassinio: genial! Reunião segunda-feira de manhã para debater o futuro — mereceste-o. Elijah.

A vaga mensagem só podia querer dizer que ele planeava oferecer-lhe o cargo permanente de apresentadora do noticiário, o trabalho dos seus sonhos. No entanto, em vez de se sentir extasiada, sentiu-se vazia. Pegou distraidamente no envelope castanho que estava na bandeja do correio e, ao abri-lo, algo caiu em cima da secretária. Andrea inspeccionou a pequena espiral de metal antes de pegar numa fotografia dela e de Rory a saírem do ME London.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem de texto a Baxter. Apesar de este segundo comunicado do assassino constituir uma notícia em grande e de só vir confirmar a sua teoria, voltou a guardar o conteúdo no envelope e trancou-o na sua gaveta.

Não queria jogar mais aquele jogo.

O instável aglomerado de velas no centro da mesa de madeira da Ikea parecia não só romântico como um perigo de incêndio. Tia ficara encarregada de fechar o salão, pelo que Edmunds chegara a casa antes dela e se dedicara logo a preparar o jantar. Ela ficara encantada ao chegar a casa e vê-lo a fazer aquele esforço e guardou no congelador a dose individual da refeição que tinha comprado. Desfrutaram da noite juntos, acompanhados de vinho branco e sobremesa da Wait-rose, como era costume fazerem antes da transferência de Edmunds.

Antes de sair do trabalho, Edmunds imprimira uma pilha de antigos arquivos de casos, que planeava analisar quando Tia se fosse deitar. Escondera-os em cima dos armários altos da cozinha, onde Tia, que só media um metro e meio, nunca os encontraria, mas esquecera-se completamente deles à medida que as horas foram passando e até que a conversa incidiu sobre o tentador tema do trabalho dele.

— Estavas lá? — indagou Tia, esfregando maquinalmente a protuberância na barriga. — Quando aquele pobre homem...

— Não.

— Mas a tua chefe estava? Ouvi a comandante indiana referir o nome dela.

— A Baxter? Ela não é bem minha chefe. Ela é... Acho que é como se fosse.

— Então, em que estavas tu a trabalhar enquanto todas aquelas coisas aconteciam?

Tia estava obviamente a tentar demonstrar interesse pelo trabalho dele. Apesar de ser confidencial, achou que não podia recusar-lhe uma explicação. Decidiu partilhar com ela o aspecto menos importante da investigação, o que também serviria para a tranquilizar relativamente às tarefas banais que realizava no seio da equipa.

— Viste as fotografias da *Boneca de Trapos* no noticiário? Ora bem, o braço direito era de uma mulher.

— De quem?

— É isso que estou a tentar descobrir. Ela usava dois tipos de verniz das unhas, que acreditamos ser uma prova da sua identidade.

— Dois tipos na mesma mão?

— O polegar e três dedos estavam pintados com *Crushed Candy*, mas o último com algo ligeiramente diferente.

— Achas mesmo que conseguirás identificar a mulher pelo verniz das unhas?

— É tudo o que temos para investigar — disse Edmunds, encolhendo os ombros.

— Teria de ser um verniz muito especial, não? — disse Tia. — Para ajudar a identificá-la?

— Especial?

— Sim, por exemplo, há uma velhota emproada que vai ao salão uma vez por semana arranjar as unhas, e a Sheri tem de encomendar um verniz especial porque tem flocos de ouro ou uma treta qualquer.

Edmunds ouviu Tia com toda a atenção.

— Não está disponível na maior parte das lojas porque é muito fácil de roubar e cada frasco custa cem libras.

Edmunds agarrou excitadamente a mão de Tia.

— Tia, és um génio!

Ao fim de apenas uma hora na Internet, a pesquisar vernizes para unhas de edição limitada e ridiculamente caros, Edmunds pensou ter encontrado a problemática cor que procurava: *Chanel Limited Edition Feu De Russie* 347.

— Estavam a vender esta porcaria, na Semana da Moda de Moscovo de 2007, a dez mil dólares o frasco! — leu Tia enquanto Edmunds enchia os copos.

— Por um verniz para as unhas?

— Provavelmente, para fins de beneficência — disse ela com um encolher de ombros. — Mesmo assim, aposto que não há muitas pessoas por aí com um frasco destes na bolsa.

Na manhã seguinte, Baxter recebeu uma mensagem de texto de Edmunds na qual lhe pedia que se encontrasse com ele às 10 horas na Chanel Boutique da Sloane Street. Quando ela lhe lembrou que seria afastada do caso a partir de segunda-feira, ele limitou-se a dizer que ainda era sábado.

Estava atrasada, pois não acordara com o despertador e ficara retida atrás

de uma cadeira-de-rodas durante quase dois minutos. Após a terrível morte de Garland, só lhe apetecia vegetar e sentir-se segura, por isso, enroscara-se no sofá a assistir à programação televisiva da noite de sexta-feira. Além disso, conseguira beber duas garrafas de vinho sozinha.

Quando a cadeira-de-rodas ficou presa na grade de um escoadouro, ela aproveitou a oportunidade para a ultrapassar e foi encontrar Edmunds à espera dela um pouco mais ao fundo da rua. Tinha pensado bastante na teoria dele de que alguém da equipa estaria a fornecer informações ao assassino. Quanto mais pensava no assunto, mais descabido lhe parecia. Como era óbvio, Wolf não estava envolvido e ela tinha total confiança em Finlay. Simmons enfrentava uma acção disciplinar por a defender e, apesar de ela nunca lho dizer na cara, confiava tanto em Edmunds como em qualquer um dos outros.

Edmunds passou-lhe para a mão um café morno e pô-la ao corrente da descoberta de Tia. Baxter apreciou o facto de Edmunds a tratar de novo como a sua irascível superior hierárquica. Não evidenciava qualquer vestígio da compaixão ou da calma de que ela tão desesperadamente necessitara no dia anterior e o facto de demonstrar que acreditava nela devolveu-lhe a confiança.

Uma gerente da loja de Oxford Street fora encontrar-se com eles. A mulher, que emanava uma eficiência revigorante, passou mais de uma hora a fazer telefonemas e a analisar contas. Acabou por lhes entregar uma lista de dezoito transacções, sete das quais incluíam os nomes e os dados de entrega.

— Houve outros — explicou-lhes a eloquente funcionária — que foram enviados para leilões, prémios, acções de beneficência. As pessoas de quem temos os dados de contacto são, claro está, os nossos melhores clientes...

Enquanto sondava a lista, a mulher não terminou a frase.

— Algum problema? — indagou Baxter.

— Sr. Markusson. É um cliente habitual da loja de Oxford Street.

Baxter tirou a lista da mão da mulher e leu os dados de contacto.

— Diz aqui que ele reside em Estocolmo — disse Baxter.

— Passa o tempo entre Estocolmo e Londres. Ele e a família são proprietários de um imóvel em Mayfair. Tenho a certeza absoluta de que

tenho uma morada para entregas. Se me derem licença...

A mulher voltou a marcar o número da loja principal.

— Quais são as probabilidades de o Sr. Markusson estar neste preciso instante todo nu numa sauna na Suécia? — murmurou Baxter para Edmunds.

— Oh, mas não está, querida — interveio a mulher, segurando o telefone dramaticamente afastado dela. — Ele veio cá ontem.

Simmons fizera questão de voltar a sentar-se à secretária de Chambers. Várias pessoas se tinham acercado dele com problemas triviais, trocas de turnos e pedidos de férias, mas ele recusara tratar de todos, excepto dos mais importantes, para assim poder concentrar-se na tarefa que tinha entre mãos.

A sua mulher não reagira bem à notícia de uma possível despromoção, e ele passara a maior parte da noite a tentar convencê-la de que poderiam continuar a pagar a hipoteca e a ir de férias no Verão. Haviam de conseguir desenvencilhar-se. Sempre tinham conseguido.

Estava a meio da fastidiosa tarefa de comparar os nomes da lista do julgamento de Khalid que Edmunds compilara com os nomes da base de dados do Serviço de Protecção de Testemunhas. Não tinha tanta certeza como Edmunds de que os assassínios estavam todos relacionados com Khalid; contudo, também não tinha nada mais palpável a que se dedicar.

Começava a ter dificuldade em concentrar-se quando, ao chegar ao quinquagésimo sétimo nome, conseguiu uma correspondência. Fez duplo clique no relatório para obter acesso aos detalhes completos. Datava de domingo, 29 de Junho, o dia após a descoberta da *Boneca de Trapos*, e fora criado pela Polícia Metropolitana. Só podia referir-se a uma das três vítimas não identificadas.

— Filho da puta — murmurou Simmons.

Baxter e Edmunds subiram os íngremes degraus que levavam à porta da frente da moradia de três andares, localizada numa frondosa, mas movimentada, rua de Mayfair. Tiveram de bater duas vezes até ouvirem passos a aproximarem-se da entrada. Quem abriu a porta foi um homem

vigoroso, com um café numa mão e o telefone entalado entre a orelha e o ombro. Tinha cabelo loiro-claro, comprido, mas arranjado, era evidentemente muito musculoso e usava uma camisa cara por fora das calças de ganga. Um forte cheiro a *aftershave* flutuou sobre eles enquanto os olhou impacientemente.

— Sim?

— É o Sr. Stefan Markusson?

— O próprio.

— Polícia. Precisamos de lhe fazer algumas perguntas.

Contrastando com a primeira impressão causada, Markusson fora cordial e afável. Conduzira-os através da sua incrível casa, que só poderia ser descrita como saída de um filme de ficção científica de George Lucas, até à sala de estar onde uma parede envidraçada fora totalmente aberta de modo a permitir o acesso ao *deck* do jardim. Baxter tinha a certeza de que Rory teria adorado e estava determinada a tirar algumas fotografias para lhe mostrar, se o anfitrião os deixasse a sós por alguns instantes.

Quando a filha de Markusson veio ver quem eram as visitas, este mandou-a voltar para cima e Edmunds ficou a pensar se não estariam a perder tempo quando a bela mulher do anfitrião, com dois braços, lhes foi preparar chá gelado. Contudo, a experiência de Baxter dizia-lhe que os homens raramente comprem presentes tão extravagantes para as suas mulheres e que tinham muito mais probabilidades de obter respostas honestas se ela não estivesse presente.

— Então, em que posso ajudá-los? — perguntou Markusson, evidenciando agora mais o sotaque.

— Estamos em crer que estive em Moscovo em Abril de 2007 — disse Baxter.

— Abril de 2007? — Markusson fitou o horizonte. — Sim, na semana da moda. A minha mulher arrasta-nos a todos para essas exposições.

— Precisamos de lhe fazer uma pergunta sobre uma coisa que comprou quando lá estive... — Baxter fez uma pausa, esperando que ele se lembrasse da compra que fizera no valor de dez mil dólares. Aparentemente, não se lembrava. — Um frasco de verniz das unhas *Chanel*?

Nesse preciso momento, a Sr.^a Markusson regressou com as bebidas e Baxter reparou na expressão desconfortável que perpassou o rosto do marido.

— Porque não vais fazer companhia à Livia? — disse Markusson à mulher, apertando-lhe afectuosamente um braço sem se levantar. — Saímos daqui a pouco.

Baxter revirou os olhos quando a bela loira saiu obedientemente da sala e Edmunds reparou numa dramática mudança no seu estado de espírito.

— Então é o verniz de dez mil dólares? — insistiu ela assim que a porta se fechou.

— Foi para oferecer a uma mulher que conheci quando estive aqui em Londres. Naquela época, eu viajava muito e uma pessoa sente-se só...

— Francamente, estou-me marimbando — interrompeu-o Baxter. — Como se chamava essa mulher?

— Michelle.

— Apelido?

— Gailey, acho eu. Costumávamos jantar juntos quando eu cá vinha. Ela adorava tudo o que estava relacionado com moda, por isso comprei-lhe um presente.

— E como a conheceu? — indagou Baxter.

Markusson aclarou a garganta.

— Num *website* de encontros.

— Ricaços.com?

Markusson aceitou o insulto sem reagir, aparentemente por achar que o merecia.

— A Michelle não era rica, motivo pelo qual lhe comprei aquela prenda — explicou Markusson. — Para evitar complicações, pareceu-me sensato sair com alguém de uma classe social *diferente*.

— Aposto que sim.

— Quando foi a última vez que a viu? — perguntou Edmunds, rabiscando, como sempre, no seu bloco de notas. Sorveu distraidamente o chá gelado e desatou a cuspir. Baxter ignorou-o.

— Acabei com tudo quando a minha filha nasceu, em 2010.

— Foi muito digno da sua parte.

— Desde então, nunca mais a vi. Tem piada...

— O quê? — indagou Baxter.

— Tenho pensado imenso nela nesta última semana, possivelmente por causa de todas estas notícias.

Baxter e Edmunds entreolharam-se.

— Que notícias? — perguntaram em uníssono.

— Sobre o *Cremador* que apareceu morto. Naguib Khalid, não é assim que se chama? É que eu e a Michelle falámos muito sobre ele da última vez que estivemos juntos. Foi algo muito importante para ela.

— O quê? — perguntaram outra vez a uma só voz.

— Ela ter sido destacada como responsável pela sua reinserção social — disse Markusson pensativamente.

Capítulo 21

Segunda-feira, 7 de Julho de 2014

9h03

Wolf ignorou a chamada da assistente da Dr.^a Preston-Hall quando ia a entrar para o Departamento de Homicídios e Crimes Graves. Renunciara oficiosamente os seus cuidados. Ao perceber que ela já o declarara praticamente inapto para o trabalho, não via motivo para continuar a perder o seu precioso tempo na companhia da irredutível velha.

Simmons só tinha fundamentos para revogar os conselhos da psiquiatra olhando à prematura e muito pública morte de Jarred Garland. Com tão pouco tempo disponível, e com as probabilidades contra eles, não podia correr o risco de provocar mais o assassino, e o comunicado que enviara para Baxter após o crime deixara bem claro que Wolf deveria continuar envolvido.

Na opinião de Simmons, o risco de ter um detective instável nas ruas sobrepunha-se às insinuações de ameaças de um assassino em série: mais vítimas? Ignorar outra vez as datas estipuladas? Fuga de mais informações sensíveis para a imprensa?

No actual estado das coisas, não estavam a obter bons resultados.

Estranhamente, Wolf não conseguia deixar de se sentir um pouco agradecido ao impiedoso monstro, que planeava assassiná-lo dentro de uma semana, por contribuir para que mantivesse o emprego. Não tencionava comprar-lhe um postal de agradecimento, mas para grandes males...

De forma espontânea, Wolf decidira ir passar o fim-de-semana a Bath. Apesar de mal ter assimilado a ideia da sua própria morte, algo no seu íntimo o impelira para a sala da frente, que parecia o forno da casa onde

crecera, para o rolo de carne demasiado passado da mãe e para uma cerveja no *pub* local com o seu amigo de mais longa data, que parecia estar destinado a residir, trabalhar e morrer num raio de três quilómetros da escola secundária que tinham frequentado.

Dedicara tempo a ouvir as mesmas histórias que o pai lhe contava desde sempre e, ao fim de todo este tempo, compreendera porque valia a pena ouvi-las tão regularmente. Apenas uma vez, durante uma pausa na conversa, é que os pais abordaram o assunto dos assassinios e o iminente destino do filho; o pai nunca fora dado a sentimentalismos. Aparentemente, os seus pais tinham ponderado «bastante» sobre o assunto enquanto Wolf estava no chuveiro (uma subtil indirecta por ele usar demasiada água quente) e haviam chegado à habitual solução para a maior parte dos problemas: ele podia mudar-se para o seu antigo quarto no andar de cima.

— Duvido que esse fulano esteja disposto a seguir-te até aqui — disse-lhe o pai, convicto.

No passado, Wolf ter-se-ia enfurecido com a sua ingenuidade e banalização, mas, naquele momento, achou o comentário encantadoramente cómico. Foi então que o pai ficou ofendido por ele se rir da sua opinião.

— Posso não ser um sabe-tudo da cidade grande, mas isso também não significa que seja um ignorante — bradou. Por algum motivo, sempre embirrara com a capital e começara a tratar o filho de maneira diferente desde que ele abandonara a sua «monótona vilazinha» para ir em busca de coisas melhores. — A maldita M4 é um perigo. Obras na estrada e controlos de velocidade por todo o caminho!

Infelizmente, este comentário só serviu para levar Wolf a soltar outra gargalhada, deixando o pai ainda mais encolerizado.

— William-Oliver! — repreendeu-o a mãe quando William Sénior saiu de rompante para «preparar um copo».

Detestava a forma como ela juntava os nomes próprios. Como se o seu pretensioso apelido não bastasse. Parecia que ela encarava os hífen como uma camuflagem para a modéstia das suas posses, tal como o jardim imaculado e o carro adquirido através de financiamento que estava estacionado à porta da casa de modo algum se coadunavam com as desgastadas divisões no interior.

Wolf fez alguns arranjos na casa; contudo, a tarefa não incluiu a maldita cerca da vizinha Ethel, e ele quase se magoara ao mergulhar por detrás do muro do jardim quando ela assomara subitamente à porta para o cumprimentar.

Sentia-se repousado e revigorado para enfrentar a semana que se avizinhava, mas bastou-lhe olhar de relance para a azáfama no escritório para perceber que tudo tinha mudado.

A comandante parecia ter assentado novamente arraiais no gabinete de Simmons, que, por seu turno, parecia ter-se mudado para a antiga secretária de Chambers e ficado com o encargo de Edmunds, que estava sentado ao lado dele ostentando dois olhos muito negros. Baxter mantinha uma acesa conversa com um detective chamado Blake, que todos sabiam que ela não suportava e que não tinha qualquer envolvimento no caso da *Boneca de Trapos*.

No cavalete da sala de reuniões, tinham sido incluídos dois nomes adicionais na lista de vítimas mortas, e Wolf encontrou na sua secretária um bilhete de Finlay no qual lhe pedia que se encontrasse com ele na Embaixada irlandesa em Belgravia assim que «terminasse a consulta na psiquiatra». Era suposto assumirem a custódia de Andrew Ford nesse local, o que não deixava de ser um pouco desconcertante, pois Wolf lembrava-se distintamente de ter deixado Ford no Sul de Gales e de ter regressado de carro.

Perplexo, foi até junto de Simmons e Edmunds, que tinha inequivocamente o nariz partido.

— Bom dia — disse num tom casual. — O que perdi?

Madeline Ayers trabalhara na Collins & Hunter durante quatro anos e desempenhara a função de advogada de defesa de Naguib Khalid no famigerado julgamento. Simmons reconhecera logo o nome no relatório do Serviço de Protecção de Testemunhas. Ayers encabeçara o depreciativo ataque a Wolf e à Polícia Metropolitana na sua globalidade, assumindo muitas vezes contornos de propaganda. Transformara-se na prata da casa com os seus frívolos comentários e controversas citações do que se passava no tribunal, incluindo a famosa sugestão de que Wolf deveria ocupar o lugar

do seu cliente no banco dos réus.

O nome de Ayers fora a confirmação de que a teoria de Edmunds estava certa: o caso girava, e sempre girara, em torno de Khalid. O processo de mandar agentes à sua residência em Chelsea fora uma simples formalidade para confirmar oficialmente que o frágil e descorado tronco que unia a desproporcionada *Boneca de Trapos* pertencia a Ayers. Não obstante este trágico, mas promissor, avanço na investigação, a equipa não se encontrava mais perto de compreender a ligação de Michael Gable-Collins ao caso.

Praticamente três horas mais tarde, Baxter e Edmunds haviam regressado ao escritório com a confirmação de que Michelle Gailey, a oficial de reinserção social de Khalid, era a quinta vítima não identificada, graças a um verniz de unhas de dez mil dólares e a um sueco extravagante que enganava a mulher. Sendo um acontecimento que passara para segundo plano, olhando aos assuntos mais prementes, acabaram por constatar que Khalid fora condenado por condução sem carta, motivo pelo qual estava sob a supervisão de Michelle Gailey quando fizera a sua última vítima.

Dos seis diferentes membros que formavam a *Boneca de Trapos*, só faltava identificar um. Apesar de mais nenhum dos intervenientes no julgamento ter sido dado como desaparecido, Simmons tinha agora a certeza de que o nome da última vítima constava daquela lista. Começara a partir do fim da mesma e só riscava um nome depois de ter conseguido um contacto directo ou de ter garantias de que fora visto desde a descoberta da *Boneca de Trapos*.

Na madrugada de domingo, Rachel Cox estava prestes a terminar o seu turno numa peculiar casa de campo na pitoresca aldeia galesa de Tintern. Só trabalhava no Serviço de Protecção de Testemunhas há pouco mais de um ano, mas este fora, de longe, o local mais agradável para onde já a tinham mandado. Infelizmente, fora também o mais exasperante.

Andrew Ford passara a maior parte do tempo a gritar obscenidades para Rachel e para a sua colega ou a atirar objectos pela delicada casinha. Na noite de sexta-feira, quase incendiara o telhado de colmo da casa após uma tentativa defraudada de acender a lareira, e na tarde de sábado ambas tinham sido precisas para o impedir de abandonar o recinto.

Quando estavam no reservatório, Finlay tinha-lhe feito uma recomendação, que ela ignorara então, mas cuja possibilidade contemplava agora seriamente: ir à cidade após duas horas de sono e trazer à socapa algumas garrafas de álcool. Teria de esconder o facto do seu supervisor, mas não tinha dúvidas de que isso tornaria mais suportáveis as noites que faltavam naquela casa de hóspedes galesa.

Felizmente, Ford ficara esgotado por volta das 3 horas e adormecera. Rachel sentara-se à nodosa mesa de madeira na amena cozinha sob a acolhedora luminosidade que entrava pelo corredor. Escutava os roncos e sustinha a respiração sempre que se fazia sentir uma pausa nos guturais grunhidos, rezando para que ele não tivesse acordado. Quando se sentiu novamente sonolenta, seguiu o conselho do seu supervisor e foi patrulhar o recinto.

Caminhou pé ante pé até à pesada porta das traseiras, com o peso do corpo a fazer ranger as tábuas de madeira, destrancou-a fazendo o mínimo de barulho possível e saiu para o frio da manhã. Depois de calçar as botas, andou sobre a relva húmida sob a claridade da alvorada e conseguiu sentir-se despertar. O ar frio fez-lhe arder os olhos e desejou ter levado o casaco.

Quando contornou a esquina que dava para o jardim da frente, assustou-se com um vulto fantasmagórico que estava de pé a cinquenta metros junto ao portão da frente.

Rachel estava mesmo por baixo do quarto onde a sua colega armada dormia. Se Rachel a chamasse, ela chegaria lá abaixo em menos de vinte segundos, mas não quis acordá-la desnecessariamente nem chamar a atenção para o facto de ter deixado o seu *walkie-talkie* na mesa da cozinha. Por isso, decidiu investigar sozinha.

Pegou cautelosamente no frasco de gás-pimenta e acercou-se da inexpressiva forma, com a silhueta recortada contra as resplandescentes colinas ao fundo. A temperatura parecia descer a cada passo que a afastava da segurança da casa e a sua respiração forçada e lenta lançava agora uma lúgubre névoa sobre a já de si arrepiante cena.

Poucos minutos depois, o Sol já teria passado por cima do ondulante horizonte. Conforme estava, Rachel já se aproximara em silêncio até menos de dez metros do vulto e ainda não conseguira discernir uma única feição,

apenas que era alto e estava a fixar alguma coisa no portão da frente. Não pareceu ciente da presença dela até que foi obrigada a pisar o caminho de gravilha. As pedras frias crepitaram debaixo das suas botas e o sombrio vulto parou abruptamente o que estava a fazer e olhou na direcção dela.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Rachel o mais confiante que conseguiu. Na formação, recebera instruções para, em último recurso, se identificar como agente da autoridade. Aproximou-se mais um passo. — Perguntei se posso ajudá-lo.

Rachel estava furiosa consigo por ter deixado o *walkie-talkie* dentro de casa. Encontrava-se agora a quase cinquenta metros da casa e teria de gritar bem alto se quisesse acordar a colega. Desejava já o ter feito. O vulto continuou de pé sem se mexer. Não respondeu, mas ela estava suficientemente perto para conseguir ouvir a sua respiração áspera e vislumbrar as cadenciadas nuvens de névoa que preenchiam o espaço entre eles, como o fumo a alertar para as chamas que estavam para vir.

Por fim, a coragem de Rachel chegou ao limite. Inspirou profundamente o ar frio para gritar por socorro e o vulto desatou a correr.

— Coombes! — gritou, transpondo o portão a toda a brida, em perseguição do fugitivo colina abaixo pelo caminho lamacento que serpenteava por entre o arvoredor.

Rachel tinha vinte e cinco anos e fora a melhor praticante de atletismo na universidade. Aproximava-se rapidamente do fugitivo enquanto desciam aos tropeções o íngreme declive, que se tornava cada vez mais irregular. Sentia-se um silêncio surreal; o único som que se ouvia nas tranquilas colinas era o das suas respirações ofegantes e das pesadas passadas enquanto a perseguição decorria.

— Polícia! Pare! — gritou, arquejante.

O Sol ascendia ao céu a cada momento que passava e as cristas das árvores escuras estavam agora raiadas de luz dourada. Nesse momento, Rachel conseguiu perceber que estava a perseguir um homem de grande estatura, com a cabeça rapada e uma profunda cicatriz que lhe atravessava o escalpe na diagonal. Tinha calçadas umas botas pesadas e vestia um casaco preto ou azul-escuro que adejava nas suas costas enquanto corria.

De repente, deu uma guinada para fora do trilho e saltou desajeitadamente

por cima da cerca de arame-farpado que cingia o arvoredor.

Ela ouviu-o gritar de dor antes de se levantar apressadamente e desaparecer no meio do bosque. Rachel chegou ao local onde ele transpusera a cerca e desistiu da perseguição. Por vezes, era difícil lembrar-se do que aprendera na formação quando a adrenalina entrava em acção, mas a sua única arma era o gás-pimenta. Já tinha confirmado a envergadura do homem, pelo que suspeitava de que a densa mata seria mais vantajosa para ele do que para si. Além disso, já tinha aquilo de que precisava.

Ajoelhou-se para observar o sangue escuro que se acumulava à volta de uma espiral do espigão de metal. Como não tinha nada com que cortar o fio e não podia deixar a prova sem vigilância, tirou do bolso um lenço limpo e enxugou tanto quanto conseguiu. Sem desviar os olhos do arvoredor, começou a subir o íngreme caminho colina acima.

Baxter fora o primeiro elemento da equipa a chegar ao escritório no domingo de manhã e recebera a mensagem urgente para contactar o Serviço de Protecção de Testemunhas. Tivera de ser submetida a um penoso processo de vinte minutos de verificações de identidade e números de segurança até finalmente lhe permitirem o contacto com Rachel, que a informara sobre o incidente e o envelope castanho que encontrara amarrado ao portão da casa aquando do seu regresso. Tinha no interior uma única fotografia, tirada na tarde anterior, na qual estavam Rachel e a sua colega a debater-se com Ford no jardim da frente.

Rachel e o seu supervisor foram tranquilizadamente competentes e minuciosos. Tinham a Polícia local a passar os bosques a pente fino, tinham vedado o trilho lamacento para preservar as pegadas e conservado num saco o lenço com o sangue que Rachel colhera, bem como o pedaço da vedação em que o intruso se ferira, sendo que ambos já tinham sido enviados para o laboratório de perícia forense da Polícia Metropolitana.

Se aquele fora o primeiro erro que o assassino cometera, tencionavam tirar o máximo proveito do mesmo.

Era evidente que Andrew Ford já não estava em segurança no esconderijo. Como Simmons não conseguira contactar Wolf, mandara Baxter e Edmunds recolher Ford enquanto ele se dedicava ao plano alternativo. Depois de

fazer alguns telefonemas para contactos que conheecera através do *mayor* Turnble, conseguiu chegar à fala com o embaixador irlandês.

A Embaixada parecera-lhe uma escolha lógica, pois já fora inspeccionada pelos agentes armados da protecção diplomática e o edifício integrava medidas de segurança padrão. Simmons fora o mais franco possível com o embaixador e não escondera o problema de bebida e o comportamento volátil de Ford.

— Então não é preciso verificar o passaporte dele — gracejara o embaixador.

Convidara Ford e a Polícia Metropolitana a utilizar o piso superior da Embaixada até que a situação ficasse resolvida e calhara em sorte a Finlay o turno da noite de domingo.

Edmunds regressara a casa no final de tarde de domingo, exausto do dia passado em viagem. Tinham deixado Ford aos cuidados de Finlay e depois Baxter deixara-o atenciosamente em casa.

— Não deixes o gato sair! — gritou-lhe Tia assim que ele transpôs a soleira da porta.

— Não deixo o quê?

Quase tropeçara no gatinho listado que passou a correr à frente dele e foi embater na porta da frente.

— Tia? O que é isto? — perguntara.

— Chama-se *Bernard* e vai fazer-me companhia enquanto tu estiveres a trabalhar — atalhara Tia, desafiando-o.

— Um pouco à semelhança do bebé?

— O bebé ainda não está aqui, pois não?

Edmunds foi aos tropeções até à cozinha enquanto o carinhoso gatinho se esfregava nas suas pernas. Tia estava inequivocamente encantada e nem sequer reclamara por ele chegar tarde a casa, por isso, Edmunds decidira não se opor ou sequer lembrá-la de que era fortemente alérgico a gatos.

Na manhã de domingo, Vanita ocupara o cargo de Simmons e assumira o controlo do caso. Simmons, de novo à secretária de Chambers, estava ansioso por integrar a unidade; não tanto pela acção disciplinar que o

aguardava quando a poeira assentasse. Entretanto, Baxter fora destacada para outros casos.

O primeiro fora o de uma mulher que esfaqueara até à morte o marido infiel. Entediada, confessara o crime. Por conseguinte, Baxter tinha pela frente várias horas de fastidiosos formulários para preencher, de modo a oficializar a investigação de cinco segundos. Além disso, tinha de trabalhar com Blake, um dos insuportáveis sequazes de Saunders que sempre tivera um fraquinho por si. Por sorte, ela era uma excelente actriz e ninguém percebera que não o suportava.

Simmons anotara as actualizações do fim-de-semana no quadro desorganizado da sala de reuniões:

1. (CABEÇA) Naguib Khalid, o *Cremador*
 2. (TRONCO) — ? — Madeline Ayers — (advogada de defesa de Khalid)
 3. (BRAÇO ESQUERDO) *anel de platina, empresa de advocacia?* — Michael Gable-Collins — *porquê?*
 4. (BRAÇO DIREITO) *verniz das unhas?* — Michelle Gailey — (oficial de reinserção social de Khalid)
 5. (PERNA ESQUERDA) — ?
 6. (PERNA DIREITA) detective Benjamin Chambers — *porquê?*
- A — ~~Raymond Tumble~~ (mayor)
- B — ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão/contabilista) *não esteve no julgamento*
- C — ~~Jarred Garland~~ (jornalista)
- D — Andrew Ford (segurança/alcoólico/uma besta) — *segurança do banco dos réus*
- E — Ashley Lochlan (empregada de mesa) ou (menina de nove anos)
- F — Wolf

Edmunds esquecera completamente o novo membro da família quando se preparava para ir trabalhar na manhã seguinte, mas foi lembrado, de forma abrupta, ao tropeçar acidentalmente na bolinha de pêlo que dormia no corredor e ao bater com a cara na porta da frente.

Tia, como é evidente, tomara o partido de *Bernard* e mandara Edmunds parar de o assustar ao sangrar tão profusamente.

Capítulo 22

Segunda-feira, 7 de Julho de 2014

11h29

No instante em que o aviso «No Ar» se apagou, Andrea tirou o microfone, saiu apressadamente do estúdio e voltou para a Redacção. Elijah marcara a reunião para as 11h35 e, ao subir as escadas até ao gabinete dele, ainda não sabia qual seria a sua resposta caso lhe oferecesse aquilo que ela sempre almejava.

Quando concordara em ajudar Baxter, tinha a intenção de abandonar aquela profissão de cortar os pulsos; porém, a lograda tentativa de redenção tivera um terrível desfecho, ao mesmo tempo que catapultara a sua fama e influência jornalística até estonteantes novas altitudes. De algum modo, na sua tentativa de se libertar da sordidez, só conseguira enterrar-se ainda mais.

Elijah viu-a chegar e, pela primeira vez, foi abrir a porta mesmo antes de ela ter oportunidade de bater, furtando-lhe alguns segundos adicionais de que ela tão desesperadamente precisava para conseguir tomar uma decisão. Ele emanava um ténue odor a transpiração e começavam a formar-se manchas negras nos seus sovacos. Usava uma camisa azul-clara justa, que parecia prestes a rasgar-se caso retesasse os músculos, e umas calças pretas apertadas que reforçavam o seu perfil absurdamente desproporcionado.

Ofereceu-lhe um dos seus repugnantes *expressos*, que ela recusou, e depois desfiou uma cantilena sobre como raramente ficava espantado, mas que tinha de reconhecer que ela revelara um instinto fatal que ele desconhecia. Pressionou um botão para apresentar um gráfico no projector atrás de si e começou a desbobinar números sem sequer olhar para o

gráfico. Andrea teve de conter uma gargalhada porque metade da tabela enviesada a que ele aludia desaparecera pela janela do escritório, facto que ele teria percebido se não fosse tão convencido ao ponto de não olhar.

Andrea não valorizou quando o seu superior a felicitou pelo fantástico trabalho no caso do assassinio de Garland, como se se tratasse de um acontecimento televisivo em tempo real que ela coreografara meticulosamente, o que, de um modo nauseante, fora mesmo. Enquanto afluíam à sua mente imagens de Garland a esbracejar, Elijah acabou por chegar onde queria.

— ... a nossa nova apresentadora do noticiário principal!

Elijah acalmou-se quando não recebeu resposta.

— Ouviu o que eu disse? — perguntou.

— Ouvi, sim — respondeu calmamente Andrea.

Elijah recostou-se na cadeira, meteu uma pastilha elástica na boca e acenou compreensivamente com a cabeça. Ao continuar, apontou-lhe, sem pensar, um dedo condescendente.

Andrea sentiu-se tentada a arrancar-lho.

— Já percebi qual é o seu problema — disse ele, mastigando de boca aberta. — É por causa do Wolf. Está para aí a pensar que eu não posso esperar que se sente diante de uma câmara de filmar e relate a morte do seu ex-marido, não é?

Ela odiava que ele pusesse palavras na sua boca; porém, desta vez acertara em cheio. Assentiu com a cabeça.

— É uma maçada, querida — esbravejou. — É precisamente isso que tornará a coisa tão interessante. Quem vai querer assistir à fastidiosa BBC se pode ver o amor da vida do Wolf ficar a saber da morte dele enquanto lê em directo? Imperdível!

Andrea soltou uma gargalhada amargurada e levantou-se para ir embora.

— Você é inacreditável, inacreditável.

— Sou realista. De qualquer modo, vai ter de passar por isso. Porque não fazê-lo em directo e transformar-se numa verdadeira estrela? Ah! Podia convencê-lo a dar uma entrevista na noite anterior. Não seria enternecedor? Podíamos transmitir a vossa despedida.

Andrea saiu impetuosamente do gabinete e bateu a porta com força.

— Pense nisso! — gritou ele. — Fico à espera de uma resposta sua, seja ela qual for, até ao fim-de-semana!

Andrea tinha de estar diante da câmara dentro de vinte minutos. Foi calmamente até aos lavabos das senhoras, verificou que não estava ninguém nos cubículos, trancou a porta e desatou a chorar.

Edmunds bocejou alto enquanto esperava Joe no laboratório de perícia forense. Optara por permanecer a um canto, apertado entre um cesto de resíduos clínicos e um frigorífico. Por coincidência, era também o ponto mais afastado do enorme congelador de cadáveres, para o qual ele olhava de relance ao fim de poucos segundos enquanto tomava apontamentos no seu bloco de notas.

Estivera acordado até bem depois das 3 horas, a analisar os arquivos que escondera em cima dos armários da cozinha. Apesar de Tia nunca os conseguir encontrar ali, o seu novo animal de estimação, servindo-se dos cortinados para subir, encontrara-os e vomitara em cima da importante alegação de uma testemunha. Sentia-se preocupantemente cansado, tendo em conta o facto de ainda nem sequer ser hora do almoço. Pelo menos, a sua exaustão valera a pena, pois deparara-se com um caso que merecia ser investigado.

— Uau! O que lhe aconteceu? — indagou Joe ao entrar no laboratório.

— Nada — retorquiu Edmunds, saindo do seu canto e levando envergonhadamente a mão ao nariz partido.

— Ora bem, não restam dúvidas de que é ele — revelou Joe. — As três fotografias foram tiradas com a mesma máquina.

— Por favor, diga-me que descobriu alguma coisa a partir do sangue.

— Poderia dizer, mas estaria a mentir. Ele não consta da nossa base de dados.

— O que significa que nunca foi detido — disse Edmunds, mais para consigo. Agora, podia excluir com toda a certeza uma grande percentagem dos processos arquivados.

— Tipo de sangue: O positivo.

— Aquele que é raro? — perguntou Edmunds, esperançado.

— Comum como o esterco — redarguiu Joe. — Nenhum sinal de

mutação ou doença, nem álcool nem drogas. Cor dos olhos: cinzentos ou azuis. Sabe uma coisa?, para o assassino em série mais maquiavélico de que há memória, o tipo de sangue é deploravelmente enfadonho.

— Então, não descobriu nada?

— Eu não disse isso. As pegadas são número 46 e as marcas deixadas pelas solas revelam tratar-se de botas de combate, por isso, talvez seja um militar.

Edmunds voltou a pegar no bloco de notas.

— Os tipos da investigação forense que foram ao local do crime encontraram nas pegadas vestígios de amianto, alcatrão e verniz bem como níveis consideravelmente elevados de cobre, níquel e chumbo no solo em redor. Talvez um armazém?

— Vou investigar. Obrigado — disse Edmunds, fechando o bloco de notas.

— Ei, constou-me que identificaram o tronco. Chegou a descobrir o que era a tatuagem? — perguntou Joe.

— Era um canário a fugir de uma gaiola.

Joe pareceu intrigado.

— Uma coisa estranha para remover.

Edmunds encolheu os ombros.

— Talvez ela tenha percebido que, afinal de contas, alguns canários devem estar em gaiolas.

A Embaixada da Irlanda era um imponente edifício de quatro andares sobranceiro ao complexo do Palácio de Buckingham desde a majestosa esquina que ocupava na Belgravia. Naquele dia soalheiro em que não corria ponta de vento, Wolf franqueou o enorme pórtico debaixo da sombra das bandeiras inertes que sobressaíam por cima da azáfama no passeio. A sumptuosa entrada desdobrava-se como uma ponte sobre a área do serviço de recolha de lixo, que incluía uma saída de emergência para a cave.

Wolf já estivera em inúmeras Embaixadas, nunca por vontade própria, e sempre lhe haviam causado a mesma impressão: os tectos altos, pinturas antigas, espelhos ornamentados e sofás de aspecto confortável que aparentavam nunca ninguém ter tido coragem de se sentar neles; era como

visitar um familiar afastado que queria, ao mesmo tempo, mostrar-se convidativo e que a visita fosse embora antes que partisse alguma coisa. Esta não fugia à regra.

Assim que Wolf passou pela segurança nas áreas públicas, deparou-se com uma imponente escadaria emoldurada por paredes azuis intrincadamente adornadas. Durante a subida, foi mandado parar três vezes, o que era encorajador, e quando chegou ao piso de cima foi recebido pela voz conhecida de Andrew Ford a gritar no civilizado corredor.

Wolf fitou por instantes o longínquo palácio para ter um momento de tranquilidade antes de enfrentar novamente aquele homem tempestuoso. Sorriu para o agente armado que estava à porta, que não lhe retribuiu o gesto, e entrou para o opulento salão onde foi encontrar Finlay calmamente a ver televisão enquanto Ford esperneava no chão como uma criança malcomportada.

Em circunstâncias normais, aquela sala fazia as vezes de escritório. Os computadores, secretárias e armários de arquivo tinham sido removidos ou encostados à parede do fundo de modo a acomodarem o indelicado hóspede. Inclusivamente, apesar do reduzido aviso prévio, alguém se tinha dado ao trabalho de instalar na sala uma cama de campanha, uma chaleira, sofás e televisão.

Homem de hábitos, é claro que Ford passara a noite diante da televisão no imaculado sofá de couro, porque o mesmo edredão malcheiroso e manchado que estava no seu apartamento encontrava-se agora aberto em cima dele. Era uma visão estranha, e Wolf nem queria acreditar que aquele homem imundo e destruído, que vivia num meio tão decadente, escolhera, de entre todos os bens, aquela bolorenta colcha para arrastar atrás de si de um lado para o outro.

— Wolf! — gritou Ford como se fossem velhos amigos. Uivou de excitação.

Finlay acenou-lhe, sentado no outro sofá, sem edredão.

— Que barulho é que ele faz quando te vê? — perguntou Wolf a Finlay.

— Não posso repetir. Mas não é muito simpático.

Ford levantou-se do chão e Wolf conseguiu ver que as suas mãos não paravam de tremer. De seguida, o irlandês foi apressadamente até à janela e

espreitou para a rua.

— Ele vem aí, Wolf. Ele vem aí para me matar! — disse Ford.

— O assassino? Bem... sim — disse Wolf aturdido. — Mas não vai conseguir fazê-lo.

— Ai, isso é que vai. Ele sabe coisas, não sabe? Ele sabia onde eu estava e saberá onde estou agora.

— Saberá se você não se afastar dessa janela. Sente-se.

Finlay observou com rancor aquele homem infantil que infernizara as últimas dezassete horas da sua vida, obedecer sem levantar problemas. Wolf sentou-se ao lado do amigo.

— Passaste bem a noite? — perguntou cordialmente.

— Eu próprio acabo com ele se continua a portar-se assim — segredou Finlay.

— Quando foi a última vez que bebeu?

— De manhãzinha — disse Finlay.

Wolf sabia, por experiência própria, o sofrimento que os sintomas de abstinência podiam causar num alcoólico inveterado. O estado de ansiedade em que Ford se encontrava e um ataque de *delirium tremens* não auguravam nada de bom.

— Ele precisa de beber — disse Wolf.

— Acredita em mim, já pedi. O embaixador recusou.

— Porque não fazes uma pausa? — disse Wolf a Finlay. — Deves estar mortinho por um cigarro.

— Eu é que vou morrer aqui! — berrou Ford ao fundo.

Ambos o ignoraram.

— E, já que vais lá fora, traz umas garrafas de... *limonada* — sugeriu Wolf com um olhar pleno de significado.

Simmons passou diante da porta de Vanita com um café na mão.

— *Chaachaa chod* — murmurou, usando o seu insulto hindi preferido.

Por causa dele, passara toda a manhã a tratar da burocracia e do correio que ele deixara acumular. Abriu o *e-mail* seguinte: outra actualização, enviada para todos os elementos envolvidos na investigação da *Boneca de*

Trapos. Reparou no nome de Chambers incluído na lista de destinatários e suspirou. Simmons cancelara o seu cartão de acesso ao edifício assim que soubera da sua morte, conforme obrigavam os protocolos, mas a interminável tarefa de eliminar o nome do agente veterano das suas bases de dados e de recolher o seu equipamento ocupava uma das últimas posições da lista de tarefas.

Partindo do princípio de que era de mau tom ter o nome de um colega falecido em todas as incessantes actualizações, redigiu apressadamente um pedido para que eliminassem o nome dele e passou para a tarefa seguinte da lista.

Simmons e Edmunds tinham passado mais de uma hora a trabalhar em silêncio, apesar de estarem afastados apenas meio metro. Edmunds sentia-se surpreendentemente relaxado junto ao seu irritável superior. Talvez três meses a aturar Baxter o tivessem enrijecido, mas o silêncio tinha algo de confortável, apenas dois profissionais absortos no seu trabalho, almas eficientes e intelectuais partilhando um mútuo respeito...

Simmons virou-se para Edmunds, interrompendo a sua linha de pensamento.

— Lembra-me para depois mandar vir uma secretária para ti, está bem?

— Sim, senhor.

Depois disso, o silêncio tornou-se consideravelmente menos confortável.

Simmons ainda estava a dedicar-se à árdua tarefa de contactar todos os oitenta e sete nomes que ainda constavam da lista. Na primeira passagem, só conseguira riscar vinte e quatro. Virara a folha e recomeçara do início, convencido de que, assim que identificassem a última vítima, todo o *puzzle* faria sentido.

Edmunds, de quem partira a ideia de compilar a lista, não sabia bem como nem quando Simmons reclamara para si a sua parte da investigação, mas também não ia perguntar. De qualquer modo, já tinha trabalho de sobra, procurando todas as ligações possíveis entre as vítimas da *Boneca de Trapos* e Naguib Khalid.

Apesar de não ter encontrado qualquer ligação com Chambers ou Jarred Garland, chegara à conclusão de que os polícias e os jornalistas tinham

tendência para acumular grandes listas de inimigos ao longo dos anos. Por isso, decidira concentrar a atenção em Michael Gable-Collins, no *major* Turnble e na empregada de mesa, Ashley Lochlan.

Sentiu-se frustrado. Alguma coisa estabelecia a ligação entre este variegado grupo de pessoas, mas, mesmo sabendo que Khalid era a chave, de algum modo o quadro completo estava a escapar-lhes.

Baxter encontrava-se no local onde ocorrera uma grave agressão sexual, num beco apenas duas ruas abaixo do apartamento de Wolf. Era uma zona deveras deplorável. Deixara Blake irritado ao recusar-se a subir para um contentor de lixo para o ajudar a procurar provas e era suposto estar à procura de testemunhas, mas distraíra-se a pensar em Wolf e em Finlay na Embaixada da Irlanda, com apenas um dia e meio até à data prevista para o atentado à vida de Andrew Ford. Também sentia a falta de Edmunds. Habituar-se de tal maneira a que ele a seguisse como um cachorrinho que chegara mesmo a dar-lhe uma ordem em voz alta naquela manhã.

Estava aborrecida. Era horrível admiti-lo a meio da investigação daquela que seria a maior provação na vida de uma jovem, mas a verdade era essa. Voltou a pensar na sensação de impotência que sentira quando Garland se debatera a escassos metros dela. Lembrou-se de quando lhe segurou a mão, desejando que ele sobrevivesse, e de quando a enfermeira lhe foi dar a notícia da morte dele.

Sentia falta da adrenalina. Fora um dos piores dias de toda a sua vida. Contudo, se tivesse oportunidade de repetir a experiência, não hesitaria. Haveria algo de errado com ela? Seria melhor ter recordações atormentadoras do que não ter nenhuma? Seria preferível sentir o medo e o perigo a não sentir nada? E seria este tipo de perguntas que o assassino fazia a si mesmo para justificar as suas próprias atrocidades?

Assustada com os seus pensamentos, decidiu meter mãos à obra.

Wolf e Finlay estavam a ver um episódio repetido do *Top Gear* com o volume no mínimo enquanto Ford ressonava alto debaixo do edredão no outro sofá. Adormecera depois de ter bebido quase uma garrafa e meia de «limonada» e concedido aos dois detectives uma bendita hora de sossego.

— Thomas Page — segredou Finlay o mais baixo que conseguiu.

— O quê? — perguntou Wolf.

— Thomas Page.

— Estafermo. Partiu-me...

— ... dois dentes num local de crime quando estavas em formação. Eu sei.

— Sempre foi irascível.

— E tu sempre foste um espertalhão — retorquiu Finlay, encolhendo os ombros.

— Porque foste lembrar-te de...?

— Hugh Cotrill — interrompeu-o Finlay.

— Um inútil — cuspiu Wolf, quase acordando Ford. — A minha primeira detenção por furto, e ele foi o pau-mandado do sistema que o safou.

— Estava apenas a fazer o trabalho dele — disse Finlay com um sorriso. Era evidente que tencionava espicaçar Wolf.

— O próprio constituinte roubou-lhe o relógio, grande palerma. Onde queres chegar?

— Onde quero chegar, Will, é que tu és capaz de muitas coisas, mas perdoar não é uma delas. Guardas rancor. És bem capaz de me odiar por alguma coisa que eu fiz ou disse em determinada ocasião.

— Que disseste — esclareceu-o Wolf com um sorriso afectado.

— Não se consegue gostar daquele miserável, nem no seu melhor dia, mas tu deves odiá-lo *de verdade*. Ele partiu-te o pulso em três...?

Wolf anuiu.

— ... sítios e é provável que tenha salvado a vida do Khalid.

— Pergunto outra vez — disse Wolf. — Onde queres chegar?

— A nada em particular. Mas tem piada como as coisas são, não tem? Tu, responsável pela protecção de um homem que, tenho a certeza, não tens qualquer vontade de proteger.

— Tens razão em relação a uma coisa — segredou Wolf depois de se distraírem ambos por instantes com a televisão. — Tem piada como as coisas são. De algum modo, acabei numa posição em que quero salvar este monte de mer...

Wolf interrompeu o impropério e Finlay acenou com a cabeça para que se

contivesse.

— ... a vida deste homem mais do que qualquer outra coisa, porque, se o conseguirmos salvar a *ele*, talvez, apenas talvez, consigamos salvar-me a *mim*.

Finlay assentiu com a cabeça e deu uma palmada dolorosamente sincera nas costas de Wolf antes de voltar a atenção para o programa.

Capítulo 23

Terça-feira, 8 de Julho de 2014

6h54

— Deixem-me ir! — gritou Ford enquanto Wolf, Finlay e o agente da protecção diplomática se debatiam para arrastar o frenético homem de volta para a sala. — Estão a matar-me! Estão a matar-me!

O esquelético e amarelento homem mostrara-se sur-preendentemente forte, e os três tiveram dificuldade para o levantar e obrigar a transpor novamente a soleira da porta durante o pânico de três minutos. Continuava agarrado com força à grossa caixilharia da porta enquanto lhes dava violentos pontapés. Em segundo plano, Andrea dirigia-se ao mundo no ecrã da televisão, com o *Relógio da Morte* a pairar por cima da sua cabeça numa contagem decrescente das derradeiras horas de Ford. A imagem mudou para um repórter no terreno e Wolf ficou horrorizado quando, de repente, ele e os colegas apareceram no ecrã a lutar com Ford.

Quase largou o homem treloucado quando se virou para localizar a câmara nas mãos de um lunático precariamente pendurado numa janela do edifício defronte. Felizmente, o agente da protecção diplomática tinha pedido reforços, e nesse momento chegaram mais dois homens em seu auxílio.

— Fechem as persianas! — berrou Wolf, desesperado.

Os dois agentes olharam para a televisão e de imediato compreenderam a situação. Um deles fechou as persianas enquanto o outro se ocupou das pernas desvairadas de Ford. Irremediavelmente em desvantagem numérica, Ford deixou de se debater e começou a choramingar.

— Estão a matar-me — soluçou repetidamente.

— Temos de tirar os repórteres daquele edifício — disse Wolf aos recém-chegados, que acenaram com as cabeças e saíram apressadamente da sala.

— Estão a matar-me!

— Cale-se! — vociferou Wolf.

Precisava de falar com Simmons. Não sabia quais as implicações jurídicas de deterem Ford contra a sua vontade e, graças a um operador de câmara engenhoso, tinha de o reconhecer, poderiam ser todos tecnicamente acusados de agressão. Estava consciente de que deveria apresentar estes problemas a Vanita, mas sabia que a resposta dela seria tendenciosa, de modo a ir ao encontro das prerrogativas da equipa de Relações Públicas e a proteger o próprio traseiro. Pelo contrário, Simmons sabia como o mundo real funcionava.

Meia hora depois, debatera o assunto com Simmons, que, por fim, chegara espantosamente cedo ao trabalho. Concordaram que, ao contrário da ameaça de Garland em recusar a ajuda deles, Ford não podia, de todo, ser considerado «mentalmente são». Por conseguinte, era no seu melhor interesse que a Polícia o privava da liberdade por algum tempo.

Na melhor das hipóteses, era um tema controverso e, em abono da verdade, andavam às aranhas. O protocolo exigiria que um médico qualificado fizesse uma avaliação completa ao doente e o diagnosticasse; contudo, depois do incidente com Elizabeth Tate, Wolf nunca permitiria que alguém se aproximasse de Ford.

Depois de assistir ao noticiário, o embaixador voltara para a Embaixada. Wolf sentia alguns remorsos em relação ao modo insolente como se comportara com aquele homem influente, que se desfizera em esforços para os acolher. Wolf acusara os seus colaboradores de venderem informação à imprensa e exigira (ainda que não lhe coubesse esse direito) a realização de um inquérito para identificar a origem da fuga de informação. Teria de apresentar as desculpas mais tarde.

Depois daquela noite complicada com Ford, estava demasiado fatigado e irritável e descarregara a sua raiva sobre a pessoa errada. Uma vez mais, as suas frustrações deveriam ter recaído sobre Andrea, que, imprudentemente, pusera em perigo a vida de outra pessoa na sua egoísta busca de audiências.

Desta vez, não iria simplesmente fazer vista grossa ao impacto da sua ininterrupta interferência. Garantiria que ela seria responsabilizada caso acontecesse alguma coisa àquele homem.

Simmons sugerira que encontrassem outro sítio para onde levar Ford, mas Wolf discordara. Metade da imprensa da cidade reunira-se na rua em frente à Embaixada. Conseguia ouvir o frenesim de actividade através das janelas mal calafetadas, mesmo enquanto falavam ao telefone. Nunca conseguiriam passar com Ford sem o expor à crescente multidão ou sem serem seguidos. Encontravam-se num edifício seguro e seria mais fácil protegê-lo ali.

Quando Wolf regressou à sala, Ford estava a conversar calmamente com Finlay. Parecia resignado e surpreendentemente digno, considerando a cena ocorrida meia hora antes.

— Estava a fazer o seu trabalho — disse Finlay. — Por que motivo haveria deixar que alguém que acabara de ser declarado inocente fosse espancado até à morte à sua frente?

— Não pode estar a falar a sério ao dizer que eu agi bem — disse Ford rindo amarguradamente.

— Não. Estou a dizer que fez a *única* coisa que poderia ter feito.

Wolf fechou a porta devagar, de modo a não perturbar a curiosa conversa.

— Se não tivesse agido e o Khalid tivesse morrido, existiriam boas probabilidades de nunca se ter descoberto que ele era o *Cremador* e aqui o Will — Finlay gesticulou para Wolf, que estava junto à porta — teria passado os seguintes vinte e cinco anos da sua vida na prisão.

— Uma menina morreu — disse Ford com lágrimas nos olhos.

— Isso é verdade. E um homem bom foi poupado — disse Finlay. — Não estou a dizer que foi uma coisa boa o Khalid ter sobrevivido. Só estou a dizer... que as coisas acontecem.

Finlay pegou num antigo baralho de cartas que trazia sempre consigo e fez três montes. A sua conversa parecia ter acalmado aquele homem imprevisível mas também afectara Wolf, que se sentou no sofá. Sempre se focara nas repercussões negativas daquele traumático dia; em boa verdade, nunca considerara os aspectos positivos.

Pegou nas suas cartas, terrivelmente baixas, e perscrutou Finlay atentamente. Ao fim de tantos anos a jogar com ele, sabia que era um

batoteiro. Depois de olhar para o seu jogo, Ford desatou a chorar, o que não era muito enquanto *bluff*.

— Tens ternos? — perguntou Finlay.

— Vai à pesca.

Blake tinha uma bexiga sensível e era apreciador do chá *Earl Grey*. Edmunds chegara a essa conclusão depois de se aperceber das suas idas e vindas ao longo de todo o dia. Edmunds esperou que ele passasse pela sua secretária e pela de Simmons antes de se levantar e ir a correr encontrar-se com Baxter ao fundo da sala. Tinha dois minutos.

— Edmunds! Que diabo estás a fazer? — perguntou Baxter quando ele se agachou para evitar chamar as atenções.

— Alguém informou a imprensa e, logo, o assassino, sobre a Embaixada — murmurou.

— Não posso discutir esse caso contigo.

— És a única pessoa em quem confio.

Baxter mostrou-se acalentada. Depois do fiasco do caso Garland, toda a gente a tratava como se fosse uma proscrita. Era tranquilizador saber que pelo menos uma pessoa ainda valorizava a sua opinião.

— Podes confiar em todos. Qualquer pessoa poderia ter revelado a informação: tens o grupo de protecção diplomática, o pessoal, quem quer que esteja no edifício em frente. Tens *mesmo* de esquecer isso. Agora, sai daqui antes que me arranjes problemas.

Edmunds regressou apressadamente à sua secretária. Pouco depois, Blake voltou com uma caneca na mão.

Até ao início da tarde, Simmons eliminara quarenta e sete dos oitenta e oito nomes da lista, enquanto Edmunds continuava à procura de ligações entre as vítimas. Quando chegara à conclusão de que as verificações e os protocolos normais não haviam dado em nada, recorrera à formação que recebera no Departamento de Fraudes e utilizara a palavra-passe de um colega para aceder ao *software* especializado do seu antigo departamento.

Ao fim de quinze minutos, descobrira uma coisa e pregara um susto de morte a Simmons ao dar um salto na cadeira. Foram conversar em privado

para a sala de reuniões.

— Ashley Lochlan — disse Edmunds, triunfante.

— A próxima vítima? — disse Simmons. — O que é que tem?

— Em 2010, era casada e chamava-se Ashley Hudson.

— Nós devíamos saber isso?

— E sabíamos, mas os computadores não estavam à procura de uma segunda conta bancária num nome diferente e que só esteve aberta durante dez meses. No dia 15 de Abril de 2010, ela depositou duas mil e quinhentas libras na sua conta com o nome Hudson — informou Edmunds, entregando uma folha a Simmons.

— Isso foi mais ou menos aquando do julgamento do Khalid.

— Investiguei. Nessa época, ela estava a trabalhar num *pub* onde ganhava o salário mínimo. Quinze dias depois, depositou mais duas mil e quinhentas libras.

— Interessante.

— Suspeito — corrigiu-o Edmunds. — Por isso, investiguei as contas das nossas outras vítimas durante esse período e encontrei dois levantamentos de valores idênticos feitos pelo Sr. Vijay Rana.

— Porque é que o irmão do Khalid transferiria cinco mil libras para a conta de uma empregada de bar?

— É isso que eu lhe vou perguntar.

— Trata disso. Excelente trabalho, Edmunds.

Às 16 horas, Wolf ouviu o barulho abafado dos agentes na passagem de turno do lado de fora da porta. Depois do incidente daquela manhã, tinham desligado a televisão, porém, não passava de um gesto simbólico, uma vez que conseguiam ouvir distintamente que o mar de espectadores, carros da Polícia e repórteres que se aglomeravam na estrada lá em baixo não faziam planos para arredar pé.

Exceptuando dois episódios efémeros, Ford mantivera a recente calma e dera a Wolf e a Finlay uma rara perspectiva do homem que em tempos fora. Se alguma coisa mudara, ele parecia rebelde, determinado, incitado pela multidão sedenta de sangue que aguardava expectante lá em baixo.

— Já permiti que um assassino em série destruísse a minha vida. Não vou

permitir que outro decida quando acabar com ela.

— É esse o espírito — disse Finlay, incentivando-o.

— Vou retomar as rédeas da situação — disse Ford. — E hoje parece-me um dia tão bom como qualquer outro.

Por precaução, tinham fechado todas as janelas e baixado as persianas. Apesar de terem ido buscar uma ven-toinha ao fundo do corredor, a sala estava abafada. Wolf desabotoou os punhos e arregaçou as mangas, deixando à vista a queimadura ainda em fase de cicatrização que lhe cobria o braço esquerdo.

— Nunca perguntei — disse Ford, fazendo sinal para o ferimento de Wolf. — O que aconteceu?

— Não foi nada — retorquiu Wolf.

— Ficou ferido quando o *mayor* Turnble... — Finlay não terminou a frase.

— Quer dizer que vocês os dois estão a correr um enorme risco só por estarem ao pé de mim, não é verdade? Tanto quanto sabem, ele pode lançar um *rocket* para aqui.

Era evidente que Finlay não pensara nisso e olhou preocupado para Wolf.

— De qualquer maneira, já não me resta muito tempo — disse Wolf jovialmente enquanto espreitava por uma frincha na persiana.

— Não quero que alguém se magoe por minha causa — disse Ford.

Wolf estivera a observar, durante cinco minutos, um grupo de três pessoas na rua. Tinha chamado a sua atenção porque se tinham afastado dos outros espectadores e pareciam estar à espera de alguma coisa. Dois deles tinham levado um enorme saco de lona para aquele sítio, tendo-o pousado no meio da estrada cortada ao trânsito. Wolf observou-os a colocar máscaras de animais diferentes sobre os rostos. Pouco depois, juntaram-se-lhes mais seis pessoas.

— Finlay! — chamou Wolf junto à janela. — Consegues contactar os agentes que estão lá em baixo?

— Consigo. O que se passa?

— Problemas.

Dois dos mascarados, um macaco dos desenhos animados e uma águia, agacharam-se e abriram o saco. Tiraram de lá o que precisavam, abriram

caminho por entre a multidão e passaram por baixo da fita de delimitação da Polícia.

— Assassino de crianças! — gritou uma das vozes ligeiramente abafada.

— Salvador do *Cremador*! — gritou uma voz de mulher.

Os agentes responsáveis pelo controlo de massas não tardaram a afastar as duas pessoas que tinham transposto o cordão, mas as restantes sete, que haviam ficado para trás, tinham agora chamado a atenção dos meios de comunicação social ao tirarem do enorme saco faixas, cartazes e um megafone. Uma mulher com uma máscara de tubarão desatou a arengar no meio da rua já de si estridente.

— O Andrew Ford merece aquilo que o espera! — bradou. — Se não tivesse salvado o *Cremador*, a Annabelle Adams ainda estaria viva!

Wolf perscrutou a reacção de Ford, esperando vê-lo a perder as estribeiras outra vez. Surpreendentemente, nem se mexera. Estava sentado a ouvir a voz distorcida que lançava sobre ele um ataque. Sem saber bem o que dizer, Finlay voltou a ligar a televisão, encontrou um programa infantil e aumentou o volume na tentativa de abafar a agitação no exterior. De repente, Wolf pensou que aquele enorme salão sombrio em tudo se assemelhava ao miserável apartamento de Ford.

— Poupai Satanás, e Deus vos castigará!

A multidão tinha começado a entoar repetidamente o mesmo falso mote religioso. Um deles falava animadamente com um repórter enquanto o cabecilha do grupo sugeria que Ford estivera envolvido com Khalid desde o início.

— Isto já aconteceu antes? — perguntou Wolf a Ford sem desviar o olhar da ameaça vinda de baixo.

— Assim, não — respondeu Ford, absorto. Num murmúrio quase inaudível, entoou o mesmo mote. — Poupai Satanás, e Deus *me* castigará.

Alguns agentes que estavam na rua tinham rodeado a multidão que protestava; porém, enquanto estes não perturbassem a ordem, não tinham fundamentos para os poder dispersar. Wolf gesticulou para que Finlay se juntasse a ele na janela.

— Achas que ele está por detrás disto? — segredou Finlay, adivinhando os seus pensamentos.

— Não sei. Mas alguma coisa não está bem.

— Queres que vá lá abaixo fazer umas perguntas? — ofereceu-se Finlay.

— Não. Tu entendes-te melhor com ele do que eu. Eu vou.

Wolf olhou uma última vez para o grupo de mascarados antes de se encaminhar para a porta.

— Wolf — disse Ford quando ele ia a sair. — Retomar as rédeas da situação.

Wolf sorriu educadamente ante aquele bizarro comentário, encolheu os ombros para Finlay e saiu da sala. Assim que chegou ao piso térreo, recebeu um telefonema de Edmunds, que o pôs ao corrente da sua descoberta sobre Ashley Lochlan.

— Ela só aceita falar contigo — disse Edmunds.

— Estou ocupado — retorquiu Wolf.

Ainda mal dera um passo fora da Embaixada quando uma onda de repórteres desabou na sua direcção. Pensou se não teria sido melhor enviar Finlay. Ignorando os gritos que clamavam o seu nome, passou por baixo da fita de delimitação e abriu caminho à força, seguindo o som dos cânticos.

— É importante — disse Edmunds. — Ela pode finalmente revelar-nos qual a ligação entre todas as vítimas. A partir daí, teremos uma hipótese concreta de descobrir quem é o autor destas atrocidades.

— Ótimo. Manda-me o número por mensagem de texto. Ligo-lhe quando puder.

Wolf desligou. Abrira-se um amplo espaço à volta dos sete elementos mais tumultuosos. De perto, as máscaras de animais tinham um aspecto muito mais sinistro: vozes virulentas jorravam dos sorrisos inabaláveis e olhos furiosos lançavam chispas pelos orifícios escuros no plástico. O mais assustador, tanto em termos de estatura como de comportamento, envergava uma máscara de lobo com mandíbulas descaídas. Segurava dois cartazes unidos por cima da cabeça enquanto batia os pés à volta dos outros, entoando cânticos agressivos. Wolf reparou que mancava ligeiramente, talvez devido a uma antiga lesão deixada por uma bala de borracha no seu traseiro.

Certificando-se de que evitava aproximar-se daquele homem agitado, Wolf acercou-se da mulher com máscara de tubarão, que ainda segurava o

microfone junto à boca. Arrancou-lho da mão a meio da frase e atirou-o contra a parede do edifício por trás, onde se desfez com uma chiadeira de electricidade. As incriminatórias câmaras de filmar seguiam avidamente todos os seus movimentos.

— Ei! Você não pode... Espere lá, você não é aquele detective? — perguntou a mulher, adoptando agora um timbre muito mais feminino e de classe média.

— O que estão aqui a fazer? — exigiu saber Wolf.

— A protestar — respondeu, encolhendo os ombros.

Wolf conseguiu perceber o seu sorriso presunçoso escondido por detrás da máscara e mostrou uma cara de poucos amigos.

— Meu Deus. Acalme-se. — A mulher levantou a máscara. — A verdade é que não sei. Nenhum de nós sabe. Há um *website* onde as pessoas publicitam, por exemplo, *flash mobs* ou pedem a raparigas que se ponham à porta de hotéis para fazer com que as *boy bands* pareçam mais populares. Hoje, pediam que as pessoas simulassem um protesto.

— Que *website* é esse?

A mulher entregou-lhe um panfleto com os dados impressos.

— Estavam a distribuí-los na faculdade onde estou a estudar.

— Pagam-lhes para fazerem isto? — indagou Wolf.

— É claro. Por que outro motivo o faríamos?

— Pareceu-me muito convincente há pouco.

— Chama-se a isso *representação*. Eu estava a ler um cartão.

Wolf tinha consciência do número de pessoas que os escutava. Num mundo ideal, ele não a interrogaria em directo para a televisão.

— Como é que vos pagam?

— Em numerário, dentro de um saco. Cinquenta libras a cada. — Pareceu aborrecida com as perguntas. — E, antes que pergunte, encontrámo-nos todos junto a um túmulo no Cemitério de Brompton. O saco já estava lá à nossa espera.

— De quem?

— O saco?

— O túmulo!

— Aquele nome que eu li: Annabelle Adams?

Wolf tentou esconder a sua surpresa ao ouvir a resposta.

— Aquele saco e tudo o que tem dentro são provas de uma investigação de homicídio — disse ele, atirando, com um pontapé, o saco vazio para a frente do grupo.

Todos se lamentaram e soltaram imprecações, mas obedeceram à ordem física e lançaram os cartazes, as faixas e os cartões com os dizeres, formando uma pilha desordenada.

— E as máscaras — rosnou Wolf, impaciente.

Um após outro, entregaram relutantemente seis das máscaras coloridas. Dois deles apressaram-se a cobrir as cabeças com os capuzes, de modo a esconderem as suas identidades, apesar de, tecnicamente, nada terem feito de errado.

Wolf virou-se para o último dos revoltosos, que tinha a máscara de lobo e que até ali ignorara as instruções. O homem corpulento continuava a gritar a bom som enquanto batia os pés com força pelo perímetro que conseguira abrir entre a turba, como se marcasse a sua área. Wolf pôs-se à frente dele. O lobo de aspecto ironicamente amistoso fora retratado a lamber os lábios e a salivar. Deu um encontrão em Wolf e prosseguiu a sua marcha.

— Vou precisar disso — gritou Wolf, indicando os dois cartazes que o homem segurava acima da cabeça e nos quais se podiam ler as palavras do agora familiar cântico.

Wolf cortou o caminho ao homem e preparou-se para o pior. Era precisamente o tipo de pessoa que Wolf esperaria que respondesse a um anúncio daqueles, escondendo-se por detrás de uma máscara, ganhando poder no anonimato, oportunisticamente procurando grandes ajuntamentos e forças de segurança atarefadas para cometer clamorosos actos de violência, vandalismo e furto.

Wolf não sentia qualquer pejo em dar voz de prisão ao arruaceiro, que parou a escassos centímetros da sua cara. Não estava habituado a ter de se endireitar para ficar ao mesmo nível de outra pessoa e recuou ligeiramente ao sentir o cheiro a medicamentos e a podridão que parecia emanar de detrás do plástico. Assustadoramente, os selváticos olhos azul-claros que o fitavam pareciam de facto pertencer à criatura.

— Os cartazes. Imediatamente — disse Wolf num tom que teria

intimidado qualquer pessoa que conhecesse o seu controverso passado.

Wolf recusou-se a desviar o olhar. O homem inclinou a cabeça, como se fosse um verdadeiro animal: inquisitivo, a avaliar um novo adversário. Wolf conseguia sentir as câmaras atrás de si, absorvendo a tensão do impasse e rezando para que subisse de tom. Subitamente, o homem atirou para o chão de cimento os dois cartazes que tivera nas mãos.

— E a máscara — disse Wolf.

O homem não deu sinais de querer obedecer.

— A máscara — repetiu.

Desta vez, foi Wolf quem se inclinou agressivamente para a frente. Conseguia sentir a ponta do nariz de plástico a roçar o seu, o cheiro nauseabundo, como se partilhassem o hálito quente um do outro. Ficaram assim durante uns dez angustiantes segundos, até que, para surpresa de Wolf, os olhos claros do homem olharam para os pisos superiores da Embaixada atrás de si. A toda a volta, as pessoas começaram a resfolegar e a gritar ao verem o que o lobo vira.

Wolf virou-se e lobrigou Ford precariamente equilibrado no telhado inclinado enquanto Finlay estava pendurado numa pequena janela a rogar-lhe que voltasse para dentro. A multidão inspirou fundo quando Ford saiu do alcance das mãos de Finlay e foi a cambalear pelo telhado até uma chaminé, como um trapezista a perder o equilíbrio na corda bamba.

— Não, não, não! — sibilou Wolf.

Deu um empurrão ao protestante que o enfrentava e começou a abrir caminho pelo meio da multidão. Viam-se as cabeças de agentes da protecção diplomática a espreitar em algumas janelas ao lado de Ford e no andar de baixo.

— Não faça isso, Andrew! — gritou Finlay, que estava agora no parapeito da janela com metade do corpo deitado sobre o instável telhado.

Uma telha partiu-se e uma parte dela pareceu tombar numa queda eterna até se despedaçar lá em baixo, no pára-brisas de um carro da Polícia.

— Não te mexas, Finlay! — gritou Wolf emergindo do mar de pessoas. — Não te mexas!

— Wolf! — gritou Ford.

Wolf parou com uma derrapagem e olhou fixamente para o homem cujo

cabelo desalinhado esvoaçava sob uma brisa que nem sequer se conseguia sentir na rua. Podia ouvir a sirene de um carro dos bombeiros atravessando a cidade a grande velocidade na direcção deles.

— Temos de retomar as rédeas da situação! — repetiu Ford, mas desta vez Wolf percebeu o significado.

— Se fizer isso... Se você morrer, ele ganha! — gritou Finlay. Agachado no declive do telhado, agarrou-se desesperadamente ao parapeito da janela enquanto mais detritos choviam sobre a rua.

— Não. Se *eu* fizer isto, *eu* ganho.

Ford largou a chaminé e levantou os braços trémulos para se equilibrar. O tráfego na artéria principal imobilizara-se enquanto as pessoas abandonavam os seus veículos para assistirem em primeira mão a esta notícia mundial. À excepção das notícias murmuradas por repórteres distraídos, a turba na rua mantinha-se em silêncio. O carro dos bombeiros não poderia estar a mais de algumas ruas de distância.

Finlay conseguira rastejar metade da distância que separava a segurança da janela e a chaminé. Ouviram-se gritos de horror dos espectadores quando Ford quase perdeu o equilíbrio. Fechou os olhos com os braços esticados e baloiçou-se, vacilante, sobre a beira.

— As coisas acontecem — disse ele tão baixo que apenas Finlay conseguiu ouvi-lo.

Depois, deixou-se cair para a frente.

Finlay precipitou-se para ele, mas Ford já estava fora do seu alcance. Wolf não teve alternativa se não assistir sem nada poder fazer, juntamente com as outras duzentas pessoas que estavam na rua, enquanto o corpo caía a pique, silenciosamente, em frente às janelas e desaparecia de vista na zona de serviço da cave com um baque surdo.

Por instantes, tudo parou — e então o exército de repórteres avançou numa vaga, conseguindo ultrapassar a barreira policial na sua ânsia de transmitir as primeiras macabras imagens da tragédia. Wolf correu até à escada de metal preto da saída de emergência e saltou os últimos seis degraus com a pressa de chegar a Ford. Ao acercar-se do corpo, que se retorcera de forma pouco natural com o impacto, percebeu que estava em cima da copiosa quantidade de sangue que se derramara livremente da parte

de trás do crânio do irlandês.

Antes mesmo de verificar se ele tinha pulsação, o sol deixou de incidir sobre o recente cadáver, tapado pelas sombras das pessoas por cima. Demasiado traumatizado para se importar com o facto de que estava indubitavelmente a posar para outra icónica fotografia, Wolf encostou-se à parede, rodeado pela crescente poça de sangue, e esperou que chegasse ajuda.

Três minutos depois, a área de serviço fervilhava de polícias e paramédicos. Wolf levantou-se para regressar ao nível do solo, de onde poderia ver os bombeiros resgatar do telhado Finlay, que estava agora agarrado com toda a força à chaminé. Um rasto de pegadas rubras seguiu Wolf até às escadas de metal, onde teve de esperar para que um médico legista obeso terminasse a sua longa descida.

Wolf enfiou as mãos nos bolsos e franziu o cenho, aturdido. Retirou um pedaço de papel desconhecido e abriu-o com cuidado, revelando uma única impressão digital ensanguentada no centro da página amarrotada. Do outro lado, conseguia ver vestígios de letras pretas. Virou a folha e viu uma breve mensagem redigida com a característica letra do assassino:

Bem-vindo.

Fitou a mensagem absolutamente atónito, pensando há quanto tempo andaria com ela no bolso e como o assassino conseguira...❖

A máscara de lobo!

— Saia da frente! — gritou Wolf empurrando o pesado médico nas escadas.

Desembocou no meio da caótica rua, procurando freneticamente qualquer um dos protestantes no meio da multidão. Abrindo passagem por entre pessoas que guardavam equipamento ou que abandonavam o local agora que o espectáculo terminara, chegou ao sítio onde os cartazes e as faixas confiscados tinham sido atirados para um monte.

— Afastem-se! — gritou para os espectadores atrasados enquanto se empoleirava num banco para conseguir ver melhor.

Lobrigou alguma coisa no chão no meio da rua e abriu caminho até lá.

Encontrou a máscara de plástico do lobo estalada e suja no sítio onde fora atirada para o chão.

Wolf baixou-se para a apanhar, consciente de que o assassino ainda andava à solta, a observá-lo, a rir-se dele, regozijando-se com o inegável poder que exercera sobre Ford, que continuava a exercer sobre os meios de comunicação social e, por muito que Wolf detestasse admiti-lo, sobre ele próprio.◆

St Ann's Hospital

Quarta-feira, 6 de Outubro de 2010

10h08

Wolf fitou os jardins mosqueados pelo sol que circundavam o majestoso edifício antigo. Os poucos retalhos de luz que tinham conseguido abrir caminho pela altaneira folhagem moribunda adejavam pelo relvado bem aparado em sintonia com a suave brisa.

Até a concentração necessária para desfrutar daquela paisagem tranquila estava a deixar marcas na sua mente fatigada. Os medicamentos que era obrigado a tomar duas vezes por dia deixavam-no num permanente estado de semiconsciência, não a cálida descoordenação de um aturdimento instigado pelo álcool, mas um estupor mais distante, apático, derrotado.

Ele compreendia a necessidade. As áreas comuns eram ocupadas por pessoas que apresentavam todo o espectro de doenças mentais: os suicidas partilhavam as mesas com os que haviam tirado vidas, os depressivos com sentimentos de inutilidade conversavam com outros que ostentavam delírios de grandeza. Era a receita para uma catástrofe diluída em fármacos. No entanto, Wolf não conseguia deixar de sentir a necessidade de se controlar mais do que efectivamente curar-se.

Estava a perder a noção dos dias e das semanas, numa existência confinada às rotinas surreais do hospital, onde ele e os seus pares em cativeiro vagueavam sem rumo nos uniformes semelhantes a pijamas, recebendo ordens sobre quando deveriam comer, lavar-se e dormir.

Wolf não sabia bem que percentagem da sua actual condição poderia atribuir aos fármacos e à exaustão provocada pela insónia. Mesmo naquele estado semicatatónico, temia a noite, a azáfama antes da borrasca, quando

os funcionários que faziam o turno da noite, de olhos encovados, acompanhavam os doentes aos respectivos quartos e ao encarceramento que trouxera ao de cima a verdadeira psicose abarcada pelas paredes daquele belo e provecto hospital. Todas as noites se punha a pensar por que motivo aquelas pessoas lutavam, petrificadas por ficarem sozinhas, com os seus patéticos lamentos no meio das trevas.

— Abra a boca — ordenou a impaciente enfermeira por cima dele.

Wolf abriu a boca e pôs a língua de fora para demonstrar que tinha engolido a mão-cheia de comprimidos de cores berrantes.

— Percebe porque tivemos de o transferir para o pavilhão de segurança, não percebe? — perguntou-lhe ela, como se estivesse a falar com uma criança.

Wolf não respondeu.

— Se eu puder dizer à Dr.^a Sym que tem tomado a medicação, tenho a certeza de que ela o tira daqui.

Quando Wolf voltou a focar a atenção na janela, a enfermeira bufou, amuada, e foi chatear outro doente qualquer.

Estava sentado num canto sossegado da sala de convívio, uma reprodução quase perfeita da sala de convívio da escola secundária que frequentara, completada com cadeiras de escola cor de laranja-claras de empilhar. O *Homem do Ténis de Mesa* estava cada vez mais zangado, conforme acontecia todos os dias a esta hora, conseguindo de algum modo perder o jogo que fazia consigo mesmo. As *Duas Senhoras de Rosa*, nome pelo qual Wolf as conhecia, epíteto dado graças aos uniformes cor-de-rosa, estavam a construir modelos simples em plasticina, e um grupo de pessoas ocupava uns sofás esfarrapados à volta da grande televisão; teve a vaga sensação de terem referido o seu nome antes de um elemento da equipa hospitalar ter ido a correr mudar o canal, onde se via o *mayor* de Londres, para um episódio do *Bob Esponja Calça Quadrada*.

Wolf abanou a cabeça sem querer acreditar na cena de infantário que se desenrolava diante de si, após aquela que fora uma noite especialmente tumultuosa e violenta na enfermaria residencial. Uma das *Senhoras de Rosa* misturava alegremente sangue na sua flor de plasticina. Wolf estremeceu enquanto ela continuou, ignorando a dor nas unhas destruídas,

presumivelmente ao arranhar freneticamente a porta que não cedia.

Pôs-se a pensar se partilharia estas peculiaridades com aquelas pessoas: a capacidade para tais extremos. No seu íntimo, sabia que teria matado Khalid diante daquelas pessoas, independentemente das consequências, tendo perdido todo o sentido de autopreservação.

Tê-lo-ia despedaçado.

Talvez as pessoas «normais» tivessem mais controlo sobre as suas emoções. Talvez aquilo que era considerado normal, na realidade, não o fosse.

Os seus pensamentos foram interrompidos quando um homem alto de origem africana, na casa dos vinte anos, se levantou em frente da televisão e se aproximou da mesa dele junto à janela. Exceptuando as raras ocasiões em que fora absolutamente impossível, Wolf evitara qualquer contacto pessoal desde o seu internamento compulsivo. Tal desígnio estendera-se mesmo a Andrea, que desistira de telefonar para o hospital e fizera uma viagem em vão, tendo ele recusado sair do quarto.

Wolf já vira aquele homem. Usava sempre um uniforme vermelho-claro e andava descalço. Wolf julgara-o, acima de tudo, recatado e meditativo, motivo pelo qual ficou abismado quando ele gesticulou para uma das cadeiras de plástico e aguardou pacientemente uma resposta.

Wolf assentiu.

O homem puxou cuidadosamente a cadeira e sentou-se. Um ténue odor a infecção rodeou-o quando ele estendeu as duas mãos para Wolf, unidas pelas algemas de metal com que o presenteavam sempre que entrava nas zonas comuns.

— Joel — disse o homem com um vincado sotaque do Sul de Londres.

Wolf mostrou-lhe o pulso enfaixado para se desculpar por não o cumprimentar. Não obstante o comportamento calmo do homem, parecia não conseguir ficar parado, e Wolf podia ouvir um pé a bater nervosamente no chão debaixo da mesa.

— Bem me queria parecer que o conhecia — disse Joel com um sorriso enquanto apontava para Wolf com as duas mãos. — Assim que entrou por aquela porta, pensei: «Eu conheço-o.»

Wolf esperou pacientemente.

— Quando vi o que fez, pensei com os meus botões: «Este tipo não se limita a *supor* que ele é o *Cremador*; ele *sabe*.» Certo? Foi aquela aberração que assassinou as meninas. Certo? E eles deixaram-no sair em liberdade.

Wolf anuiu.

Joel praguejou e abanou a cabeça.

— Você tentou. Fez o que estava certo ao atirar-se a ele daquela maneira.

— Sabe uma coisa? — começou Wolf, falando pela primeira vez em semanas. A sua voz soou-lhe diferente daquilo que se lembrava. — Agradeço as suas palavras, mas provavelmente significariam mais se não o tivesse visto a murmurar para uma terrina de cereais a manhã inteira.

Joel pareceu sentir-se ligeiramente insultado.

— Um homem com um deus saberia distinguir entre murmurar e rezar — disse Joel em jeito acusatório.

— E um homem de mente sã saberia distinguir entre uma terrina de *Coco Pops* e o seu deus — gracejou Wolf com um inconsciente sorriso afectado. Subitamente, percebeu como sentia falta de trocar insultos com os seus colegas.

— Está bem, está bem. Como quiser... — disse Joel, levantando-se. — Vemo-nos por aí, *detective*.

Joel começou a afastar-se, mas parou e virou-se novamente para Wolf.

— O meu avô costumava dizer: «Um homem sem inimigos é como um homem sem princípios.»

— Sábias palavras — concordou Wolf. Sentiu-se exausto com aquela conversa fugaz. — Mas acredito que conselhos desses sejam também o motivo por que está aqui.

— *Nah*. Fui eu que escolhi estar aqui, não fui?

— Não me diga!

— Enquanto estiver aqui, estarei vivo.

— «Um homem sem inimigos...» — repetiu Wolf, pensativamente.

— Eu já não tenho inimigos, *detective*... — disse Joel, voltando as costas a Wolf e afastando-se... — O problema é esse.

Capítulo 24

Quarta-feira, 9 de Julho de 2014

2h59

O relógio de Edmunds emitiu o aviso sonoro das 3 horas. Estava sentado no centro de um charco de luz que jorrava de uma lâmpada que soltava um zumbido e baloiçava do tecto alto do armazém central. Era a quarta vez que visitava os arquivos e percebeu que tinha começado a ansiar por aquelas noites solitárias.

Achava a eterna escuridão relaxante e a temperatura controlada agradável: suficientemente quente para despir o casaco, mas fresca o bastante para o manter desperto e alerta. Quando inspirou outra golfada de pó, notando as partículas a revoltear no ar à sua volta, sentiu-se assoberbado pelo desmedido volume de história ali enterrada.

Era como um jogo infinito. Dentro das dezenas de milhares de caixotes de cartão idênticos havia um quebra-cabeças à espera de ser verificado ou, quiçá, até desvendado pela primeira vez. Era mais fácil concentrar-se no desafio que lhe colocavam do que na perturbadora conclusão de que todas aquelas caixas uniformes representavam uma vida perdida, vidas destruídas, todas alinhadas numa fila organizada e a desfrutar do reverente silêncio, como sepulcros numa catacumba.

Os acontecimentos do dia haviam confirmado indubitavelmente as suas suspeitas. Mais uma vez, o assassino soubera onde encontrar o seu alvo supostamente escondido.

Baxter estava a ser ingénua.

Era verdade que algum funcionário da Embaixada poderia ter revelado o paradeiro de Andrew Ford; o problema é que este não fora um caso isolado.

Esta era a quarta ocasião em que tinham sido traídos e, o que era pior, apenas ele percebia isso.

Voltara a mentir a Tia ao dizer-lhe que lhe calhara em sorte fazer uma operação de vigilância, conseguindo assim mais uma preciosa noite para investigar o passado do assassino. Edmunds tinha a certeza de que estavam ali, algures no enorme armazém, os primeiros passos inseguros do monstro que investia agora contra eles com toda a pujança.

Na noite de segunda-feira deparara-se com um caso não resolvido, de 2008, em que um fundamentalista islâmico de origem nacional morrera numa cela segura. Ninguém tinha entrado nem saído do edifício durante a hora estimada do óbito e as imagens do circuito fechado de televisão corroboravam isso mesmo. O cadáver do jovem saudável de vinte e três anos revelava sinais de asfixia; porém, não tinham sido encontradas provas que suportassem a suspeita, tendo a morte acabado por ser atribuída a causas naturais.

Nas suas pesquisas na Internet, também descobrira a morte suspeita de um fuzileiro numa base militar. Depois da promissora identificação que Joe conseguira da pegada, Edmunds fizera um pedido formal por escrito à Polícia Militar, solicitando que lhe divulgassem todo o processo em arquivo, mas ainda não obtivera resposta.

Passara a última hora a investigar as provas de um homicídio que ocorrera em 2009. O herdeiro de uma multinacional de equipamentos electrónicos desaparecera misteriosamente do quarto de hotel apesar de ter dois guardacostas a menos de sete metros no quarto contíguo. No local fora encontrado sangue suficiente pertencente ao jovem para que fosse dado como morto, mas o corpo nunca fora encontrado. A Polícia não tinha achado impressões digitais, ADN ou imagens das câmaras de segurança que permitissem sequer começar a procurar um assassino, o que significava que Edmunds não dispunha de qualquer dado que lhe permitisse estabelecer uma ligação aos assassinios da *Boneca de Trapos*. Tomou nota da data e voltou a guardar o conteúdo no caixote.

O ar fresco mantinha-o alerta. Não se sentia minimamente cansado, mas prometera a si mesmo que, na pior das hipóteses, regressaria a casa por volta das 3 horas para dormir um pouco antes de ir trabalhar. Consultou

outra vez a sua lista dos cinco outros casos que investigara e suspirou. Pôs-se de pé, voltou a guardar o caixote na respectiva prateleira e começou a percorrer o longo corredor sombrio.

Quando estava a chegar ao fim das altas unidades de arquivo, percebeu que as datas dos rótulos haviam chegado a Dezembro de 2009, o mesmo mês do próximo assassinio da lista. Consultou o relógio: eram 3h07.

— Mais um — disse para com os seus botões enquanto procurava a caixa adequada e a arrastava da prateleira.

Às 8h27, Wolf entrou para o pouco convidativo bloco de apartamentos numa decrepita rua secundária da Plumstead. Desistira novamente de dormir, sobretudo porque agora tinha a perturbadora imagem da máscara de lobo para juntar à sua lista de motivos para não fechar os olhos durante qualquer período de tempo. O excesso de confiança do assassino abalara-o. Correria um enorme risco ao aproximar-se da Embaixada, fora imprudente ao juntar-se ao protesto que organizara e narcisicamente autodestrutivo ao confrontar Wolf daquela maneira.

Wolf lembrava-se de Edmunds lhes ter afiançado que o assassino não conseguiria resistir a aproximar-se cada vez mais à medida que o tempo fosse passando, atraído por um ardente desejo de eventualmente ser apanhado. Pôs-se a pensar se o incidente à porta da Embaixada fora um pedido de ajuda do criminoso, mais por desespero do que por arrogância.

Subiu as escadas enlameadas, tentando lembrar-se se chovera desde as tempestades da semana anterior. No segundo andar, abriu uma porta corta-fogo a desfazer-se que dava acesso ao corredor amarelento. Não havia qualquer sinal dos dois agentes da Polícia que deveriam estar a montar guarda à porta de Ashley Lochlan.

Aproximou-se do Apartamento 16, que parecia ter a única porta pintada de fresco em todo o edifício, e estava prestes a bater quando os dois agentes saíram atabalhoadamente para o corredor com tostas e chávenas de café nas mãos. Assustaram-se ambos com a presença do imponente detective.

— Bom dia — disse a agente com a boca cheia de *bacon* e pão torrado.

O estômago de Wolf roncou.

Ela ofereceu-lhe a outra metade do seu pequeno-almoço que,

educadamente, ele recusou.

— Sabe quando irão levá-la? — perguntou-lhe o colega de aspecto juvenil.

— Ainda não — respondeu Wolf um pouco bruscamente.

— Oh, não me interprete mal — apressou-se o homem a acrescentar. — Muito pelo contrário; ela é encantadora. Vamos sentir a falta dela.

A agente concordou com a cabeça. Wolf ficou espantado. O fidedigno conjunto de estereótipos de que sempre se servira fizera-o esperar uma mulher de pijama envolta numa nuvem de fumo do outro lado da porta, mas era evidente que os dois agentes não tinham qualquer pressa de ir embora.

— Ela acabou de entrar no duche. Eu indico-lhe o caminho.

A agente abriu a porta da frente e conduziu-o ao interior do apartamento imaculado que cheirava a café e *bacon* acabados de fazer. Uma brisa quente fazia abanar os cortinados de rede do outro lado das flores coloridas em cima da mesa da sala de estar. O espaço airoso fora decorado com gosto com cores pastel e soalho de madeira verdadeira com bancadas a condizer. Uma parede estava completamente coberta por fotografias e os utensílios de cozinha secavam ao lado da pia. Wolf conseguia ouvir água a correr na divisão contígua.

— Ashley! — gritou a agente.

A água parou.

— Está aqui o inspector Fawkes para falar consigo.

— Ele é tão bem-parecido como parece na televisão? — respondeu um delicado sotaque de Edimburgo.

A agente ficou embaraçada e depois, para seu terror, Ashley continuou.

— É verdade que parece precisar de uma boa ensaboadela antes de alguém poder levá-lo a algum sítio, mas...

— Para dizer a verdade, está com ar de quem pode adormecer a qualquer momento — interrompeu-a a agente.

— Diga-lhe que tem café na cozinha quando o deixar entrar.

— Ashley...

— Sim?

— Ele já está cá dentro.

— Oh! Ele ouviu-me?

— Ouviu.

— Merda.

A agente estava ansiosa por deixar aquela situação embaraçosa e saiu apressadamente para se juntar ao colega no exterior. Wolf conseguia ouvir coisas a raspar, a pulverizar e a fechar do outro lado da diáfana separação e, constrangido, cheirou o próprio corpo enquanto estava diante da parede com as fotografias. Eram simples e genuínas: em todas elas, aparecia uma mulher bonita com amigos na praia, sentada num parque com um homem mais velho, na Legoland com aquele que parecia ser o seu filho pequeno. Sentiu um aperto no coração ao fitar as duas expressões de júbilo naquele que teria sido, obviamente, um dia perfeito.

— É o Jordan. Tem seis anos — disse uma voz atrás de si com aquele sotaque atraente totalmente diferente dos tons ásperos do de Finlay.

Wolf virou-se e deu de caras com a mesma mulher deslumbrante das fotografias a secar os cabelos loiro-escuros com a toalha junto à porta da casa de banho. Tinha acabado de vestir uns minúsculos calções *denim* e um *top* cinza-claro. O olhar de Wolf demorou-se nas suas longas pernas reluzentes antes de se voltar embaraçado para a fotografia.

— Não sejas atrevido — murmurou entredentes.

— Como disse?

— Perguntei onde é que ele está.

— Tenho a certeza de que disse: «Não sejas atrevido.»

— Não. — Wolf abanou a cabeça de forma inocente.

Ashley olhou-o com ar divertido.

— Mande-o para junto da minha mãe depois de... Bem, na realidade, depois de aquele desvairado assassino em série ter ameaçado matar-nos a todos.

Wolf estava a fazer um esforço desmesurado para não olhar fixamente para as pernas dela.

— Ashley — disse ela, estendendo-lhe a mão.

Wolf viu-se obrigado a caminhar até ela, a cheirar o champô de morango com que acabara de lavar o cabelo, a reparar nos seus cintilantes olhos cor de avelã e a notar as manchas escuras do *top* que estava a usar e onde a pele molhada humedecera o fino material.

— Fawkes — disse ele depois de quase lhe esmagar a mão na dele. Afastou-se o mais depressa que conseguiu.

— Não é William?

— Não é William.

— Nesse caso, pode tratar-me por Lochlan — disse ela com um sorriso presunçoso, antes de o sondar de cima a baixo.

— O que foi?

— Nada. É só que... parece diferente em pessoa.

— Bem, é que a imprensa só me fotografa quando estou ao lado de um cadáver, daí... a cara triste.

— Está a querer dizer-me que essa é a sua cara alegre? — perguntou Ashley, dando uma gargalhada.

— Esta? — redarguiu Wolf. — Não. Esta é a minha cara de herói incompreendido que não dorme há uma semana, talvez a única pessoa suficientemente corajosa e inteligente para apanhar um genial assassino em série.

Ashley soltou uma gargalhada.

— Não me diga.

Wolf encolheu os ombros enquanto ela o fitou, intrigada.

— Pequeno-almoço? — sugeriu.

— O que há?

— O melhor café do mundo mesmo ao fundo da rua.

— Primeiro: o melhor café do mundo é do Sid's, na esquina da minha rua. Segundo: você está sob custódia domiciliária. Não pode sair.

— Você proteja-me — disse ela, ignorando-o enquanto começou a fechar as persianas.

Wolf ficou sem saber o que fazer. Sabia que não deveria fazer-lhe a vontade, mas estava a gostar da conversa e não queria fazer nada para a estragar.

— Vou só calçar-me — disse ela, dirigindo-se ao quarto.

— Também podia pensar em vestir umas calças — sugeriu ele.

Ashley parou e olhou-o, fingindo-se ofendida. Apanhou-o a olhar outra vez para as suas pernas antes de conseguir desviar o olhar.

— Porquê? Estou a deixá-lo nervoso?

— Longe disso — atalhou Wolf com indiferença. — É que está com um aspecto horrível. *Bah!* Não posso levá-la assim à rua.

Ashley riu-se novamente ao ouvir o insulto pouco convincente. Foi até ao estendal da roupa, tirou o *top* de dentro dos calções de modo a taparem-lhe a parte de cima das coxas e despiu os calções *denim*. Wolf ficou demasiado embasbacado para sequer tentar desviar o olhar. De seguida, enfiou umas calças de ganga pré-lavada, justas e rasgadas, antes de apanhar com facilidade o cabelo num rabo-de-cavalo em desalinho que só serviu para a tornar ainda mais atraente.

— Está melhor? — perguntou.

— De maneira alguma — respondeu ele, honestamente.

Ela brindou-o com um sorriso afectado. Não era costume comportar-se assim, porém, olhando ao facto de talvez só lhe restarem três dias de vida, estava a gostar de flirtar com o homem a quem só restavam cinco. Enfiando os pés numas *Converse All Stars* bastante puídas, pegou nas chaves que estavam em cima da mesa da cozinha.

— Qual a sua opinião sobre as alturas? — perguntou-lhe baixinho.

— Não quero cair delas — respondeu, sem perceber a pergunta.

Ashley sorriu. Passou em bicos de pés pela porta da frente, saiu para a varanda e depois virou-se para Wolf.

— Vamos?

Wolf achou que Ashley tinha exagerado no elogio ao desolado pequeno café. O conteúdo do seu pequeno-almoço de fritos parecia ter vida própria enquanto os vários produtos deslizavam no prato sobre uma película de gordura. Ashley nem sequer conseguira acabar a sua torrada. Suspeitava de que ela só quisesse uma desculpa para sair do apartamento e nunca ali entrara, pois duvidava que alguém caísse no mesmo erro duas vezes.

— Sem ofensa, Lochlan, mas este café é...

— Eu trabalho aqui.

— ... bom. É bom.

Tinham atraído imensos olhares ao longo da curta viagem pela rua principal, embora Wolf não tivesse a certeza se eram pessoas que os reconheciam ou que simplesmente tinham ficado a olhar fixamente para

Ashley. Haviam escolhido um lugar junto à janela, o mais afastado possível dos outros comensais com estômago de aço, e conversaram facilmente sobre nenhum assunto em particular durante mais de vinte minutos.

— Tenho estado preocupada consigo — desembuchou Ashley quando Wolf pensava que ainda estavam a falar sobre os seus álbuns preferidos do Bon Jovi.

— Como assim?

— Como tem passado... a lidar com isto tudo?

— Deixe-me ver se percebi. Você tem uma ameaça de morte para dentro de três dias e está preocupada *comigo*? — perguntou Wolf, aproveitando a oportunidade para pousar os talheres.

— Você tem uma ameaça de morte para dentro de cinco dias — retorquiu, encolhendo os ombros.

Wolf foi apanhado desprevenido. Estivera tão embrenhado na investigação que não percebera como o seu grande dia se aproximava depressa.

— Tenho assistido imenso aos noticiários — disse Ashley. — Quem está preso em quatro divisões não tem muito para fazer. É como ver um gato a brincar com um rato, e quanto mais destroçado você parece, mais o assassino parece troçar de si.

— Não sabia que tinha um ar destroçado — disse Wolf na brincadeira.

— Mas tem — disse Ashley simplesmente. — O que aconteceu àquelas pessoas, o que quer que venha a acontecer a mim, não é culpa sua.

Wolf deixou escapar um resmungo involuntário. Ela estava a desperdiçar o seu tempo ao tentar fazê-lo sentir-se melhor.

— Você parece-me estar a aceitar estranhamente *bem* toda a situação — disse ele.

— Sou uma convicta crente no destino.

— Não quero desiludi-la, mas, pelo que já vi, se existe um deus, temos um grave problema, porque ele não está do nosso lado.

— Nesse caso, ainda bem que não estou a falar em Deus. É que... As coisas funcionam de uma maneira engraçada.

— Por exemplo?

— Por exemplo, a vida trazê-lo até junto de mim hoje de manhã: duas

peessoas que nunca se deveriam ter cruzado, para que eu finalmente tenha a possibilidade de expiar algo que fiz há anos.

Wolf ficou intrigado. Instintivamente, olhou em volta para se certificar de que não havia ninguém a ouvir. Estava tão fascinado com Ashley que quase se esquecera do lugar onde estavam. Aquela mulher perfeita parecia absurdamente desenquadrada naquele taciturno lugar. Era o oposto de ver Andrew Ford agachado na luxuosa Embaixada.

— Prometa que me deixa acabar antes de... Por favor, prometa.

Wolf cruzou os braços, na defensiva, e recostou-se na cadeira. Ambos sabiam que Edmunds descobrira as cinco mil libras da conta de Vijay Rana.

— Há quatro anos, eu estava a trabalhar num *pub* em Woolwich. Foi um período complicado para nós. O Jordan só tinha um ano e eu estava a tentar separar-me do pai dele, que não era um homem nada bom. Eu só podia trabalhar em *part-time* enquanto a minha mãe olhava pelo Jordan.

»O Vijay era um cliente habitual. Ia lá almoçar quase todos os dias e dávamo-nos muito bem. Mais de uma vez, ele viu-me a chorar por dificuldades financeiras ou por causa do divórcio. Era um homem bondoso. Costumava deixar-me gorjetas de dez libras, que eu tentava devolver-lhe, mas ele queria ajudar. Fiquei muito sensibilizada.

— Talvez quisesse algo mais do que simplesmente ajudar — intercedeu Wolf amargamente. Não tinha qualquer apeço pelo irmão de Khalid.

— Ele não era assim. Tinha família. Então, um dia fez-me uma proposta. Disse-me que um amigo dele estava em apuros com a Polícia, mas que sabia que estava inocente. Ofereceu-me cinco mil libras só para dizer que eu vira alguém quando regressava para casa a determinada hora. Foi só isso.

— Prestou um falso testemunho? — indagou Wolf sombriamente.

— Estava desesperada... e envergonho-me de assumir que aceitei a proposta. Nunca pensei que fizesse assim tanta diferença, e naquele momento eu e o Jordan tínhamos cerca de quinze libras em nosso nome.

— Fez *toda* a diferença.

Wolf perdera todo o apego que sentira por Ashley e fulminou-a com um olhar furioso.

— Aí é que está. Assim que percebi que tinha mentido no caso do *Cremador*, entrei em pânico. — Ashley começava a ficar chorosa. —

Nunca ajudaria um homem acusado daquelas coisas por dinheiro algum. Fui imediatamente a casa do Vijay, tem de acreditar em mim, e disse-lhe que não o podia fazer. Eu não mencionaria o seu envolvimento nem o dinheiro. Diria apenas que tinha sido um equívoco.

— O que foi que ele disse?

— Tentou demover-me, mas acho que compreendeu. A caminho de casa, telefonei para a empresa de advocacia que estivera presente no meu depoimento.

— A Collins & Hunter.

— E falei com um dos advogados principais.

— Michael Gable-Collins?

— Sim! — disse Ashley, atónita.

A sua morte ainda não era do conhecimento público.

— Disse-lhe que tinha de retirar o meu depoimento e ele começou a ameaçar-me. Enumerou as acusações que recairiam sobre mim: desrespeito pelo tribunal, obstrução à investigação policial, talvez até cumplicidade nos homicídios! Perguntou-me se eu queria ir para a prisão e, quando lhe falei no Jordan, disse que os Serviços Sociais seriam envolvidos e que até era possível que me retirassem a custódia.

Ashley estava visivelmente abalada pelo simples facto de relembrar aquela terrível conversa. A contragosto, Wolf passou-lhe um guardanapo.

— Tratava-se de um caso demasiado importante para a sua empresa perder, custasse o que custasse — disse Wolf.

— Ele mandou-me manter o «bico calado» e disse que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para eu não ser chamada a depor. Foi a última vez que tive qualquer envolvimento directo com o caso. Depois assisti aos desenvolvimentos e vi o que fez para tentar deter aquele homem que eu ajudara a libertar e... Estou tão arrependida.

Wolf levantou-se sem proferir palavra, pegou na carteira e deixou cair uma nota de dez libras ao lado do seu prato meio cheio.

— Não é a mim que tem de pedir desculpa — disse ele.

Ashley desatou a chorar.

Wolf saiu do café, deixando sozinha a um canto aquela mulher que corria perigo de vida e por cuja segurança ele era responsável.

Capítulo 25

Quarta-feira, 9 de Julho de 2014

10h20

Edmunds sentia-se embriagado de exaustão. Acabara por abandonar os arquivos às 6 horas e, menos de uma hora depois, estava sentado à sua secretária partilhada no escritório. Saíra gorada a sua esperança de passar pelas brasas antes de o departamento se encher com os felizardos que faziam os turnos com horários mais normais quando, por volta das 7h05, Simmons se lançou para a cadeira ao lado da dele. Revelando uma ética profissional e um cariz obsessivo ultrapassados apenas pelos de Edmunds, começara a trabalhar cedo para concluir as suas investigações relacionadas com os sete nomes da lista.

Edmunds enviou uma mensagem de texto a Tia a dizer que tinha saudades dela e que ia fazer os possíveis para regressar a horas nessa noite. Sugerira mesmo que fossem jantar fora. Hesitara antes de enviar a mensagem. A ideia de se comprometer com mais horas de exaustão era assustadora, mas pensou que deveria fazer um esforço e sentia-se culpado pela inocente, mas não menos repreensível, mentira sobre a operação de vigilância.

Depois de revelar a sua mestria em comunicados criminais durante a reunião inicial da equipa, tornara-se o comportamentalista criminal oficioso do departamento, um cargo para o qual não estava qualificado nem era pecuniariamente gratificado. A comandante solicitara-lhe a preparação de um relatório sobre a última mensagem que o assassino arrojadamente deixara na pessoa de Wolf.

Joe não demorara muito tempo a confirmar que a impressão digital ensanguentada no papel correspondia à amostra colhida no arame farpado.

Por conseguinte, Edmunds podia com toda a confiança concluir que a mensagem era outra tentativa de chacota. O assassino estava a demonstrar a insignificância do passo em falso que dera em Gales e entregara-lhes literalmente o seu ADN para provar que eles não conseguiriam detê-lo. O facto de ter decidido entregar a mensagem pessoalmente era revelador do elevado grau do seu crescente complexo de Deus e sugeria a Edmunds que ele almejava um final espectacular dentro de cinco dias.

Despertou sobressaltado. O relatório meio redigido aguardava-o no ecrã diante dele, com o cursor a piscar impacientemente no fim da palavra. A protecção de ecrã nem sequer tinha arrancado. Só deveria ter fechado os olhos por instantes, mas, de algum modo, sentia-se ainda pior. Ofereceu-se para preparar uma bebida a Simmons e foi à cozinha. Enquanto esperava que a água fervesse no bule, salpicou a cara com água fria por cima da pia cheia de chávenas.

— Não levaste porrada outra vez?

Edmunds acabou de limpar o rosto e deu com Baxter a roubar-lhe a água quente. As fortes olheiras destacavam as equimoses deixadas pelo nariz partido.

— A Tia anda a chegar-te a roupa ao pêlo? — perguntou, simulando preocupação.

— Já te disse que tropecei no gato.

— Pronto, está bem. Tropeçaste no gato outra vez?

— Não. Simplesmente, não dormi.

— Porquê?

Até àquele momento, conseguira manter em segredo as suas visitas aos arquivos. Ainda pensou em confidenciá-la a Baxter, mas decidiu que seria melhor não o fazer.

— Sofá — disse ele com a certeza de que ela aceitaria facilmente os problemas da sua relação como explicação suficiente. — Em que estás a trabalhar hoje?

— Um tipo qualquer atirou-se da Ponte de Waterloo e morreu afogado. Deixou um bilhete e tudo. É, muito provavelmente, o suicídio mais inequívoco da história, só que um agente que anda a ver muito o *CSI* declarou, sem motivo aparente, que lhe parece suspeito. Depois disso,

temos de ir a Bloomsbury por causa de uma poça de sangue. Talvez o tipo se tenha apresentado no serviço de urgências: mistério resolvido.

Soltou um forte suspiro. Contudo, Edmunds considerou que parecia muito mais interessante do que o seu dia se adivinhava.

— Viste o Wolf? — perguntou ela.

— Não tem estado cá.

Blake assomou à porta da cozinha. Desde que era parceiro de Baxter, começara a usar fato e a pentear o cabelo.

— Estás pronta? — perguntou.

— Tenho de ir — disse Baxter, deitando o café fora e juntando a chávena ao já precário monte na pia.

Andrea acabara de falar ao telefone com Wolf quando se apeou do táxi. Fora uma conversa decididamente infrutífera, muito por força do barulho do automóvel e do burburinho em segundo plano do bulício da rua na qual ele caminhara durante todo o tempo.

Ela queria saber como ele estava. A equipa da produção da Redacção já estava a tratar dos preparativos para o grande final da saga da *Boneca de Trapos*, que não tardaria a chegar. Infelizmente, Wolf não tivera disposição para falar com ela.

Criticara-a e à sua equipa por transmitirem o local exacto da Embaixada onde se encontrava Andrew Ford e, talvez injustamente, acusara-a de ajudar o assassino a manipular uma mente já de si paranóica e perturbada ao transmitirem o protesto. Ela ouviu o sermão sem tentar defender-se, apesar de ter sido totalmente irracional, uma vez que todos os canais noticiosos do mundo tinham feito o mesmo.

Quando ela o convidara para jantar, Wolf respondera que o deixasse em paz e desligara abruptamente. Apesar de ela nunca o dizer, estava zangada com ele por ser tão mesquinho e crítico naquela que bem poderia ser uma das suas últimas interacções. A julgar pela forma como falara, era óbvio que a ideia de não sobreviver à quinta-feira seguinte nem lhe passara pela cabeça, deixando-a a pensar se ele teria finalmente atravessado a ténue linha que separa o optimismo da negação.

Elijah estava a pressioná-la para lhe dar uma resposta relativamente à

promoção, o que ocupara a maior parte dos seus pensamentos desde a reunião. Sentia-se frustrada pela disparidade da sua indecisão. A qualquer momento, poderia estar determinada a entregar a rescisão do contrato e a afastar-se com o pouco que lhe restava de integridade moral ou a resolver aceitar o cargo que seria ocupado por ela ou por qualquer outra pessoa.

Na noite anterior, debatera o assunto com Geoffrey, sentados a aproveitar o sol de final de tarde no pátio do seu pequeno mas bonito jardim. Tal como em tudo no seu relacionamento, ele não tentara influenciar a decisão dela. Era por isso que se entendiam às mil maravilhas. Ele respeitava a independência de Andrea, a que ela tanto se habituara durante o tempo que estivera casada com Wolf. Ela e Geoffrey tinham decidido passar algum tempo juntos, mas nunca *precisavam* de o fazer.

Geoffrey assistira aos desenvolvimentos da *Boneca de Trapos* com o resto do mundo e nunca censurara o estilo jornalístico sensacionalista de Andrea, as suas conjunturas infundadas ou mesmo o *Relógio da Morte*, que até ela considerava uma artimanha grotescamente infame. Apenas lhe pedira que tivesse cuidado. As suas prateleiras repletas de livros de guerra tinham-lhe ensinado que, ao longo da História, os mensageiros eram escolhidos com base na sua capacidade para comunicar, na rapidez com que conseguiam chegar ao destinatário e, o que era mais inquietante, na sua redundância.

Geoffrey escutou pacientemente enquanto a temperatura descia e as luzes do jardim estrategicamente posicionadas se acenderam, uma a uma, sob a escuridão que ia aumentando. Argumentara que, se ela aceitasse a promoção, a sua decisão seria impelida meramente pela ambição. Eles não precisavam do dinheiro e ela já provara ser uma repórter credível e talentosa. Perspicaz como sempre, sugerira que ela falasse com Wolf, percebendo que a opinião dele era a única que realmente lhe interessava no que dizia respeito a este assunto.

A brusquidão da conversa que se desenrolara naquela manhã deixara bem clara a opinião de Wolf.

Finlay manteve debaixo de olho o gabinete da comandante enquanto atravessou a sala até à secretária de Simmons e Edmunds. Consequia perceber que a pequena, mas aterradora, mulher estava agitada enquanto

gesticulava selvaticamente ao falar com alguém ao telefone. Empoleirou-se na esquina da secretária, sentando-se com firmeza em cima do trabalho de Edmunds.

— Ela não está nada satisfeita — disse Finlay.

— Porquê? — indagou Simmons.

Era estranho para ele ter de suplicar fragmentos de informação no meio dos rumores do escritório quando estava tão habituado a ser o primeiro a saber.

— O Will — disse Finlay. — Que mais poderia ser? Ao que consta, levou do apartamento a Ashley Lochlan, que estava sob protecção domiciliária.

— Para quê?

— Para tomar o pequeno-almoço. Depois, foi-se embora e deixou-a num café. A equipa responsável pela protecção dela apresentou uma queixa formal. Ela quer suspendê-lo.

— Ela que assuma a responsabilidade — disse Simmons. — Qual foi a ideia dele?

Finlay encolheu os ombros.

— Vá-se lá saber, é o Will. Hoje nem pôs os pés no escritório. Vou agora encontrar-me com ele.

Simmons estava a apreciar a clandestinidade pueril que se desenrolava mesmo debaixo do nariz da sua superior.

— Se ela perguntar, fui tratar de assuntos relacionados com a protecção da Ashley Lochlan, o que até nem é mentira — disse Finlay.

— Nós também vamos sair — disse Simmons.

— Vamos? — indagou Edmunds. — Aonde?

— Ainda tenho quatro pessoas por identificar nesta lista — explicou Simmons. — Uma delas está morta. Nós vamos descobrir qual.

Simmons e Edmunds tinham comprado rolos de salsichas do Greggs, facto comprovado pelo rasto de massa de pão que deixaram para trás ao longo do passeio até chegarem à terceira morada da lista. Já tinham ido a casa da estenógrafa do tribunal e ficado a saber que ela morrera de cancro em 2012. Tinham também ficado a saber que o meritíssimo juiz Timothy Harrogate e a mulher tinham emigrado para a Nova Zelândia. Por sorte, um

vizinho tinha os dados de contacto do filho, que os acordou a meio da noite para confirmar que estavam os dois vivos e de saúde.

O Sol espreitou por detrás de uma nuvem enquanto passavam junto aos Brunswick Square Gardens e se aproximavam das casas de tijolo idênticas da Lansdowne Terrace. Identificaram a porta preta que procuravam e constatarem que estava escancarada. Edmunds bateu com força e entraram para um corredor comum com azulejos intrincados. Uma placa com uma inscrição indicava-lhes o caminho para a «*penthouse*», o que lhes pareceu assaz pretensioso num edifício de três andares.

Subiram a escadaria debaixo do eco e chegaram ao corredor que conduzia ao apartamento do andar superior. Fotografias desbotadas adornavam a parede, na sua maior parte retratando um cavalheiro de idade em lugares exóticos, acompanhado por uma mulher muito mais jovem e consideravelmente mais bonita. A loira à volta da qual o homem tinha o braço num iate parecia ainda não ter dado à costa, enquanto a fotografia seguinte ilustrava uma ruiva de biquíni a relaxar ao lado dele na praia.

Ouviu-se um forte estrondo no interior do apartamento e, à medida que se aproximaram, perceberam que essa porta também fora deixada aberta. Entreolhando-se com preocupação, abriram-na em silêncio. O obscuro corredor ostentava os mesmos azulejos originais do *hall* de entrada no piso térreo. Seguiram sorrateiramente, passando por portas fechadas, na direcção da luz que se via ao fundo do corredor e do som de passos no soalho de madeira dura.

— Sua besta! Disse-te para não lhe mexeres.

Edmunds estacou. Ele e Simmons reconheceram imediatamente o tom sarcástico e condescendente.

— Baxter? — chamou Edmunds.

Endireitando-se, entrou na sala principal, onde Blake estava de gatas a apanhar os cacos de uma jarra presumivelmente cara que acabara de cair ao chão.

Pareceram ambos perplexos quando Edmunds e Simmons se juntaram a eles.

— Que raio estão vocês a fazer aqui? — perguntou ela.

— Procuramos Ronald Everett, o jurado desaparecido do julgamento do

Khalid — disse Edmunds.

— Ah.

— E tu?

— Já te disse: poça de sangue, nenhum corpo.

— Onde? — perguntou Simmons.

— Por toda a parte.

Baxter gesticulou para o chão por detrás do enorme sofá. Nesse ponto, um halo de sangue coagulado e escuro cobria os ladrilhos brancos que rodeavam um tapete encharcado.

— Santo Deus — exclamou Edmunds.

— Creio que podemos concluir com segurança que o teu Sr. Everett já não está entre nós — disse Baxter insensivelmente.

Ao ver o banho de sangue a seus pés, Edmunds lembrou-se de um dos processos arquivados que analisara durante a noite: poça de sangue, nenhum corpo descoberto. Não podia ser mera coincidência.

— O que se passa? — perguntou-lhe Baxter.

Enquanto não tivesse a certeza de que encontrara alguma prova concreta, Edmunds não podia revelar a ninguém a investigação privada que estava a levar a cabo.

— Nada.

Consultou o relógio. Prometera levar Tia a jantar fora, mas, se partisse imediatamente, ainda conseguiria ir aos arquivos, passar lá algumas horas e regressar a tempo.

— Esta barafunda não se coaduna com o meticoloso e preciso modo de agir do nosso assassino — disse Simmons. — Não se encontrou uma única gota de sangue nas casas das outras vítimas.

— Talvez não seja tão infalível como supomos — sugeriu Edmunds, agachando-se para observar os salpicos de sangue que escorriam num dos lados do sofá. — Talvez esta tenha sido a única vítima que ele assassinou e retalhou na própria casa e ainda existam mais poças de sangue espalhadas noutros sítios pela cidade.

Naquele instante, a equipa forense chegou e Edmunds aproveitou a oportunidade para ir embora. Apresentou desculpas a Simmons, dizendo-lhe que tinha de terminar um trabalho burocrático no escritório, desceu as

escadas apressadamente e foi a correr até à estação do metro.

O telefone de Wolf emitiu um sinal sonoro. Olhou de relance para a curta mensagem de texto.

Eu mereci aquilo. Jantamos? L x

— Porque estás a sorrir? — perguntou-lhe Finlay no caminho de regresso à New Scotland Yard.

Wolf ignorou-o e marcou o número do remetente da mensagem.

— Olá, inspector Fawkes.

— Olá, Menina Lochlan.

Finlay olhou-o, embasbacado.

— Como conseguiu este número?

— Lembra-se da Jodie, que conheceu em minha casa?

— Aquela que apresentou uma queixa contra mim?

— Essa! Ela ligou a um amigo, que ligou a um amigo que o conhece.

— Espanta-me que queira jantar — disse Wolf.

Finlay fulminou-o com outro olhar estranho.

— Bem, sabe Deus que nenhum de nós comeu muito ao pequeno-almoço — disse, com uma gargalhada.

— Quero dizer, acho que lhe devo um pedido de desculpas.

— Não o recrimino. Não lhe resta muito tempo. Às dezanove?

— Em sua casa, presumo?

— Acho que sim. Aparentemente, estou de castigo por sua causa.

— Eu dou uma «boa ensaboadela» antes de ir.

Finlay nem se deu ao trabalho de reagir.

— Faça isso. Até logo, Fawkes.

Ela desligou antes que ele tivesse tempo de responder. Wolf parou de caminhar.

— Presumo que tenha de te encobrir! — disse Finlay.

— Tenho de ir a um sítio.

— Põe aquele *aftershave* bom que te oferecemos nos teus anos, mas não leves aquela camisa azul horrível que usas sempre.

— Adoro aquela camisa.

— Faz parecer que estás grávido. Foi a Maggie quem o disse, não eu.
— Mais alguma coisa?
— Diverte-te — disse Finlay com um sorriso matreiro.

— Eu sei sempre quando estás a mentir, velhote — disse Baxter.

Tinha-se encontrado com Finlay na cozinha e perguntara casualmente por Wolf. Depois de ele ter balbuciado a primeira resposta, ela sujeitara-o a uns bons cinco minutos de interrogatório. Ele estava prestes a ceder, e ela sabia.

— Não estava a sentir-se bem.
— Por causa da dor de cabeça?
— Isso.
— Mas tinhas dito que eram dores de barriga.
— Era isso que eu queria dizer, dores de barriga.
— Espera, não. Tu *disseste* dores de cabeça.

Baxter estava deliciada a torturar o amigo.

— Está bem. Ganhaste. Ele foi ter com a Ashley Lochlan.
— O Simmons disse que eles discutiram.
— Fizeram as pazes.
— Nesse caso, porque não foste com ele?

Claro que Finlay não queria responder àquela pergunta, mas sabia que Baxter não desistiria.

— Não fui convidado.
— Convidado?
— Para jantar.
— Jantar?

Subitamente, o ar jovial de Baxter eclipsou-se e ela ficou em silêncio. Finlay não sabia bem o que dizer, por isso ocupou-se a preparar café. Quando se virou para oferecer um a Baxter, ela tinha desaparecido.

Capítulo 26

Quarta-feira, 9 de Julho de 2014

7h05

Wolf esperava que a sua caminhada à chuva pela Plumstead abaixo tivesse diluído a intensidade do seu novo *after shave*. Depois de se conspurcar com o presente bem--intencionado, pulverizara algum pelas paredes do seu apartamento, na esperança de que pudesse manter ao longe o que quer que raspava por detrás do reboco. Passara uma rara meia hora a escolher a indumentária perfeita e a pentear o cabelo, numa nervosa preparação para o seu primeiro encontro ao fim de uma década, mas acabou por ficar exactamente igual a todos os outros dias.

A caminho, parou numa loja de conveniência e pegou nas duas únicas garrafas de vinho tinto e branco que reconheceu (os preferidos de Baxter) antes de comprar o último *bouquet* que restava na garagem adjacente. As flores murchas tinham um ar tão patético que ele pensou seriamente se acabara de desembolsar uma boa maquia por algo que crescera naturalmente no velho balde de onde as tinha tirado.

Subiu a rua ao longo do bloco de torres decrepitas e cumprimentou os dois agentes que montavam guarda à porta. Nenhum pareceu especialmente satisfeito por o ver.

— Apresentámos uma queixa contra si — disse a agente em tom de desafio.

— Arreponder-se-á disso se eu morrer daqui a uma semana — disse Wolf. Sorriu; ela não. Passou entre os dois e bateu à porta de Ashley.

— Tente não a deixar a chorar desta vez, *colega* — disse o homem, que estava inequivocamente com ciúmes do jantar-encontro.

Wolf ignorou o comentário, mas começou a desejar ter respondido alguma coisa, nem que fosse para preencher o incómodo silêncio por Ashley ainda não ter aparecido à porta vinte segundos depois. Quando, por fim, abriu os novos sistemas de segurança que tinham sido instalados na porta da frente, estava deslumbrante. Wolf pensou ter ouvido o outro homem a arfar atrás dela. Trazia um vestido de renda cor-de-rosa-claro e prendera o cabelo em cachos soltos. Parecia ridiculamente bem vestida demais para uma calma refeição em casa.

— Está atrasado — disse abruptamente antes de lhe virar a costas e voltar para dentro.

Wolf seguiu-a, vacilante, e bateu com a porta na cara das miseráveis gárgulas que estavam de vigia.

— Está fantástica — disse ele, desejando ter posto uma gravata, se a tivesse.

Entregou-lhe o vinho e o *bouquet*, que ela colocou educadamente num jarro com água, numa simbólica tentativa de ressuscitar as flores.

— Sei que é exagerado, mas posso não ter outra oportunidade de me empinocar toda, por isso, esmerei-me.

Ashley abriu o vinho tinto para ela e o branco para Wolf. Conversaram na cozinha enquanto ela mexia os tachos de vez em quando. Falaram sobre todos os temas *cliché* dos primeiros encontros: família, *hobbies*, aspirações, recorrendo às mais remotas ligações para colmatar os espaços entre os temas de conversa, e das suas histórias mais engraçadas e contadas em diversas ocasiões. De repente, Wolf lembrou-se do pai. E, pela primeira vez desde que tudo começara, sentiram-se ambos normais, como se tivessem pela frente um futuro indefinido, como se aquela primeira noite juntos pudesse desabrochar em alguma coisa especial.

O jantar que Ashley preparara estava delicioso. Não obstante, ela não se cansou de pedir desculpa pelos «bocados queimados», ainda que Wolf não tenha encontrado nenhum. Enquanto serviu a sobremesa, Ashley deitou os restos de cada garrafa nos respectivos copos e a conversa tornou-se mais sombria, mas não menos cativante.

Ashley avisara-o de que o apartamento ficava insuportavelmente quente depois de cozinhar. Quando ele arregaçou envergonhadamente as mangas,

ela ficou mais intrigada do que repugnada com a queimadura que lhe cobria o braço esquerdo. Arrastou a cadeira para ver mais de perto, passando delicadamente os dedos sobre a cicatriz na pele sensível, fascinada.

Wolf conseguiu cheirar a fragrância a morangos no cabelo dela e o doce aroma do vinho no seu hálito quando ela se virou para o fitar, a centímetros da cara dele, partilhando o ar que os separava.

—  A máscara do lobo.

Wolf estremeceu e Ashley afastou-se. A imagem desintegrou-se num instante, mas já era demasiado tarde. Ele estragara todo aquele momento e conseguia ler a rejeição estampada no semblante dela. Queria desesperadamente salvar aquela que fora uma das noites mais agradáveis de que tinha memória.

— Desculpe — disse.

— Não, eu é que peço desculpa.

— Podemos tentar outra vez? Sabe, a sua mão no meu braço, você a olhar para mim... e o resto...

— Porque se afastou de mim?

— Eu afastei-me, mas não foi de si. A última pessoa que se aproximou assim de mim foi o homem que está a tentar matar-nos... Ontem.

— Viu-o? — Ashley arregalou os olhos.

— Usava uma máscara.

Wolf explicou-lhe o que acontecera à porta da Embaixada. Alguma coisa relacionada com ele ter defrontado o mascarado, o lobo, com o facto de o fitar nos olhos e se recusar a desviar o olhar, despertou algo em Ashley, e ela começou outra vez a aproximar-se gradualmente. Voltou a pousar a mão no braço dele. Ele conseguia sentir o subtil perfume do vinho no hálito dela. Ela inspirou profundamente e afastou os lábios.

O telefone de Wolf tocou.

— Bolas! — Olhou de relance para o ecrã e esteve prestes a desligar, mas então sorriu, desculpando-se, e levantou-se para atender o telefonema. — Baxter? Quem...? Não, não faças isso... Onde? Estarei aí dentro de uma hora.

Ashley pareceu aborrecida e começou a arrumar a mesa.

— Então, vai embora?

Wolf estava apaixonado por aquele sotaque e, ao ouvir a desilusão na sua voz, quase mudou de ideias.

— Uma amiga está em apuros.

— Não deveria chamar a Polícia?

— Não é esse tipo de apuros. Acredite em mim, se fosse outra pessoa qualquer, eu mandava-a bugiar.

— Deve ser uma pessoa muito especial para si.

— Irritante... sim.

Edmunds abriu os olhos e, por instantes, não soube onde estava. Babara o braço e estava deitado num colchão de papelada, fitando o desfiladeiro de unidades de arquivo que se estendia nos dois sentidos. Estava demasiado exausto e não aguentara a conjugação da penumbra com o silêncio. Tentando despertar, consultou o relógio de pulso: eram 21h20.

— Que grande chatice!

Atirou todos os objectos que estavam espalhados pelo chão para dentro do caixote, guardou-o na prateleira e começou a correr para a saída.

Wolf quase não tinha dinheiro suficiente para pagar a exorbitância da corrida de táxi antes de se apelar em frente ao Hemmingways na Wimbledon. Abriu caminho entre os clientes que estavam à porta e apresentou o distintivo no bar.

— Ela desmaiou na casa de banho — disse-lhe a rapariga que estava a tirar as imperiais. — Está uma pessoa com ela. Íamos chamar uma ambulância, mas ela insistiu para que o chamássemos primeiro. Espere lá, você é aquele detective... Wolf. O Wolf!

Wolf já estava a meio caminho dos sanitários quando ela tirou do bolso o telemóvel com câmara. Agradeceu à empregada que tivera a amabilidade de ficar junto de Baxter até ele chegar e disse-lhe que podia ir embora. Ajoelhou-se ao lado dela. Baxter ainda estava consciente, mas só reagia quando ele a beliscava ou gritava o nome dela.

— Tal como nos velhos tempos — disse ele.

Passou-lhe o casaco por cima da cabeça, para lhe esconder a cara, adivinhando que a rapariga do bar já teria dito a todos os fotógrafos

amadores que ali estavam que o homem dos noticiários estava na casa de banho das senhoras, e depois pegou em Baxter ao colo e levou-a para o exterior.

O porteiro tinha aberto uma clareira no meio da multidão para ele passar. Wolf suspeitava de que a ideia era mais levar para o exterior aquela mulher intoxicada antes que ela vomitasse outra vez do que a preocupação com o seu bem-estar, mas, de qualquer modo, agradeceu-lhe a ajuda. Levou-a ao colo ao longo da rua e quase a deixou cair na estreita escadaria que dava para o seu apartamento. Por fim, conseguiu destrancar a porta da frente e foi recebido pelo som do rádio a tocar. Cambaleando até ao quarto, deixou-a cair em cima da cama.

Descalçou-lhe as botas e puxou-lhe o cabelo para trás, como fizera tantas vezes, se bem que não durante muito tempo. De seguida, foi à cozinha buscar uma bacia e desligou a música antes de dar de comer ao *Echo*. Estavam duas garrafas de vinho vazias na pia e ele repreendeu-se por não ter perguntado aos empregados do bar quanto mais é que ela bebera.

Encheu dois copos com água, bebeu um e regressou ao quarto onde pousou a bacia ao lado da cama e o copo de água na mesa-de-cabeceira. Depois descalçou os sapatos e deitou-se ao lado dela. Baxter já estava a rressonar.

Apagou a luz e ficou a olhar para o tecto escuro, escutando os primeiros pingos de chuva a bater na janela. Esperava que as recentes recaídas de Baxter se devessem apenas à tensão sob a qual todos se encontravam, que ela ainda tivesse algum controlo sobre o seu vício, o qual nunca a deixara por completo. Há muito tempo que a ajudava a escondê-lo de todos, há demasiado tempo. Enquanto se preparava para mais uma noite de insónia, verificando regularmente se ela continuava a respirar e a limpar a porcaria que ela deixava, pensou se estaria mesmo a ajudá-la.

Edmunds estava encharcado quando chegou a casa e deu com todas as luzes apagadas. Percorreu hesitantemente o corredor às escuras, fazendo o mínimo barulho possível, supondo que Tia já estivesse a dormir; porém, quando chegou à porta do quarto, que estava aberta, reparou que a cama ainda não tinha sido desfeita.

— Tia? — chamou.

Percorreu todas as divisões, acendendo as luzes e reparando nas coisas que tinham desaparecido: o saco de trabalho de Tia, as suas calças de ganga preferidas, o gato que fazia tropeçar. Não lhe deixara um bilhete; não era preciso. Tinha ido para casa da mãe. Ele desiludira-a demasiadas vezes, não apenas durante o caso da *Boneca de Trapos* mas sempre, desde que fora transferido.

Deixou-se cair no sofá, no qual esperava passar a noite, e esfregou os olhos cansados. Sentia-se terrivelmente mal por a perturbar tanto, mas só tinham de aguentar mais cinco dias até tudo acabar, de uma maneira ou de outra. Certamente que Tia conseguia perceber que o fim estava à vista.

Considerou a possibilidade de lhe telefonar, mas sabia que ela teria desligado o telefone. Viu as horas. Eram 22h27. A sua futura sogra devia tê-la ido buscar, já que o carro estava estacionado na rua. Pegou nas chaves que estavam no gancho, apagou as luzes e, não obstante o cansaço, saiu para a noite.

Quase não apanhou trânsito e fez um excelente tempo ao atravessar a cidade. Estacionou num lugar mesmo à porta do edifício e dirigiu-se apressadamente ao segurança. O homem reconheceu-o de imediato e falaram sobre trivialidades enquanto Edmunds lhe mostrava a identificação e lhe entregava os objectos pessoais, de modo a poder registar novamente a entrada nos arquivos.

O vinho ajudara Wolf a adormecer, mas, menos de uma hora depois, acordou com o barulho de Baxter a vomitar na casa de banho do quarto. Ficou deitado na escuridão com a luz da casa de banho a esgueirar-se por entre a frincha da porta, ouvindo o autoclismo, armários a abrir e a fechar e Baxter a gorgolejar e a cuspir elixir oral para o lavatório.

Estava prestes a levantar-se para regressar a casa, satisfeito por verificar que ela estava suficientemente bem para passar a noite sozinha, quando Baxter regressou ao quarto a cambalear, rebolou para cima da cama e deixou cair um braço embriagado em cima do peito dele.

— Como correu o teu encontro? — perguntou-lhe.

— Foi curto — retorquiu Wolf, chateado com Finlay, que não conseguia

guardar um segredo nem para salvar a própria vida, e suspeitando de que a inoportuna indiscrição de Baxter fora, na realidade, revelada no momento oportuno.

— Que pena. Obrigada por me trazeres para casa — disse, já quase a dormir.

— Estive para não trazer.

— Mas trouxeste — murmurou enquanto caía no sono. — Eu sabia que trarias.

O palpite de Edmunds estava certo. Conseguiu encontrar o caixote em que estivera a trabalhar e abandonara na prateleira errada com a pressa de ir para casa. Voltara a dedicar-se ao caso de 2009: o herdeiro de uma grande empresa que desaparecera de um quarto de hotel protegido, uma poça de sangue, nenhum corpo. Analisou, uma a uma, todas as fotografias do local do crime e finalmente encontrou uma que confirmava as suas suspeitas.

Na parede ao lado da poça de sangue, um grupo de oito minúsculas gotículas haviam sido registadas e incompreensivelmente ignoradas como... «mais sangue»; todavia, o cenário assemelhava-se estranhamente à sala em que ele estivera nesse dia. Preparado com os conhecimentos de que agora dispunha, era óbvio que o insignificante padrão de salpicos fora causado enquanto o assassino desmembrava a vítima para assim poder levar o corpo para outro sítio, escapando desse modo de uma situação praticamente impossível.

Era o assassino que procuravam. Edmunds tinha a certeza disso.

Excitado, começou a guardar as provas no caixote. Finalmente, sentia que tinha encontrado alguma coisa promissora para partilhar com a equipa. Quando se levantou, uma folha de papel escorregou da tampa e caiu ao chão. Era o formulário-padrão que acompanhava todas as caixas do armazém: uma lista de nomes, datas de entrada e saída e uma breve descrição do motivo para a retirar dos arquivos. Edmunds baixou-se para voltar a inseri-la na tampa, mas vislumbrou no fundo da página um nome conhecido, da última pessoa que tinha analisado as provas:

Edmunds ficou confuso. Não vira qualquer documentação de Wolf nem qualquer relatório da equipa forense desde o original que remontava a 2009. O cenário mais provável era que Wolf tivesse chegado a este caso durante a investigação de outro. Talvez tivesse encontrado acidentalmente esta anterior vítima do assassino da *Boneca de Trapos* e lhe tivesse chamado inconscientemente a atenção. Isso explicaria a natureza pessoal do desafio e também o inequívoco nível de admiração: o único agente da Polícia que o assassino considerava digno de nota.

As peças começavam a encaixar-se.

Edmunds estava em êxtase. Pela manhã, perguntaria a Wolf, que lhe poderia apontar outros exemplos de trabalhos anteriores do assassino. Incentivado pela sua descoberta, mudou de corredor e começou a procurar o caso seguinte da sua lista.

Finalmente, estavam a caçar o caçador.

Capítulo 27

Quinta-feira, 10 de Julho de 2014

7h07

O sol entrava fulgurantemente pela porta aberta, lançando sombras cinzentas sobre a cama. Wolf abriu os olhos. Estava sozinho no quarto de Baxter, deitado completamente vestido por cima dos cobertores. O baque ritmado que chegava da divisão contígua, de passadas a correr na passadeira, tinha-o acordado.

Com um enorme esforço, levantou-se e apanhou os sapatos que estavam onde tinham caído aos pés da cama. Foi até à soalheira sala de estar e acenou debilmente para Baxter, que envergava o equipamento de treino e ainda tinha o rabo-de-cavalo torto que ele lhe fizera na noite anterior. Se não a conhecesse, diria que ela parecia repousada e revitalizada. Sempre conseguira recuperar rapidamente. Era, em parte, o motivo pelo qual conseguira esconder o seu debilitante problema durante tanto tempo.

Baxter ignorou-o e ele foi até à *kitchenette* preparar café.

— Ainda tens uma...? — começou a dizer.

A pele de Baxter reluzia da transpiração enquanto mantinha aquele ritmo exigente. Mostrou-se irritada por ter de tirar os auscultadores para ouvir o que ele estava a dizer.

— Ainda tens uma escova de dentes extra? — perguntou Wolf.

Sempre haviam mantido um acordo tácito segundo o qual Baxter conservaria um acervo de artigos de higiene de emergência para o caso de Wolf acabar por passar lá a noite em situações de emergência. A determinada altura, isso acontecia com regularidade. Por muito inocente que fosse, não era de admirar que Andrea tivesse tantas suspeitas sobre o

relacionamento deles.

— Gaveta de baixo, na casa de banho — disse ela bruscamente e voltou a pôr os auscultadores.

Wolf pressentiu que ela procurava um motivo para discutir, mas estava determinado a não morder o isco. Era típico de Baxter. Sentia-se envergonhada pelo seu comportamento e exprimia-o sendo absolutamente insuportável.

A água na chaleira ferveu e Wolf levantou uma chávena para lhe perguntar em silêncio se ela queria uma bebida. Ela resfolegou audivelmente e arrancou os auscultadores.

— O quê?

— Estava só a perguntar se queres café.

— Ah, eu não bebo café. Sabes isso melhor que ninguém. Eu só bebo vinho e *cocktails* de aspecto ridículo.

— Então *não* queres?

— É isso que pensas de mim, não é? Uma pobre borrachona que nem sabe cuidar de si. Admite.

A determinação de Wolf começava a dissipar-se.

— Não penso isso — disse ele. — Vou só continuar a preparar o café...

— Eu não precisava que viesses fazer isto, sabes? Mas agora podes ir embora todo contente, com uma sensação de dignidade e superioridade. Faz-me um favor: da próxima vez, não te dês ao trabalho.

Quanto mais tagarelava, mais dificuldade sentia em respirar.

— Como eu desejava não me ter dado ao trabalho desta vez! — gritou. — Deveria ter-te deixado a rastejar no chão daquela casa de banho em vez de me estragares o jantar.

— Ah, pois, o teu jantar com a Ashley Lochlan. Que bonito. Tenho uma excelente sensação no que diz respeito a esse relacionamento. Acho que tem pernas para andar, desde que nenhum de vocês seja brutalmente assassinado nos próximos quatro dias!

— Vou trabalhar — disse Wolf, dirigindo-se para a porta. — A propósito, não tens de agradecer.

— Não sei porque fazes isso a ti mesmo — berrou Baxter. — É como dar nome a uma vaca no matadouro!

A porta da frente bateu com estrondo, deitando por terra uma tela, que ilustrava a linha do horizonte de Nova Iorque, pendurada na parede da sala de estar. Fervilhante de adre-nalina, Baxter subiu a velocidade da passadeira, pôs os auscultadores e aumentou o volume.

Quando chegou ao escritório, Wolf estava abespinhado e foi a passos largos até à secretária de Finlay, onde o amigo estava ansioso por saber os pormenores do encontro com Ashley.

— Porque raio foste fazer aquilo? — vociferou Wolf.

— O quê?

— Contar à Baxter que eu ia jantar com a Lochlan.

— Tentei não contar, mas ela percebeu que eu estava a esconder alguma coisa.

— Nesse caso, devias ter inventado uma desculpa qualquer!

— Não me digas.

Wolf viu Finlay, que era sempre a fonte de jovialidade e positividade do departamento, transformar-se novamente no arrebatado polícia de Glasgow que fora em tempos. Wolf tirou as mãos dos bolsos para o caso de ter de se defender — o gancho de esquerda de Finlay era lendário.

— Era o que um amigo faria — disse Wolf.

— Também sou amigo da Emily.

— Mais um motivo. Agora, estás a ferir os sentimentos dela.

— Ah, *eu* feri os sentimentos dela? *Eu* fiz isso? — Finlay estava a falar baixinho, o que nunca era bom sinal. — Há anos que te vejo a enganar a pobre rapariga. Seja lá o que for que se passa entre vocês os dois, já te custou o casamento, e continuas a fazê-lo, o que significa que realmente *a queres*, mas não tens tomates para assumir, ou que *não a queres* e não tens tomates para lhe dizer. Seja qual for o caso, tens quatro dias para te fazeres homem.

Wolf ficou boquiaberto. Finlay sempre o defendera em todas as ocasiões.

— Tenho uma pista para seguir. Vou sair — disse Finlay, levantando-se.

— Vou contigo.

— Ai, isso é que não vais.

— Temos uma reunião às dez, para debater os progressos — atalhou

Wolf.

— Inventa uma desculpa — disse Finlay com um sorriso rancoroso.
Deu uma forte palmada nas costas de Wolf e foi embora.

Pelas 9h05, Wolf ignorou outro telefonema da Dr.^a Preston-Hall e ficou à espera de que o telefone da comandante tocasse a qualquer momento. Finlay fora-se embora agastado e ele já ouvira Baxter a gritar com alguém no escritório.

Edmunds mantinha-se completamente alheio a tudo isto. Passara os últimos dez minutos a preparar os documentos que queria debater com Wolf e estava ansioso por ver a reacção dele. Enquanto se encaminhava para a secretária de Wolf, reunira os documentos e revira mentalmente o que ia dizer.

— Gabriel Poole Junior, 2009 — anunciou Edmunds.

Pareceu-lhe vislumbrar um fugaz olhar de reconhecimento, mas Wolf limitou-se a suspirar profundamente e a olhá-lo com impaciência.

— É suposto isso querer dizer-me alguma coisa?

A fraca reacção de Wolf fora uma desilusão, mas Edmunds continuou entusiasticamente.

— Tinha esperanças de que sim — disse ele. — Herdeiro de um império de equipamento electrónico, desaparecido de um quarto de hotel, corpo nunca encontrado. Não te diz nada?

— Olha, não quero ser indelicado, mas não há outra pessoa com quem possas falar sobre isso? Eu não sou lá uma grande companhia.

A confiança de Edmunds ficou abalada pela falta de interesse demonstrada por Wolf. Compreendeu que não se tinha explicado bem.

— Desculpa, deixa-me recomeçar. Tenho estado a investigar casos arquivados...

— Pensei que te tinha dito para não o fazeres.

— Disseste, mas posso asseverar que o fiz nos meus tempos livres. Adiante, encontrei algo...

— Não. Não é «adiante». Se um superior te dá ordens para não fazeres uma coisa, tu não fazes! — berrou Wolf, chamando a atenção de todo o escritório para a repreensão que dera a Edmunds. Wolf levantou-se.

— Se me deres a possibilidade de explicar... — balbuciou Edmunds. Não compreendia como aquela inócua conversa se deteriorara tão drasticamente mas também não estava preparado para desistir. Tinha perguntas importantes que precisavam de resposta. — Encontrei coisas realmente promissoras.

Wolf contornou a secretária. Edmunds entendeu isso como um sinal de que estava disposto a ouvir e apresentou-lhe o primeiro documento. Com uma palmada, Wolf arrancou-lhe todo o monte das mãos e este espalhou-se pelo chão. Ouviram-se risos trocistas e frívolos perante o insulto. Baxter caminhava na direcção deles e Simmons, entrando novamente em modo de chefe, levantou-se.

— Preciso de saber porque foste consultar as provas do caso Poole — disse Edmunds. Levantara o tom de voz, mas a insegurança era notória.

— Não gosto do teu tom de voz — disse Wolf, preparando-se para defrontar fisicamente aquele jovem desengonçado.

— E eu não gosto da tua resposta! — redarguiu Edmunds, surpreendendo toda a gente, incluindo ele próprio. — Porque foste consultar essas provas?

Wolf agarrou Edmunds pelo pescoço e empurrou-o contra a parede da sala de reuniões. Formaram-se fissuras negras no vidro fumado.

— Ei! — gritou Simmons.

— Wolf! — gritou Baxter, correndo para eles.

Wolf libertou Edmunds, que tinha um pinga de sangue escuro a escorrer-lhe pelo pescoço. Baxter interpôs-se entre eles.

— Que raio, Wolf! — gritou-lhe na cara.

— Diz ao teu cãozinho de estimação que se mantenha longe de mim! — vociferou.

Baxter mal reconheceu o homem de olhos selváticos diante dela.

— Já não é meu. Estás a passar-te, Wolf — disse-lhe.

— *Eu* estou a passar-me? — gritou, afogueado e veemente.

Baxter compreendeu a ameaça subjacente. Ele estava pelos cabelos para revelar o segredo que ela escondera durante anos. Preparou-se mentalmente, sentindo-se até aliviada por, finalmente, poder deixar de fingir.

Porém, Wolf hesitou.

— Diz-lhe que é bom que tenha algo de concreto se vai começar a fazer

acusações — disse Wolf.

— Acusações sobre quê? — perguntou Baxter.

— Não estava a acusar-te de nada — explodiu Edmunds. — Só queria a tua ajuda.

Vanita, que não presenciara o começo da discussão, assomou à porta do seu gabinete.

— Para quê? — gritou Baxter com ambos.

— Ele anda a desperdiçar tempo a vasculhar os arquivos dos meus casos antigos em vez de fazer o seu trabalho!

— Oh, vai bugiar — bramiu Edmunds, num acto pouco comum nele. Escorria-lhe sangue por entre os dedos que mantinha encostados à cabeça.

Wolf atirou-se a ele, mas Simmons interpôs-se. Baxter inclinou-se para murmurar ao ouvido de Edmunds.

— É verdade? — quis saber.

— Descobri uma coisa.

— Eu disse-te para não te meteres nisso — bradou ela.

— *Descobri* uma coisa — repetiu Edmunds.

— Não acredito que estejas a tomar o partido dele — disse Wolf.

— Não estou! Acho que são os dois uns palermas! — gritou Baxter.

— Basta!

Um silêncio sepulcral caiu sobre o escritório. Vanita estava lívida ao dirigir-se para a alteração no seio daquele grupo.

— Edmunds, vá tratar dessa cabeça. Baxter, regresse à sua equipa. Fawkes, a partir deste momento, considere-se suspenso.

— Não pode suspender-me — disse ele com indiferença.

— Quer apostar? Rua!

— Comandante, tenho de concordar com o Wolf — interveio Edmunds em defesa do seu agressor. — Não pode suspendê-lo. Nós precisamos dele.

— Não permitirei que despedace o meu departamento a partir de dentro — disse para Wolf. — Rua. Acabou-se.

Seguiu-se um momento de tensão em que todos esperaram, sustendo a respiração, a reacção de Wolf. Contra todas as expectativas, ele limitou-se a soltar uma gargalhada mordaz, libertou-se da opressão de Simmons com um repelão e deu um encontrão no ombro de Edmunds ao sair.

Só Simmons e Vanita compareceram à reunião para debater os progressos, que estava agendada para as 10 horas. Os doze nomes estavam discriminados no cavalete, que se mantinha orgulhosamente no centro da sala como um *puzzle* concluído. Infelizmente, a identificação da última vítima, Ronald Everett, não fora a revelação que Simmons esperara. Ainda lhes faltava uma peça.

— Então, somos só nós — disse Simmons, sorridente.

— Onde está o inspector Shaw? — perguntou ela.

— Não faço ideia. O Finlay não atende o telefone. O Edmunds foi para as urgências para suturar a cabeça e você acabou de suspender o Fawkes.

— Não se acanhe e diga lá se acha que eu tomei uma decisão errada, Terrence.

— Não foi errada — disse Simmons —, foi simplesmente corajosa.

— Ele é um perigo. Vendo bem as coisas, não podemos recriminá-lo, mas chegamos ao ponto em que está a ser mais prejudicial do que benéfico.

— Concorde em absoluto, mas não consigo coordenar isto sozinho — disse. — Deixe que a Baxter regresse à equipa.

— Não posso. Depois do fiasco com o Garland, não. Destacarei outra pessoa.

— Não temos tempo para isso. A Ashley Lochlan morre dentro de dois dias, e depois disso restam dois dias ao Fawkes. A Baxter está a par do caso. Mantê-la afastada *seria* uma má decisão.

Vanita abanou a cabeça e resmungou qualquer coisa.

— Está bem, mas deixarei as minhas objecções documentadas. A partir de agora, ela é responsabilidade sua.

— A Bela Jurada Salpicada de Sangue — disse Samantha Boyd, fitando a infame fotografia que a retratava nas escadas de Old Bailey. — Foi assim que me chamaram. Não é que eu tenha isso impresso no cartão-de-visita ou algo do género.

Finlay mal conseguia reconhecer a pessoa que estava sentada do outro lado da mesa como sendo a mesma mulher da fotografia. Não havia dúvidas de que continuava atraente, mas os seus longos cabelos loiro-platinados

eram agora castanho-escuros e estavam cortados à rapaz. Usava uma maquilhagem carregada que desviava a atenção dos seus olhos azul-celeste, que se destacavam até nas versões a preto e branco da fotografia, e as roupas caras que envergava assentavam-lhe bem mas não deslumbravam.

A terceira pessoa mais famosa do processo judicial mais famoso de que havia memória concordara encontrar-se com ele num café de Kensington que estava na berra. Quando lá chegara, pensara que estava a ser remodelado, mas a clientela com sacos de compras e os empregados tatuados não pareciam nada incomodados com as tubagens expostas, as lâmpadas a baloiçar suspensas de fios e as paredes sem reboco.

A saída de Finlay do escritório não fora provocada pela discussão com Wolf. Ele marcara aquele encontro na noite anterior. Tal como o seguimento de dinheiro, investigações a pegadas e análises a manchas de sangue, ele acreditava convictamente que a maneira mais eficaz de recolher provas consistia apenas em fazer as perguntas certas às pessoas certas. Sabia que os colegas o consideravam antiquado, um dinossauro. Admitiria de bom grado que estava preso aos velhos hábitos e que não fazia tenções de mudar agora, a menos de dois anos da reforma.

— Fiz um grande esforço para fugir disto — disse-lhe Samantha.

— Não pode ter sido só coisas más. Foi bom para o negócio, não?

Sorveu um pouco de café e quase se engasgou. Sabia a algo que Wolf teria pedido.

— Sem dúvida. Não conseguimos dar vazão às encomendas, principalmente daquele vestido branco. Acabamos por ter de recusar alguns pedidos.

— E mesmo assim...? — indagou Finlay.

Ela ponderou atentamente a resposta antes de prosseguir.

— Naquele dia, eu não estava a posar para uma fotografia. Estava à procura de ajuda. Nunca quis ser famosa, sobretudo por causa de algo tão horrível. Mas, de repente, transformei-me na «Bela Jurada Salpicada de Sangue» e, desde então, passei a ser só isso aos olhos das pessoas.

— Compreendo.

— Com o devido respeito, mas acho que não compreende. A verdade é que me envergonho do meu papel naquele dia. Naquele momento,

estávamos tão influenciados pelas indiscrições do inspector Fawkes e pelas acusações que estavam a ser feitas contra a Polícia que, creio, deixámos que isso influenciasse a nossa decisão. Pelo menos, a maioria de nós. Dos doze, dez cometeram um erro irreparável, e não me saem da cabeça as repercussões daquele dia.

A sua voz não transparecia qualquer autocomiseração, apenas a admissão da responsabilidade. Finlay pegou numa fotografia recente de Ronald Everett e pousou-a na mesa entre eles.

— Reconhece este homem?

— Como poderia não reconhecer? Tive de me sentar ao lado desse velho depravado durante quarenta e seis dias. Não posso dizer que seja uma grande admiradora dele.

— Consegue lembrar-se de algum motivo para alguém querer mal ao Sr. Everett?

— É evidente que nunca o conheceu. A minha primeira suposição: provavelmente, atirou-se à mulher do homem errado. Porquê? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Isso é confidencial.

— Eu não revelo nada a ninguém.

— Eu também não — disse Finlay, colocando uma pedra sobre o assunto. Pensou bem antes de fazer a pergunta seguinte. — Ao pensar no Sr. Everett, consegue perceber alguma coisa que o distinga de si e dos outros jurados?

— Distinguir? — perguntou ela. Ela pareceu perplexa e Finlay ficou a pensar se a viagem teria sido uma perda de tempo. — Oh, apenas... nunca o conseguimos provar.

— Provar o quê?

— Eu e outros jurados fomos abordados por alguns jornalistas que se ofereceram para comprar informações por irrisórias quantias de dinheiro. Queriam saber sobre o que falávamos nos bastidores, quem ia votar em que sentido.

— E acha que o Everett aceitou uma oferta?

— Acho, não. Tenho a certeza. Algumas das coisas que publicavam saíam directamente do nosso grupo de jurados, depois o pobre Stanley, que desde o início defendera um veredicto de culpado, acordou uma manhã e viu a sua

cara estampada nos jornais, que afirmavam ter exposto as suas fortes convicções antimuçulmanas e ligações familiares a cientistas nazis ou algo assim absurdo.

— Não é suposto os jurados evitarem as notícias durante os julgamentos?

— Não se lembra do julgamento? Teria sido mais fácil evitar respirar.

Subitamente, Finlay foi assaltado por um pensamento. Vasculhou a sua pasta à procura de alguma coisa e depois pousou outra fotografia em cima da mesa.

— Por acaso, este foi um dos jornalistas que a abordou?

Ela fitou a fotografia com atenção.

— Sim! — arquejou. Finlay endireitou-se, atento. — Este é o homem de cuja morte falaram no noticiário, não é? Jarred Garland. Meu Deus. Não o tinha reconhecido. Quando o conheci, usava um cabelo comprido oleoso e barba.

— Tem a certeza de que é o mesmo homem? — indagou Finlay. — Veja melhor.

— Sem dúvida. Reconheceria aquele sorriso velhaco em qualquer lugar. Se não acredita em mim, poderá facilmente tirar a limpo. Tive de ligar para a Polícia a solicitar escolta desde casa depois de ele me seguir certa noite e se ter recusado a ir embora.

Edmunds não conseguia deixar de mexer no alto que tinha na cabeça, no sítio onde a enfermeira tinha suturado a sua pele. Passara as horas na sala de espera a rever mentalmente a conversa com Wolf e transcrevera-a quase palavra por palavra no seu bloco de notas. Não compreendia porque é que Wolf o interpretara mal.

Estava cansado. Talvez tivesse adoptado involuntariamente um tom desrespeitador ou acusatório. Mas acusatório de quê? Edmunds pensou se Wolf teria mentido quanto a reconhecer o caso e sabia muito bem que se esquecera de incluir o relatório forense actualizado. A sua reacção exagerada poderia ter origem na necessidade de se defender.

A única coisa positiva que resultara da ida às urgências fora que Tia se vira obrigada a responder às suas mensagens de texto. Até se oferecera para deixar o trabalho e ir para junto dele, mas ele garantira-lhe que se

encontrava bem. Concordaram que ela ficaria com a mãe o resto da semana, visto que ele pouco conseguiria ir a casa e lhe prometera que, depois disso, começaria a compensá-la.

De consciência tranquila, regressou para Watford de comboio e depois apanhou um táxi que o levou aos arquivos. Mecanicamente, passou pela habitual rotina para conseguir acesso ao armazém, mas parou à entrada do pequeno escritório ao fundo das escadas. Habitualmente, passava diante da porta com a indicação «Administrador», mas desta vez bateu educadamente no vidro e entrou.

A pequena mulher de meia-idade sentada por detrás de um computador obsoleto tinha exactamente a aparência que ele esperara: a pele de uma lividez cadavérica, óculos gigantescos e desleixada. Cumprimentou-o entusiasticamente, como se fosse uma familiar idosa ávida por ter com quem falar, e ele pensou se seria o seu primeiro visitante em muito tempo. Acedeu a sentar-se, mas recusou uma bebida, suspeitando que isso lhe custaria, no mínimo, uma hora do seu precioso tempo.

Depois de ela lhe falar sobre o falecido marido, Jim, e do amistoso fantasma que jurou assombrar aquele mausoléu subterrâneo, Edmunds conduziu delicadamente a conversa para onde queria.

— Quer dizer que tudo tem de passar por este gabinete? — indagou.

— Tudo. Lemos os códigos de barras das entradas e saídas. Se entrar por aquela porta sem um código válido, todos os alarmes disparam!

— O que significa que pode dizer-me quem veio consultar o quê — continuou Edmunds.

— É claro.

— Nesse caso, precisarei de saber todas as caixas que o inspector William Fawkes consultou.

— Todas? — perguntou ela, atónita. — Tem a certeza? O Will costumava vir muito aqui.

— Todas.

St Ann's Hospital

Domingo, 17 de Outubro de 2010

9h49

Wolf regressou languidamente ao seu quarto, a arrastar os pés, preparando-se para a ronda das 22 horas do turno da noite. O desgastado corredor estava inundado por luz artificial e pelo cheiro do carrinho de chocolate quente, uma designação falaciosa, já que a temperatura da tépida bebida diminuía de cada vez que um doente atirava uma chávena à cara de um elemento da equipa.

Formou com os dedos uma pequena bola de plasticina, que roubara uma semana antes às *Senhoras de Rosa* e que utilizava todas as noites para fazer tampões para os ouvidos. Apesar de nada poder silenciar os ininterruptos gritos, ajudavam a torná-los mais distantes.

Passou por várias portas abertas de quartos vazios enquanto os seus ocupantes aproveitavam os últimos segundos de televisão antes de o recolher obrigatório entrar em vigor. Ao contornar a esquina para outro corredor deserto, ouviu um murmúrio vindo de um dos quartos na penumbra. Passou ao largo da entrada, mas conseguiu ouvir as orações em surdina.

— Inspector — chamou a voz sussurrante antes de terminar a recitação.

Wolf parou, pensando se teria imaginado e se a medicação estava outra vez a pregar-lhe partidas. Perscrutou as trevas. A porta estava ligeiramente aberta. O fragmento de luz que penetrava a escuridão deixava ver apenas o chão duro e parte de um tronco negro inclinado sobre uma perna despida em oração. Wolf começou a afastar-se quando o rumor parou novamente.

— Inspector — repetiu, começando um novo versículo.

Wolf aproximou-se com cuidado da pesada porta e empurrou-a, abrindo-a a custo sobre as antigas dobradiças com um rangido penoso. A partir da relativa segurança da entrada, tacteou a parede à procura do interruptor que sabia encontrar-se algures à direita da porta. A lâmpada fluorescente embutida zuniu ao acender, mas tinha sido besuntada com comida ou sangue, o que lhe diminuía o brilho, imitando um candeeiro que lançava sombras negras pelas paredes. O espaço exíguo tresandava a infecção e ao que quer que tivesse queimado no envoltório de plástico.

Joel balbuciou a oração para proteger os olhos da luz contaminada. Usava apenas roupa interior puída, deixando à vista as enormes cicatrizes no resto do corpo; contudo, não se tratava de recordações de um acidente ou de um ataque violento, mas vestígios de automutilação. Cruzes de vários tamanhos cobriam a tela escura, com muitas das cicatrizes esbranquiçadas pelo passar do tempo e outras ainda rubras e inflamadas.

O resto do pequeno quarto equiparava-se ao inquilino: uma Bíblia derramava páginas hemorrágicas sobre a enxerga com nódoas amarelas, versículos individuais grosseiramente arrancados dos evangelhos e colados com saliva em todas as superfícies disponíveis, sobrepondo-se nos lugares onde a mensagem de Deus subjugava a exígua dimensão da cela.

Como se saísse de um transe, Joel ergueu lentamente o olhar para Wolf e sorriu.

— Inspector — disse ele brandamente antes de abarcar o quarto com um gesto. — Queria mostrar-lhe isto.

— Eu preferia que não o tivesse feito — retorquiu Wolf num tom pouco mais alto que um suspiro enquanto tentava tapar o nariz o mais educadamente possível.

— Tenho pensado imenso sobre... sobre a sua situação. Posso ajudá-lo — disse Joel. Passou a mão pelo peito desfigurado. — E isto... isto vai ser a sua salvação.

— A automutilação?

— Deus.

Wolf suspeitava de que a via da automutilação poderia redundar em resultados mais palpáveis.

— Salvar-me de quê, Joel? — perguntou, cansado.

Joel desatou numa gargalhada. Foi quanto bastou, e Wolf virou-lhe costas.

— Há três anos, a minha irmã mais nova morreu, assassinada. Dívidas relacionadas com drogas — informou Joel. — Devia cento e cinquenta libras a gente má, por isso, arrancaram-lhe a cara.

Wolf virou-se para fitar Joel.

— Eu... nem lhe vou contar. Sabe como é. Sabe aquilo que eu lhes quis fazer. Fá-lo-ia bem devagar. Faria com que sentissem. — Joel fitou o infinito enquanto imaginou a execução da sua vingança com um sorriso cruel. — Armei-me até aos dentes. Fui à procura. Só que é difícil chegar perto daquela gente. Senti-me impotente. Sabe o que quero dizer?

Wolf assentiu com a cabeça.

— Desesperante, não é? Por isso, recorri à única opção que me restava, a única maneira de corrigir as coisas. Fiz uma troca.

— Uma troca? — perguntou Wolf, fascinado com a história.

— A minha alma em troca da deles.

— A sua alma?

Wolf olhou de relance para a Bíblia que os rodeava e suspirou. Sentia-se um tonto por dar tanta atenção ao seu fanático anfitrião. Conseguia ouvir no corredor os funcionários a debaterem-se para escoltarem alguém até à cela.

— Boa noite, Joel — disse ele.

— Uma semana mais tarde, encontrei um saco do lixo à minha porta, um daqueles sacos do lixo normais. Havia tanto sangue. Quero dizer, estava nas minhas mãos, nas minhas roupas...

— O que estava no saco?

Joel não ouviu a pergunta. Conseguia vê-lo a manchar-lhe as mãos outra vez, conseguia sentir o odor metálico do sangue. Começou a balbuciar em surdina e atravessou o quarto a rastejar até junto das suas parcas posses. Arrancou outra página da Bíblia dizimada e rabiscou-lhe alguma coisa com um lápis de carvão.

Wolf percebeu que, daquela vez, ele não estava a recitar uma oração, mas um número. Pegou cuidadosamente na folha que Joel lhe estendera.

— É um número de telefone — disse Wolf.

— Ele vem atrás de mim, inspector.

— De quem é este número?

— «Esta é a segunda morte, o lago do fogo» — citou Joel, lendo o versículo relevante na parede do fundo.

— Joel, de quem é este número?

— Condenação eterna. Quem não temeria? — Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto. Demorou algum tempo a recompor-se e depois fixou o olhar no de Wolf. — Mas sabe uma coisa? — Olhou para a folha amarrotada que Wolf tinha nas mãos e sorriu tristemente.

— Valeu a pena.

Capítulo 28

Sexta-feira, 11 de Julho de 2014

7h20

Baxter pensou que poderia ter danificado o seu *Audi*, o que era frustrante, porque sempre tivera imenso cuidado com ele e sabia que era uma excelente condutora. Não lhe restara outra alternativa a não ser estacionar longe da rua principal num espaço aberto que, como por milagre, fora transformado de um depósito de escombros num parque de estacionamento funcional, simplesmente graças à instalação de uma máquina de pagamento no canto mais afastado.

Trataria dos preparativos da transferência de Ashley mais tarde nesse dia. Segundo as ordens de Vanita, o seu envolvimento seria o mais simples possível. Ela e Edmunds iriam buscá-la ao seu apartamento num veículo descaracterizado e encontrar-se-iam com Simmons nos arrabaldes da cidade. De seguida, Ashley mudaria de veículo e seria levada para a Costa Sul, onde o Serviço de Protecção de Testemunhas estaria à espera com uma embarcação. Tal como antes, o derradeiro destino não lhes fora revelado.

Baxter subiu ao segundo andar. Os dois agentes privados de sono que montavam guarda à porta de Ashley levantaram-se assim que a ouviram chegar. Baxter mostrou-lhes a identificação e apresentou-se.

— Talvez seja melhor esperar mais alguns minutos — disse a agente com um sorriso afectado.

O agente mostrou-se exasperado. Baxter ignorou o conselho e bateu com força na porta azul.

— Estou com pressa — disse ela.

Conseguiu ver pelo canto do olho que os dois agentes trocaram olhares

irritados.

— Já lhe disse, acho que eles ainda não se levantaram.

— Eles? — perguntou Baxter.

Naquele instante, o ferrolho estalou e a porta abriu. Wolf estava a apertar os botões da camisa e estacou assim que viu Baxter à porta.

— Olá — disse, taciturno.

A expressão de Baxter mudou de confusa para magoada e zangada. Sem proferir uma palavra, fechou o punho, puxou o braço atrás e desferiu um murro em Wolf com toda a força. Ele ensinara-a bem. O gratificante golpe acertou-lhe no olho esquerdo, e ele cambaleou para trás. Os dois agentes assistiram, surpreendidos, mas nenhum tentou intervir.

Baxter pensou ter partido um dedo e abanou a mão numa tentativa de afastar a dor. Depois, rodou sobre os calcanhares e desatou a caminhar furiosamente pelo corredor abaixo.

— Baxter! Queres esperar um segundo? — Wolf seguira-a até ao exterior, pela rua abaixo e até ao parque de estacionamento esburacado. — Detesto usar a desculpa do homem no corredor da morte, mas daqui a três dias posso estar morto. Tenta compreender.

Baxter parou relutantemente. Virou-se para ele e cruzou os braços, impaciente.

— Nós não somos um casal — disse Wolf — nem nunca fomos.

Baxter revirou os olhos e recomeçou a caminhar para o carro.

— Somos outra coisa — disse ele com sinceridade —, alguma coisa confusa, irritante, especial e caótica. Mas não somos um casal. Não podes ficar zangada comigo por causa disto.

— Continua para aí a fazer o que te dá na real gana, como sempre.

— Pois continuo, e é precisamente isso que quero dizer. Eu não sirvo para funcionar como um casal. A Andrea pode afiançá-lo.

Baxter deu sinais de querer voltar a caminhar e Wolf agarrou-a delicadamente pelo braço.

— Não me toques! — gritou, e ele soltou-a.

— Olha, eu só quis que soubesses que... — Wolf estava com dificuldade para encontrar as palavras — ... que nada do que fiz... que nunca quis

magoar-te.

Baxter descruzou os braços e fitou-o durante bastante tempo.

— Vai-te lixar, Wolf — disse ela antes desatar a caminhar na direcção do edifício de Ashley.

Wolf pareceu magoado, mas não tentou ir no seu en-calce.

— Baxter! — gritou atrás dela. — Protege a menina!

Ela continuou a afastar-se.

— Se ele não conseguir apanhar a Ashley, acho que virá atrás dela!

Baxter virou para a rua principal e desapareceu de vista sem reagir ao apelo de Wolf.

Depois do simulacro de reunião do dia anterior, Vanita agendara a análise do caso para as 9h30. Baxter entrou de rompante no gabinete quando faltavam apenas dois minutos para a hora marcada. Graças a Wolf, o seu gélido encontro com Ashley atrasara-se consideravelmente e depois apanhara trânsito intenso ao tentar regressar à cidade.

Edmunds chegou a saltitar antes que ela conseguisse pousar a bolsa sobre a nódoa gordurosa que tinha em cima da secretária, uma recordação do jantar do turno da noite. Ele tinha um aspecto fatigado e invulgarmente desleixado.

— Que diabo! — lamentou-se Baxter, pousando a bolsa no chão. — Este sítio está imundo.

— Tenho de falar contigo — disse Edmunds em tom de urgência.

— Agora não. Estou a ter uma manhã de merda.

— Acho que descobri alguma coisa, mas não compreendo bem.

Baxter conseguiu vislumbrar Vanita a observá-los do interior da sala de reuniões.

— Nesse caso, partilha com todos. Anda daí.

Tentou contorná-lo.

— O problema é esse. É mesmo imprescindível que fale contigo primeiro.

— Meu Deus, Edmunds! Depois falamos — vociferou.

Foi a correr para a sala de reuniões e pediu desculpa pelo atraso. Ansioso, Edmunds seguiu-a até à sala de reuniões, onde o cavalete com informações parecia agora impressionantemente completo.

1. (CABEÇA) Naguib Khalid, o *Cremador*
2. (TRONCO) — ? — Madeline Ayers — (advogada de defesa de Khalid)
3. (BRAÇO ESQUERDO) *anel de platina, empresa de advocacia?* — Michael Gable-Collins — *porquê? Falou com AL*
4. (BRAÇO DIREITO) *verniz das unhas?* — Michelle Gailey — (oficial de reinserção social de Khalid)
5. (PERNA ESQUERDA) — ? — Ronald Everett — *jurado — fuga de informação para JG*
6. (PERNA DIREITA) detective Benjamin Chambers — *porquê?*

A — ~~Raymond Turnble~~ (mayor)

B — ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão/contabilista) *não esteve no julgamento, subornou AL*

C — ~~Jarred Garland~~ (jornalista) *comprou informação a RE*

D — Andrew Ford (segurança/alcoólico/~~uma besta~~) — *segurança do banco dos réus*

E — Ashley Lochlan (empregada de mesa) ou (menina de nove anos) *prestou falso testemunho*

F — Wolf

A reunião começou com Vanita a recapitular o plano de entrega de Ashley Lochlan ao Serviço de Protecção de Testemunhas nessa tarde. Quando Baxter reparou nas novas anotações que tinham sido rabiscadas no quadro, Finlay pô-los ao corrente da conversa que tivera com Samantha Boyd e de como Ronald Everett vendera informações a Jarred Garland. Entregou-lhes um acervo de artigos da autoria de Garland redigidos nessa época, todos num tom de crítica constante a Wolf, à Polícia Metropolitana ou ao jurado neonazi que odiava muçulmanos.

Edmunds mal conseguia ouvir. Além das poucas horas de sono involuntário a que o seu corpo o obrigara na penumbra dos arquivos, basicamente estava acordado há quatro dias seguidos. Começava a sofrer as consequências dos efeitos secundários da sua obsessão. Mal conseguia concentrar-se em mais de alguns momentos e perdia regularmente fragmentos de tempo, cinco minutos aqui, dez ali, fixando inexpressivamente o infinito. O olho esquerdo começara a tremer

ligeiramente e apresentava várias úlceras dolorosas na boca, sinal de que se sentia esgotado.

Concluía a tarefa de vasculhar todas as caixas de provas que Wolf consultara ao longo dos anos e descobrira algo profundamente perturbador entre as outras investigações de rotina. Durante um período entre 2012 e 2013, Wolf examinara sete processos arquivados que, inequivocamente, apresentavam semelhanças com os peculiares métodos do assassino que procuravam. Uma das autópsias chegava mesmo a referir ácido tríflico como causa de «terríveis lesões internas».

Era evidente que Wolf andava à caça de um assassino em série, no entanto, não havia qualquer processo em curso que estabelecesse uma ligação entre os assassinios e nem um documento relacionado com essas investigações incluído em qualquer das caixas. Ele andava secretamente na peugada deste assassino desconhecido, mas porquê?

Ocorrera a Edmunds que o período em questão teria sido pouco tempo depois da reintegração de Wolf. Ignorando todos os protocolos e procedimentos, talvez ele tivesse querido apanhar o assassino sozinho, para dar provas da sua capacidade depois de toda a controvérsia e alegações que tinham dilacerado a sua reputação. Talvez quisesse até prová-lo a si mesmo.

Só que isso continuava a não explicar por que motivo não partilhara com eles informações valiosas quando os crimes da *Boneca de Trapos* tinham começado. Não era possível que não tivesse reconhecido os sinais delatores do seu assassino.

Edmunds precisava desesperadamente de falar com Baxter sobre tudo isso.

— Continuamos longe de identificar quem poderia querer todas estas pessoas mortas — disse Vanita, frustrada. A sua maneira de apresentar os factos mais parecia uma acusação de incompetência. — Nenhum dos familiares das vítimas do Khalid se assevera como sendo do tipo vigilante.

Simmons entregou a Edmunds um monte de artigos redigidos por Garland e ele começou a folheá-los.

— Continuamos a não encontrar qualquer ligação entre o Chambers e o Khalid — salientou Baxter. Só agora conseguia pronunciar o nome do amigo sem ficar demasiadamente zangada ou perturbada.

Um dos artigos chamou a atenção de Edmunds. Garland entrevistara o *mayor* Turnble e o artigo era tão incriminatório e difamatório quanto o jornal podia publicar sem correr o risco de acabar com um processo judicial. O *mayor* estivera ocupado a promover as suas novas estratégias e convidara abertamente a «vítima» Naguib Khalid para o ajudar a finalizar a sua nova *Política para a Polícia e o Crime*. Garland fizera deliberadamente perguntas com as quais incentivara o ataque cada vez mais veemente do *mayor* ao detective mais infame da Polícia Metropolitana.

— Quase parece a lista de alvos a abater do Will — gracejou Finlay. — Se ele não constasse dela, é claro.

— Faustiano, dir-se-ia — disse Simmons com um sorriso.

Finlay soltou uma risadinha.

Edmunds baixou lentamente o artigo que começara a ler e virou-se para Finlay. Um pensamento incoerente começou a formar-se algures na sua mente fatigada. Voltou a olhar de relance para o artigo que tinha no regaço e depois para o cavalete no centro da sala.

Subitamente, uma peça encaixou no seu lugar.

Por fim, tudo fazia sentido.

— É o Wolf! — arquejou, deixando cair os artigos no chão e comprimindo as têmporas com as mãos, tentando organizar os pensamentos desordenados.

— Eu estava a brincar — disse Finlay, desconfortável.

Os outros entreolharam-se, preocupados, enquanto Edmunds começou a murmurar nomes entredentes. Levantou-se de um pulo e desatou a rir.

— Tenho sido tão tapado — disse ele. Começou a andar de um lado para o outro. — Tenho andado enganado todo este tempo. O Khalid nunca foi a chave; é o Wolf. Foi o Wolf todo este tempo!

— De que raio estás a falar, Edmunds? — perguntou Baxter. — O Wolf é um dos nossos.

Finlay fez uma careta e acenou com a cabeça na direcção dela, em concordância.

Edmunds arrancou do cavalete a lista completa de vítimas e deixou-a cair no chão.

— Ei! — gritou Simmons, mas Vanita fez sinal para que ele deixasse

Edmunds prosseguir.

Edmunds começou a escrever excitadamente.

1. *O Cremador* — obcecado pelo Wolf — já tentara matá-lo uma vez
2. O advogado de defesa — desacreditou as provas do Wolf — conseguiu ilibar o Khalid
3. O patrão da empresa de advocacia — sabia que a declaração da testemunha era falsa
4. A oficial de reinserção social — inexperiente — permitiu que o Khalid voltasse a matar
5. O jurado — passou informação sensível ao Garland
6. Chambers —
7. *Mayor* — usou desavergonhadamente o Wolf antes e depois de o Khalid matar a última menina
8. Irmão do Khalid — pagou à Lochlan para ela prestar declarações falsas
9. Jornalista — publicou mentiras sobre o Wolf, usou informações para influenciar o público/jurados
10. Segurança — salvou a vida do Khalid, partiu o pulso do Wolf
11. A testemunha — mentiu em troca de dinheiro, contestou as provas do Wolf
12. Wolf — a dissimulação

— Isto é ridículo, não? — disse Baxter. Olhou para os colegas à procura de apoio. — Sinceramente, nenhum de vocês está mesmo a acreditar nesta treta...!

— O Chambers? — perguntou-lhe Edmunds. — Que ligação falta?

— Parece-me terrivelmente conveniente que o Wolf te tenha dado um safanão ontem e que agora, sem mais nem menos, tu comeces a acusá-lo de... nem sei bem de quê — retorquiui ela.

— O Chambers? — repetiu Edmunds.

— Não há qualquer ligação — disse ela em tom de desafio.

— Qual é a ligação? — gritou-lhe Edmunds, dominando a sala.

— Já te disse, nenhuma!

Finlay aclarou a garganta e virou-se para ela. Baxter franziu o cenho, fitando-o.

— Eu também não acredito numa só palavra, miúda, mas temos de ir até ao fim para podermos eliminar a hipótese — disse ele.

Baxter recusou-se a falar.

— O Will sempre acreditou que foi o Ben quem enviou a carta — disse Finlay.

— Que carta?

— A carta para a Direcção de Normas Profissionais — prosseguiu Finlay —, a qual dizia que ele era obcecado e instável e onde recomendava que fosse destacado para outro caso.

Finlay olhou de relance para Baxter, mas ela nem conseguia devolver-lhe o olhar.

— A leitura em tribunal foi o último prego no caixão — lembrou Simmons, que parecia cada vez mais perturbado. — Aquela carta salvou o Khalid.

— São alegações graves, detective Edmunds — disse Vanita, referindo aquilo que era óbvio. — Alegações graves exigem provas concludentes.

Edmunds não se lembrou de nada. Estava já a folhear as páginas do seu bloco de notas. Começou a citar:

— 28 de Junho... guarda de serviço à porta da sala de interrogatórios. Ouviu uma discussão entre o *mayor* Turnble e o inspector Fawkes: «Compreendo. Estavam todos apenas a fazer o seu trabalho: a imprensa, os advogados, o herói que me desfez o pulso e me afastou do Khalid.»

— O Fawkes disse isso? — indagou Simmons, preocupado.

— Palavra por palavra — disse Edmunds. — Proferiu os nomes de três das nossas vítimas mesmo antes de termos começado a procurá-las.

— Isso não basta — disse Vanita. — Não para chamar a tempestade de merda que vai desabar sobre nós se seguirmos por este caminho.

Edmunds saiu da sala de reuniões e regressou com o primeiro caixote de provas arquivadas. Entregou aos colegas os documentos relevantes atribuídos ao caso, juntamente com a incriminatória folha de registo.

— Todos se lembram da reacção do Wolf quando eu descobri isto ontem? — perguntou Edmunds. — Pois bem, tenho mais seis debaixo da minha secretária... da nossa secretária.

— Isso explica tudo — disse Baxter. — É evidente que o Wolf assustou

este deficiente mental e agora o assassino está a tentar defender-se.

— Eu pensei nisso, mas o Wolf falou sobre isto com alguém? — perguntou Edmunds a todos os presentes. — Caixas de valiosas provas que poderiam ter salvado vidas? Que poderiam salvar a vida dele?

Ninguém respondeu.

Edmunds agachou-se e tapou os olhos com as mãos, ficando a baloiçar-se suavemente sobre os calcanhares, para trás e para a frente. Fez um esgar como se estivesse com dores e começou a murmurar para consigo incompreensíveis fragmentos de informação.

— O Wolf identifica-o... Aproxima-se dele... Divulga pormenores do caso... Não. Não, mas ele não o faz só porque são inimigos dele... isto é o Wolf a comprometer-se.

— Já me chega desta merda — disse Baxter, levantando-se para ir embora.

Edmunds voltou-se para a sua desconfortável audiência.

— O Wolf queria vingança, justiça, chamem-lhe o que quiserem, pela Annabelle Adams, pela família dela, por si próprio — começou, ainda a tentar juntar as peças do *puzzle* enquanto falava. — Nenhuma destas pessoas pagara pela sua corrupção, inacção ou oportunismo enquanto ele estava internado num hospital psiquiátrico e outra menina era morta.

»Por isso, consegue a reintegração e começa a investigar activamente homicídios não solucionados. Afinal de contas, um homicídio não solucionado é sinónimo de um assassino não capturado. Realiza a sua investigação secretamente, descobre estes sete casos antigos e, de algum modo, descobre também a identidade do assassino. Ah, mas, ao invés de o deter, utiliza-o para se vingar de todos aqueles que considera responsáveis.

»O engenhoso expediente foi juntar o seu próprio nome à lista, fazendo parecer que estava no centro das atenções. O Wolf sabia que ninguém suspeitaria dele se a sua vida estivesse ameaçada. A sério, pensem nisso: se o nome do Wolf não constasse da lista, desde o início que seria considerado suspeito.

Alguém bateu à porta de vidro.

— Agora não! — gritaram os cinco em uníssono para a tímida mulher, que se apressou a regressar à sua secretária.

— Se, e reforço a ideia do se, o Fawkes efectivamente descobriu a identidade do assassino —, disse Simmons, ignorando o olhar fulminante de Baxter —, isso significa que a resposta está algures dentro de uma destas sete caixas.

— Significaria — anuiu Edmunds.

— Isto é ridículo — sibilou Baxter.

— Se tiver razão, devemos presumir que o Fawkes andou a divulgar informações ao assassino durante todo este tempo — aventou Vanita.

— Isso explicaria muita coisa — disse Edmunds. — Há já alguns dias que suspeito de que poderíamos estar perante uma fuga de informação.

Edmunds olhou para Baxter à espera de confirmação, mas ela ignorou-o deliberadamente. Vanita suspirou.

— Nesse caso, temos uma verdadeira hipótese de salvar a Ashley Lochlan — disse ela —, visto que o Fawkes não estará envolvido.

Finlay e Baxter entreolharam-se.

— Está a escapar-me alguma coisa? — inquiriu Vanita.

— O Wolf esteve com ela hoje de manhã — disse Baxter impassivelmente. — Aparentemente, passou lá a noite.

— Haverá alguma regra que aquele homem não tenha quebrado!? — exclamou Vanita, olhando acusadoramente para Simmons. — Temos de informar a Menina Lochlan sobre a situação. Detective Edmunds, partindo do princípio de que está certo em relação a isto, acha que o assassino sabe que o Fawkes está por detrás de tudo?

— É difícil responder.

— Tente.

— Só posso conjecturar.

— Então, conjecture.

— Não. É evidente que o Wolf se considera mais inteligente do que todos nós, incluindo o assassino. Não acredito que ele quisesse deixar pontas soltas. Também não acredito, nem por sombras, que este assassino esteja disposto a permitir que alguma das suas vítimas sobreviva depois de ter alardeado ao mundo o que pretendia fazer. É para ele uma questão de orgulho. Falhar seria vergonhoso.

— O que só pode significar que o Fawkes pretende deitar-lhe a mão antes

— disse Vanita.

Baxter atirou um punhado de papéis contra o vidro rachado e levantou-se outra vez.

— Isto é tudo uma treta! Nós estamos a falar do *Wolf*! — Virou-se para Finlay. — O teu *amigo*, lembraste?

— Sim, mas considera os factos, Emily — retorquiu, mostrando-se nauseado.

Baxter virou-se para Edmunds.

— Há uns dias que tens um pressentimento sobre um delator na equipa, e esta conveniente historiazinha vem mesmo a calhar, não é? Se alguém se acha mais inteligente que todos os outros, esse alguém és tu! — Virou-se para os colegas com um olhar implorante. — E se estão a armar uma cilada ao *Wolf*? Já alguém pensou nisso, hã?

— Pode até ser — disse Simmons apaziguadoramente —, mas, seja como for, temos de o deter.

— Concordo — disse Vanita, pegando no telefone da sala de reuniões. — Daqui fala a comandante Vanita. Preciso que a Unidade de Resposta Armada se dirija imediatamente para a casa de William Fawkes.

Incrédula, Baxter abanava a cabeça. Tirou o telemóvel do bolso.

Finlay observava-a atentamente.

— Emily — disse com firmeza.

Baxter guardou-o com relutância.

— Tenham cuidado, o suspeito pode ser perigoso — continuou Vanita ao telefone. — Isso mesmo: suspeito... afirmativo. Estou a ordenar que detenham o inspector Fawkes.

Capítulo 29

Sexta-feira, 11 de Julho de 2014

12h52

Baxter espreitou pelo retrovisor. Ashley seguia sentada no banco de trás, nervosa, o olhar fixo nas agitadas ruas por onde seguiam a uma velocidade agonizantemente lenta.

Baxter pedira a Finlay que conduzisse, o que parecera tê-lo deixado em choque mais do que outra coisa naquele que já fora, pelos padrões de qualquer pessoa, um dia invulgarmente chocante. Escolhera o trajecto mais absurdo pelo meio da cidade e Baxter estava a fazer um enorme esforço para não tecer um comentário enquanto os semáforos temporários mais adiante deixavam passar outros dois carros ao lado da cratera que tinham escavado no centro da cidade.

Baxter recusara-se terminantemente a sequer falar com Edmunds, quanto mais ficar com ele dentro de um automóvel durante uma viagem de duas horas. Imaginou-o sentado no escritório, mal conseguindo esconder o estúpido sorriso na cara enquanto se dedicava a uma devassa dos assuntos de Wolf, reunindo as suas provas para as utilizar contra ele.

Aparentemente, Wolf não estava em casa quando a Unidade de Resposta Armada fora ao seu edifício e arrombara a porta do modesto apartamento. Enquanto esperavam na fila de trânsito que Finlay conseguira encontrar para eles, uma equipa dos seus colegas estava a revistar o minúsculo apartamento, desembrando finalmente as pilhas de caixotes que Wolf deixara a apanhar pó desde que se mudara.

Haviam explicado a Ashley o essencial da situação. Ela dissera que não fazia ideia do actual paradeiro de Wolf e que não soubera nada sobre a

suspensão. Como fora a última pessoa a ver Wolf, Baxter não tivera escolha se não dar pormenores sobre a última conversa; todavia, decidira omitir a parte do murro na cara, consciente de que o irrelevante pormenor só daria azo a mais perguntas a que ela não estava com vontade de responder.

Tinham ido buscar Ashley às 12h15 e deveriam encontrar-se com Simmons às 13h30 no parque de estacionamento do Estádio de Wembley. Baxter já lhe tinha telefonado a informar que estavam atrasados. Nenhuma das mulheres trocara uma única palavra com a outra e até Finlay fizera um esforço para manter a sua habitual vivacidade, de modo a impedir que o carro se afundasse num silêncio eterno.

Baxter sentia-se muito exposta. Já estavam na mesma rua há quase dez minutos, enquanto os transeuntes abriam caminho pelo meio dos carros parados, alguns passando a escassos centímetros da passageira que corria perigo de vida. Quando três automóveis (dois de gama baixa e um *BMW*) passaram os semáforos, Baxter percebeu exactamente onde se encontravam.

— Que raios estamos a fazer no Soho? — perguntou.

— Pediste-me que fosse eu a conduzir.

— Sim, mas pensei que «na direcção certa» estivesse implícito.

— Por onde terias ido?

— Shoreditch, Pentonville, Regent's Park.

— Estão a decorrer obras a toda a volta de King's Cross.

— Ainda bem que não ficamos retidos em nenhuma delas.

Ouviu-se o aviso sonoro de uma mensagem de texto e Ashley olhou sorrateiramente para o seu telemóvel.

— Que diabo! — disse Baxter. — Era suposto terem-lhe tirado isso.

Estendeu a mão impacientemente enquanto Ashley escrevia uma mensagem à pressa.

— Já! — vociferou Baxter.

Ashley desligou o telefone e entregou-lho. Baxter retirou-lhe a bateria e o cartão SIM e depois atirou-o para o porta-luvas.

— Explique-me uma coisa, porque estamos todos a arriscar os próprios coiros enquanto tentamos mantê-la escondida quando você está para aí a brincar com o telemóvel?

— Ela recebeu uma mensagem — disse Finlay.

— Talvez queira publicar no Facebook uma boa *selfie* à porta da casa segura quando lá chegar.

— Ela já percebeu, Emily! — bradou Finlay.

O carro que seguia atrás deles buzinou, e, quando Finlay olhou para a frente, percebeu que os dois carros que seguiam na dianteira tinham arrancado. Conduziu até ao semáforo vermelho, onde o imponente Palace Theatre dominava o cruzamento.

— Aquela é a Shaftesbury Avenue? — indagou Baxter, consternada. — Em que planeta é que este caminho seria o mais rápido...?

A porta do carro bateu.

Baxter e Finlay viraram-se e viram o banco de trás vazio. Baxter abriu a porta do passageiro e saiu. Viu Ashley abrir caminho por entre um grupo de turistas com mochilas a condizer antes de desaparecer na esquina que dava para a Shaftesbury Avenue. Baxter desatou a correr atrás dela. Finlay ignorou o sinal vermelho e quase provocou um choque frontal com o veículo que vinha em sentido contrário. Praguejou pela primeira vez em anos e foi obrigado a recuar.

Ashley virou na primeira rua à esquerda. Quando Baxter chegou à esquina, ela já tinha virado à direita e passado por baixo do adornado arco Paifang que assinalava a entrada em Chinatown. Baxter chegou à entrada. Pilares vermelhos e dourados encardidos suportavam um telhado verde decora-tivo sobranceiro à rua por baixo. Perdera Ashley de vista, já que ela mudara o ritmo para uma passada rápida, consciente de que se confundiria facilmente no meio da interminável turba que passava pelo estreito corredor de lojas e restaurantes.

— Polícia! — gritou Baxter, segurando o *crachat* à sua frente.

Começou a lutar contra o ininterrupto fluxo de turistas absortos que passavam por debaixo dos cordões de lanternas vermelhas que entrecortavam a distância. Lojistas riam e gritavam incompreensivelmente uns para os outros, diferentes músicas sobrepunham-se em dissonância, emanando das montras abertas dos restaurantes que ladeavam a rua, e odores desconhecidos sobrepunham-se à poluição londrina enquanto ela serpenteava entre os vendilhões. Se não conseguisse vislumbrar Ashley nos próximos segundos, sabia que nunca mais a encontraria.

Avistou um cesto vermelho-claro ao lado de um poste da mesma cor, pintado a condizer com os arcos coloridos. Subiu para cima dele, chamando para ela os olhares dos transeuntes mais atentos, e perscrutou o mar de cabeças. Ashley estava a mais de vinte metros adiante, mantendo-se junto às fachadas das lojas enquanto se aproximava de outro arco Paifang e do *pub* O'Neill's, que anunciava um notório regresso à realidade.

Baxter saltou para o chão e começou a correr para a saída, empurrando as pessoas para o lado enquanto voltava a avistar Ashley. Encontrava-se apenas a cinco metros quando Ashley passou por baixo do arco e um carro desconhecido derrapou até parar diante dela. Ashley foi a correr até à estrada e entrou para o lugar do passageiro. O condutor reparou em Baxter e arrancou com as rodas a chiar ferozmente. Baxter tinha uma mão encostada ao vidro do condutor quando o carro deu uma forte guinada, afastando-se dela e acelerando pela Shaftesbury Avenue.

— Wolf! — chamou, desesperada.

Ele olhara directamente para ela.

Repetiu a matrícula vezes sem conta, de forma a memorizá-la. Estava ofegante quando pegou no telemóvel e marcou o número de Finlay.

Edmunds escutou a encolerizada reacção de Vanita ao rapto voluntário de Ashley Lochlan quando estava sentado no seu lugar no escritório principal antes de ela o arrastar, e a Simmons, de volta para a sala de reuniões para os informar deste último desenvolvimento. Edmunds estivera ocupado a analisar, uma a uma, as caixas de arquivo e Simmons estava a investigar os registos do telefone de Wolf dos últimos dois anos.

— Ela tem a certeza de que era o Wolf? — perguntou Edmunds, aturdido.

— Absoluta — respondeu Vanita. — Sinalizámos a matrícula como prioritária.

— Não podemos revelar nada a ninguém — disse Simmons.

— Concordo — disse Vanita.

— Mas o público poderia ajudar-nos e encontrá-los. Não fazemos a mínima ideia de para onde ele a vai levar — disse Edmunds. — Ela corre perigo.

— Não temos a certeza — contrapôs Vanita.

— Não — corrigiu-a Edmunds. — Ainda não temos provas concludentes contra ele, mas sabemos que está por detrás de tudo isto.

— Tens de acordar para o mundo, Edmunds — bramiu Simmons. — Já imaginaste as repercussões se anunciássemos ao público que o nosso detective principal congeminou todos estes crimes? E que depois permitimos que fugisse com a próxima vítima?

Vanita anuiu, pensativamente.

— Mas... — começou Edmunds.

— Alguma diplomacia é o suficiente em situações destas, e, pelo que me toca, não tenciono perder o emprego enquanto não tivermos a certeza, sem qualquer sombra de dúvida, de que o Fawkes é culpado — informou Simon. — Mesmo então, haverá um momento e um lugar para revelar os pormenores dos acontecimentos.

Edmunds sentia-se agoniado. Saiu de rompante da sala de reuniões e bateu a porta atrás de si, aumentando a enorme fissura na parede de vidro, provocada pela sua própria cabeça na manhã anterior.

— Lidou muito bem com o assunto. É bom saber que ainda existe um gestor algures aí dentro — disse Vanita. — Quem sabe se, quando tirar do sistema esta fase dos polícias ladrões, ainda há esperança para si...!

Edmunds abriu a porta dos lavabos masculinos e, imbuído de um sentimento de frustração, deitou ao chão de ladrilhos o cesto de metal com um pontapé. Apetecia-lhe rir e chorar ao mesmo tempo; não lhe passara despercebida a ironia de Wolf ser protegido pelo egoísmo e egocentrismo da burocracia que os tinha deixado naquela situação. Se queria ter alguma esperança de obrigar os superiores a agir, precisava de encontrar provas irrefutáveis da culpa de Wolf.

Tinha de perceber como funcionava a cabeça do detective antes que este comesse a apagar o rasto que deixara, antes que comesse a pensar com clareza. Tinha de o apanhar quando estava mais vulnerável.

Baxter e Finlay estacionaram na área de serviço de South Mimms, nos arredores da cidade. Depois de montarem o telemóvel de Ashley, perceberam que ela tinha enviado mensagens para Wolf informando-o da

sua localização durante toda a viagem. A única mensagem que Wolf enviara dizia simplesmente:

Wardour St. Foge.

Tinham regressado ao apartamento de Ashley para procurar eventuais pistas que lhes revelassem o seu destino, mas nada encontraram, e depois, quando estavam a regressar à New Scotland Yard, receberam um telefonema. A empresa que geria o parque de estacionamento contactara a Polícia para revelar que a câmara com reconhecimento automático de matrículas emitira uma multa para a viatura que procuravam.

O deteriorado *Ford Escort* fora abandonado destrancado e praticamente sem combustível, o que sugeria que Wolf não pretendia regressar para junto dele. As inúteis imagens do circuito fechado de televisão mostrava-os a abandonar o carro antes de desaparecerem de vista, presumivelmente para mudarem de veículo. Wolf levava agora um avanço de quatro horas sobre eles.

— Como é que isto se enquadra na brilhante teoria do Edmunds? — perguntou Baxter enquanto regressavam a pé pelo meio do parque de estacionamento.

— Não sei — disse Finlay.

— Não enquadra. Ela optou por fugir com ele por iniciativa própria. Mudou aqui de carro de livre e espontânea vontade. Ele está a tentar salvá-la, não a tentar matá-la!

— Ficaremos a saber quando o encontrarmos.

Baxter soltou uma gargalhada como se Finlay estivesse a ser ingénuo.

— O problema é que não vamos encontrá-lo.

Edmunds releu o lote de cartazes do Sistema Nacional de Saúde aleatoriamente afixados no quadro de avisos enquanto esperava ao lado da pequena janela da Recepção do átrio do St Ann's Hospital. Levantava a cabeça, esperançado, sempre que um dos empregados vestidos informalmente tocava a campainha para entrar ou sair pelas portas de segurança. Começava a duvidar da sua ideia, sem saber bem o que esperava descobrir após a viagem de cinco horas.

— Detective Edmunds? — perguntou finalmente uma mulher de aspecto macilento.

Tocou a campainha para que os deixassem entrar e depois conduziu-o por um labirinto de desolados corredores, parando apenas para passar o cartão sempre que uma porta lhe travava a passagem.

— Sou a Dr.^a Sym, uma das principais profissionais de saúde mental desta instituição — informou, demasiado depressa para Edmunds conseguir rabiscar o título que pouco lhe dizia. A médica folheou um maço de documentos que levava nas mãos e colocou um processo no cacifo de um colega. — Queria fazer-me algumas perguntas sobre um dos nossos...

A mulher avistou alguém com quem precisava de falar urgentemente.

— Um minuto.

Foi a correr pelo corredor abaixo e deixou Edmunds de pé à porta da sala de convívio. Sempre cavalheiro, abriu a porta para deixar passar uma velhota, que saiu a arrastar-se sem sequer reparar nele enquanto ele espreitava para o interior. A maioria dos ocupantes da sala estavam sentados à volta de uma televisão, que apregoava num volume desconfortável. Um homem arremessou com irritação uma raquete de ténis de mesa pela sala e outro estava a ler junto às janelas.

— Detective! — chamou a incomodada mulher ao fundo do corredor.

Edmunds deixou a porta fechar-se e foi ter com a médica.

— Passemos pela enfermaria residencial, que fica a caminho do meu gabinete — disse ela —, e eu entrego-lhe o processo do Joel.

Edmunds parou de caminhar.

— Joel?

— Joel Shepard — disse ela impacientemente antes de perceber que Edmunds não chegara a dizer sobre que doente queria falar.

— Joel Shepard? — repetiu Edmunds para consigo. Reconhecia o nome de um dos processos arquivados que constava da lista de Wolf. Ignorara-o, não o tendo relacionado com a investigação.

— Desculpe — disse a mulher, atrapalhada, enquanto esfregava os olhos cansados. — Presumi que tivesse vindo por causa da morte dele.

— Não, não — apressou-se Edmunds a acrescentar. — Não estou a ser muito claro, pois não? Fale-me sobre o Joel Shepard.

A médica encontrava-se demasiado exaurida para perceber a súbita mudança de interesse em Edmunds.

— O Joel era um jovem com uma grande perturbação, mas, no geral, era um doce.

Edmunds pegou no bloco de notas.

— Sofria de paranóia incapacitante, comportamentos esquizofrénicos e alucinações realistas — explicou ao destrancar a porta do antigo quarto de Joel. — Mas, considerando o seu passado, nenhuma dessas condições era de admirar.

— Pode reavivar-me a memória? — pediu Edmunds.

A médica suspirou.

— A irmã do Joel morreu, brutalmente assassinada. Por seu turno, ele chacinou os homens responsáveis. A maldade dá origem à maldade.

O quarto estava vazio. As paredes tinham sido caiadas, mas conseguiam ainda ver-se as arrepiantes sombras das cruzes negras manchando a imaculada tela. No chão a seus pés tinham sido riscadas escrituras e o lado de dentro da porta ostentava profundos arranhões.

— Por vezes, não é possível apagar todos os vestígios deixados pelos nossos doentes mais perturbados — disse a médica com tristeza. — Estamos sobrelotados, mas temos de deixar este quarto vazio, porque, como é óbvio, não podemos meter aqui ninguém.

O quarto era frio, o ar bafiento e repugnante. Edmunds não queria passar mais tempo do que era necessário do lado errado daquela porta.

— Como morreu ele? — inquiriu Edmunds.

— Suicídio. *Overdose*. Não deveria ter acontecido. Conforme deve imaginar, controlamos todos os comprimidos que são distribuídos aqui. Ainda não consegui perceber como ele conseguiu acumular o suficiente para... — calou-se ao compreender que estava a pensar em voz alta.

— Que justificação deu ele para os homicídios? — perguntou Edmunds, passando a mão pela cruz maior e mais proeminente.

— Nenhuma. Não directamente. O Joel achava que um demónio, talvez o próprio Diabo, «reclamara as suas almas» em nome dele.

— Um demónio?

— Foi o detective que quis saber — disse a médica, encolhendo os

ombros. — A sua alucinação obsessiva. Acreditava piamente que tinha feito um pacto com o Diabo e que era apenas uma questão de tempo até ele vir buscar aquilo que Joel lhe prometera.

— Que era?

— A alma dele, detective — disse ela, consultando o relógio. — Faustiano, não?

— Faustiano? — perguntou Edmunds, tentando lembrar-se de onde já tinha ouvido aquela expressão.

— Como nas histórias: Robert Johnson vai até uma encruzilhada poeirenta apenas com o que tem vestido e levando uma velha guitarra carcomida...

Edmunds assentiu, compreendendo agora a referência. Sabia que era ilusão de óptica, mas muitas das cruzes esbatidas pareciam agora mais escuras do que quando entrara.

— Já que aqui estou, seria possível ver o antigo quarto do William Fawkes? — perguntou distraidamente, encaminhando-se já para a porta com pressa de sair dali.

A médica ficou evidentemente atónita com o pedido.

— Não compreendo como...

— Só demoro um minuto — insistiu Edmunds.

— Muito bem — bufou, abespinhada, e lá o conduziu pelo corredor, abrindo a porta que dava para outro quarto caiado de branco. Havia roupas e objectos pessoais espalhados pelo parco mobiliário. — Conforme disse, estamos sobrelotados.

Edmunds caminhou pelo quarto, perscrutando o chão liso, até que se deitou no pavimento para espreitar por baixo da cama de metal. De seguida, foi até à parede despida e começou a passar as mãos sistematicamente sobre a alva tinta recente.

A médica mostrou-se constrangida.

— Posso saber o que procura?

— Coisas que não é possível lavar — murmurou Edmunds. Subiu para a cama e inspeccionou a parede do fundo.

— Elaboramos um abrangente relatório de danos sempre que um quarto fica vago. Se tivesse ficado alguma coisa esquecida, nós saberíamos.

Edmunds arrastou a cama pelo chão e aninhou-se para inspeccionar o espaço vazio por detrás, à procura de algum vestígio invisível de Wolf. Os seus dedos pararam sobre uma série de entalhes que tinham estado ocultados pela cabeceira da cama.

— Caneta? — pediu, recusando-se a desviar o olhar, com medo de os perder de vista.

A médica acercou-se e passou-lhe o lápis grosso que trazia no bolso da camisa. Edmunds arrancou-lho da mão e começou a rabiscar freneticamente a área.

— Detective, o que está a fazer?

Negras formas apareceram do nada: letras, palavras. Finalmente, largou o lápis, sentou-se na beira da cama e pegou no telemóvel.

— O que é? — perguntou a inquieta mulher.

— Vai ter de arranjar outro sítio onde meter o doente desta cela.

— Como já lhe expliquei...

Edmunds virou-se para ela.

— Depois, vou precisar que tranque esta porta e que só a abra quando chegar a equipa de investigação forense. Compreendido?

Wolf e Ashley percorriam os últimos dos seiscentos e quarenta quilómetros da viagem. Só haviam parado uma vez desde que tinham trocado o *Ford Escort* pela discreta carrinha que Wolf deixara lá durante a noite. Fora uma maneira barulhenta e desconfortável de subir o país, mas, por apenas trezentas libras, levava-os até onde tinham de ir e ainda lhes restavam vinte minutos. Estacionaram num lugar destinado exclusivamente à largada de passageiros fora do terminal e seguiram apressadamente pela entrada principal do Aeroporto de Glasgow.

Durante sete horas seguidas, o rádio tinha palrado incessantemente em segundo plano. Muito se dissera sobre o iminente assassinio de Ashley, e uma conhecida loja de apostas vira-se obrigada a apresentar um pedido de desculpas depois de se saber que estava a aceitar apostas para a hora a que o seu coração deixaria de bater.

— Grandes bestas — dissera Ashley com uma gargalhada, voltando a surpreender Wolf com a sua destemida atitude.

Tinham passado repetidamente o mesmo som e Wolf estremecia sempre que era forçado a reviver o momento em que o corpo de Andrew Ford colidira com o chão. Uma entrevista exclusiva com uma das «melhores amigas» de Ashley deixara-a surpreendida, sobretudo porque não fazia ideia de quem era a entrevistada. Wolf ficara agradado ao perceber que os noticiários tinham dificuldade em preencher o tempo de antena. Era sinal de que a Polícia ainda não divulgara o facto de ele se ter evadido com a próxima vítima.

Jogando com a possibilidade de os seus colegas ainda não terem lançado um alerta global, falara com o chefe da segurança do aeroporto apenas dez minutos antes e, conforme solicitara, o técnico aguardava a sua chegada quando entraram no terminal, por volta das 8h20.

Era um homem de origem africana, bem-parecido, na casa dos quarenta, e envergava um fato que lhe assentava bem, com o *crachat* de segurança a baloiçar no bolso como um acessório cuidadosamente escolhido. Wolf reparou que ele tivera a astúcia de posicionar dois agentes armados por perto depois de receber o invulgar telefonema.

— Ah, inspector Fawkes, é mesmo o senhor. Eu não tinha a certeza — disse o homem, apertando a mão de Wolf com firmeza. — Karlus DeCosta, chefe da segurança.

DeCosta voltou-se para Ashley e estendeu-lhe a mão.

— E esta é a Menina Lochlan, claro. — Esboçou uma expressão que pretendia transmitir simpatia pelos apuros em que ela se encontrava. — Em que posso ajudá-los?

— Há um voo com destino ao Dubai que partirá dentro de dezassete minutos — disse Wolf sem rodeios. — Preciso que ela vá nesse voo.

Se DeCosta ficou surpreendido com o pedido, não o de-monstrou.

— Tem passaporte? — perguntou a Ashley.

Ashley tirou-o da bolsa e entregou-lho. O chefe da segurança analisou-o com profissionalismo, não obstante as restrições de tempo.

— Venham comigo — disse.

Passaram pela segurança e requisitaram um dos carros eléctricos para acelerar a deslocação até à porta de embarque. Uma robótica voz de mulher no sistema de comunicação ao público anunciou a última chamada para o

voo.

DeCosta, que parecia estar habituado àqueles incómodos avisos, virou abruptamente para a direita e conduziu o carrinho por uma passadeira rolante onde não seguia ninguém, o que pareceu desnecessário a Wolf, pois ele já tinha contactado o portão de embarque ordenando que não o fechassem enquanto ele não chegasse. Contudo, parecia estar a divertir-se.

— Há um avião que parte para Melbourne duas horas depois de aterres no Dubai — informou Wolf em voz baixa.

— Melbourne? — perguntou Ashley, em choque. — É esse o teu plano? Ir de férias? Não. Não posso. Então e o Jordan? E a minha mãe? Não me deixaste ligar-lhes e eles vão ouvir estas notícias e...

— Tens de continuar em movimento.

Ashley pareceu transtornada, mas anuiu passado algum tempo.

— Não devíamos informar o Karlus? — perguntou, gesticulando para o homem que os escoltava e que se inclinava agora para fora do veículo como um herói de banda-desenhada enquanto rolavam pelo chão alcatifado.

— Não. Eu farei o telefonema, instantes antes de o teu voo terminar. Não quero que mais alguém, além de nós, conheça o teu destino — disse Wolf.

— Assim que desceres do avião em Melbourne, serão 5h25 de domingo e estarás a salvo.

— Obrigada.

— Quando lá chegares, vai directamente para o Consulado Geral e diz-lhes quem és. — Wolf pegou-lhe na mão delicada e escreveu-lhe um número de telemóvel nas costas. — Diz-me quando estiveres a salvo.

Chegaram ao portão poucos minutos antes da partida. DeCosta foi falar com os funcionários enquanto Wolf e Ashley se apearam da traseira do carrinho e se entreolharam.

— Vem comigo — disse ela.

— Não posso — disse Wolf, abanando a cabeça.

Ashley já esperava essa resposta. Acercou-se um passo, encostando o seu corpo ao dele, e fechou os olhos.

— Menina Lochlan — chamou DeCosta desde o balcão de embarque. — Tem de embarcar imediatamente.

Ashley sorriu com timidez para Wolf e virou-lhe costas.

— Até breve, Fawkes — disse ela casualmente.

— Até breve, Lochlan.

Assim que ela embarcou, DeCosta fechou o portão e solicitou à torre de controlo que desse prioridade para a descolagem do avião. Wolf agradeceu-lhe a ajuda e pediu para ficar para trás. Conseguiria passar pelos serviços alfandegários sozinho. Tinha o seu passaporte rigidamente à espera no bolso de dentro do casaco. Nem sabia bem porque o tinha trazido. Só tornara mais difícil ter de dizer não a Ashley quando, inevitavelmente, ela lhe pedira que fugissem juntos, para escapar ao imbróglio que aguardava em Londres enquanto ainda ia a tempo.

Ficou a ver ansiosamente o avião em que Ashley seguia assumir a sua posição na pista, rugir sobre o asfalto e depois subir ao colorido céu do final de tarde, para longe do perigo, para longe dele.

Capítulo 30

Sábado, 12 de Julho de 2014

2h40

O agente Dean Harris encontrava-se sentado na sua habitual cadeira de braços junto à janela da enorme mas pouco acolhedora sala de estar. Estava a ler à luz de um candeeiro de mesa que parecia ter sido caro e que ele equilibrara precariamente no peitoril da janela, enquanto ignorava por completo a televisão que tinha o volume no mínimo. Só a ligara para lhe fazer um pouco de companhia e o ajudar a passar outra noite de solidão na casa desconhecida.

Os outros polícias da sua unidade tinham recebido com inveja a notícia do seu envolvimento no caso *Boneca de Trapos*. Ainda estavam naquela fase da carreira em que contabilizavam o número de cadáveres que tinham visto, e o «Galês» era o herói deles, pois fora o único elemento do grupo a usar uma arma de electrochoque.

Dean mantivera-se reservado em relação ao facto de ter sido destacado para o caso, mas, no seu íntimo, sentia-se orgulhoso. Informara a família, claro, pois sabia que a notícia se espalharia como um vírus, destacando a importância do seu cargo e inventando um título profissional do qual já nem se lembrava. O que não esperara era passar duas semanas de solidão a proteger uma menina que, por coincidência, tinha o mesmo nome da verdadeira vítima do assassino.

A família Lochlan não tinha conseguido ignorá-lo enquanto continuava a levar a sua vida, apesar do incómodo. Haviam tolerado a presença dele na sua casa e estavam naturalmente à beira de um ataque de nervos, não permitindo sequer que a pequena Ashley fosse sozinha à casa de banho,

apesar de saberem, tal como ele, que a menina de nove anos não estava de modo algum relacionada com este assassino em série nem com qualquer outra pessoa envolvida. Mas, pelo menos, ele não era o único. Existiriam provavelmente dezenas de Ashley Danielle Lochlan em todo o país a partilhar relutantemente as suas casas com os igualmente relutantes agentes.

Dean desviou a atenção do livro quando se ouviu no andar de cima alguma coisa a ranger, seguido de um zumbido. Dedicou-se novamente à leitura, mas tinha perdido o fio à meada. Durante a última quinzena passara a reconhecer todas as idiossincrasias da enorme casa antiga. Aquele som em particular era o aquecimento automático a arrancar com a descida da temperatura a meio da noite.

Bocejou sonoramente e consultou o relógio. Os turnos da madrugada eram sempre os que custavam mais. Apesar de se ter adaptado ao padrão e conseguir dormir sete horas durante o dia, sentia-se cansado. As seis horas da manhã pareciam-lhe distantes.

Tirou os óculos e esfregou os olhos sensíveis. Quando voltou a abri-los, a sala pareceu-lhe mais luminosa, lançando sobre as paredes agoirentas sombras que tremiam e mudavam de posição consoante o errático programa de televisão. Demorou algum tempo a perceber que algo accionara a potente luz de segurança no jardim da frente.

Dean levantou-se e espreitou pela alta janela. Era evidente que o sistema de rega tinha activado o sensor de movimento enquanto os jactos rotativos realizavam a sua rotina sincronizada para o seu único espectador. Não estava ninguém no jardim bem cuidado, por isso, ele voltou a sentar-se e ficou a olhar para o ecrã silencioso a ver as imagens despropositadas que eram entusiasticamente transmitidas, como se alguém se importasse com alguma coisa àquela hora da madrugada.

Vinte segundos depois de o sistema de rega se desligar, a luz intensa apagou-se e a sala pareceu-lhe mais escura do que nunca. Dean relaxou na cadeira dura e descansou os olhos, que lhe ardiam quando os fechava. Subitamente, sentiu um brilho cor de laranja através das pálpebras e quando abriu os olhos ficou ofuscado por uma luz branca que, vinda do exterior, inundava a sala. Foi aos tropeções até à janela mais próxima e, ao olhar para fora, reparou que a luz de segurança estava agora virada para a casa,

deixando na penumbra o resto do jardim.

Ouviu-se um violento estrondo na porta das traseiras. Com o coração aos pulos, Dean pegou no colete à prova de bala que estava nas costas da cadeira. Lentamente, saiu para o corredor iluminado pela fantasmagórica luz e caminhou tropegamente até à porta, distraído pelos pontos que luziam diante dos seus olhos encandeados. Lembrou-se demasiado tarde de que, horas antes, tirara a sua imaculada arma de electrochoque para ficar mais confortável e a deixara encostada à perna da cadeira na outra sala. Vestiu o colete ao passar por entre as fileiras de deprimidos retratos e levantou o bastão extensível acima da cabeça, preparado para atacar.

A luz de segurança apagou-se nas suas costas.

Dean viu-se mergulhado na escuridão. Susteve a respiração. Conseguiu ouvir alguma coisa a aproximar-se pelo corredor e desferiu um golpe tresloucado de pânico, mas só acertou no ar e na parede revestida a madeira. Antes que conseguisse desferir novo golpe, alguma coisa sólida acertou-lhe na testa e as trevas abateram-se sobre ele.

Não fazia ideia se estivera ou não inconsciente quando tateou à procura do rádio de comunicação e carregou no botão de emergência, que transmitiria tudo o que dissesse através de um canal aberto. O brilho verde que emanava do pequeno ecrã reflectiu-se nas paredes brilhantes, servindo de orientação a Dean enquanto este se levantou a custo e procurou o interruptor.

— Controlo da Polícia Metropolitana, enviem mais unidades — balbuciou antes de perder o equilíbrio e deixar cair o rádio ao chão.

Atirou-se ao interruptor. Por cima da sua cabeça, o pequeno candelabro ganhou vida, revelando um conjunto de pegadas enlameadas que conduziam ao longo do corredor e subiam as escadas na direcção do quarto de Ashley. Dean apanhou o bastão que estava no chão e subiu as escadas aos tropeções até ao patamar, onde as pegadas de botas, agora mais ténues, viravam de forma abrupta para a porta elaboradamente decorada do quarto da menina.

Dean entrou de rompante, levantando a arma acima da cabeça, mas viu que não havia ninguém no quarto apinhado de bugigangas. Os últimos vestígios de lama na alcatifa creme conduziam às portas da varanda, que

estavam abertas. Perscrutou o jardim ermo e encostou-se às grades metálicas, tendo perdido a adrenalina que lhe desviara a atenção das tonturas. Pegou no telemóvel e, enquanto aguardava a chegada de reforços, enviou uma mensagem de texto para o número que lhe tinham dado nessa noite.

Edmunds adormecera debaixo do casaco. Nas duas últimas semanas, passara mais noites no sofá do que na cama. Porém, Baxter estava bem acordada à mesa da cozinha, a ler a mensagem que acabara de receber. Em silêncio, subiu as escadas não alcatifadas para ver como estava toda a família Lochlan, que se encontrava escondida e a dormir profundamente no quarto de Edmunds e de Tia.

Wolf estava certo. Alertara-a para o facto de que o assassino iria atrás da menina se não conseguisse apanhar Ashley. Já relevava estar preparado para assassinar aleatoriamente. Os três comensais que tinham sido vitimados pelo envenenamento de Khalid eram prova disso. Não seria de espantar se estivesse preparado para matar uma criança inocente e, assim, preservar o seu ego.

Hesitantemente, Vanita concordara em deixar que Baxter mudasse a família de lugar, convicta de que seria uma pura perda de tempo para todos os envolvidos. Baxter oferecera o seu próprio apartamento. Pelo menos, fora isso que dissera à equipa.

Ainda não eliminara a possibilidade de Wolf estar a ser incriminado. Afinal de contas, esta era a segunda Ashley Lochlan que ele tentara salvar num só dia. Decidira telefonar à única pessoa em quem confiava cegamente, apesar de ainda estar furiosa com ele.

Como Tia estava em casa da mãe, Edmunds concordara amavelmente em dar alojamento a Baxter e aos seus aristocráticos refugiados. Depois de os levar até sua casa, e apesar de estar exausto, fora à loja de conveniência comprar alguns produtos essenciais que mal conseguira pagar. Baxter ficara feliz por ele ter ido, pois assim não estivera lá para ver os semblantes horrorizados daquela família abastada ao explorar os miseráveis limites da sua residência temporária.

— Ele devia despedir a criada — fora o que Baxter ouvira a Sr.^a Lochlan

murmurar ao ouvido do arrogante marido depois de pisar um monte de biscoitos para gato no chão da cozinha.

Edmunds adormecera no sofá durante o jantar, pelo que não comera os feijões e a torrada nem tivera oportunidade de falar com Baxter em privado. Ela achava que assim até era melhor. Nada mudara. Ele acreditava que Wolf era culpado e não havia nada que ela pudesse dizer para o fazer mudar de opinião. Ele não o conhecia como ela.

Enquanto Baxter elaborava a sua argumentação de defesa de Wolf para apresentar a Edmunds pela manhã, pegou no telemóvel e redigiu uma breve mensagem:

Menina em segurança. Temos de falar. Liga. X

Sabia que Wolf se teria desfeito do seu telemóvel para impedir que o localizassem, mas, mesmo assim, enviou a mensagem, pois tinha necessidade de se sentir de algum modo ainda ligada à pessoa mais importante da sua vida, não conseguindo sequer encarar a muito real possibilidade de nunca mais o ver.

Andrea saiu da cama em silêncio para não acordar Geoffrey. Embrulhou-se no robe e desceu as escadas até à cozinha. Através da clarabóia que fazia que a temperatura da divisão fosse tão inconstante, conseguia ver o Sol começar a ascender ao céu tingido de azul. Mesmo no Inverno, aquele espaço digno de uma exposição tornava-se insuportável enquanto o Sol lhe passava por cima. No entanto, antes de a aurora romper numa manhã de Verão, sentia os dedos dos pés entorpecidos só de caminhar sobre os gélidos ladrilhos.

Como precisava de privacidade, fechara a porta e sentara-se ao balcão com um copo de sumo de laranja, encostando o telefone ao ouvido. Era estranho que, mesmo após anos de separação, se sentisse completamente à vontade para telefonar a Wolf às cinco da manhã. Não podia dizer o mesmo de qualquer outra pessoa da sua vida, nem mesmo de Geoffrey.

Ao longo dos anos, habituara-se de tal forma aos irregulares padrões de trabalho do ex-marido que sabia que era bem provável que estivesse acordado a meio da noite, tal como estaria a meio do dia. Mas, em abono da

verdade, era mais do que isso. Sabia que ele estava sempre pronto a ajudá-la, apenas à distância de um telefonema, pronto para a ouvir sempre que ela precisava de falar, estivesse a dormir ou não. Era uma coisa que ela sempre encarara como um dado adquirido, até agora.

Pela sexta vez em doze hora, fora encaminhada para o atendedor de chamadas e decidira terminar o telefonema em vez de deixar outra mensagem atrapalhada. Tentaria de novo quando fosse a caminho do trabalho. Elijah esperava a sua resposta sobre a promoção até ao final do dia e ela chegara àquele ponto em que até deixara de pensar no caso, esperando encontrar miraculosamente a resposta certa quando o momento chegasse.

Como sempre, Geoffrey levantou-se às seis horas e Andrea fez um esforço consciente para não tocar no batido assunto durante o pequeno-almoço. Ele deveria estar tão farto do tema quanto ela e, de qualquer modo, não havia nada que pudesse dizer que a conseguisse ajudar. Desejara-lhe boa sorte antes de ir tomar banho, só para a fazer ver que não se esquecera, e depois desaparecera no andar de cima.

Andrea saiu de casa às 6h20 para começar cedo aquele que, sabia, seria outro cansativo dia de notícias com o *Relógio da Morte*. Quando chegou à Redacção, percebeu por que motivo Wolf não respondera às suas mensagens. Tinha a caixa cheia de *e-mails* e fotografias enviados por pessoas que esperavam algum tipo de recompensa pecuniária por terem avistado Wolf e Ashley Lochlan. A lista pouco fiável de locais tão díspares lembrou-lhe uma história cuja cobertura fora da sua responsabilidade alguns anos antes, sobre um leopardo à solta. Wolf e Ashley tinham sido avistados em duas estações de serviço diferentes, no Aeroporto de Glasgow, levados na traseira de um carrinho, e havia uma fotografia desfocada enviada do Dubai poucos minutos antes.

Sem saber bem o que pensar, Andrea enviou a Baxter uma mensagem de texto para saber se estava tudo bem e foi para a sala de maquilhagem bem cedo, de modo a evitar Elijah. Não precisava que lhe relembrasse a importante decisão que tinha de tomar nem que a pressionasse.

Ainda lhe restavam dez horas para tomar a decisão.

Baxter continuava sentada à mesa da cozinha quando ouviu Edmunds

começar a mexer-se. Apressou-se a guardar na bolsa a *Glock 22* que tinha pedido emprestada no Departamento de Provas. Não tinha qualquer vontade de se deixar, a si ou à família Lochlan, sem protecção e não tivera dificuldade em aceder às provas das suas próprias investigações. Depois, só precisara de um quarto de hora a remexer em gavetas e noutras caixas de provas para encontrar um punhado de balas S&W de caibre 40 compatíveis com a arma.

Edmunds entrou na cozinha a cambalear e com os olhos vítreos e resmungou ao avistar o monte de louça que esperava por ele na pia. Aparentemente, os Lochlan nunca se tinham deparado com a possibilidade de lavar a louça que sujavam e tinham passado outra noite sem que alguém os ensinasse.

— Bom dia — disse a bocejar.

Foi a arrastar os pés até à chaleira.

— Obrigada por nos acolheres — disse Baxter.

Edmunds ainda estava meio a dormir e não percebeu se ela estava ou não a ser sincera.

— O assassino tentou matá-la, tal como o Wolf previra — informou-o Baxter.

Edmunds abandonou o café e sentou-se à mesa.

— Conseguiu escapar — acrescentou quando ele a olhou esperançado. — O miúdo que estava a vigiar a casa está a receber tratamento devido a um traumatismo, mas vai ficar bom.

Baxter fez uma pausa enquanto se preparava para apresentar a sua bem ensaiada argumentação.

— Olha, eu não te censuro por aquilo de ontem nem por investigares a possibilidade de o Wolf estar envolvido. Considerando as provas que encontraste, não estarias a fazer o teu trabalho se agisses de outro modo.

— Os tipos da informática disseram que ele esteve a pesquisar a Madeline Ayers no Google um dia depois de termos encontrado a *Boneca de Trapos* — começou Edmunds, mas Baxter impôs-se.

— Tu não o conheces como eu. O Wolf tem um código. É provavelmente a pessoa com o moral mais elevado que já conheci, mesmo que às vezes isso o leve a fazer coisas ilegais e horríveis.

— Isso não é um contra-senso? — perguntou Edmunds com todo o tacto que conseguiu.

— Todos sabemos que há momentos em que a lei e aquilo que é correcto não se conjugam como gostaríamos. O Wolf nunca faria nenhuma das coisas que tu...

Baxter deteve-se a meio da frase quando Edmunds se levantou, tirou uma pasta do seu saco e a atirou para cima da mesa diante dela.

— O que é isso? — perguntou com cautela.

Não revelou qualquer intenção de lhe pegar.

— Ontem à tarde fiz um passeio até ao St Ann's Hospital.

O semblante de Baxter ensombrou-se. Era evidente que achava que ele tinha exagerado.

— O que te leva a pensar que tens o direito...?

— Descobri uma coisa — disse Edmunds, sobrepondo a sua voz à dela.
— No quarto do Wolf.

Baxter mostrou-se furiosa. Arrancou a pasta de cima da mesa e abriu-a. A primeira fotografia ilustrava um pequeno quarto caiado de branco, com a mobília quase toda fora do sítio. Olhou impacientemente para Edmunds.

— Continua — incitou-a.

A segunda fotografia mostrava aquilo que parecia ser uma marca de sujidade na parede do fundo.

— Fascinante — disse Baxter, passando a fotografia para a parte de trás do monte antes de olhar de relance para a terceira e última fotografia. Fitou-a em silêncio durante mais de um minuto antes de franzir o rosto e esconder de Edmunds os olhos lacrimejantes.

A fotografia que tinha no colo retratava os nomes conhecidos profundamente gravados na dura superfície, os nomes daqueles que Wolf considerava responsáveis, com as letras escuras como formas obscurecidas pelo fumo, negras e para sempre cauterizadas no tecido do antigo edifício.

— Lamento — disse Edmunds com delicadeza.

Baxter abanou a cabeça e atirou a pasta para cima da mesa.

— Estás enganado. Ele estava doente! Nunca poderia... Ele...

Baxter sabia que estava a tentar enganar-se a si mesma. Sentia que tudo aquilo em que sempre acreditara estava errado; afinal de contas, se fora

suficientemente ingênua ao ponto de acreditar em Wolf, que outras ilusões teria na sua vida? O homem cujo exemplo sempre quisera seguir, que tentara imitar, com quem quisera estar, *era* o monstro para que Edmunds a alertara.

Conseguiu ouvir os gritos de Garland às portas da morte. Conseguiu sentir o cheiro fétido dos restos chamuscados do *mayor*, conseguiu lembrar-se de abraçar Chambers quando ninguém estava a ver, desejando-lhe boas férias.

— É ele, Baxter. Não restam dúvidas. Lamento.

Lentamente, ela levantou o olhar para Edmunds e assentiu com a cabeça. Não restavam dúvidas.

Capítulo 31

Sábado, 12 de Julho de 2014

8h36

— Foi você? — vociferou Vanita para Finlay entrando de rompante pela sala de reuniões. Virou-se para Simmons. — Você?

Nenhum deles fazia ideia sobre o que ela estava a falar. Ainda mais agastada pelos semblantes inexpressivos, Vanita pegou no telecomando que estava em cima do armário e percorreu os canais até encontrar Andrea sentada por detrás da secretária do serviço noticioso com o *Relógio da Morte* aflorando por cima da sua cabeça. Vanita aumentou o volume enquanto uma imagem desfocada ocupava o ecrã.

— ... retrata Ashley Lochlan a ser escoltada pelo Aeroporto Internacional de Dubai pelo chefe de Segurança Fahad Al Murr — leu Andrea.

Era transmitido em câmara lenta um curto filme captado por uma câmara de telemóvel.

— E, aqui, conseguimos ver distintamente o inspector Fawkes e Ashley Lochlan a passarem a toda a velocidade pelo Terminal Um do Aeroporto de Glasgow.

— Já sabíamos disso — atalhou Finlay.

— Há mais — bradou Vanita.

Andrea voltou a aparecer no ecrã.

— Uma fonte próxima da investigação revelou-nos em exclusividade que a Menina Lochlan foi uma das testemunhas do julgamento do *Cremador* e que tem ligações a outras vítimas do caso *Boneca de Trapos*. A mesma fonte confirmou o envolvimento do inspector Fawkes na operação de

acompanhamento da Menina Lochlan para fora do país.

— A miúda é inteligente — disse Finlay, sorridente.

— Como disse? — bramiu Vanita.

— A Emily. Não revelou nada de importante, apenas o suficiente para provar que *esta* Ashley Lochlan é o alvo do assassino. Agora, não faz sentido ele atentar contra a vida da menina ou de qualquer outra Ashley Lochlan que possa existir. A Emily acabou de revelar ao mundo que ele não vai conseguir.

— Ela acabou de revelar ao mundo que a Polícia Metropolitana é tão incompetente que esta mulher está mais segura a correr riscos sozinha do que a permitir que a ajudemos! — disse Vanita.

— Está a salvar vidas.

— Mas a que preço?

O telefone do gabinete de Vanita começou a tocar. Ela soltou uma imprecisão entredentes e virou-lhes costas, ordenando a Simmons que a seguisse como um cão. Simmons hesitou e olhou para Finlay.

— Terrence! — voltou a chamar, e Finlay ficou a ver, repugnado, enquanto o colega seguia no seu encalço.

— A subserviência da liderança — disse para com os seus botões.

Edmunds deu passagem a Simmons e entrou na sala de reuniões. Em silêncio, retirou o conteúdo do seu saco de trabalho, não demonstrando qualquer interesse no noticiário, pois já tinha debatido amplamente o assunto com Baxter.

— Então, é o Will? — perguntou Finlay.

Edmunds anuiu solenemente e entregou-lhe a pasta de arquivo que acabara de tirar do saco, mas Finlay recusou.

— Acredito em ti — disse, antes de voltar a atenção para a televisão.

— Não me leves a mal, mas não pareces nada espantado — disse Edmunds.

— Para quem já anda nisto há tanto tempo, nada me espanta. Só me deixa triste. Se aprendi alguma coisa, é que, se pressionarmos alguém até certo ponto, esse alguém acabará por reagir.

— Não estás a tentar justificar as acções do Wolf?

— É claro que não. Mas, ao longo dos anos, vi muitas pessoas de algum

modo «boas» a fazer coisas terríveis a outras... maridos a estrangular mulheres infiéis, irmãos a proteger irmãs de parceiros abusivos. No fim percebemos...

— Percebemos o quê?

— Que não há pessoas «boas». Há só aquelas que ainda não foram suficientemente pressionadas e aquelas que foram.

— Dás a entender que não queres que o Wolf seja apanhado.

— Temos de o apanhar. Algumas daquelas pessoas não mereciam o que lhes aconteceu.

— E achas que algumas mereciam?

— Sim, algumas mereciam. Não te preocupes, miúdo. Eu quero apanhá-lo, mais do que qualquer um de vocês, porque, mais do que qualquer um de vocês, não quero que ele se magoe.

Vanita e Simmons regressaram à sala de reuniões com um ar encabulado e ocuparam os seus lugares. Edmunds entregou a cada um uma cópia do perfil que criara para o assassino.

— O tempo está a esgotar-se — disse —, por isso reuni tudo o que sabemos sobre o nosso assassino, juntamente com algumas suposições fundamentadas para limitar a busca: caucasiano do sexo masculino, mede entre 1,80 m e 1,90 m, calvo ou com o cabelo rapado, uma cicatriz no antebraço direito e na parte de trás da cabeça, calça botas militares número 46,5 anteriores a 2012, é ou foi soldado. Inteligência elevada, que põe à prova amiúde para lhe alimentar o ego. Desprendimento emocional, trivialização do valor da vida humana, gosta de desafios e quer ser testado. Sente-se aborrecido, por isso é provável que já não seja soldado. O panorama geral deixa-nos adivinhar que gosta do que faz. É um solitário, um forasteiro, não é casado, vive em algum sítio com condições mínimas. Olhando aos preços praticados em Londres, aposto que vive num apartamento tipo estúdio numa zona má da cidade.

»As pessoas que se alistam no Exército só porque gostam de matar costumam dar nas vistas e acabam por ser expulsas em desonra depois de fazerem, ou de recair sobre elas a suspeita de terem feito, algo horripilante. Uma vez que as impressões digitais não constam do sistema, é provável que só recaiam suspeitas sobre ele; todavia, também não podemos excluir um

ferimento, considerando as cicatrizes.

— São muitas suposições — disse Simmons.

— Suposições fundamentadas, e sempre é um ponto de partida — disse Edmunds sem se mostrar arrependido. — Temos de reunir uma lista de nomes que se enquadrem na descrição e que tenham sido expulsos da vida militar nos anos anteriores ao primeiro caso em arquivo, em 2008.

— Excelente trabalho, Edmunds — disse Vanita.

— Com a sua permissão, gostaria de continuar a analisar as provas com o Finlay. Seria útil se o inspector Simmons pudesse começar a compilar uma lista de nomes para mim.

Simmons não gostou de ver o mais novo recruta a delegar-lhe trabalho e estava prestes a dizê-lo quando Vanita respondeu:

— Tudo o que precisar — disse. — Presumo então que a Baxter ande à procura do Fawkes!

— A Baxter não vai sair da beira daquela menina até à meia-noite, e nenhuma ordem, ameaça ou súplica a fará mudar de ideias. Eu cá não perdia tempo — disse Edmunds.

Finlay e Simmons entreolharam-se, estupefactos. Estaria ele agora a dar ordens à *comandante*?

— O assassino tem vindo sistematicamente a aproximar-se a cada crime que comete. Ele planeia acabar isto num confronto final. Se o encontrarmos, encontraremos o Wolf.

A reunião foi dada por encerrada. Vanita e Simmons regressaram ao gabinete dela enquanto Edmunds se deixou ficar para conversar em privado com Finlay. Fechou a porta da sala de reuniões e depois hesitou, sem saber bem como abordar o peculiar assunto.

— Finlay... uma pergunta estranha.

— Chuta — disse Finlay, olhando de relance para a porta fechada.

— Ontem estavas a falar com o Simmons sobre uma coisa.

— Vais ter de ser um pouco mais específico — disse Finlay com uma risada.

— Faustiano — disse Edmunds. — Fiquei a pensar no que querias dizer com isso.

— Francamente, eu mal me lembro sobre o que falámos *nesta* reunião.

Edmunds desembainhou o bloco de notas.

— Estávamos a falar sobre as vítimas e tu disseste: «Quase parece a lista de alvos a abater do Will. Se ele não constasse dela, é claro», e então o Simmons disse: «É quase faustiano» ou qualquer coisa do género.

Finlay assentiu com a cabeça ao lembrar-se.

— Não foi nada, apenas uma piada estúpida — disse.

— Podes explicar, por favor?

Finlay encolheu os ombros e sentou-se.

— Há alguns anos, tivemos um grupo de pessoas que juravam a pés juntos a sua inocência, não obstante os montes de cadáveres que se acumulavam à sua volta.

— Acusavam demónios ou o Diabo? — indagou Edmunds, fascinado.

— Sim, o álibi faustiano, foi assim que ficou conhecido — disse Finlay com um sorriso presumido.

— E como é que uma pessoa conseguia uma coisa dessas?

— Como assim?

— Em termos práticos.

— Em termos práticos? — perguntou Finlay, sem com-preender. — É um mito urbano, miúdo.

— Explica-mo.

— Onde queres chegar?

— Pode ser importante... por favor.

Finlay consultou o relógio, ciente de que lhes restava pouco tempo.

— Está bem. Hora da historinha: há uns números de telefone por aí, números de telemóvel normais. Ninguém sabe a quem pertencem e nunca ninguém conseguiu localizá-los. São utilizados apenas para um telefonema e depois são desligados. Se uma pessoa conseguir um desses números e estiver inclinada para isso, pode propor uma troca.

— Um pacto com o Diabo — atalhou Edmunds, maravilhado com a história.

— Sim, um pacto com «o Diabo» — suspirou Finlay. — Mas, tal como todas as histórias que envolvem o Diabo, há um senão: depois de ele cumprir a sua parte, espera algo em troca...

Finlay fez uma pausa e gesticulou para que Edmunds se aproximasse dele.

— A tua alma! — rugiu, obrigando Edmunds a dar um salto.

Finlay desatou a tossir e a cuspir enquanto ria do colega assustadiço.

— Achas que poderia haver um fundo de verdade em tudo isso? — perguntou Edmunds.

— O Diabo num cartão pré-pago? Não. Acho que não — retorquiu Finlay, agora com um ar sério. — Hoje tens de te concentrar em coisas mais importantes, certo?

Edmunds assentiu.

— Então, pronto — disse Finlay.

O casal Lochlan estava a ver televisão na vulgar sala de estar de Edmunds. Sentada à mesa da cozinha, Baxter conseguia ouvir Ashley a brincar no quarto no andar de cima. Estava prestes a levantar-se para preparar alguma coisa para comer quando, subitamente, Ashley ficou em silêncio.

Baxter pôs-se de pé, fazendo um esforço para escutar para além da televisão aos berros na outra divisão, mas relaxou quando ouviu as ensurdecedoras passadas de Ashley a correr pelo patamar e depois a descer as escadas. Foi a correr para a cozinha com uma série de ganchos e flores presos aleatoriamente no cabelo.

— Olá, Emily — disse, alegremente.

— Olá, Ashley — respondeu Baxter. Nunca tivera jeito para falar com crianças. Era como se conseguissem pressentir o medo que sentia delas. — Estás muito bonita.

— Obrigada. Tu também.

Baxter duvidava que fosse verdade, mas sorriu-lhe com ar cansado.

— Só queria saber se continuas a querer que eu te venha dizer se vir alguém lá fora.

— Sim, por favor — disse Baxter com o máximo de entusiasmo que conseguiu. — Estou à espera de um amigo — mentiu.

— Está bem!

Baxter estava à espera de que a menina subisse as escadas a correr, mas ela ficou ali a soltar risadinhas.

— O que foi?

— O que foi? — disse Ashley a rir.

— O que queres dizer com isso? — Baxter estava a perder a paciência.

— Aquilo que me pediste para fazer! Estou a dizer-te que está uma pessoa no jardim das traseiras!

O sorriso forçado de Baxter esfumou-se. Agarrou em Ashley e levou-a apressadamente para a sala de estar, gesticulando para os pais assustados.

— Vão lá para cima e tranquem a porta — sussurrou, confiando-lhes a guarda da menina.

Enquanto ouvia os passos dos três no andar de cima, Baxter foi a correr até à cozinha e tirou a pistola da bolsa. Ficou especada quando ouviu alguma coisa a raspar num dos lados da casa. Foi agachada até às janelas das traseiras, mas não conseguiu ver nada no exterior.

Ouviu-se um baque na porta da frente.

Baxter foi a correr para o corredor e meteu-se na casa de banho. Ergueu a arma quando ouviu metal em contacto com a fechadura da porta. A porta da frente abriu-se com um rangido e ela lobrigou uma enorme sombra a transpor a soleira. Susteve a respiração e esperou que o vulto passasse pela porta da casa de banho para sair de lá de dentro e desferir um golpe com o punho de metal da pistola na cabeça encapuzada, fazendo que o intruso deixasse cair ao chão um saco cheio de lâminas de barbear, tesouras afiadas e luvas descartáveis.

— Polícia — disse Baxter, olhando para a variedade de agoirentos instrumentos espalhados pelo chão. — Quem és tu?

— Sou a Tia. A noiva do Alex. Moro aqui.

Baxter inclinou-se e lobrigou a visível protuberância por baixo do *top* da grávida.

— Meu Deus! Lamento imenso — disse ela, baixando a arma. — Eu sou a Emily... Emily Baxter. Muito prazer em conhecer-te finalmente.

* * *

Quando Ashley desembarcou, o chefe da segurança do Aeroporto Internacional de Dubai já tinha falado com Wolf. Era um homem

assustador, que distribuía ordens por toda a gente à sua volta, por isso não foi estranho ficar a saber que ele tivesse obrigado a companhia aérea a mudar o lugar dela para o voo até Melbourne.

Ashley sentia-se terrivelmente mal. Conseguia ver os outros passageiros apinhados nos únicos lugares ao fundo da cabina, enquanto ela estava rodeada por quatro filas sem ninguém. O relógio do sistema de entretenimento tinha sido actualizado de acordo com os diferentes fusos horários. Era agora, oficialmente, domingo de manhã, mas ela ainda não estava em segurança. Consultou o seu relógio, que mantinha a hora de Londres, consciente de que não poderia baixar a guarda enquanto não fosse meia-noite em Inglaterra.

Desde que Wolf lhe revelara o plano, tinha as suas reservas em relação a embarcar num avião cheio de pessoas inocentes. O assassino, que parecia onnipresente, parecia não ter limites, e ela não conseguia deixar de imaginar se fazer despenhar um avião de passageiros não se enquadraria no âmbito das abrangentes capacidades dele. Há horas que se mantinha agarrada aos apoios de braços, esperando que se despenhasse a qualquer momento. De acordo com as ordens de Wolf, recusara todos os alimentos e bebidas e olhava cautelosamente sempre que alguém se levantava para ir à casa de banho.

As luzes difusas tremeluziam a toda a sua volta e Ashley mantinha-se alerta. Os membros da tripulação pareciam indiferentes ao passar em bicos de pés por entre os passageiros que dormiam. Os apoios de braços começaram a tremer e depois a abanar debaixo das suas mãos e ouviu-se um animado tinido quando as luzes dos cintos de segurança se acenderam.

Ele encontrara-a.

Todo o avisão começou a vibrar violentamente, despertando os passageiros que iam a dormir. Ashley percebeu as expressões de preocupação nos semblantes dos membros da tripulação enquanto tentavam tranquilizar os passageiros e se apressavam a regressar para a segurança dos seus lugares. As luzes apagaram-se. Ashley espreitou pela janela ao seu lado, mas só conseguiu ver escuridão. Era como se já estivesse morta.

A trepidação diminuiu gradualmente e as luzes voltaram a acender-se com toda a intensidade. Risos de ansiedade encheram a cabina e, pouco depois, o

aviso dos cintos de segurança apagou-se outra vez. A voz do comandante soou no intercomunicador apresentando desculpas pela turbulência e fazendo uma piada sobre todos os passageiros daquela companhia terem uma cadeira de massagens, não apenas os que viajavam em primeira classe.

À medida que as pessoas começaram a voltar a adormecer, Ashley contou os segundos mentalmente, riscando os minutos até aterrarem.

Andrea despediu-se com a sua habitual frase. Quando a luz de aviso «No Ar» se apagou, o *Relógio da Morte* indicava +16:59:56. Apreciara aquele dia, cheio de positivismo e de pessoas a desejar boa sorte a Ashley Lochlan ou a dar conselhos enquanto ela tentava enganar o assassino que, até então, fora infalível. A abjecta contagem decrescente, tendo transposto a barreira da meia-noite e agora com números positivos, fora rebaptizada *Relógio da Vida* por um espectador numa intervenção telefónica e, pela primeira vez, simbolizava a esperança e não o desespero, contando as horas após o fracasso do assassino.

Porém, a boa disposição de Andrea não tardou a esmorecer assim que entrou na Redacção e lobrigou Elijah à espera dela no estreito corredor do seu gabinete. Chamou-a com um gesto pleno de arrogância e entrou com largas passadas no seu gabinete.

Andrea recusou-se a estugar o passo. Parou junto à sua secretária e dedicou algum tempo a recompor-se, tentando não pensar na gravidade da decisão que já tomara. Atravessou o caos da Redacção, respirou fundo e subiu as escadas de metal.

Wolf estava a ver o noticiário na pensão barata cuja estada pagara em numerário. Há horas que se sentia no limite e mergulhou pelo quarto encardido quando o telefone com cartão pré-pago emitiu um sinal pouco depois da meia-noite. Abriu a mensagem de texto do número desconhecido e deixou-se cair na cama, aliviado, depois de ler:

Continuo aqui! L x

Ela estava em segurança.

Retirou o cartão SIM do telefone, partiu-o ao meio e depois foi ligar a

televisão, fazendo uma pausa ao constatar que o canal noticioso de Andrea já repusera o *Relógio da Morte*. Viu três minutos da sua vida desaparecerem como se fossem segundos e depois carregou no botão para desligar:

-23:54:23

Capítulo 32

Domingo, 13 de Julho de 2014

6h20

Vanita e Simmons haviam ficado a trabalhar até às 19h30 e 21 horas, respectivamente, enquanto Edmunds e Finlay se tinham preparado para um longo serão no escritório. Baxter juntara-se a eles um pouco antes da uma da manhã, depois de, à meia-noite, ter mandado a família Lochlan para casa sob escolta policial.

Edmunds esperara receber uma série de mensagens e telefonemas de Tia, enraivecida por ele ter transformado a sua modesta casa numa pensão para desconhecidos. Contudo, a futura mamã passara o dia inteiro a brincar com a Ashley de nove anos e estava a dormir profundamente quando Baxter abandonara a casa.

Quando Baxter chegou ao escritório, Finlay estava dedicado à titânica tarefa de percorrer a lista de militares destituídos. Entretanto, Edmunds espalhara as provas em arquivo pelo chão da sala de reuniões e estivera ocupado a ordenar meticulosamente aquela barafunda.

Durante a noite, a atmosfera no escritório asseverava-se-lhe sempre estranha. Apesar de a New Scotland Yard continuar repleta de colaboradores a trabalhar à base de cafeína, os funcionários do turno da noite pareciam realizar as suas tarefas pela calada. A iluminação opressiva parecia um pouco mais quente ao difundir-se para as divisões desocupadas e corredores na penumbra, e os telefones que lutavam desesperadamente para se fazerem ouvir durante o dia limitavam-se a um educado zumbido.

Às 6h20, Finlay estava a dormir na sua cadeira, ressonando baixinho ao lado de Baxter, que herdara a laboriosa tarefa. Com base no perfil traçado

por Edmunds e no esmagador número de indivíduos que podiam ser eliminados por força da gravidade dos seus ferimentos, até ao momento, haviam compilado uma lista de apenas vinte e seis nomes a partir da primeira centena de pessoas que tinham avaliado.

Alguém aclarou a garganta.

Baxter levantou a cabeça e viu um homem mal-arranjado, de boné, de pé ao lado dela.

— Tenho aqui uns arquivos para o Alex Edmunds — informou, gesticulando para o carrinho atrás dele, onde estavam empilhadas mais sete caixas de arquivo.

— Pois, neste momento ele está...

Baxter entreviu Edmunds furioso a atirar uma caixa de provas pela sala de reuniões.

— Sabe que mais? Porque não as deixa comigo? — sorriu.

Uma pasta cheia de documentos passou-lhe por cima da cabeça quando fechou a porta de vidro atrás de si.

— Não consigo perceber que raio é que *ele* viu! — gritou Edmunds, frustrado. — O que foi que ele descobriu?

Apanhou um monte de documentos que estavam no chão e atirou-os para Baxter.

— Não há impressões digitais nem testemunhas nem qualquer ligação entre as vítimas... nada!

— Vá lá, acalma-te. Nós nem sequer sabemos se o que o Wolf descobriu ainda está aí — disse Baxter.

— E não temos maneira de verificar, porque ele subcontratou as análises forenses e hoje é domingo, razão pela qual não está ninguém a trabalhar. — Edmunds deixou-se abater no chão. Parecia esgotado e as nódoas negras à volta dos olhos estavam cada vez mais intensas. Deu uma palmada num dos lados da cabeça. — Não temos tempo para eu me armar em idiota.

Baxter começava a perceber que o impressionante contributo que o colega dera para o caso não fora impulsionado pelo egocentrismo ou pela vontade de provar o seu valor à equipa, mas sim pela irracional pressão que assentara sobre si mesmo, uma obsessão limite e uma obstinada recusa em delegar o controlo em qualquer outra pessoa. Dadas as circunstâncias,

Baxter achou que não seria o momento oportuno para lhe dizer quanto ele a fazia lembrar Wolf.

— Chegaram umas caixas para ti — disse Baxter.

Edmunds olhou-a, atarantado.

— Porque não disseste logo? — disse ele enquanto se levantava e saía porta fora.

O ténue chuvisco encharcara gradualmente a roupa de Wolf durante a hora que estivera na paragem de autocarro na Coventry Street. Não desviara o olhar da porta do decadente cybercafé que, tal como as inúmeras lojas de recordações que vendem bugigangas com o cunho de Londres, de algum modo conseguira sobreviver aconchegado entre as maiores marcas do mundo, que ladeavam uma das artérias mais fervilhantes e mais caras da capital.

Seguira o homem até àquele sítio, guardando alguma distância quando ele apanhara o comboio na Goldhawk Road, abrira caminho por entre a turba que enxameava a área à volta dos artistas de rua em Covent Garden e depois entrara para o grotesco café que ficava a escassos metros de Piccadilly Circus.

A temperatura caíra e a sua presa camuflara-se sob as vestes típicas de Londres: um sobretudo preto comprido, sapatos bem engraxados e camisa e calças recentemente engomadas, tudo isto sob a protecção do regulamentar guarda-chuva preto.

Por vezes, tivera dificuldade em não o perder de vista, pois o corpulento homem caminhava agilmente pelo meio da multidão errante. Wolf vira uma série de pessoas entrarem em contacto com o homem, desviando-se dele para seguirem o seu caminho, pedindo-lhe uns trocos, tentando entregar-lhe mãos-cheias de panfletos reluzentes, nenhuma ciente do monstro que caminhava no meio delas: um lobo com pele de cordeiro.

Pouco depois de deixar Covent Garden, o homem seguira por um atalho. Wolf seguira-o pela tranquila rua secundária e estugara o passo, aproveitando um raro momento de solidão na cidade sempre alerta. O passo acelerado transformara-se numa corrida enquanto perseguia a sua incauta presa, mas, quando um táxi dobrou a esquina e estacionou um pouco mais

adiante, Wolf abrandou relutantemente o passo e continuou a seguir o alvo pela rua principal.

Quando o chuveiro começou a engrossar, Wolf levantou o colarinho do seu sobretudo preto e encolheu-se para se aquecer. Vislumbrou os números coloridos do relógio de néon na montra do café deformarem-se por detrás do vidro molhado, relembrando-o de que aquele era o seu último dia, a sua última oportunidade.

Estava a desperdiçar tempo.

Isobel Platt estava a ser submetida a um curso rápido sobre emissões em estúdio. Aparentemente, eram precisos cinco solícitos elementos da equipa técnica para explicar à atraente repórter para que câmara deveria olhar e quando. Ela tinha vestido o seu fato mais conservador para aquele inesperado desenvolvimento na sua curta carreira, muito para descontentamento de Elijah, que lhe passara a mensagem para ela «desapertar os três botões de cima».

Embora o formato do seu primeiro aparecimento em estúdio fosse relativamente simples: uma entrevista individual com apenas duas interrupções para apresentação de imagens gravadas. Esperava-se que dezenas de milhões de espectadores assistissem ao programa de meia hora um pouco por todo o planeta. Isobel sentia-se prestes a vomitar outra vez.

Ela nunca quisera aquilo. Para começar, nem sequer quisera o trabalho de repórter e ficara tão espantada quanto todas as outras pessoas quando o cargo lhe fora atribuído, não obstante a sua absoluta falta de experiência e qualificações. Tivera uma discussão com o namorado sobre a vontade de se candidatar a outros empregos, mas ela detestava trabalhar ali e estava determinada a sair.

Toda a gente da Redacção pensava que ela era burra, uma galdéria, ou uma galdéria burra. Não lhe passavam despercebidos os comentários nas suas costas. Isobel seria a primeira a admitir que não era nenhum génio, mas, quando perdoavam a outras pessoas com uma educação mediana os seus erros de dicção ou ingenuidade, ela era interminavelmente ridicularizada.

Costumava sorrir com os homens desajeitados e ria das suas piadas fáceis.

Fingia estar entusiasmada com a honra que lhe fora concedida, mas, na realidade, só queria que Andrea estivesse no lugar dela, atenta aos complicados movimentos das câmaras e aos intrincados *timings* do programa.

— Acho que poderia habituar-me a isto — disse com uma risada enquanto um dos homens a empurrava na sua cadeira com rodinhas para a posição adequada.

— Não te ponhas demasiado confortável — disse Andrea ao atravessar o estúdio rumo à sala de maquilhagem, sur-preendentemente cedo para o seu primeiro dia oficial no novo cargo. — Só estás aqui porque eu não me posso entrevistar a mim mesma, não é?

— Descobri uma coisa! — gritou Edmunds da sala de reuniões.

Finlay, Vanita e Simmons já lá estavam quando Baxter pisou o chão repleto de papéis deitados fora e fechou a porta atrás de si. Simmons parecia esgotado e era evidente que estava a tentar decidir se deveria ou não repreender Edmunds por fazer tamanha balbúrdia.

Edmunds foi a uma caixa de arquivo e tirou de lá os documentos.

— Ora bem — começou, ofegante. — Terão de ter paciência comigo. Isto é um pouco complexo. Esperem, não são estes.

Arrancou os papéis que Simmons tinha na mão e atirou-os para o chão.

— Terão de partilhar — disse Edmunds com um sorriso. — Este foi um dos casos que o Wolf tirou dos arquivos... Stephen Shearman, cinquenta e nove anos, presidente do Conselho de Administração de um fabricante de componentes electrónicos à beira da falência. O seu filho era um dos directores da empresa e suicidou-se depois de uma fusão ter corrido mal ou qualquer coisa assim... pouco importa.

— E o que é que isso nos interessa? — perguntou Vanita.

— Foi o que eu também pensei — disse Edmunds, arrebatado. — Mas adivinhem quem foi o responsável pelo insucesso da fusão... Gabriel Poole Junior.

— Quem? — indagou Baxter, falando em nome do grupo.

— Era o herdeiro da empresa de electrónica que desapareceu do hotel... poça de sangue, nenhum cadáver.

— Ah — disse Baxter, fingindo-se interessada.

Todos tinham coisas muito mais importantes para fazer.

— Este aqui — disse Edmunds, tirando o conteúdo de outra caixa de cartão. — A filha dele foi morta por uma bomba... — disse, apontando para outra caixa. — ... colocada por este homem, que conseguiu morrer estrangulado no interior de uma cela trancada.

Todos os outros o olharam inexpressivamente.

— Não compreendem? — perguntou Edmunds. — São assassínios faustianos!

Os outros olharam-no ainda mais confusos.

— Isso é um mito urbano — resmungou Finlay.

— Estão todos ligados — disse Edmunds. — Todos eles! Homicídios de vingança seguidos de sacrifício. Nunca compreendemos como é que o Wolf se encaixava na lista dos seus inimigos. Agora, tudo faz sentido.

— Isso é um absurdo — disse Simmons.

— Isso é um avanço e tanto — interveio Vanita.

Edmunds remexeu noutra caixa e tirou de lá um relatório.

— Joel Shepard — disse ele. — Morreu há seis meses, suicídio questionável. Condenado por três homicídios por vingança, convencido de que o Diabo iria buscar a sua alma. Estava num hospital psiquiátrico.

— Olha, lá está a tua resposta — disse Simmons com um sorriso de presunção.

— No St Ann's Hospital — explicou Edmunds. — Esteve lá internado ao mesmo tempo que o Wolf. O Wolf requisitou esta caixa há dez dias e agora falta aqui uma prova.

— Que prova? — indagou Vanita.

— «Uma página da Bíblia com uma nódoa de sangue» — disse Edmunds, lendo directamente do relatório. — Estou convencido de que o Wolf descobriu alguma coisa.

— Nesse caso, está a dizer que o assassino da *Boneca de Trapos* é consideravelmente mais produtivo do que pensávamos? — perguntou Vanita.

— O que estou a dizer é que o assassino faustiano não é apenas um mito. Estou a dizer que os assassínios da *Boneca de Trapos* são assassínios

faustianos. Estou a dizer que acredito que o Wolf descobriu a identidade do assassino e anda por aí, vá-se lá saber onde, a perseguir um indivíduo que, sem sombra de dúvidas, acredita que é, no mínimo, um demónio.

A porta do café abriu-se e saiu de lá um vulto que se misturou no caudal de pessoas que era atraído para as luzes intensas de Piccadilly Circus. Wolf desviou-se alguns passos para a direita para ver melhor, mas o rosto permaneceu ocultado pela multidão e pelo guarda-chuva que acabara de abrir. Começou a afastar-se.

Wolf tinha de tomar uma decisão: esperar ou segui-lo?

Era ele — Wolf tinha quase a certeza absoluta. Atravessou a rua a correr, escondendo a cara ao passar diante de um carro da Polícia estacionado, antes de seguir o seu alvo ao longo da rua fervilhante de actividade. O número de pessoas aumentava a cada passo e Wolf tinha dificuldade para não perder o homem de vista. Quando a chuva aumentou de intensidade, todas as pessoas que tinham enfrentado os chuviscos desataram a abrigar-se ou a abrir freneticamente os seus guarda-chuvas. Em poucos segundos, pelo menos mais uma dúzia de coberturas idênticas ocupavam o espaço defronte dele.

Em desespero para não o perder de vista, Wolf avançou para a estrada e correu dez metros pelo meio dos carros até se aproximar do imponente vulto. Quando passaram diante da montra seguinte, Wolf tentou distinguir a cara do homem no reflexo. Antes de agir, tinha de se certificar de que era ele.

O seu comportamento errático chamara a atenção de várias pessoas à sua volta e era evidente que algumas reconheceram aquela versão encharcada do homem do noticiário. Abriu caminho à força para se afastar desse grupo e agora apenas duas pessoas o separavam do seu alvo quando passaram diante do Trocadero. Agarrou o punho da faca de caça com quinze centímetros que levava escondida no casaco e meteu-se à frente de outra pessoa.

Não podia falhar.

Não podia correr o risco de o assassino sobreviver.

Havia esperado pela oportunidade perfeita: um parque pouco frequentado,

um beco deserto, mas percebera que isto era bem melhor. Estava escondido à vista de todos, um rosto entre um mar de gente, apenas mais uma pessoa que se afastava do corpo sem vida que jazia no meio da rua.

Wolf conseguiu vislumbrar um dos lados do rosto do homem quando pararam nos semáforos. Não restavam dúvidas de que era ele. Pôs-se em posição, logo atrás da presa, suficientemente perto para sentir a chuva a bater-lhe na cara depois de ricochetear no guarda-chuva preto. Concentrou-se na pele exposta na base da nuca do homem, onde espetaria a faca. Desembainhou a lâmina, mantendo-a perto do peito, e respirou fundo para estabilizar as mãos. Só tinha de atacar...

Algo do outro lado da rua o distraiu: o nome dele e de Andrea passavam pela parede de vidro arredondada que separava as estátuas dos Cavalos de Hélios por baixo, das suas três filhas douradas, mergulhando graciosamente do telhado, por cima. Demorou algum tempo a perceber que as letras invertidas eram o reflexo do quadro de anúncios da LG que estava sobre a sua cabeça. Olhou para cima e leu a informação que passava em rodapé:

... numa entrevista exclusiva a nível mundial — 13h BST — Andrea Hall/Fawkes para revelar tudo numa entrevista exclusiva a nível mundial — 13h BST — Andrea Hall/Fawkes...

Wolf despertou dos seus devaneios quando a multidão atrás dele começou a empurrá-lo para atravessar a rua. O fluxo de automóveis parara e ele perdera o assassino de vista no meio da turba. Enfiou de novo a faca na manga e começou a caminhar, procurando desesperadamente um rosto no oceano de guarda-chuvas pretos. De repente, a esfera celeste desabou. Os gritos de turistas incautos e o baque surdo da água a embater no tecido encheram a rua apinhada de gente.

No preciso instante em que Wolf chegava ao famoso cruzamento, outra onda de pessoas tombou sobre ele. Enquanto estava sob o brilho dos famigerados ecrãs, ardendo viçosamente sob a negrura do céu, percebeu como se encontrava exposto. Levava encontrões da turba incógnita por todos os lados, sendo que um dos seus elementos não era aquilo que parecia.

Entrou em pânico.

Começou a retroceder contra a corrente, deitando pessoas ao chão no seu desespero de escapar. Perdeu a faca no ondulante chão de sapatos e rodas, lobrigando caras hostis para onde quer que olhasse. Desatou a correr pelo meio da rua, seguindo ao mesmo ritmo do trânsito lento, olhando de relance para o exército que continuava a persegui-lo.

A morte vinha buscá-lo.

St Ann's Hospital

Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 2011

7h39

Joel estava ajoelhado em oração no chão frio do seu quarto, conforme fazia todos os dias antes do pequeno-almoço. Um funcionário tinha-o acordado à hora do costume ao abrir a porta para lhe colocar as algemas que era agora obrigado a usar sempre que não estava preso no seu quarto.

Quinze dias antes, atacara ferozmente e sem motivo aparente uma enfermeira ao tentar com sucesso prolongar o seu encarceramento. A jovem sempre fora boa para ele e Joel ficara genuinamente preocupado com o facto de poder tê-la magoado com gravidade, mas não podia sair. Sabia que era uma cobardia esconder-se do seu destino.

Era um cobarde; há já muito tempo que o aceitara.

Um grito no corredor. Joel interrompeu a oração para escutar. Ouviram-se duas pessoas a correr diante da sua porta e depois um grito selvático, algures no edifício, deixou-lhe o coração aos pulos.

Levantou-se e saiu para o corredor, onde vários outros doentes olhavam ansiosamente na direcção da sala de convívio.

— Regressem aos vossos quartos! — gritou um homem corpulento enquanto corria pelo meio deles seguindo na direcção da origem da perturbação antes de outro grito aterrador de agonia percorrer os corredores.

Joel foi levado pela multidão de doentes curiosos que tinham desobedecido às ordens dadas e se apressaram para as portas duplas que davam acesso à divisão onde passavam a maior parte dos dias. Ouviu-se um grito de dor. Desta, vez, Joel reconheceu a voz de Wolf. Abriu caminho por entre a manada de uniformes de cores berrantes e entrou na sala de

convívio.

Havia móveis escavacados por toda a parte e um médico inconsciente estava a receber cuidados na outra ponta da sala. Três profissionais de saúde entroncados não conseguiam segurar o homem tresloucado enquanto uma enfermeira falava freneticamente ao telefone.

— Não! — bramiu Wolf, assustando Joel. — Eu disse-lhes! Eu avisei-os de que ele faria isso!

Joel seguiu o olhar selvático de Wolf que incidia sobre a enorme televisão; via-se uma repórter numa desolada rua de Londres. Dois agentes da Polícia que pareciam traumatizados seguravam um biombo improvisado para ocultar o que quer que ainda fumegava do outro lado.

— Eu poderia ter impedido isto! — bradou Wolf com as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara.

Esbracejou como um animal selvagem quando outro médico entrou impetuosamente na sala com uma enorme seringa na mão, como um veterinário a quem não resta alternativa se não abater o animal.

Tudo se tornou claro quando a repórter repetiu a pouca informação que tinha recolhido.

— Para os espectadores que apenas agora nos estão a ver, testemunhas oculares afirmaram que Naguib Khalid, o suspeito ilibado no processo do *Cremador* no mês de Maio transacto, foi detido pela Polícia. Existem relatos não confirmados de um cadáver e, conforme podem ver, ainda se vê fumo atrás de mim...

Wolf gritou quando o médico lhe espetou a enorme agulha no braço esquerdo. Quando o seu corpo ficou frouxo, o pessoal hospitalar teve dificuldade para suportar o peso. Precisamente antes de adormecer, Wolf olhou para Joel, que ostentava uma expressão desprovida de compaixão ou de surpresa. Limitou-se a assentir com a cabeça e depois perdeu a consciência.

Quando acordou, Wolf estava no seu quarto. Já escurecera lá fora. Tinha a visão toldada e demorou mais de um minuto a perceber porque não conseguia levantar as mãos para as levar à cabeça latejante; estava amarrado à cama. Tentou em vão libertar-se das grossas correias, com a

raiva que explodira do seu âmago ainda a borbulhar à superfície.

Recordou-se do noticiário, do fumo ondulante por cima do lençol branco. Virou a cabeça para o lado e vomitou no chão. Não precisava de ver; Wolf sabia melhor do que ninguém o que fora escondido das câmaras. Sabia quanto outra menina sofrera desnecessariamente.

Fechou os olhos e tentou focar a raiva, concentrar-se. Aquilo estava a consumi-lo, a toldar-lhe o raciocínio. Olhou fixamente para o tecto liso e murmurou os nomes das pessoas que considerava responsáveis, mas depois lembrou-se de uma coisa: o último recurso em desespero de causa, as insensatas divagações de uma mente instável...

— Enfermeira! — gritou. — Enfermeira!

Demorou uma hora a convencer os médicos a libertarem-no das correias e mais meia hora para obter a sua autorização para fazer um telefonema. Enquanto aguardava a decisão, tirara de debaixo do colchão a folha amarrotada. Já quase se esquecera de que estava ali.

Mal conseguia manter-se de pé e tiveram de o ajudar a ir até ao corredor para utilizar o telefone da enfermaria. Assim que ficou sozinho, desdobrou o papel vincado, reparando pela primeira vez nas palavras impressas que sangravam por entre os números a lápis de carvão: Deus. Diabo. Alma. Inferno.

Apoiou-se na parede e marcou a sequência de números com a mão livre.

O telefone começou a tocar.

Ouviu-se um estalido abafado, ao qual se seguiu o silêncio.

— Está lá? — perguntou Wolf nervosamente.

Silêncio.

— Estou?

Por fim, respondeu-lhe a gravação de uma voz feminina.

— Diga. O. Seu. Nome. Completo. Depois. Do. Sinal.

Wolf aguardou o sinal.

— William Oliver Layton-Fawkes.

Seguiu-se outra pausa interminável. Wolf sabia que era irracional, mas havia algo de perturbador naquela voz robótica, alguma coisa na entoação, no timbre. Quase parecia deleitar-se com o seu desespero, como se estivesse a zombar dele.

— Em. Troca. De? — acabou por perguntar.

Wolf perscrutou o corredor desértico. Conseguia ouvir murmúrios num dos quartos contíguos. Instintivamente, protegeu o bocal com as mãos para sussurrar.

Hesitou.

— Em. Troca. De? — voltou a perguntar a voz.

— Naguib Khalid... Mayor Raymond Turnble... Madeline Ayers... O segurança do banco dos réus... inspector Benjamin Chambers... e todas as outras pessoas cujas mãos estão manchadas com o sangue daquela menina — bramiu Wolf.

Silêncio.

Wolf começou a baixar o auscultador. Fez uma pausa e ouviu durante mais algum tempo antes de desligar. No seu delírio, riu de si próprio. Mesmo no estado fortemente medicado em que se encontrava, sentiu-se um pouco melhor por dizer os nomes em voz alta, por os revelar ao mundo exterior, mesmo que tenha sido para um desconhecido atendedor automático.

Já percorrera metade do corredor em silêncio quando o ensurdecedor toque do telefone preencheu a atmosfera à sua volta. Caiu de joelhos, levando as mãos aos ouvidos, e virou-se para olhar para o comum telefone, pensando se poderia tocar assim tão alto ou se a medicação teria distorcido os seus sentidos.

Um dos profissionais de saúde que fazia o turno da noite passou apressadamente por ele, dizendo algo indecifrável ao aproximar-se do telefone. Wolf susteve a respiração ao ver o homem pegar no auscultador e encostá-lo ao ouvido, absolutamente receoso da pessoa ou da coisa que poderia estar do outro lado da linha.

O homem esboçou um largo sorriso.

— Olá. Eu sei, desculpa. Esteve ocupado por um doente — explicou à laia de pedido de desculpas.

Wolf levantou-se lentamente e regressou ao quarto a cambalear, pensando que talvez, apenas talvez, afinal de contas, pudesse estar louco.

Capítulo 33

Domingo, 13 de Julho de 2014

13h10

Finlay riscou outro nome da sua lista e espreguiçou-se durante dez segundos antes de voltar a dedicar-se aos restantes quatrocentos militares destituídos. Lobrigou Baxter na sua secretária ao canto, com a cabeça baixa e concentrada, com os auscultadores nos ouvidos para abafar o ruído do escritório.

Edmunds deixara a sala de reuniões num estado lastimável, apesar de agora estar na secretária de Simmons para aceder a um programa informático que Finlay nem sequer reconhecera. Vanita e Simmons tinham-se fechado no exíguo escritório dela para assistirem à entrevista de Andrea Hall, sem dúvida numa tentativa de controlarem os danos, aguardando com expectativa que bomba a ex-mulher de Wolf largaria de seguida sobre o mundo. Apesar de o *Relógio da Morte* não ter aparecido durante toda a entrevista, nenhum deles precisava que lhes lembrassem as limitações de tempo a que estavam sujeitos.

Finlay olhou para o nome seguinte da lista. Estava a usar em conjugação a pouca informação a que o Ministério da Defesa lhes permitira acesso, o Computador Nacional da Polícia, a Base de Dados Nacional da Polícia e o Google para condensar aquele lote de suspeitos. Ter-se-ia sentido mais confortável não seguindo apenas por aquele caminho; afinal de contas, era bem possível que o assassino nunca tivesse sido afastado do Exército e que até nunca se tivesse alistado. Fez um esforço para não pensar nisso. Era a melhor hipótese que tinham de encontrar Wolf, por isso, ele e Baxter continuariam a fornecer nomes a Edmunds à medida que os fossem

encontrando.

Saunders chegou junto da secretária de Baxter com ar emproado. Ela não tirou os auscultadores e continuou a trabalhar, com a esperança de que ele percebesse a dica e fosse à sua vida. Porém, quando abanou a mão à frente da cara dela, tornou-se evidente que precisava de ouvir as palavras.

— Põe-te na alheta, Saunders — disse, bruscamente.

— Uau! Não é preciso ficares assim. Só vim ver como estavas. Sabes?, com a Andrea Hall a fazer umas alegações escandalosas sobre o Wolf e uma colega de trabalho «anónima» — disse ele com um sorriso manhoso. — Quero dizer, todos nós suspeitávamos, mas...

Não terminou a frase e recuou um passo ao ver a expressão de Baxter. Murmurou qualquer coisa inaudível e afastou-se. As notícias foram um choque para Baxter, que sentiu pejo em admitir que estava um pouco magoada. Estava convicta de que ela e Andrea tinham deixado tudo em pratos limpos e de que a repórter acabara por aceitar a verdade de que nunca acontecera nada entre ela e Wolf. Por outro lado, tratava-se da mesma mulher que estava agora na televisão pública a revelar os podres do ex-marido a poucas horas da sua morte.

Não obstante, estas pequenas traições em nada se comparavam com o que Baxter sentia em relação a Wolf.

Uma hora mais tarde, Finlay introduziu atabalhoadamente o nome seguinte da lista no computador. Era embaraçosamente mais lento do que Baxter, mas queria avançar o maior número possível antes que ela acabasse a sua parte e fosse junto dele buscar mais nomes. De um modo geral, as entradas do Ministério da Defesa eram breves:

Sargento-chefe Lethaniel Masse, Nascimento: 16/02/74, (HUMINT) Intelligence Corps, Dispensado por motivos médicos — Junho de 2007.

— Afinal, estão do lado de quem? — resmungou, pensando se poderiam ser mais vagos. Escreveu as palavras *serviços de informação militar* num guardanapo que sobrara do almoço.

Uma rápida pesquisa no Google originou páginas de resultados, principalmente notícias e fóruns de debate. Abriu a hiperligação que aparecia no topo da página:

... Sargento-chefe Masse subordinado do Royal Mercian Regiment... único sobrevivente do ataque que vitimou nove elementos da sua unidade... cuja caravana pisou um engenho explosivo improvisado a sul de Hyderabad na Província de Helmand... tendo sofrido ferimentos internos passíveis de atentar contra a sua vida e «devastadoras» queimaduras na cara e no peito.

«Sobrevivente — Complexo de Deus?», escreveu Finlay ao lado de uma nódoa de molho castanha. Introduziu os dados na Base de Dados Nacional da Polícia e ficou agradavelmente surpreendido ao encontrar um manancial de informações, incluindo a altura (1,90 m), estado civil (solteiro), profissão (desempregado), deficiência registada (sim), familiares (nenhum familiar próximo), morada conhecida (nenhuma nos últimos cinco anos).

Incentivado pelas semelhanças com o perfil traçado por Edmunds, Finlay avançou para a página seguinte, onde percebeu por que motivo havia tanta informação sobre o sargento-chefe Masse. Tinham sido anexados dois ficheiros. O primeiro era um relatório de incidente criado pela Polícia Metropolitana em Junho de 2007:

2874 26/06/2007.

Departamento de Saúde Ocupacional, 3.º, 57 Portland Place, W1.

[14h40] Deslocação ao local devido a alegada perturbação. O doente Lethaniel Masse confrontou e demonstrou agressividade para com o pessoal.

À chegada às instalações, ouviram-se vozes alteradas vindas de cima. Encontrou-se o Sr. Masse (sexo masculino, 30-40 anos, mais de 1,90 m, caucasiano/britânico, cicatriz facial) sentado de pernas cruzadas no chão com o olhar perdido e a sangrar da cara. Escrivaninha de pernas para o ar, vidro rachado.

Enquanto o colega tratava do Sr. Masse, fui informado de que o ferimento na cabeça foi autoinfligido e que não havia mais feridos. O Dr. James Bariclough informou que o doente sofre de perturbação de stress pós-traumático e que o acesso se deveria à notícia de que não poderia regressar ao serviço militar devido a lesões físicas e mentais.

Nem o médico nem o pessoal desejam apresentar queixa. Não há motivos para detenção nem para posterior envolvimento policial. Chamou-se ambulância para tratar ferimento na cabeça e possibilidade de risco de suicídio no estado em que se encontra. Aguardaremos no local até chegada da ambulância.

[15h30] Equipa da ambulância no local.

[15h40] Escoltamos ambulância até ao University College Hospital.

[16h05] Abandonamos o caso.

Finlay percebeu que já estava de pé, ansioso por partilhar com o resto da equipa o suspeito mais promissor que encontrara até ao momento. Passou o rato por cima do segundo documento e clicou duas vezes. Visualizou a fotografia de um computador no chão ao lado de uma secretária virada ao contrário. Avançou para a fotografia seguinte e viu uma grande janela com o vidro partido. Perdendo o interesse, avançou para a última fotografia e sentiu um arrepio na espinha.

A fotografia fora tirada junto de uma porta aberta, com o temeroso pessoal a observar ansiosamente em segundo plano. Mostrava o profundo golpe no rosto de Lethaniel Masse, coberto de graves cicatrizes; contudo, não foi a extensão das terríveis lesões que perturbou Finlay. Foram os seus olhos: sem brilho, mortícios, calculistas.

Finlay já perdera a conta aos monstros com quem tivera contacto e chegara à conclusão de que aqueles que cometiam os crimes mais atrozes partilhavam algo em comum, um olhar: aquele olhar frio e desprendido que o fitava agora do ecrã do computador.

— Emily! Alex! — gritou no escritório.

Lethaniel Masse era um assassino, disso ele não tinha dúvida. Se era o assassino da *Boneca de Trapos*, o assassino faustiano ou ambos, pouco lhe importava. Edmunds que se ocupasse a reunir as provas.

Tudo com que ele e Baxter tinham de se preocupar era em encontrá-lo.

Wolf estava com os nervos à flor da pele. Estivera durante horas a ver a chuva cair sobre a rua principal, limpando de vez em quando a condensação da única janela do claustrofóbico apartamento, rezando para conseguir avistar Masse a regressar a casa a qualquer instante, mais do que ciente de que poderia ter perdido a única oportunidade para acabar com aquilo que começara anos antes.

Só teria de se adaptar, de improvisar. Acreditava que, fosse como fosse, no estado em que estavam as coisas, já não tinha qualquer hipótese de redenção. Nunca poderia imaginar que teria de representar o seu papel

debaixo das atenções de uma imprensa tão onnipresente nem que Masse escolhesse Andrea, de entre todas as pessoas, para agir como sua mensageira. Se as coisas tivessem acontecido de maneira diferente, na manhã de terça-feira entraria na New Scotland Yard como um herói, sendo apenas outro alvo inocente do ex-soldado com perturbações que Wolf matara inadvertidamente em legítima defesa. Qualquer prova do seu envolvimento teria perecido com Masse. Ainda trazia com ele o monte de recortes de jornal cuidadosamente seleccionados, que pretendia colocar no apartamento de Masse.

A maior parte dos artigos estavam relacionados com o julgamento do *Cremador*, condenatórios relatos dos fracassos, com vários nomes realçados, que haviam redundado na morte da pequena Annabelle Adams. Outros eram histórias relacionadas com as tentativas que o exército envidara para ocultar o número de mortes de civis afegãos, principalmente crianças, resultantes de escaramuças com o antigo regimento de Masse. Wolf tivera a certeza de que este simples tema teria sido considerado um rastilho plausível para a mente clinicamente instável de Masse e que as circunstâncias que envolviam a sua milagrosa sobrevivência ao ataque com o engenho explosivo improvisado só contribuiria para reforçar a história.

Agora, já nada disso interessava. Ao invés, Wolf libertara na cidade um predador sádico, e qualquer esperança que tivesse nutrido de voltar a ter uma vida normal desintegrara-se com o plano. Elizabeth Tate e a filha nunca deveriam ter sido envolvidas. Fora imprudente da sua parte fugir com Ashley. Mas também nunca previra a acção de Edmunds.

O jovem detective andara na sua peugada desde o início e encontrara pelo menos um dos prévios homicídios menos bem conseguidos de Masse. Wolf sabia que era uma questão de tempo até ele juntar as peças. Se não tivesse sido tonto ao ponto de atacar Edmunds de forma tão violenta, saberia exactamente quanto os seus colegas teriam descoberto.

Nada disso lhe fazia tanta diferença como o facto de Baxter ficar a saber aquilo que ele fizera, o que ainda tinha de fazer. Sabia que ela nunca conseguiria compreender, por muito que se esforçasse. Não obstante todas as provas em contrário, ela continuava a acreditar na lei, na justiça, no sistema que recompensava mentirosos e corruptos enquanto estes agiam

descaradamente numa cultura de apatia. Encará-lo-ia como um inimigo — não melhor do que Masse.

Não conseguia suportar essa ideia.

Ouviu-se um grande estrondo vindo de baixo quando a porta principal do edifício negligenciado se fechou. Wolf agarrou o pesado martelo que encontrara debaixo da pia e pôs-se à escuta por detrás da frágil porta. Passado pouco tempo, ouviu-se outro estrondo da porta do andar de baixo a fechar e depois o som da televisão a retumbar pelas paredes acima. Wolf relaxou e voltou para junto do parapeito da janela e para a desolada vista sobre o Shepherd's Bush Market, que estava encerrado, e para as linhas de comboio que ficavam por detrás.

Ficara ligeiramente desiludido com o covil do assassino sociopata mais famoso do mundo. Parecera-lhe como desvendar um truque de magia. Esperara encontrar grotescas gravuras feitas com sangue, sinistras pinturas religiosas nas paredes, arrepiantes fotografias ou recordações da crescente lista de vítimas, mas nada. Todavia, havia algo de placidamente perturbador no quarto caiado de branco.

Não tinha televisão, computador ou espelhos. Seis conjuntos de roupas idênticas estavam aprumadamente dobrados em gavetas ou pendurados no armário. O frigorífico só tinha um quartilho de leite e não havia cama, apenas um fino colchão no chão, uma prática comum entre os soldados que regressavam a casa, superficialmente inteiros, contudo transformados para sempre. Uma parede com livros que, à primeira vista, pareciam ter sido organizados por cor: *On War and Morality*, *The Accidental Species: Misunderstandings of Human Evolution*, *Encyclopaedia of Explosives*, *Medical Biochemistry*...

Wolf voltou a limpar a condensação e reparou num carro que se demorava no estreito acesso de serviço. Consequia ouvir o motor a trabalhar através da janela desengonçada do apartamento. Não podia ver distintamente o carro, mas dava para perceber que parecia ser demasiado caro para pertencer a qualquer um dos moradores do prédio. Levantou-se, pressentindo que se passava algo de errado.

Subitamente, o carro acelerou a fundo pelo acesso, seguido de perto por dois veículos de resposta armada, que resvalaram até se imobilizarem sobre

a relva e as pedras por debaixo da janela onde se encontrava no segundo andar.

— Oh, merda! — disse Wolf, já a correr para a porta.

Saiu para o corredor sombrio, deixando a porta do apartamento de Masse fechar-se com um estalido. A depauperada escadaria ao fundo do corredor já rangia debaixo do peso da primeira vaga de agentes armados.

Não tinha para onde fugir.

Botas pesadas batiam com estrondo pelas escadas acima na direcção dele. Não havia saída de emergência nem janelas, apenas a porta decrepita e a descascar do apartamento em frente.

Wolf assentou-lhe um pontapé, mas a porta não cedeu.

Desferiu-lhe novo golpe e uma fissura apareceu na madeira.

Atirou-se contra ela em desespero. A fechadura separou-se da madeira e ele foi cair na divisão vazia no preciso instante em que os agentes chegaram ao cimo das escadas. Wolf fechou a porta. Segundos depois, ouviram-se fortes murros na porta de Masse.

— Polícia! Abra a porta!

Passado algum tempo, ouviu-se um enorme estrondo quando os agentes utilizaram um aríete *Enforcer* para arrombarem a porta do exíguo apartamento. O coração de Wolf batia desenfreadamente. Deitou-se no chão a ouvir os barulhos assustadores do *raid* que tinha lugar a poucos metros de si.

— É apenas uma divisão! — ouviu uma voz conhecida a dizer enquanto discutia com alguém nas escadas. — Se ainda não o encontraram, provavelmente não encontrarão.

Wolf pôs-se de pé e, ao espreitar pelo óculo da porta, viu Baxter e Finlay. Enquanto aguardavam pacientemente no corredor, Baxter olhou fixamente para ele e, por um instante, Wolf teve a certeza de que ela conseguia vê-lo. Baixou o olhar para a fechadura partida.

— Um sítio agradável — disse para Finlay.

Empurrou a porta delicadamente. Esta abriu-se pouco mais de um centímetro até bater no pé de Wolf, que olhou de relance para a sala vazia e para o telhado baixo do edifício contíguo, ao qual conseguiria aceder a partir da janela.

— Não está ninguém! — gritaram para o corredor quando o chefe da operação saiu do apartamento de Masse com uma coisa na mão.

— Encontrei isto dentro do colchão. É um dos vossos, se não estou em erro — disse, em tom acusatório, entregando a Baxter o computador portátil com a etiqueta de identificação do Departamento de Homicídios e Crimes Graves. Impressões digitais ensanguentadas enfeitavam o revestimento prateado, negras e imundas sob a luminosidade poeirenta do corredor. Baxter abriu-o cautelosamente e entregou-o a Finlay como se nem sequer conseguisse olhar.

— É do Chambers — explicou, descalçando as luvas que usara para o manusear.

— Como sabes?

— Pela palavra-passe.

Finlay leu a tira de papel ensanguentado que estava enfiada entre o ecrã e o teclado.

— Eve2014.

Carregou numa tecla. O computador saiu do modo de suspensão e arrancou. Finlay introduziu cuidadosamente a palavra-passe e foi confrontado com o conhecido ecrã principal do servidor seguro da Polícia Metropolitana. Estava aberto um curto *e-mail* com data de 7 de Julho:

Está a receber este e-mail porque foi recentemente eliminado do grupo de correio Homicide&Serious_Crime_Command. Se acredita que recebeu este e-mail por engano ou continua a pretender o acesso, contacte o apoio técnico.

Cumprimentos,

Equipa de Apoio de Informática

Finlay virou o ecrã para mostrar a Baxter.

— Ele tem estado ligado ao nosso servidor todo este tempo — resmungou. — *Por isso* esteve sempre um passo à nossa frente! O Edmunds é só tretas. O Wolf não andou a passar informação!

— Sei que queres acreditar nisso. Eu também, mas não temos a certeza.

Baxter pareceu ficar chateada com o colega e afastou-se.

— Obrigada, obrigada... Muito agradecida... Voltem sempre... — disse Baxter enquanto apressava os agentes armados para que saíssem do

apartamento.

Wolf dirigiu-se rapidamente à janela, saltou para o telhado e desceu a primeira escada de incêndios que encontrou. Tentou esconder a cara ao passar pelos agentes que montavam guarda à entrada do acesso de serviço e ouviu o ténue bater da chuva nas persianas de metal do mercado a diminuir de intensidade enquanto subia as escadas da estação de Goldhawk Road. Embarcou num comboio no preciso instante em que as portas se fechavam e viu as luzes azuis intermitentes passarem por baixo dele quando a composição arrancou e seguiu ruidosamente pela ponte.

Acabara de perder a sua vantagem.

Capítulo 34

Segunda-feira, 14 de Julho de 2014

5h14

Baxter foi acordada pelo barulho da chuva a tamborilar nas janelas do seu apartamento. Pestanejou ao abrir os olhos, um trovão distante ribombou no céu. Estava deitada no sofá sob o acolhedor brilho lançado pelos focos da cozinha e tinha o telefone sem fios desconfortavelmente comprimido entre a almofada e a cara, conforme adormecera.

Por um lado, tivera a esperança de que Wolf telefonasse. Como poderia deixar de o fazer? Por muito zangada e traída que se sentisse, havia muitas coisas por esclarecer — ou será que tinha assim tão pouco significado para ele? Nem sequer sabia bem o que pretendia da sua última conversa: um pedido de desculpas? Uma explicação? Quiçá confirmar que Wolf perdera completamente o juízo e que o seu amigo era, na realidade, doente e não malvado.

Consultou o telemóvel que estava na mesa de apoio e constatou que não tinha chamadas perdidas nem mensagens novas. Ao sentar-se e ao passar as pernas para fora do sofá, fez que uma garrafa de vinho vazia fosse a rolar estrepitosamente pelo chão de madeira e fez figas para não ter acordado o vizinho de baixo. Foi até à janela e contemplou os telhados reluzentes. As nuvens ameaçadoras apresentavam várias tonalidades diferentes de negro sempre que um relâmpago iluminava o céu.

Acontecesse o que acontecesse, perderia alguma coisa para sempre antes do final do dia.

Só gostava de saber o quê.

Edmunds passara a noite a analisar os rastros incriminatórios que ziguezagueavam pela cidade como migalhas numéricas. Juntamente com a posse do computador portátil de Chambers, era uma prova irrefutável da culpa de Lethaniel Masse e, por incrível que parecesse, de que os homicídios da *Boneca de Trapos* e faustianos eram perpetrados pelo mesmo homem. Sentiu-se um pouco desiludido por não estar presente para deter aquele fascinante e criativo assassino em série. Contudo, sem sombra de dúvida que a revelação do envolvimento de Wolf era muito mais chocante do que qualquer monstro que ele tivesse evocado mentalmente.

Pensava se a verdade alguma vez viria mesmo a saber-se.

Edmunds estava cansado e fazia um esforço para se concentrar de modo a concluir o seu trabalho. Recebera uma mensagem de texto da mãe de Tia por volta das 4 horas e telefonara-lhe imediatamente. Tia sofrera uma pequena hemorragia durante a noite e a maternidade recomendara que fosse lá como medida de precaução, para garantir que estava tudo bem com o bebé. Tinham ido ao hospital e sido informadas de que estava tudo bem e que não havia motivos para preocupações. Só queriam monitorizá-la durante algumas horas.

Quando Edmunds, furioso, perguntou porque ela não se lembrara de o avisar antes, a mãe explicou que Tia não o quisera preocupar num dia tão importante e que ficaria lívida quando soubesse que eles tinham conversado. A ideia de Tia passar por aquele susto sem lhe dizer nada perturbou-o e, depois de desligar o telefone, não conseguiu pensar noutra coisa se não em como queria estar lá com ela.

Às 6h05, Vanita chegou ao escritório envergando um apelativo conjunto de casaco e calças, já prevendo um dia diante das câmaras de televisão. O guarda-chuva gotejante deixou um rasto desde a entrada e mudara abruptamente de direcção ao avistar Edmunds na sua secretária.

— Bom dia, Edmunds — cumprimentou-o. — Há que dar o devido valor à imprensa... estão determinados. Aquilo lá fora é um cenário apocalíptico!

— Começaram a assentar arraiais antes da meia-noite — disse Edmunds.

— Passou aqui a noite outra vez? — perguntou, mais impressionada do que surpreendida.

— Não é um hábito que deseje continuar a ter.

— Nenhum de nós deseja, porém... — sorriu-lhe. — Você vai longe, Edmunds. Continue a trabalhar assim.

Edmunds entregou-lhe o relatório financeiro concluído no qual passara a noite a trabalhar. Ela folheou a pilha de papéis.

— Inabalável? — perguntou.

— Absolutamente. O apartamento na Goldhawk Road é propriedade de uma instituição de beneficência que disponibiliza alojamento para soldados feridos, por isso, foi difícil de encontrar. Ele só paga uma pequena renda. Está tudo na página doze.

— Excelente trabalho.

Edmunds pegou num envelope que tinha em cima da secretária e entregou-lho.

— Está relacionado com o caso? — perguntou enquanto começava a abri-lo.

— De certo modo — disse Edmunds.

Ela parou ao ouvir o tom de voz dele, franziu o cenho e dirigiu-se ao seu escritório.

Baxter chegara ao escritório pelas 7h20, depois de lhe terem pedido para abandonar pacificamente o Departamento de Imagens Forenses Central. Em boa verdade, ficou aliviada por deixar aquela câmara obscura. Não percebia como é que os agentes que ali trabalhavam conseguiam passar horas fechados naquele espaço que provocava dores de cabeça, onde analisavam imagens captadas por circuitos fechados de televisão de toda a cidade.

Uma equipa de super-identificadores, escolhidos pelas suas incomparáveis capacidades para detectar e identificar estruturas faciais individuais no meio de grandes multidões, passara a noite a trabalhar com recurso a um *software* de reconhecimento facial, à procura de Wolf e de Masse. Baxter sabia que era como procurar duas agulhas num palheiro, mas isso não amenizou a sua frustração quando informaram que não tinham encontrado nenhum deles, o que não era de admirar.

Repreendera um elemento da equipa quando este regressara da pausa com um café na mão e dois minutos de atraso. O supervisor não apreciara a atitude e fizera questão de vexar Baxter à frente de toda a gente antes de lhe

ordenar que fosse embora. Ela voltara impulsivamente para o Departamento de Homicídios e Crimes Graves e acercara-se de Edmunds, que estava a meio de escrever uma mensagem de texto para Tia.

— Há novidades no Departamento de Imagens? — perguntou enquanto acabava de escrever e guardava o telefone.

— Fui expulsa de lá — disse Baxter. Era tão evidente que Edmunds se limitou a encolher os ombros e nem sequer se preocupou em perguntar o motivo. — De qualquer modo, é uma perda de tempo. Eles não sabem onde procurar. Estão a investigar a área à volta do apartamento do Wolf, ao qual, obviamente, ele não regressará, e do apartamento do Masse, para onde também não estou a vê-lo regressar.

— Então e o reconhecimento facial?

— Estás a brincar, não? — disse Baxter com uma gargalhada. — Até agora, o *software* sinalizou o Wolf três vezes. Da primeira vez era uma chinesa velha, da segunda uma poça de água, e da terceira um *poster* do Justin Bieber!

Não obstante a imensa pressão a que estavam sujeitos e as graves consequências da ineficácia do Departamento de Imagens na localização dos dois homens, nenhum dos dois conseguira deixar de sorrir ao pensar na absurda lista de correspondências.

— Tenho de falar contigo sobre uma coisa — disse Edmunds.

Baxter largou a bolsa no chão com estrondo e empoleirou-se na secretária para o ouvir.

— Detective Edmunds — chamou Vanita à entrada do seu gabinete. Segurava na mão uma folha de papel dobrada. — Tem um minuto?

— Estás feito — disse Baxter, espicaçando-o enquanto ele se levantava e se encaminhava para o gabinete de Vanita.

Edmunds fechou a porta e sentou-se diante da secretária, onde estava aberta a carta que redigira às 4h30.

— Devo confessar que estou atónita — disse ela. — Sobretudo hoje.

— Sinto que dei todo o meu contributo para o caso — disse ele, gesticulando na direcção do substancial processo ao lado da carta.

— E que contributo!

— Obrigado.

— *Tem a certeza de que quer mesmo isto?*

— Tenho.

— Consigo antever um promissor futuro para si — disse Vanita com um suspiro.

— Eu também, só que, infelizmente, não será aqui.

— Muito bem, enviarei a documentação da transferência.

— Obrigado, comandante.

Edmunds e Vanita cumprimentaram-se e ele saiu do gabinete. Baxter estivera a observar a breve troca de palavras do sítio onde se demorara junto à fotocopiadora, tentando perceber o teor da conversa.

— Vais a algum lado? — perguntou.

— Ao hospital. A Tia foi internada durante a noite.

— Ela está...? O bebé...?

— Acho que estão bem, mas tenho de estar lá.

Conseguia perceber que Baxter estava a tentar contrabalançar a compaixão que sentia por ele e pela família com a incredulidade pelo facto de abandonar a equipa, abandoná-la a ela, num momento tão crítico.

— Não precisas de mim aqui — asseverou-lhe.

— Ela concordou com isso? — indagou Baxter acenando com a cabeça para o gabinete de Vanita.

— Para ser franco, pouco me importa. Acabei de entregar um pedido de transferência. Vou regressar ao Departamento de Fraudes.

— Entregaste o quê?

— Casamento. Detective. Divórcio — disse Edmunds.

— Eu não queria dizer... Isso não acontece a toda a gente.

— Estamos à espera de um bebé. Aqui, não conseguirei.

Baxter sorriu ao recordar a sua insensível reacção à notícia de que a noiva dele estava grávida.

— Nesse caso, porque não páras de me fazer perder o meu tempo e voltas para o Departamento de Fraudes? — disse com um sorriso triste.

Para surpresa de Edmunds, ela deu-lhe um forte abraço.

— Vá lá, eu não poderia ficar, mesmo que quisesse — disse ele. — Toda a gente me odeia. Ao que parece, ninguém liga às nossas opiniões, mesmo quando descobrimos alguém que é inquestionavelmente culpado. Podes

telefonar se precisares de alguma coisa de mim hoje — disse ele, antes de reforçar a ideia com sinceridade. — *Qualquer coisa.*

Baxter assentiu e soltou-o.

— Amanhã regresso ao trabalho — disse, rindo.

— Eu sei.

Edmunds sorriu-lhe ternamente, vestiu o casaco e saiu do escritório.

Quando saiu da Ludgate Hill, Wolf deitou no lixo a faca de cozinha que tinha furtado da pensão. Mal conseguia distinguir a torre do relógio da Catedral de São Paulo sob a forte chuvada, que amainou quando percorreu a Old Bailey, a rua que dera o famoso cognome ao Tribunal Criminal Central, com o majestoso edifício a proporcionar algum abrigo da borrasca.

Não sabia ao certo porque escolhera o tribunal quando existiam tantos outros sítios que tinham o mesmo significado para ele: o túmulo de Annabelle Adams, o local onde tinham encontrado Naguib Khalid de pé sobre o corpo em combustão, o St Ann's Hospital. Por algum motivo, o tribunal parecera-lhe a escolha certa, o local onde tudo começara, um sítio onde já estivera cara a cara com um demónio e sobrevivera para contar a história.

Wolf deixara crescer a barba preta durante a semana e pusera uns óculos. A chuva implacável assentara-lhe a farta cabeleira, o que só contribuía para melhorar o simples, mas eficaz, disfarce. Chegou à entrada dos visitantes do antigo tribunal e juntou-se à retaguarda da longa e ensopada fila de pessoas. Pelo que conseguia perceber do barulhento turista americano à sua frente, estava a decorrer o julgamento de um famoso assassino na Sala Dois. À medida que a fila se ia avolumando atrás de si, ouviu várias conversas que envolviam o seu nome e excitadas previsões para o desfecho dos assassinios da *Boneca de Trapos*.

Quando as portas, por fim, abriram, a turba saiu obedientemente da chuva a arrastar os pés, passando pelas máquinas de raios-X e pelas revistas de segurança. Uma funcionária do tribunal conduziu o primeiro grupo, no qual estava incluído Wolf, ao longo dos silenciosos corredores e mandou-os esperar à porta da Sala Dois. A Wolf só restava a opção de perguntar se poderia ficar antes na Sala Um. Não quisera chamar as atenções para si e,

por instantes, temeu que a funcionária, surpreendida com o pedido, o reconhecesse, mas esta encolheu os ombros e levou-o até à porta escolhida. Ordenou-lhe que esperasse com as outras quatro pessoas que aguardavam à porta da galeria pública. Todas pareciam conhecer-se e olharam-no com desconfiança.

Ao fim de algum tempo, as portas abriram-se e os conhecidos cheiros da madeira polida e do couro emanaram do salão onde Wolf não entrava desde que fora arrastado para o exterior, com o pulso partido e coberto de sangue. Seguiu os outros até ao interior e sentou-se na primeira fila, que lhe permitia ver a sala de audiências de cima.

Os vários funcionários, advogados, testemunhas e jurados entraram para a sala por baixo dele. Quando o arguido foi escoltado para o banco dos réus, percebeu alguma movimentação atrás de si quando os outros espectadores acenaram e gesticularam para o homem cheio de tatuagens que Wolf conseguia afirmar com toda a certeza que era culpado do crime de que era acusado só de olhar para ele. De seguida, todos os presentes se puseram de pé quando o juiz entrou e ocupou o seu lugar solitário no banco sobrelevado.

Depois de confirmar que as provas reunidas por Edmunds eram rigorosas, Vanita entregara à imprensa fotografias de Masse. A sua inconfundível cara maltratada estava agora a ser divulgada em todos os canais de notícias do mundo. Geralmente, a equipa de Relações Públicas tinha de suplicar aos estúdios de televisão que difundissem, ainda que por três segundos, os seus retratos *robot*, pelo que Vanita não perdera tempo algum a tirar proveito do nível de exposição nunca antes visto. Sorriu ao pensar no *cliché*: o desejo de notoriedade do assassino a precipitar a sua ruína.

Apesar das claras instruções transmitidas ao público, os telefonistas tinham sido inundados por centenas de chamadas que davam conta de Masse ter sido avistado, o que remontava a 2007. Baxter assumira a tarefa de verificar as actualizações de dez em dez minutos e de estabelecer a ligação com os técnicos do serviço de imagens. À medida que o tempo passava, sentia-se cada vez mais frustrada.

— Será que estas pessoas não ouvem? — berrou, amachucando a última

folha impressa. — O que me interessa saber se ele esteve ou não em Sainsbury há cinco anos? Eu preciso de saber onde ele está *agora*!

Finlay não se atreveu a dizer uma palavra. Ouviu-se um alerta no computador de Baxter.

— Bestial, lá vem outro lote.

Deixando-se cair na cadeira, abriu o *e-mail* da central de atendimento. Percorreu a lista de datas irrelevantes até chegar às 11h05 daquela manhã. Passou o dedo pelo ecrã para ler o resto dos pormenores. O telefonema fora feito por um banqueiro de investimento, que Baxter logo considerou mais fidedigno que os malucos e sem-abrigo intoxicados que representavam três quartos dos telefonemas. Local: Ludgate Hill.

Baxter levantou-se de um pulo e passou por Finlay a correr antes mesmo de ele ter tido a possibilidade de lhe perguntar o que descobrira. Desceu as escadas a correr até à sala de controlo de imagens.

* * *

Wolf achou estranho testemunhar um caso tão des-contráído e civilizado em comparação com a experiência que tivera com o julgamento de Khalid. Percebeu que o arguido se tinha considerado culpado de homicídio não premeditado, mas não de homicídio voluntário. O julgamento ia no terceiro dia, não para determinar a culpa do réu, mas apenas para decidir o nível de culpabilidade que lhe deveria ser atribuída.

Ao fim de noventa minutos de procedimentos, duas das pessoas que estavam atrás de Wolf saíram da galeria, perturbando toda a gente no silencioso tribunal quando a porta se fechou com estrondo nas suas costas. O advogado de defesa acabara de iniciar o seu discurso quando o primeiro alarme de incêndios disparou numa zona distante do edifício. Como dominós, outros alarmes foram sendo accionados um a um, fazendo que o queixoso som se aproximasse como uma onda até inundar a sala de audiências.

— Não, não, não! Rua! — ordenou o mesmo supervisor que já expulsara

Baxter pela manhã.

— Ludgate Hill. 11h05 — disse ela, ofegante.

O agente responsável pela mesa de controlo olhou para o supervisor, aguardando as suas ordens. Quando este anuiu com relutância, o técnico mudou os ecrãs para as imagens actuais das câmaras de circuito fechado de televisão mais próximas para aceder aos dados gravados.

— Espere! — gritou Baxter. — Espere! O que está a acontecer?

Os ecrãs estavam repletos de pessoas a vaguear sem rumo. Na sua maioria, envergavam fatos elegantes, e uma mulher ostentava uma toga e uma peruca. O agente escreveu alguma coisa noutro computador.

— Alarme de incêndio no Tribunal Criminal Central — leu, alguns segundos depois.

Os olhos de Baxter iluminaram-se e ela regressou a correr sem dizer outra palavra. O agente sentado ao com-putador olhou para o supervisor sem saber o que pensar.

— Tenho de continuar a fazer isto ou não? — perguntou educadamente.

Baxter subiu as escadas a correr, mas abrandou assim que chegou ao escritório. Foi a caminhar calmamente até à secretária de Finlay e ajoelhou-se para falar com ele em privado.

— Sei onde o Wolf está — segredou.

— Fantástico! — disse Finlay, tentando perceber por que motivo estavam a murmurar.

— Está em Old Bailey. Estão ambos. Faz todo o sentido.

— Não achas que deverias estar a revelar isso a alguém mais importante do que eu?

— Ambos sabemos o que vai acontecer se eu disser a alguém que o Wolf e o Masse estão os dois no mesmo edifício. Vão mandar para lá todos os polícias armados de Londres.

— E é o que devem fazer — disse Finlay, já a adivinhar como a conversa ia acabar.

— Achas que o Wolf vai permitir que voltem a prendê-lo?

Finlay suspirou.

— Foi exactamente isso que pensei — disse Baxter.

— E então?

— Então, temos de chegar lá primeiro. Temos de o fazer mudar de ideias. Finlay suspirou ainda mais fundo.

— Desculpa, miúda, mas não vou fazer isso.

— O quê?

— Emily, eu... Tu sabes que eu não quero que aconteça algo de mal ao Will, mas ele fez as suas escolhas. Eu tenho de pensar na minha reforma... e na Maggie. Não posso correr riscos.

Baxter mostrou-se magoada.

— E se pensas que te vou deixar ir lá sozinha...

— É o que vou fazer.

— Não.

— Só preciso de uns minutos com ele e depois peço reforços. Juro.

Finlay ponderou durante uns instantes.

— Vou dar o alerta — disse ele.

Baxter pareceu oprimida.

— ... daqui por quinze minutos — acrescentou Finlay.

Baxter sorriu.

— Preciso de trinta.

— Dou-te vinte. Tem cuidado.

Baxter deu-lhe um beijo na cara e agarrou na bolsa que estava na secretária. Finlay sentiu-se agoniado de preocupação e activou o cronómetro do relógio. Viu-a passar diante do gabinete de Vanita antes de desatar numa correria depois de estar fora do alcance da vista dela.

Wolf continuou sentado enquanto as pessoas atrás dele e no piso inferior reuniam os seus pertences e evacuavam ordeiramente. O homem que estava no banco dos réus pareceu tentado a fugir, mas demorou muito a decidir e dois seguranças apressaram-se a ir buscá-lo. Depois de um advogado desgarrado ter regressado para recolher o computador portátil, Wolf ficou sozinho na famosa sala de audiências. Mesmo debaixo do fragor dos alarmes, conseguia ouvir portas a bater e pessoas a serem encaminhadas para a saída de emergência mais próxima.

Wolf desejava que fosse apenas um incêndio, mas suspeitava de que se tratava de algo muito mais perigoso.

Capítulo 35

Segunda-feira, 14 de Julho de 2014

11h57

Ao fim de uns bons vinte minutos, os alarmes tinham parado de tocar subitamente, porém sobreviviam como espectros de ecos que ressoavam sem parar pelo tecto abobadado do grande átrio. À medida que o retinir nos ouvidos de Wolf começou a diminuir aos poucos e o habitual silêncio se reapoderou da sala de audiências, começou a ouvir-se um novo som no meio do silêncio: um solitário conjunto de passos irregulares que se aproximavam das portas da sala de audiências. Wolf continuou sentado na galeria. Fazia um esforço para manter a respiração uniforme, com os nós dos dedos esbranquiçados ao fechar os punhos com força.

Uma recordação indistinta escolhera um momento inoportuno para regressar: as ofuscantes luzes do tecto a iluminarem um longo corredor, o ensurdecedor toque de um telefone, alguém a atender. Um doente? Um enfermeiro? Lembrava-se vagamente de alguém a segurar o auscultador junto ao ouvido. Quisera pedir a sua ajuda, alertá-lo, mesmo contra a sua vontade, rendendo-se ao irracional, mesmo que apenas durante um instante.

Era o mesmo pavor que se apoderava dele agora.

Deu por si a fazer um esforço para ouvir enquanto os passos lentos se aproximavam e deu um salto quando um forte estrondo fez as antigas portas estremecerem violentamente nos caixilhos.

Seguiu-se uma breve pausa durante a qual Wolf não se atreveu a respirar.

Uma dobradiça gasta rangeu algures por baixo dele e depois sentiu a vibração de uma porta a fechar. Wolf perscrutou a sala vazia com os olhos arregalados quando os passos se voltaram a ouvir e um vulto imponente,

todo vestido de preto, se materializou debaixo da galeria. Trazia o capuz do casaco comprido a tapar-lhe a cabeça. No estado sugestionável em que se encontrava, a imaginação de Wolf ficou com as rédeas soltas: era como se o próprio Anjo Registador se tivesse libertado da majestosa entrada do edifício, no meio de uma chuva de escombros e poeira, para vir julgá-lo.

— Devo dizer... — começou Masse. Cada sílaba parecia ser-lhe arrancada à força. Saliva cintilava sob a luz artificial enquanto ele pronunciava as suas palavras alteradas no salão. Era como se tivesse esquecido como se falava. — Estou admirado por ter ficado.

Passou por entre os bancos, passando os dedos ebúrneos e esqueléticos pelas superfícies envernizadas e pela amálgama de objectos que tinham sido abandonados durante a evacuação. Wolf considerava profundamente perturbador o facto de Masse não ter olhado para ele, mas parecer saber exactamente onde ele estava. Wolf escolhera o tribunal, mas começava a ficar preocupado, pois suspeitava de que se encontrava exactamente onde Masse o queria.

— «Qualquer cobarde pode entrar numa batalha quando tem a certeza da vitória; mas mostrem-me um homem que tenha coragem de lutar quando está certo de que será derrotado» — citou Masse, subindo os degraus que levavam ao banco do juiz.

Wolf sentiu um aperto no coração quando o encapuzado tirou da parede a Espada da Justiça. Cingiu o punho dourado com os dedos compridos e desembainhou lentamente a arma fazendo o metal raspar no metal. Fez uma pausa para contemplar a longa lâmina.

— Foi George Elliot quem o disse — continuou pensativamente enquanto pontos de luz reflectida apareciam e desapareciam nos painéis de madeira escura. — Acho que ela teria gostado de si.

Masse ergueu acima da cabeça aquele pedaço de história de valor incalculável e depois desferiu um golpe sobre a secretária ao centro. Apesar de a lâmina estar romba, o peso do metal enterrou-se profundamente na madeira, ficando a tremer delicadamente enquanto ele se sentou.

Wolf sentia-se mais ansioso a cada minuto que passava na presença de Masse. Sabia que, por baixo do capuz, Masse era apenas um homem: um competente, impiedoso e astuto assassino, sem dúvida, mas apenas um

homem. Porém, era impossível ignorar o facto de que ele era a aterradora verdade por detrás dos mitos urbanos passados de boca em boca, impossível ignorar o fascínio universal que o seu último trabalho tinha lançado sobre um mundo cronicamente apático.

Masse não era um demónio, mas Wolf não duvidava de que era o mais parecido que poderia haver com um.

— Uma espada verdadeira — disse Masse, gesticulando para a arma. — Dependurada sobre as cabeças de juízes numa sala com garantia de ter pelo menos um homem suspeito de assassinio em determinado momento. — Levou a mão à garganta, sugerindo que o solilóquio estava a deixá-lo esgotado. — Não é possível não se gostar dos britânicos. Mesmo depois do que você fez entre estas paredes, dão mais valor à pompa e à tradição do que à segurança e ao bom senso.

Masse sofreu um surto de tosse estrepitosa e dolorosa.

Wolf aproveitou a pausa nos procedimentos para desapertar os atacadores, na esperança de que nunca se encontrasse suficientemente perto de Masse para que estes tivessem alguma utilidade. Estava a enrolar os atacadores na mão quando ficou especado; Masse puxava para trás o capuz, deixando à vista as cicatrizes na cabeça.

Wolf vira fotografias, lera os relatórios médicos, mas nenhum captara integralmente a amplitude da devastação das lesões de Masse. Rios de cicatrizes serpenteavam sobre uma superfície macabramente alva, com estreitos afluentes avolumando-se ou secando conforme mudava de expressão. Finalmente, ergueu o olhar para a galeria.

Com base na sua própria investigação, Wolf aprendera que Masse tinha origem numa família abastada — escola privada, família brasonada, clubes de vela. Em tempos, fora bastante bem-parecido. Ainda mantinha resquícios da sua dicção de classe alta mutilada algures na sua desajeitada pose, e no entanto não deixava de ser bizarro ver aquele impiedoso assassino cheio de cicatrizes dirigir-se a ele tão eloquentemente a citar romancistas vitorianos.

Wolf começou a perceber os motivos que haviam levado ao isolamento de Masse, o motivo por que nunca poderia regressar ao seio da sua família cuja vida orbitava à volta de angariações de fundos e clubes de golfe, o motivo por que se mostrara tão desesperado por voltar a ingressar no Exército; não

havia lugar para ele no mundo real.

Uma mente brilhante presa num corpo estragado.

Pensou se Masse teria sido apenas mais um membro comum da sociedade se os acontecimentos tivessem sido diferentes ou se ele simplesmente perdera a protecção da sua aristocrática fachada naquela explosão.

— Diga-me, William, era isto que esperava? — indagou Masse. — Será que a pequena Annabelle Adams pode finalmente repousar sabendo que a sua morte foi vingada?

Wolf não respondeu.

Masse esboçou um sorriso assimétrico.

— Deleitou-se sob o calor quando o *mayor* irrompeu em chamas?

Subconscientemente, Wolf abanou a cabeça.

— Não?

— Eu nunca quis nada disto — murmurou Wolf, incapaz de se conter.

— Ah, isso é que quis — contrapôs Masse com um sorriso afectado. — Foi *você* que lhes fez isto.

— Eu sentia-me doente! Zangado. Não sabia o que estava a fazer! — Wolf estava furioso consigo. Sabia que estava a permitir que Masse o afectasse.

Masse suspirou profundamente.

— Ficarei muito desiludido se você for um daqueles que dizem: «Eu não estava a falar a sério», «Quero voltar atrás com o nosso acordo» ou, o meu preferido, «Encontrei Deus.» No entanto, se, por algum acaso, foi o que se passou consigo, eu gostaria de saber onde é que esse estafermo está escondido.

O riso asmático de Masse transformou-se noutra ataque forte de tosse, dando a Wolf tempo para se recompor.

— E eu ficarei desiludido se você acabar por se revelar um daqueles anormais...

— Não sou um anormal! — interveio Masse, levantando-se de um pulo, gritando mais alto do que Wolf alguma vez achou ser possível.

O som das sirenes a aproximar-se entrecortou a tensa atmosfera.

Sangue borbulhante esparramou-se no chão do tribunal enquanto Masse ofegou enraivecido, e essa aterradora perda de controlo só serviu para

incitar Wolf.

— ... que põem as culpas de toda a sua malvadeza e perversões nas vozes que ouvem na cabeça. Você mata pelo mesmo motivo mundano que todos os outros... aquilo que faz com que os fracos se sintam poderosos.

— Vamos fingir que não sabe quem eu sou? *Aquilo* que eu sou?

— Eu sei muito bem quem você é, Lethaniel. É um psicopata narcisista e confuso, que em breve não será nada mais especial do que mais um *anormal* num fato às riscas.

O olhar com que Masse fulminou Wolf assustou-o. Permaneceu perturbadoramente silencioso enquanto ponderou na resposta.

— Eu sou constante, eterno, invencível — disse Masse com uma convicção inabalável.

— Daqui não me parece especialmente constante, eterno ou invencível — disse Wolf com uma confiança simulada. — Em boa verdade, parece-me que uma simples constipação o poderia aniquilar antes de eu ter possibilidade de o fazer.

Masse passou timidamente a mão sobre os profundos sulcos que lhe cobriam a pele.

— Estas cicatrizes pertenciam ao Lethaniel Masse — disse ele calmamente, recordando. — Ele era um fraco, frágil, e ardeu numa fogueira; eu reclamei o invólucro que ele deixou para trás.

Retirando a espada cerimonial da secretária de madeira, voltou para o chão da sala de audiências.

As sirenes estavam já muito perto.

— Está a tentar afrontar-me? É por isso que eu gosto de si, William! Você é rebelde, determinado. Se os tribunais dizem que precisa de apresentar provas, você falsifica-as. Se os jurados declaram alguém inocente, você decide espancá-lo até o deixar às portas da morte. Despedem-no e depois voltam a contratá-lo. E, mesmo quando enfrenta a morte, agarra-se devotamente à vida. É admirável. Deveras.

— Se é um fã incondicional... — gracejou Wolf.

— Deixá-lo viver? — retorquiu Masse, como se a ideia nunca lhe tivesse passado pela cabeça. — Sabe que não é assim que a coisa funciona.

As sirenes tinham-se calado, o que significava que, a qualquer momento,

o edifício seria inundado por agentes armados.

— Eles estão aqui, Masse — disse Wolf. — Não há nada que possa dizer-lhes que eles ainda não saibam. Acabou-se.

Wolf levantou-se para ir embora.

— O fado... o destino. É tudo tão cruel — atalhou Masse. — Mesmo agora, está convencido de que não vai morrer nesta sala de audiências... e porque não? Tudo o que tem de fazer é sair por aquela porta e não regressar. Faça isso. Não deixe de o fazer.

— Adeus, Lethaniel.

— É muito triste vê-lo assim: amordaçado, submisso. Este... — Masse gesticulou para Wolf — ... este não é o verdadeiro William Fawkes, ponderando as suas opções, tomando decisões razoáveis, efectivamente demonstrando algum sentido de autopreservação. O verdadeiro William Fawkes é fogo e ira, o homem que tiveram de prender, o homem que me contactou com sede de vingança, o homem que tentou abater um assassino entre estas quatro paredes. O verdadeiro William Fawkes *optaria* por vir aqui abaixo para morrer.

Wolf ficou desconcertado. Não compreendia qual o objectivo de Masse. Cautelosamente, dirigiu-se para a saída.

— O Ronald Everett era um homem corpulento — disse Masse em tom coloquial enquanto Wolf empurrava a porta. — Catorze litros de sangue, talvez? Mais? Aceitou o facto de que ia morrer com uma dignidade cavalheiresca. Fiz-lhe um pequeno furo na artéria femoral e ele falou-me sobre a sua vida enquanto se esvaía no chão.

»Foi agradável... tranquilo.

»Ao fim de aproximadamente cinco minutos, começou a evidenciar os primeiros sinais de choque hipovolémico. Arriscaria dizer que depois de ter perdido entre 20 a 25 por cento do sangue. Pelas 21h30 perdeu a consciência e onze minutos depois, em exsanguinação, o seu coração deixou de bater.

Wolf parou quando ouviu Masse a arrastar alguma coisa pelo chão.

— Só lhe digo isto — disse para Wolf algures por baixo da galeria — porque ela já está a sangrar há oito.

Wolf voltou-se lentamente para trás. Um rasto de sangue vermelho

reluzente pintalgava o chão da sala de audiências enquanto Masse arrastava Baxter atrás de si, puxando-a pelos cabelos. Tinha-a amordaçado com o lenço de seda que ela trazia sempre na bolsa e as suas próprias algemas prendiam-lhe as mãos.

Parecia fraca e assustadoramente lívida.

— Tenho de admitir que estou a improvisar aqui — disse Masse enquanto a puxava mais para o centro da sala. — Tinha outros planos para si. Quem poderia imaginar que ela viria à nossa procura sozinha? Mas veio, e compreendo agora que esta é a única maneira como isto poderia acabar.

Masse deixou-a cair no chão e olhou para Wolf, cuja expressão ensombrecera, expectante. Dissipara-se qualquer apreensão que tivesse nutrido em relação ao falso demónio ou à pesada arma que ele brandira.

— Ah! — disse Masse, apontando a espada para Wolf. — Finalmente! Aí está você.

Wolf transpôs as portas de rompante, em direcção às escadas.

Masse ajoelhou-se sobre Baxter. Visto de perto, o tecido cicatricial retesava-se e enrugava-se conforme ele se mexia. Quando lhe agarrou um braço, Baxter tentou afastá-lo. Conseguia sentir o seu hálito pútrido e o preparado de medicamentos e pomadas com que ele untara a sua pele atormentada para a suavizar. Pousou o cotovelo dela imediatamente à direita da virilha e exerceu pressão até a hemorragia diminuir.

— Tal como dantes. Não deixe de fazer pressão. — Babou-se ao falar. — Não queremos que se esvaia depressa de mais.

Masse retrocedeu e fixou os olhos nas portas.

— E o nosso herói vem morrer.

Capítulo 36

Segunda-feira, 14 de Julho de 2014

12h06

Wolf conseguia ouvir vozes numa parte distante do edifício: eram os bombeiros a serem mandados sair do caminho enquanto a Unidade de Resposta Armada pesquisava as instalações. Saltou os três últimos degraus e transpôs o grandioso corredor a correr, já a sentir um aperto no peito e uma pontada dolorosa no flanco. Concentrou-se na sala de audiências, tentando desesperadamente ignorar o cenário que fazia lembrar uma igreja: um Moisés de manto branco olhava-o do seu lugar no sopé do monte Sinai, querubins entalhados, congelados em pleno voo, espalhados por vitrais, e entidades semelhantes a arcebispos, cardeais e rabis e pregar a palavra de Deus, corroborando a sentença de Masse:

Existe um Deus. Existe um Diabo. Existem demónios entre nós.

Quando entrou precipitadamente na sala de audiências, Wolf pisou a superficial poça carmesim que escorria desde as portas. Baxter continuava na ponta mais afastada, por baixo do banco dos réus, a sangrar para a madeira já saturada com o sangue de Khalid. Fez um movimento na direcção dela, mas Masse interpôs-se entre eles de espada em riste.

— Já chega — afirmou.

O seu sorriso deformado causava repulsa.

Baxter sentia-se letárgica. As calças húmidas estavam frias nos pontos onde se colavam à pele. Fazia um esforço para continuar a exercer pressão sobre a artéria e sentia que poderia adormecer de cada vez que pestanejava. Ostentava profundos golpes na cara, provocados ao tentar tirar a mordaça

que Masse lhe apertara com tanta força à volta da cabeça, e sabia que não tinha sangue suficiente para tentar novamente.

Conseguia sentir a arma pressionar-lhe a zona lombar, fora do alcance das mãos algemadas. Masse não dera por ela. Procurou chegar-lhe mais uma vez, mas, assim que tentou afastar o cotovelo da perna, o constante gotejar de sangue começou a ser assustadoramente bombeado ao ritmo da frequência cardíaca.

Tentou chegar lá pelo lado direito, mas o seu braço esquerdo restringiu-lhe o movimento. As pontas dos dedos roçaram o metal, atormentando-a. Arqueou as costas, desejando deslocar o braço, parti-lo, qualquer coisa que lhe permitisse ganhar uns milímetros.

A poça sobre a qual se encontrava ficara, em poucos segundos, com o dobro do tamanho. Gritou de frustração e depois voltou a apoiar o braço de modo a estancar a hemorragia, tendo acabado de desperdiçar sete segundos de esforço infrutífero em detrimento de vários minutos de vida.

Masse pousara o sobretudo sobre um dos bancos. Por baixo, envergava o mesmo conjunto de camisa, calças e sapatos que Wolf encontrara na Goldhawk Road: a sua camuflagem. Wolf ainda tinha a respiração pesada quando os dois maciços homens ficaram frente a frente pela segunda vez. A pouca vantagem que ele tinha em altura e largura, Masse compensava em músculo.

Com a pressa da evacuação, alguém deixara uma caneta de tinta permanente de aspecto caro em cima de uma pilha de papéis. Wolf mudou de posição, pegando dissimuladamente na improvisada arma de metal enquanto Masse continuava.

— Eu sei que estive ontem em Piccadilly Circus.

A raiva de Wolf deu lugar à surpresa.

— Quis saber se teria coragem para o fazer — disse Masse. — Mas você é fraco, William. Foi fraco ontem. Foi fraco no dia em que não conseguiu acabar com o Naguib Khalid e é fraco agora. Consigo lê-lo nos seus olhos.

— Acredite no que digo, se não se tivesse mexido...

— Não mexi — interrompeu Masse. — Vi-o entrar em pânico. Vi-o passar por mim a correr. Imagino se não me terá mesmo visto de pé diante

de si ou se acha realmente que não quis mesmo matar-me.

Wolf abanou a cabeça. Tentou lembrar-se do momento em que perdera Masse de vista no meio da multidão. *Teria* tido coragem para acabar com ele. Masse estava a manipulá-lo, a fazer que duvidasse de si mesmo.

— Por isso, deverá compreender a futilidade de tudo isto! — prosseguiu Masse brandamente. Fez uma pausa. — Como gosto de si... a sério que gosto... vou fazer-lhe uma proposta que nunca foi feita a qualquer um dos seus congéneres: pode ajoelhar-se, e eu dou-lhe a minha palavra de que não sofrerá. Não sentirá nada. Caso contrário, teremos de entrar em contenda e será inevitável que as coisas fiquem... feias.

Wolf adoptou o mesmo olhar voraz que assentava tão bem em Masse.

— Previsível como sempre — disse Masse com um suspiro, erguendo a espada.

* * *

Baxter tinha de estancar a hemorragia. Não se atrevera a tentar enquanto Masse estava a ver. No actual estado das coisas, pelo menos conseguia controlá-la. Se ele tivesse adivinhado as suas intenções, ter-se-ia certificado de que ela não teria maneira de estancar a hemorragia.

Sem tirar o cotovelo do sítio certo, conseguiu desapertar o cinto com as mãos algemadas. Respirando fundo, puxou-o de debaixo do seu corpo e apertou-o à volta da perna, imediatamente acima do ferimento. Apertou com toda a sua força, sentindo uma dor lancinante, até que a hemorragia voltou a soltar apenas alguns pingos.

Continuava a perder sangue, mas agora podia usar as mãos.

Masse deu um passo na direcção de Wolf, que recuou. Outro passo. Wolf desenroscou a tampa surpreendentemente pesada da caneta de tinta permanente, posicionando o polegar mesmo por baixo da ponta, segurando-a à sua frente como se estivesse a empunhar um punhal.

Masse lançou-se para diante, brandindo selvaticamente a antiga arma letal. Wolf recuou aos tropeções quando a espada embateu na parede ao

lado dele e Masse atacou novamente, com a lâmina a romper o ar a poucos centímetros da cara de Wolf, desequilibrando-se com a força do próprio golpe. Wolf arriscou um fugaz passo em frente e espetou a caneta no braço de Masse antes de retroceder até uma distância segura.

Masse soltou um grito e avaliou os danos, instigando calmamente o recente ferimento, fascinado.

Aquele momento de calma passou como o olho de um furacão, pois ele, enraivecido, desferiu novo golpe. Wolf recuou até ao canto, desviando instintivamente o corpo do ataque; porém, o golpe de relance provocou-lhe uma dor atroz no ponto em que lhe acertou no ombro esquerdo. Atirando-se a Masse, espetou-lhe a caneta repetidas vezes, enterrando o metal cada vez mais fundo no braço com que segurava a espada até que um golpe enfraquecido o fez cair por terra. Ouviu a caneta cair e viu-a desaparecer de vista.

Os dois homens fizeram uma pausa. Wolf estava no chão, agarrado ao ombro e cheio de dores, enquanto Masse observava, fascinado, um rio de sangue escuro a escorrer-lhe por baixo do punho da camisa. Não evidenciava qualquer sinal de receio ou dor, apenas de surpresa em relação à magnitude dos ferimentos que o seu desprezível oponente lhe conseguira causar. Tentou erguer a pesada arma mais uma vez, mas mal a conseguiu levantar do chão e foi obrigado a agarrá-la com a mão esquerda.

— Ajoelhe-se, Lethaniel — disse Wolf com um sorriso presunçoso enquanto se levantava a custo. — Dou-lhe a minha palavra de que não sofrerá.

Wolf viu o semblante de Masse estremecer com o insulto. Olhou de relance para Baxter, e Masse imitou-o.

— Será que lutaria com tanto afinco para a salvar se soubesse...?

Wolf ignorou o engodo e acercou-se dela um passo antes que Masse lhe cortasse novamente o caminho.

— ... se soubesse que o nome dela merecia muito mais um lugar na nossa lista do que a maioria dos outros? — continuou Masse.

Wolf ficou aturdido.

— O inspector Chambers não era um homem corajoso. Implorou que o poupasse. Choramou. Suplicou enquanto proclamava a sua inocência.

Quando Masse lançou um sorriso de escárnio a Baxter, Wolf vislumbrou uma oportunidade e atirou-se a ele. Masse protegeu-se do ataque, mas cambaleou para trás e embateu num banco.

* * *

Baxter viu o sobretudo de Masse escorregar do banco para o chão, espalhando ao mesmo tempo o conteúdo do seu saco de trabalho. O seu olhar passou da tesoura manchada de sangue, que Masse usara para a incapacitar, para o telemóvel e depois para o pequeno conjunto de chaves ao lado da perna da mesa.

— Aparentemente para proteger a Emily — continuou Masse —, para preservar a vossa amizade, ele permitiu que você pensasse que fora *ele* quem enviara uma carta para a direcção de normas profissionais...

Wolf pareceu perturbado.

— ... aquela carta que deitou a perder todo o seu caso contra o Khalid. — Masse observou, deleitado, Wolf a olhar incrédulo para Baxter. — Receio que tenhamos matado a pessoa errada.

Baxter não conseguia olhá-lo nos olhos. Mas, subitamente, olhou para cima e soltou um grito abafado.

Já era tarde de mais quando percebeu a aproximação de Masse. Sem outra opção, Wolf lançou-se contra ele, blo-queando o golpe tresloucado, fazendo que caíssem os dois pesadamente sobre o chão duro. A espada deslizou para debaixo de um banco e Wolf desferiu impiedosamente repetidos golpes sobre Masse, ficando as lesões provocadas escondidas pelos assoladores ferimentos que ele já ostentava.

Quando, em desespero, Masse esticou o braço e agarrou o ombro desfeito de Wolf, sentindo o osso partido a raspar por baixo da pele, isso só serviu para o enfurecer mais, reforçando o ataque. Wolf soltou um grito de ódio e fúria, um rugido ensurdecador aos ouvidos do inimigo que se debatia. Com uma força brutal, lançou a cabeça contra a cara destruída de Masse, partindo-lhe o nariz e tirando-lhe as forças dos membros atingidos.

Masse fitou-o, impotente, incapacitado pela ferocidade do ataque. Tinha os olhos arregalados, suplicantes — temerosos.

Baxter rastejara pelo chão da sala de audiências, deixando um rasto de sangue atrás dela. Pegou na tesoura e cortou a mordaca que lhe causava dor. Mais fraca a cada segundo que passava, tacteou à procura das chaves.

Wolf enfiou a mão no bolso e tirou de lá os atacadores. Dobrou-os em dois para os tornar mais resistentes, levantou do chão a cabeça do adversário derrotado e passou-lhos à volta do pescoço. Numa última lufada de adrenalina, Masse estrebuchou selvaticamente e tentou desviar a cabeça.

— Só está a dificultar as coisas para si — disse Wolf ao homem que se contorcia.

Avistou a caneta de tinta permanente debaixo de uma mesa e levantou-se para a ir buscar.

— Diga-me uma coisa — disse Wolf, cuspidando para o chão um jorro de sangue de Masse enquanto regressava calmamente com a arma ensanguentada —, se você é o Diabo, o que sou eu?

As débeis tentativas de Masse para fugir a arrastar-se foram frustradas quando Wolf se agachou ao lado dele e, sem hesitar, espetou a caneta na sua perna direita, reproduzindo o ferimento que ele se atrevera a infligir em Baxter. Silenciou os gritos de dor de Masse ao enrolar-lhe de novo os atacadores à volta do pescoço e puxando-os com toda a força que o seu ombro magoado permitia.

Deleitando-se com o ruído dos arquejos desesperados, sentiu as patéticas tentativas para se debater enfraqueceram cada vez mais. Observou os vasos sanguíneos a rebentar no branco dos olhos de Masse e apertou ainda com mais força, até sentir os braços a tremer com o esforço.

— Wolf! — gritou Baxter, debatendo-se com as chaves, pois perdera a destreza nos dedos. Sentia a cabeça a andar à roda. — Wolf! Pára!

No meio da sua raiva, Wolf nem sequer conseguiu ouvi-la. Voltou a olhar para Masse. A vida esvaía-se dos olhos do assassino. Os seus actos tinham deixado de ser em legítima defesa — tratava-se de uma execução.

— Basta!

Ouviu-se um estalido quando Baxter levantou a arma e a apontou ao peito dele. Wolf olhou-a fixamente, estupefacto, e depois fitou o corpo prostrado e ensanguentado debaixo dele como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

— Eu disse que basta.

Capítulo 37

Segunda-feira, 14 de Julho de 2014

12h12

Baxter sabia que estava quase a perder os sentidos. Sentia a pele viscosa e fria enquanto as náuseas aumentavam a cada segundo que passava. Estava apoiada no banco dos réus e mantinha a arma apontada a Wolf, sem saber bem se ainda poderia confiar em alguma das coisas que sabia sobre ele. Quando Wolf se afastou de Masse, olhou fixamente para o homem alquebrado a seus pés, como se estivesse assombrado com a amplitude da sua própria brutalidade.

Baxter conseguia perceber que Masse estava inconsciente, mas ainda vivo. Do lugar onde se encontrava, conseguia enxergar o peito dele a subir e a descer enquanto tentava absorver ar através da cara desfeita, e conseguia ouvir o gorgolejar do sangue que conspurcava cada respiração conseguida a custo. Por muito que merecesse sofrer, era impossível não sentir um pouco de empatia pelo corpo inerte que estava deitado de barriga para cima no chão da sala de audiências.

A luta tinha acabado muito antes de Wolf o ter largado.

Ouviram-se gritos ali perto, que despertaram Wolf do seu atordoamento. Foi a correr até junto de Baxter.

— Não me toques! — gritou ela.

Parecia sentir pavor dele e vislumbrou o dedo dela a tremer no gatilho.

Levantou os braços o melhor que conseguiu.

— Posso ajudar-te — disse ele, surpreendido com a reacção dela.

— Não te aproximes de mim.

Wolf percebeu que tinha as mangas encharcadas em sangue.

— Tens medo de mim? — A sua voz soou estranha ao fazer a pergunta.

— Tenho.

— Isto... este sangue não é meu — asseverou-lhe.

— E achas que isso importa? — perguntou Baxter, incrédula. Estava a começar a comer as palavras. — Olha o que fizeste! — Gesticulou para o moribundo que estava ao canto. — És um monstro — sussurrou.

Wolf limpou dos olhos algum sangue de Masse.

— Só quando tenho de ser — disse com tristeza. Tinha os olhos cintilantes enquanto se esforçava para manter os braços levantados. — Nunca te faria mal.

Baxter soltou uma gargalhada amarga.

— Já fizeste.

Wolf pareceu magoado e ela sentiu a sua determinação enfraquecer.

Ouviu-se um estrondo algures no edifício enquanto a Unidade de Resposta Armada continuava a sua busca.

— Aqui! — gritou ela, desesperada por que tudo aquilo acabasse. As suas pálpebras estremeceram enquanto lutava para se manter desperta. — Preciso de saber a verdade, Wolf. Tu estás por detrás disto? Foste tu que mandaste o Masse matar estas pessoas?

Wolf hesitou.

— Fui.

A confissão deixou Baxter aturdida.

— No dia em que a Annabelle Adams morreu — continuou. — Depois de ter sido reintegrado, comecei a investigar as histórias, mas nunca pensei que fosse real! A sério que não. Só acreditei quando vi aquela lista há duas semanas. — Olhou Baxter nos olhos. — Cometi um erro terrível, mas tenho tentado *imenso* corrigir o mal feito. Nunca quis que isto acontecesse.

Baxter curvara-se sobre si mesma. A sua taxa de respiração aumentara drasticamente.

— Podias ter-me dito alguma coisa. — A voz diminuía de intensidade enquanto a arma se tornava mais pesada. O braço balançou enquanto fazia um esforço para apoiar o peso. — Podias ter pedido a minha ajuda.

— Como o poderia fazer? Como é que eu te poderia explicar tudo isto? — Wolf parecia tão definhado como na infame fotografia ao lado de Elizabeth

Tate. — Que eu era o culpado do que acontecera àquelas pessoas, aos nossos amigos! — Pareceu fisicamente agoniado ao ver a poça de sangue sobre a qual Baxter estava sentada. — Que era o culpado do que te aconteceu?

Uma lágrima relutante libertou-se do olho de Baxter e escorreu-lhe pelo rosto. Não tinha forças para a esconder e deixou-a cair sobre o chão ensanguentado.

— Eu teria sido afastado do caso — disse Wolf —, provavelmente teria sido suspenso. Achei que seria mais útil para a equipa, e *sabia* que o conseguiria encontrar. — Gesticulou para Masse. — Já tinha feito todo o trabalho de base.

— Eu quero acreditar em ti, mas...

Finalmente, o corpo de Baxter cedeu. A arma caiu-lhe no colo e ela tombou para o lado.

Ouviram-se mais gritos no grande átrio e o ressonante troar de um inimigo invisível a aproximar-se. Wolf olhou expectante para a porta por detrás do banco dos réus, ciente de que o esperava um futuro de cativo enquanto a sua via de fuga continuava desobstruída...

Pousou delicadamente a cabeça de Baxter no chão e colocou o sobretudo amarrotado de Masse debaixo dos pés dela, para lhe elevar as pernas acima do nível do coração exausto. De repente, ela recuperou a consciência quando Wolf apertou com mais força o torniquete improvisado, soltando um gemido quando alguma coisa mudou de lugar no seu ombro ferido. Pareceu-lhe que a perna ia rebentar enquanto palpitava vagarosamente para o coração vacilante. Wolf estava ajoelhado sobre ela, exercendo pressão sobre o ferimento.

— Não — gemeu Baxter, fazendo por o afastar enquanto tentava sentar-se.

— Fica quieta — ordenou Wolf. Ajudou-a a deitar-se delicadamente. — Desmaiaste.

Ela demorou algum tempo a apreender as palavras. Os seus olhos adejaram de um lado para o outro enquanto tentava perceber exactamente onde estava, reparando que a arma continuava no chão ao lado da sua cabeça. Para surpresa de Wolf, ela estendeu-lhe uma mão vacilante. Ele

pegou-lhe, apertando-a tão ternamente quanto as suas mãos desajeitadas o permitiam.

Um estalido acompanhou a sensação de metal frio à volta do pulso dele.

— Estás detido — murmurou Baxter.

Acto contínuo, Wolf puxou a mão e percebeu que o corpo de Baxter o seguiu balançando sem forças. Sorriu-lhe afec-tuosamente, nada surpreendido por ela não permitir que algo tão trivial como uma experiência de quase-morte interrompesse o seu dia. Sentou-se no chão ao lado dela, mantendo as duas mãos sobre o ferimento.

— Aquela carta... — começou Baxter. Apesar de todos os acontecimentos, achava que lhe devia uma explicação.

— Agora não interessa.

— Eu e a Andrea estávamos tão preocupadas contigo. Só queríamos ajudar.

Do outro lado da sala, Masse soltou um grunhido gutural e a sua respiração forçada parou de vez. Baxter olhou ansiosamente enquanto Wolf ostentava uma expressão de esperança.

Pouco tempo depois, Masse cuspiu audivelmente e voltou a respirar.

— Que pena — murmurou Wolf.

Baxter olhou-o com ar recriminatório.

— O que foi que te passou pela cabeça para vires aqui sozinha? — indagou Wolf. A sua voz transparecia uma amálgama de preocupação, raiva e uma pitada de admiração.

— Estava a tentar salvar-te — sussurrou Baxter. — Pensei que te conseguiria prender antes que ele te matasse.

— E como é que o teu plano está a correr?

— Nada bem — respondeu com uma gargalhada. Desde que estava deitada, recuperara algumas forças.

— Ninguém! — ecoou uma voz ríspida no grande átrio.

Baxter conseguia ouvir o bater das botas no chão enquanto observava Wolf a olhar impacientemente para as portas abertas.

— Estamos aqui! — chamou Wolf.

Ocorreu a Baxter que ele não fizera uma única tentativa para justificar qualquer um dos seus actos; não tentara convencê-la a deixá-lo escapar nem

sequer lhe pedira que inventasse uma história fictícia para o inocentar. Pela primeira vez na sua vida, ele estava efectivamente a assu-mir a responsabilidade e não a procurar uma maneira de escapar.

— Aqui! — voltou a gritar.

Ela voltou a segurar-lhe a mão, só que desta vez era um gesto sentido.

— Não me abandonaste — disse ela, sorrindo.

— Estive para o fazer — retorquiu com um sorriso afectado.

— Mas não o fizeste. Eu sabia que não o farias.

Wolf sentiu o metal a deslizar do seu pulso e olhou para a mão livre, perplexo.

— Vai — sussurrou Baxter.

Wolf não fez qualquer tentativa para se mexer e manteve a outra mão firme sobre a perna dela.

O ribombar de botas aproximava-se como um comboio a grande velocidade.

— Vai! — ordenou, sentando-se com as costas contra a madeira. — Wolf, por favor!

— Não te vou abandonar.

— Não abandonas — asseverou-lhe Baxter desesperadamente, sentindo-se outra vez à beira do desmaio. — A ajuda já chegou.

Wolf abriu a boca para a contradizer.

O barulho aumentava, a crepitação distorcida dos rádios e o tilintar do metal eram cada vez mais distintos.

— Não tens tempo! Vai! — suplicou-lhe Baxter, empurrando-o com as poucas forças que lhe restavam.

Wolf pareceu desorientado, mas pegou no casaco que estava no chão e foi a correr para a pequena porta por detrás da bancada das testemunhas. Parou e olhou-a por um fugaz momento, sem que nos seus olhos azuis houvesse qualquer vestígio do monstro que ela vira a assolar Masse.

E então desapareceu.

Baxter olhou de relance para Masse, duvidando de que ele sobrevivesse, e foi então que se lembrou de que tinha de esconder a arma. Tacteu à direita, mas os seus dedos só encontraram o chão duro. Com um enorme esforço, virou a cabeça e constatou que tinha desaparecido.

— Aquele sacana! — sorriu para consigo.

Levantou as mãos com o distintivo por cima da cabeça quando um batalhão de agentes vestidos de negro entrou de rompante na sala.

Wolf seguiu pelos familiares corredores no sentido oposto ao barulho das buscas em curso. Abotoou o casaco de Masse de modo a esconder a camisa manchada de sangue e pôs os óculos antes de passar pela primeira saída de emergência que encontrou. Os alarmes dispararam à sua volta, mas ele sabia que seria impossível alguém que estivesse na rua ouvi-los por causa do caos que decorria na frente do edifício.

A chuva caía com força, emprestando ao manancial de veículos de emergência de cores garridas um brilho extra, pelo que pareciam refulgir em oposição à lúgubre cidade e às nuvens negras por cima da sua cabeça. A imprensa e a multidão cada vez mais numerosa de transeuntes curiosos tinham-se reunido do outro lado da rua, empurrando-se para encontrar a melhor posição que lhes permitisse um vislumbre do que quer que as outras pessoas estavam a ver.

Calmamente, Wolf atravessou a terra-de-ninguém entre o edifício e o cordão policial quando dois paramédicos passaram a correr. Mostrou o *crachat* a um jovem agente que estava demasiado ocupado a manter os repórteres à distância para se interessar. Ao passar por baixo da fita da Polícia, vislumbrou a estátua da Justiça a observar do telhado, balançando-se cada vez mais perto da borda, e depois começou a abrir caminho por entre a horda de pessoas sob uma cúpula de guarda-chuvas.

Quando a chuva aumentou de intensidade, puxou sobre a cabeça o capuz do sobretudo e encaminhou-se para a retaguarda do ajuntamento, sentindo pessoas a empurrá-lo, pisando outras que, sem terem noção, lhe impediam a passagem e ignorando os seus olhares mordazes ao fazê-lo, nenhuma ciente do monstro que caminhava no meio delas.

Um lobo com pele de cordeiro.

[1] Em inglês: *wolf*. (*N. do T.*)

Com protagonistas imperfeitos, carismáticos e únicos, aliados a um ritmo veloz e a um delicioso humor negro, Boneca de Trapos é o mais promissor dos thrillers na literatura policial contemporânea.



William Fawkes, um controverso detective conhecido por Wolf, acabou de ser reintegrado no seu posto após ter sido suspenso por agressão a um suspeito. Ainda sob avaliação psicológica, Fawkes regressa ao activo, ansioso por um caso importante. Quando se encontra com a sua antiga colega e amiga, a inspectora Emily Baxter, num local de crime, tem a certeza de que é aquele o grande caso: o corpo que encontram é formado pelos membros de seis vítimas, suturados de modo a formar uma marioneta, que ficou conhecida como Boneca de Trapos.

Fawkes é incumbido de identificar as seis vítimas, mas tudo se complica quando a sua ex-mulher, que é repórter, recebe uma carta anónima com fotografias do local do crime, acompanhada de uma lista na qual constam os nomes de seis pessoas e as datas em que o homicida tenciona assassiná-las.

O último nome da lista é o de Fawkes.

A sentença de morte com data marcada desperta as memórias mais sombrias de Wolf. O detective teme que os assassinatos tenham mais a ver com ele — e com o seu passado — do que qualquer um possa imaginar.

Daniel Cole. Aos 33 anos, Daniel Cole já trabalhou como paramédico, foi oficial da Real Sociedade Protectora dos Animais e membro da Guarda Costeira Real, sempre imbuído do desejo de salvar pessoas — ou talvez movido pela culpa de ter matado tantas personagens nos seus textos.

Boneca de Trapos, o seu primeiro romance, escrito originalmente como piloto para uma série de TV, é um bestseller internacional e logo nos primeiros dias após o lançamento no Reino Unido, Itália, Alemanha, França e Holanda alcançou as principais listas de mais vendidos. Ser. publicado em 32 países e foi também finalista do prémio CWA John Creasy Award para primeiro romance, o prémio britânicos mais prestigiado para thrillers.

Twitter @Daniel_P_Cole

Título original: *Ragdoll*

Edição em digital: Março de 2018

© 2017, Daniel Cole

© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: José Remelhe

Revisão: Alice Soares

Capa: adaptação de Teresa Coelho

ISBN: 978-989-665-598-3

Composição digital: Plataforma de conversión digital

Suma de Letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

Boneca de trapos

Prólogo

4 anos mais tarde...

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

St Ann's Hospital

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

St Ann's Hospital

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

St Ann's Hospital

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Sobre o livro

Sobre Daniel Cole

Créditos

Notas